

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Programa de Pós - Graduação em Literatura

NATHASSIA MARIA DE FARIAS GUEDES

POÉTICAS DO (RE) ENCONTRO: REPRESENTAÇÕES DO DESLOCAMENTO EM
TERRA DE ICAMIABA, DE ABGUAR BASTOS, E RELATO DE UM CERTO
ORIENTE, DE MILTON HATOUM

Brasília/DF
26/04/2019

NATHASSIA MARIA DE FARIAS GUEDES

**POÉTICAS DO (RE) ENCONTRO: REPRESENTAÇÕES DO DESLOCAMENTO EM
*TERRA DE ICAMIABA, DE ABGUAR BASTOS, E RELATO DE UM CERTO
ORIENTE, DE MILTON HATOUM***

Tese de Doutorado, em Literatura, apresentada como requisito para obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós - Graduação em Literatura, da Universidade de Brasília.

Linha de Pesquisa: Representação na Literatura Contemporânea.

Eixo de Interesse: Literatura e marginalidade em narrativas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia da Silva.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gp

GUEDES, NATHASSIA MARIA DE FARIAS
POÉTICAS DO (RE) ENCONTRO: REPRESENTAÇÕES DO DESLOCAMENTO
EM TERRA DE ICAMIABA, DE ABGUAR BASTOS, E RELATO DE UM
CERTO ORIENTE, DE MILTON HATOUM / NATHASSIA MARIA DE FARIAS
GUEDES; orientador ANA CLÁUDIA DA SILVA. -- Brasília, 2019.
162 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Literatura) --
Universidade de Brasília, 2019.

1. Amazônia. 2. Deslocamentos. 3. Memória. 4. Grupos
marginalizados. 5. Direitos Humanos.. I. SILVA, ANA CLÁUDIA
DA, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Tese: **Poéticas do (re) encontro: representações do deslocamento em *Terra de Icamiba*, de Abguar Bastos, e *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum**, de Nathassia Maria de Farias Guedes, defendida e **APROVADA** no dia 26 de ABRIL de 2019, como condição para a obtenção do título de Doutor em Literatura, pela Universidade de Brasília.

Banca composta por:

Dra. Ana Cláudia da Silva - Orientadora
Universidade de Brasília - UnB

Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes - Examinadora interna
Universidade de Brasília - UnB

Dra. Fernanda Alencar Pereira - Examinadora interna
Universidade de Brasília - UnB

Dra. Simone de Souza Lima - Examinadora externa
Universidade Federal do Acre - UFAC

Dr. Pedro Mandagará Ribeiro - Suplente
Universidade de Brasília - UnB

Brasília/DF
26/04/2019

Pela imagem refletida de lealdade, carinho, força, persistência, paciência e tolerância, dedico esta tese à Célia Maria de Farias, em memória.

Com amor incondicional, à Stellinha e Lola, pedacinhos de mim, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao nosso amado Pai Celestial, pela grande dádiva à vida e nela todos os grandes encontros com seus filhos.

Aos meus pais, Flávio e Mércia por terem segurado em minhas mãos me guiando com liberdade deixando - me escolher o melhor caminho - do saber.

À Stella Clara e à Lorena Clara, garantias de minha posteridade, sem as quais a escrita e reescritas jamais teriam sido as mesmas; aos meus irmãos, Nathiele e Henrique, lembranças de infância e gratidão no amadurecimento.

Ao querido Moisés, amor desmedido e sempre presente, me ajudando a retirar cada pedra em meu caminho.

À minha grande família Rodrigues Albuquerque Farias Guedes Guerra, onde tudo começou.

Aos colegas Amilton Queiroz, Ivanete Cerqueira e Henrique Silvestre, pelas singulares e imprescindíveis contribuições na feitura do projeto que deu origem a esta tese.

À Simone Lima, pelo respeito e estima enquanto colegas e por ser a responsável por me apresentar à Literatura Amazônica. Agradeço, ainda, sua inestimável colaboração nesta Banca de Defesa.

Ao GAEL - *Grupo Amazônico de Estudos da Linguagem*, pela pesquisa coletiva que muito contribuiu a esta tese.

Às professoras Cíntia Schwantes e Fernanda Pereira, pelo especial carinho ao aceitar contribuir para minha formação, me presenteando com valorosas ponderações e sugestões, na Banca de Qualificação, e pelas participações nesta Banca de Defesa.

Ao professor Pedro Ribeiro, pela leitura pontual dos textos apresentados.

Ao PósLit e colegas, pela minha formação acadêmica.

E, finalmente a minha orientadora Profa. Dra. Ana Cláudia, pela impecável atenção, pelo grande conhecimento cultural, pela simplicidade e carinho e, acima de tudo, pelo seu olhar criterioso à nossa literatura.

A cidade e a floresta são duas mentiras separadas pelo rio [...] uma cidade não é a mesma cidade se vista de longe, da água: não é sequer cidade (HATOUM, 2008, p. 73;111).

Somos Estrangeiros Onde quer que Estejamos (1932)

Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros
Onde quer que estejamos.
Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros
Onde quer que moremos, tudo é alheio
Nem fala língua nossa.
Façamos de nós mesmos o retiro
Onde esconder-nos, tímidos do insulto
Do tumulto do mundo.
Que quer o amor mais que não ser dos outros?
Como um segredo dito nos mistérios,
Seja sacro por nosso (PESSOA, 1946, s.p.).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as narrativas **Terra de Icamiba**, publicada em 1934, do paraense Abguar Bastos, e **Relato de um certo Oriente** (2008), do manauara Milton Hatoum, vindo a público em 1989. Ambas as narrativas são moldadas com base em memórias e deslocamentos, de grupos marginalizados, atrelados a um discurso de formação da Amazônia, a partir do Ciclo da borracha, bem como da emancipação amazônica, no final da década de 1980. Acostados à perspectiva que os romances escolhidos para análise são construídos a partir da experiência de exílio, da errância e deslocamento, alicerçados ainda, na observação que seus *eus locais* já são revestidos de *eus globais*, intentamos refletir sobre a representação literária desses grupos, cuja identidade coletiva se reveste de sentido negativo, ora pela cultura dominante, ora pela orientação social coletiva. Esse estudo tem ainda como escopo entender de que forma figuram os deslocamentos locais e globais. Guiada, ainda, por um discurso de viés jurídico, essa pesquisa transitou, a partir da perspectiva do trabalho, na evolução do homem, com base em estudos de pensadores modernos, na construção da Amazônia pelos trabalhadores oriundos de diversas regiões do país, fatos, estes, mencionados em ambas as narrativas. A forma pela qual se deu a atração geográfica, econômica e social foram aspectos articulados a partir do discurso literário permeando a seara jurídica e ética. Dentro das estruturas do capital analisamos as condições em que se deu o trabalho do sujeito amazônida - nordestino enviado ao norte do país transformado em seringueiro -, além das relações trabalhistas. Para tanto, essa fase da pesquisa teve, como alicerces, escritores que visualizaram o trabalho desde o surgimento do homem, enquanto ser social e com habilidades desenvolvidas até sua evolução no trabalho e utilização de sua mão de obra escravizada, contribuindo - ou não - para a formação de futuros grupos marginalizados, cujas memórias são (re) criadas diariamente. Essa tese também foi configurada a partir do trânsito na História dos Direitos Humanos e trabalho como forma de suprir eventuais dúvidas que envolvam tal ambiente. Para complementação dessa trajetória articulamos, ainda, junto aos romances estudados, demais trabalhos de escritores amazônicos ou de obras que contribuíssem para a tessitura final da tese.

Palavras - chave: Amazônia, Deslocamentos, Memória, Grupos marginalizados, Direitos Humanos.

ABSTRACT

This work aims to analyze the narratives *Terra de Icamiba*, published in 1934, by the Paraense Abguar Bastos, and *Relato de um Oriente* (2008), by the Manauara Milton Hatoum, which was made public in 1989. Both narratives are shaped by memories and displacements, from marginalized groups, tied to a discourse of Amazon's formation, from the Rubber Cycle, as well as of Amazonian emancipation, in the late 1980s. Lying to the perspective that the novels chosen for analysis are constructed from the experience of exile, from the errancy and displacement, based therefore, on observation that its local selves are already covered with global selves, we intend about the literary representation of these groups whose identity is covered in negative meanings, either by the dominant culture, or by the collective social orientation. This study also aims to understand local and global displacements. Guided by a judicial bias, this research transits - from the perspective of work, in the evolution of man, based on studies of modern thinkers - in the construction of the Amazon by workers from various regions of the country - facts, themselves, mentioned in both narratives. The way in which the geographic, economic and social attraction took place were articulated aspects from the literary discourse permeating the legal and ethical field. Inside the structures the capital analysts the conditions in which the subject of the Amazonian subject - northeastern forced to the north of the country transformed in rubber worker -, beyond the labor relations. To this end, this research phase had, as a foundation, writers who visualized the work since the emergence of man, as a social being and with skills developed until his evolution in the work and use of his enslaved workforce, contributing - or not - to the formation of future marginalized groups, whose memories are (re) created daily. This thesis has also been configured from the course of the History of Human Rights and work as a way of dealing with such environment. To complement this research, we also articulated, along with these studied novels studied, the works of Amazonian writers that contributed to the final writing of the thesis.

Key - words: Amazon, Displacements, Memory, Marginalized groups, Human Rights.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: PORTINARI, Candido. **Retirantes**. 1944. Pintura à óleo. Extraído de: <https://masp.org.br/acervo/obra/retirantes>. Acesso em: 27 de abr. 201855
- Figura 2: Barracão de um aviador a beira do rio no Pará. Extraído de: CHAVES, 2014. Disponível em: <https://frankchaves-ita.blogspot.com/2014/09/a-economia-da-borracha-no-para.html>. Acesso em 06 de nov. 201859
- Figura 3: Ferramentas do seringueiro. Extraído de: CHAVES, 2014. Disponível em: <https://frankchaves-ita.blogspot.com/2014/09/a-economia-da-borracha-no-para.html>. Acesso em 06 de nov. 201860
- Figura 4: A árvore seringueira ou *Hevea brasiliensis*. Extraído de: CHAVES, 2014. Disponível em: <https://frankchaves-ita.blogspot.com/2014/09/a-economia-da-borracha-no-para.html>. Acesso em 06 de nov. 2018.....60
- Figura 5. Seringueiro da Amazônia extrai o látex da *Hevea brasiliensis*, a mais explorada das 10 espécies de seringueira. Extraído de: CHAVES, 2014. Disponível em: <https://frankchaves-ita.blogspot.com/2014/09/a-economia-da-borracha-no-para.html>. Acesso em 06 de nov. 2018.....61
- Figura 6. Seringueiro no barracão com bola de borracha. Extraído de: CHAVES, 2014. Disponível em: <https://frankchaves-ita.blogspot.com/2014/09/a-economia-da-borracha-no-para.html> . Acesso em 06 de nov. 201861
- Figura 7: Trabalhadores se alistando como *Soldados da borracha*. Extraído de: GUIGUER, 2018. Disponível em: <http://almanaquemilitar.com/site/1942/03/01/1-de-marco-de-1942-brasil-na-ii-guerra-mundial-os-soldados-da-borracha/> . Acesso em 06 de nov. 2018.....64
- Figura 8: Ida de nordestino ao Norte do país. Extraído de: GUIGUER, 2018. Disponível em: <http://almanaquemilitar.com/site/1942/03/01/1-de-marco-de-1942-brasil-na-ii-guerra-mundial-os-soldados-da-borracha/>. Acesso em 06 de nov. 2018.....65

SUMÁRIO

CAMINHOS DA LEITURA	10
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	23
BREVE ESBOÇO SOBRE O TRABALHO	24
1. O trabalho, o homem e sua evolução.....	24
2. O trabalho e o homem: Direitos Humanos e a Revolução Industrial	33
CAPÍTULO II	42
NARRANDO A AMAZÔNIA: A BORRACHA, O TRABALHO E O HOMEM	43
1. Formação amazônica: o imaginário e a invenção da Amazônia	43
2. O Ciclo da borracha e a migração nordestina.....	55
3. O imigrante na Amazônia.....	70
CAPÍTULO III	76
LITERATURAS DA BORRACHA: A TERRA E A REPRESA	77
1. O escritor e o <i>romance da Amazônia</i>	82
2. Traços e vestígios culturais no <i>romance da Amazônia</i> : os caminhos do nativo e estrangeiro	92
CAPÍTULO IV	119
LITERATURAS DA AMAZÔNIA: O RELATO	120
1 O autor, o romance e o relato	120
2. A presença árabe no Brasil: libaneses e sírios na Amazônia de Hatoum	125
3. Memórias e deslocamentos: representações dos sujeitos em <i>Relato</i>	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	153

CAMINHOS DA LEITURA

Em 2002, iniciei meus estudos na Universidade Federal da Paraíba, em Letras. Essa graduação serviu de base para toda uma vida acadêmica, principalmente para minha segunda graduação, em Direito (2011 - 2016). Ao ingressar em Letras, não conhecia o leque de possibilidades e conhecimento que uma graduação desprezada pelos familiares seria capaz de oferecer: línguas e literaturas escondidas dentro de palacetes da biblioteca ou em congressos. Em quatro anos, participei de Simpósios, Colóquios, Congressos, na qualidade de ouvinte, monitora e participante, até colar grau, em 2006. Os trabalhos foram elaborados utilizando os vários temas propostos e sugeridos pelos docentes: línguas indígenas, mulher negra, mulher violentada, romances regionalistas brasileiros e literatura de língua espanhola. O curso de Letras me permitiu uma reflexão sobre grupos marginalizados, ao perceber colegas de sala que já eram recepcionados de forma negativa e se deixavam permanecer nessa orientação coletiva: a cultura dominante dominava e impunha seus conceitos negativos à comunidade que estava ao meu lado. A colega que usava cabelo *black power*, a outra que não gostava de batom ou emprestava ao colega que usava escondido ou ainda a colega que não queria ficar com ninguém: todos eram discriminados por escolhas que não condiziam com a sociedade que detinha o poder. Essa nova abordagem me induziu a trabalhar em esferas que sempre sofreram valoração negativa por seus gêneros, etnias, orientação sexual e cor. Dentre os vários trabalhos e cursos complementares, destaco o artigo “Representação feminina na literatura estadunidense: uma revisão da produção de uma escritora negra do século XIX”, publicado enquanto bolsista Pibic/CNPq, orientada pela Prof.^a Dr.^a Liane Schneider (UFPB). Nesse período, estudei o discurso não - hegemônico da mulher negra, aprendendo sobre o preconceito e itinerário de luta dessas mulheres que desde o início de nossa formação cultural sofrem caladas as várias dores sociais, físicas e políticas. Fui integrante do Grupo de Mulheres da UFPB, coordenado pela minha orientadora do mestrado, Prof.^a Dr.^a Wilma Mendonça, que me ofereceu de forma ampliada o conhecimento dos vários preconceitos contra a mulher intelectual, branca, negra, índia e qualquer que fosse sua orientação sexual. Conheci de perto as marcas causadas pela violência doméstica em amigas de luta e o preconceito maior ainda em ser mãe e pai aos 19 anos de idade: uma verdadeira aberração dentro da sociedade.

Em 2008, conquistei o título de especialista em Língua Portuguesa, com o trabalho **Gestos, imagens e intertextualidade no entrelace da poesia e da música: uma leitura de**

O operário em construção, de Vinícius de Moraes e Construção, de Chico Buarque. Para mim, a escolha de ambos os intelectuais foi realizada como forma de contribuir para ampliar meus estudos e por necessitar estudar o período ditatorial brasileiro, a economia, a política e a formação social à época complementando os trabalhos anteriores sobre a imposição do medo e do conceito negativo coletivo de grupos marginalizados. Também me especializei em Língua Inglesa (2013), com o trabalho **Negritude e condição feminina dos Estados Unidos do século XIX: uma leitura de *Our Nig*, de Harriet Wilson.** Esse estudo me proporcionou compreender melhor o espaço pertencente à mulher negra e ex - escrava, do século XIX.

O mestrado em Linguística (2009), com a defesa da dissertação intitulada **Discursos sobre o mundo dos engenhos: de Antonil a Mário Sette**, me proporcionou um conhecimento mais aprofundado da região nordestina que sofre com a seca, a fome e o preconceito, mas, acima de tudo, ainda se apresenta vistosa, bela e capaz de gerar frutos. No mestrado, trabalhei alguns artigos como “Patriarcalismo e religiosidade feminina no romance nordestino de XX: uma leitura de **Senhora de Engenho**, de Mario Sette”. O poder do homem sobre a mulher branca, negra e indígena e a violência causada a estas foram objetos de estudos durante o mestrado. Para elaboração de minha dissertação, me engrandeci nas leituras de romancistas e contistas, além de críticos como Silviano Santiago, Antonio Candido, Josué de Castro, Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Sérgio B. de Holanda, entre tantos outros que me permitiram compreender nossa formação social e cultural, a partir da presença de vários povos, culturas e línguas, com suas diferenças, semelhanças, preconceitos e raízes. Desse breve conhecimento, me propus buscar um leque maior de informação sobre esses povos, grupos postos de lado e marginalizados em nossa sociedade. Durante o mestrado, complementei minha formação com os cursos “Estudos culturais: questões ligadas à identidade”, ministrado pela Prof.^a Dr.^a Zilá Bernd e “Formação em Direito Humano à Alimentação Adequada”, ofertado pela ONU.

Em 2011, comecei meus estudos em Direito, no Paraná. Estudei as leis, participei de cursos, apresentei artigos sobre nossa Constituição e Consolidação das Leis Trabalhistas. Busquei, para complementar os estudos de Letras e dos grupos marginalizados, cursos como “Direito Internacional Humanitário”, “Introdução ao direito do consumidor” e “Enfrentamento da violência contra a pessoa idosa” e demais assunto relacionados aos Direitos Humanos Internacionais. Minha especialização em Direito Processual (2015) foi marcada por estudos sobre os problemas e dificuldades enfrentadas por trabalhadores antes e depois da implementação da CLT, em 1943. Ainda que esses tenham conquistados muitos direitos, eles ainda sofrem com a violação e discriminação de sua origem. Nesse caminho,

defendi minha monografia intitulada **A revista em empregados celetistas: uma afronta ao princípio da inocência**. No Acre, terminando a graduação, aproveitei os conhecimentos da especialização e defendi o TCC (2015), sobre a mão de obra escravizada, no Brasil.

Em 2014, tive a oportunidade de voltar ao Norte. Em um primeiro momento, já professora substituta de Teoria da Literatura, na UFAC, me sentei com a Prof.^a Dr.^a Simone Lima, que me convidou a participar do Programa de Ensino Tutorial de Letras (PET-Letras) e do Grupo Amazônico de Estudos da Linguagem (GAEL), além de ser colaboradora dos projetos de pesquisa “Trânsitos intelectuais em regiões de tradição oral: línguas, culturas e literaturas em (con) textos sul-americanos (as fronteiras panamazônicas)” e coordenadora no projeto de extensão “Diálogos Solidários com emigrantes: trocas linguísticas e comunicativas através da língua portuguesa”.

A participação nos projetos elencados me permitiu conhecer novos estudos sobre os grupos considerados à margem da sociedade, seja por sua condição social, cor ou origem, além de perceber a existência de uma rica e intensa produção literária na região Norte. A leitura do artigo “A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea” (DALCASTAGNÈ, 2007), foi o pontapé inicial para a percepção dos critérios de legitimidade e de autoridade de romances e contos, além do “lugar de fala” de autores (as) e narradores (as). Seguindo nesse caminho, complementado por novas leituras de textos críticos e obras literárias, no decorrer dos projetos, observei brevemente que as narrativas **Terra de Icamiaba** (1934) e **Relato de um certo Oriente** (1989) são tessituras moldadas com base em memórias e deslocamentos de grupos marginalizados. Dessa forma, com a apresentação do projeto de tese *Poéticas do (re) encontro - representações do deslocamento em Terra de Icamiaba e Relato de um certo Oriente*, e posterior desenvolvimento da tese, ampliei meus estudos sobre a representação literária desses grupos, observando que a identidade coletiva desses povos se reveste de sentido negativo, tanto pela cultura dominante, quanto pela orientação social coletiva. Não encaro encerrados os estudos sobre esses grupos em nosso meio acadêmico, pois sempre haverá caminhos novos e curvas sinuosas que, como pesquisadores, poderemos conhecer e atravessar.

INTRODUÇÃO

Fotografia 3x4

Eu me lembro muito bem do dia que eu cheguei
Jovem que desce do Norte pra cidade grande
Os pés cansados e feridos de andar légua tirana
De lágrimas nos olhos de ler o Pessoa
E de ver o verde da cana
(...)
Mas a mulher, a mulher que eu amei
Não pôde me seguir não
Esses casos de família e de dinheiro eu nunca entendi
bem
Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do Norte e
vai viver na rua
A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia
E pela dor eu descobri o poder da alegria
E a certeza de que tenho coisas novas
Coisas novas pra dizer
A minha história é talvez
É talvez igual a tua, jovem que desceu do Norte
Que no sul viveu na rua
E ficou desnordeado, como é comum no seu tempo
E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo
E que ficou apaixonado e violento como eu como você
(BELCHIOR, 1976, **Alucinação**).

Em sua obra, **A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias** na narrativa contemporânea (2007), a pesquisadora Regina Dalcastagnè destaca a presença dos chamados grupos marginalizados na literatura brasileira. Para ela, esses grupos são compreendidos como [...] “todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valorização negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério” [...] (DALCASTAGNÈ, 2007, p.20). As narrativas pesquisadas, **Terra de Icamiaba**, publicada em 1934, pelo paraense Abguar Bastos, e **Relato de um certo Oriente**¹ (2008), do manauara Milton Hatoum, vinda a público em 1989, apresentam a cultura amazônica, nortista e nordestina protagonizadas pela presença majoritária de personagens marginalizados, ou seja, que atuam dentro dessa população cuja representação literária é estudada por Dalcastagnè.

O presente trabalho apresentado, nominado de **Poéticas do (re) encontro: representações do deslocamento em Terra de Icamiaba, de Abguar Bastos, e Relato de um certo Oriente, de Milton Hatoum**, tem como objetivo investigar os vestígios dos deslocamentos memorialísticos, testemunhais e culturais, a partir do mapeamento dos trânsitos ficcionais de nativos e estrangeiros - libaneses, judeus, marroquinos e holandeses, entre outros - marginalizados. Além disso, buscou examinar como se deu a representação dos traumas, nessas duas narrativas literárias, reconhecendo de que maneira é forjada a criação do *eu local* que se encontra enraizado dinamicamente nas relações globais. Desse modo, entre o olhar para dentro e fora da cultura brasileira, os narradores de Hatoum e Bastos cartografam, literariamente, a poética do deslocamento no imaginário intercultural contemporâneo.

Não obstante as diferenças de contexto histórico, a obra de Abguar Bastos - publicada, inicialmente em 1930², sob o título **Amazônia que ninguém sabe** e, posteriormente com o título atual, em 1934 -, narra o deslocamento de outras culturas pelo território brasileiro e a de Hatoum, também mergulhada na textura das movências, amplia os olhares do contato para a presença de outros atores culturais como alemães, franceses, libaneses e portugueses.

Colocados em relação, os dois romances se voltam para o universo da construção do espaço, numa perspectiva identitária relacionada aos costumes, tradições e contextualização

¹ Todas as referências feitas ao romance **Terra de Icamiaba**, de Abguar Bastos, ao longo desta tese referir-se-ão à edição *princeps*, de 1934; já para o estudo do romance **Relato de um certo Oriente**, de Hatoum, utilizaremos sempre a segunda edição, de 2008. Posto isso, dispensamo-nos, a fim de não cansar o leitor, de referir o ano a cada vez que as obras forem mencionadas.

² No decorrer de nossa pesquisa em artigos, jornais, dissertações e teses, encontramos datas variadas referentes à publicação das obras de Abguar Bastos. Para tanto, como nosso norte, optamos por aquelas sugeridas pelo texto publicado no Jornal da UBE, em 2002, dada sua credibilidade e importância. A UBE, União Brasileira de Escritores, foi criada em janeiro de 1958 e tem como objetivo, desde sua criação, destacar renomados escritores em nosso país, a exemplo de Abguar Bastos – membro fundador - e Milton Hatoum.

das transformações sociais e políticas no espaço em destaque, a partir da visão cosmopolita do deslocamento dos autores intelectuais amazônicos. Portanto, são textos cuja aderência estética e cultural impulsionam a lógica e dinâmica do trânsito para além das fronteiras nacionais, reposicionando o leitor frente às camadas discursivas dialógicas cada vez mais móveis e plurais.

Distantes pelo tempo, mas unidas no *locus* panamazônico, **Terra de Icamiaba** e **Relato de um certo Oriente** enfocam, distintamente, a partir de grupos marginalizados, o chamado Ciclo³ da borracha, cujo contexto de exploração contribuiu para enriquecer - ou tornar mais miseráveis - os trabalhadores locais, os estrangeiros ou magnatas. O Ciclo da borracha foi um dos mais importantes momentos históricos no Brasil, cuja movimentação econômica e social, relacionada à extração do látex, pôs em evidência as terras do Norte. O Ciclo da borracha permitiu uma maior visão do norte do país, antes desconhecido, fazendo com que os novos integrantes dessa região - empresários ou somente exploradores - levassem novidades culturais e sociais impulsionando o desenvolvimento de várias cidades nortistas, a exemplo de Manaus e Belém (a Paris n'América), capitais. Esse contexto também acrescentou à criação de territórios no Brasil, como o Território do Acre, antes terra boliviana, em 1903.

Terra de Icamiaba apresenta um recorte temporal que vai do auge do Ciclo da borracha, iniciando em 1877, na chegada da família paterna de Bepe, os “Assunções” ao Pará, oriundos do Ceará, até a decadência da economia gumífera. O romance de Bastos acentua a crise da borracha e evidencia um estado em empobrecimento social, político e consequentemente econômico. O estado do Amazonas é descrito como um paraíso outrora belo e produtivo comprometido pelo descaso político após o Ciclo da borracha. Esse cenário será encontrado em **Relato de um certo Oriente**, de Hatoum, mas de forma menos expressiva em **Terra**.

Inseridos nos processos de globalização e na visão cosmopolita, os personagens estrangeiros de **Relato de um certo Oriente** e **Terra de Icamiaba** se adequam à visão que Silviano Santiago, em seu texto “Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre” (2016), traz, o qual destaca uma comunidade cosmopolita que, por necessidade, não consegue se fixar em um único território:

³ Há autores que defendem a não empregabilidade do termo *Ciclo*, destacando, em alguns casos, que os termos *nush* ou *boom*, seriam as formas mais corretas para definir o momento histórico estudado. Em nossa pesquisa, compreendemos que o termo *Ciclo* representa o período sócio – histórico - econômico da economia gumífera, no Norte do país, uma vez que o látex passou por alternados períodos de alta e queda em sua produção e consumo, ainda que não regulares. Desse entendimento, utilizaremos o vocábulo *Ciclo* nesta tese.

Se o movimento for compreendido pelo sentido mais amplo do vocábulo diáspora, logo se desnuda o motivo ou a causa que, nos séculos XX e XXI, compele o indivíduo ou os familiares em grupo a abandonar o lar e a viajar em busca de melhores oportunidades. Em casa, os futuros migrantes foram afligidos com a pobreza e, nos casos extremos, com a miséria. Muitos são analfabetos e não têm profissão definida. Vivem como animais. Talvez sejam eles (homens e mulheres, velhos e crianças) os últimos espécimes humanos a crer na utopia da viagem e no Eldorado. Se fracassados, os desbravadores honestos e amorosos transformam-se nos mais desesperados mortais, sucumbindo a toda forma de comportamento desviante e de negócio ilícito (SANTIAGO, 2016, p. 16).

Dessa forma, cada narrador de ambas as narrativas pesquisadas, repassa sua voz, oscilando entre um e outro, passando uma percepção - conforme leitura das narrativas - do espaço amazônico e em contato com outras comarcas culturais. A partir disso, as formas como o discurso latino - americano passa a ser produzido e como esses narradores pós - coloniais vão retraduzindo as especificidades da cultura amazônica se entrelaçam com as tensões entre as culturas locais e aquelas globalizadas, destacando os grupos marginalizados em Hatoum, a exemplo dos estrangeiros *versus* brasileiros.

Presença constante na análise das obras apresentadas, o *deslocamento* é um termo que possui vários significados. Em seu artigo “Figurações do deslocamento nas literaturas das Américas” (2007), a pesquisadora Zilá Bernd elenca a variedade de sentidos tomados por um vocábulo. Inerente à nossa pesquisa, acerca do tema exposto, temos:

A palavra tem também o sentido de migração por perseguições ou violência [...] O que é possível constatar é que, com base no princípio do Movimento, uma série incontável de conceitos se sucedem em tempos de pós - modernidade para tentar analisar a movência de autores, personagens, estilos, passagens temporais, espaciais e discursivas (muitas vezes radicais) que se observam em literatura, todas elas com um sentido positivo, pois se opõem evidentemente ao que é estático, imóvel, fixo, permanente, sólido, inquestionável. Parece que se privilegia, em uma era de natural globalização, tudo o que se move, se desloca e flui (BERND, 2007, pp.89 - 90).

Terra de Icamiba apresenta processos de deslocamento das comunidades destacadas na análise, junto ao destino dos sujeitos evidenciados no romance, como acontece em **Relato de um certo Oriente**. Esses deslocamentos de estrangeiros e migrantes em território nacional provocam uma reorganização em termos de cultura, além de corroborar que a memória coletiva é capaz de gerar pré - conceitos aos sujeitos, sendo esta construída sobre os sujeitos do deslocamento: estrangeiros e migrantes. A memória apresentada é moldada por conceitos pré - concebidos, sendo avivada no decorrer da narrativa. Citando o teórico canadense Patrick Imbert, Zilá Bernd destaca a complementariedade entre território e deslocamento. Para ela,

Os conceitos de territorialização e desterritorialização não devem ser vistos em termos de oposição binária, mas de passagens necessárias nos processos de construção identitária, pois desterritorializações são sucedidas por movimentos de reterritorialização que não apenas restauram o território cultural perdido, mas o enriquecem com elementos novos (BERND, 2007, p.90).

Seguindo sua análise acerca do *deslocamento*, Bernd analisa duas *bacias semânticas*, encontradas no **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas** (2007). Dessa obra, Bernd extrai o significado de travessia e de entre - lugar. Daqui, nos deparamos que essas palavras fazem referência ao estrangeiro, ao exilado, ao migrante, ao itinerante. No romance **Terra de Icamiaba**, os estrangeiros e os imigrantes transitam fisicamente pelo território nacional, não se deslocando para fora, mas (re) avivando as memórias coletivas negativas ou positivas acerca de cada um deles. Nessa tessitura, o protagonista se move em diferentes territórios dentro do Brasil e acaba levando o leitor a acompanhar esse itinerário de “descobertas” identitárias e culturais:

A utilização constante de estratégias de deslocamentos, passagens e transferências culturais que se verificam na literatura e nas demais manifestações artísticas é fator predominante na configuração cultural americana. A mobilidade cultural constitui-se em estratégia privilegiada para driblar a imposição das normas (linguísticas e sociais), do poder (fixo e imóvel), da doxa e dos clichês que tendem a imobilizar os discursos em processos de engessamento e coagulação. Escritores, artistas e agentes culturais desenvolvem táticas cujo eixo é o movimento, deslocando a arbitrariedade da norma, rompendo paradigmas e aproximando culturas através de processos transculturais [...] Assim, as diferentes formas de mobilidade podem ocorrer no espaço, no tempo (viagens, formas romanescas estruturadas em várias épocas, com grandes saltos temporais), na passagem das vozes narrativas (dialogismo) e até no uso de metáforas que deslocam o sentido primeiro das palavras. Pierre Ouellet, em **L'esprit migrateur**, chama a atenção para a migração cultural, que se constitui em uma das formas de mobilidade, ocorrendo frequentemente em obras dos escritores ditos migrantes e até de escritores que nunca viajaram, mas cuja obra se desloca constantemente através de inscrições intertextuais. Essas passagens caracterizam-se como práticas de mobilidade por excelência e apontam para uma “narrativa americana” que vem se desenhando no cenário interamericano (BERND, 2007, pp.95 - 96 - grifos da autora).

O narrador de Abguar Bastos está territorializado em um contexto amazônico, mas, à medida que se insere a presença do estrangeiro, ele se desterritorializa. Em Milton Hatoum, os narradores já são desterritorializados, não conseguindo identificar uma raiz principal, definir integralmente quem eles são. No romance **Terra de Icamiaba**, seguindo esse pensamento, o narrador se define como um sujeito pertencente a um *eu local*. Entretanto, ao se definir como um *eu local*, ele acaba por se perceber, também, como um sujeito contraditório. Tal contradição é ocultada em **Terra de Icamiaba** e extrapolada em **Relato de um certo**

Oriente. Dessa forma, em relação ao sujeito, não haverá mais uma preocupação em afirmar acerca de uma única raiz cultural.

Desse pressuposto, acomodamos o entendimento de Sérgio Buarque de Holanda, o qual, em sua obra **Raízes do Brasil** (1975), a partir da abordagem de aspectos importantes em nossa cultura brasileira, traça uma interpretação de nosso processo de formação social, trazendo suas múltiplas raízes brasileiras. Sendo algumas vezes múltiplos, plurais, ao focarmos nesse processo como único, perdemos, muitas vezes, a alteridade de cada camada, uma singularidade de cada estrato cultural - de cada alteridade cultural - que é, muitas vezes, abafada em algumas narrativas. Conforme observamos em Zilá Bernd (2013):

O desejo de considerar os conceitos de errância e de nomadismo para falar do homem da modernidade tardia provém da constatação de que nos enraizamentos identitários podem ser nefastos e gerar cisões e preconceitos [...] criando a metáfora do nomadismo para referir-se às multiplicidades de identificações dos indivíduos que substituem a identidade de raiz única, afirma que o deslocamento que salva, e não o enraizamento (BERND, 2013, p.148).

Complementando esse pensamento, Édouard Glissant (2005), em **Introdução a uma poética da diversidade**, publicada em 1995, observa que o conceito de identidade única ou cultura pura, não se enquadra mais em nosso pensamento contemporâneo, uma vez que essa ideia remete à exclusão de outras culturas, não representando, dessa forma, a realidade múltipla, plural e diversa que vivenciamos no mundo atual, pois “nenhum povo, com efeito, foi preservado dos cruzamentos raciais” (GLISSANT, 1981, p. 250 apud LIMA, 2016, p. 9). Para ele, esse entendimento

[...] sublime e mortal que os povos da Europa e as culturas ocidentais veicularam no mundo; ou seja, toda identidade é uma identidade de raiz única e exclui o outro. Essa visão da identidade se opõe à noção hoje “real”, nas culturas compósitas, da identidade como fator e como resultado de uma criouliização, ou seja, da identidade como rizoma, da identidade não mais como raiz única, mas como raiz indo ao encontro de outras raízes [...] todas as culturas têm necessidade de todas as culturas (GLISSANT, 2005, p. 27; 156 - grifos do autor).

Em sua obra, Glissant analisa a multiplicidade das várias identidades culturais de povos e grupos minoritários, frente à globalização, propondo uma estética da Relação. Essa *estética* busca um diálogo com o plural, com o diverso, onde as fronteiras e territórios intelectuais são reinterpretados e seus processos históricos de construções culturais, linguísticos e de identidade, reavaliados. Desse contexto, notamos que o conceito de *rizoma* atualiza a questão de uma *raiz única*, desconstruindo o discurso preconceituoso de uma *origem una*. Conforme destaca Andrei Lima (2016), acerca da *estética da Relação*:

Por isso, compreendemos o porquê de o conceito aparecer intimamente ligado à imagem marcante da “identidade - rizoma”, da qual o autor se serve, a um só passo, para definir sua poética relacional e introduzir a problemática da alteridade, que trata como “o pensamento do Outro” [...] sendo, pois, elucidativa da proposta assumida pelo escritor, na medida em que incorpora a noção mesma de diversidade tão profundamente vinculada ao caráter das identidades culturais no mundo contemporâneo. O rizoma, como abstração, opõe - se à raiz, posto que se configura a partir da perspectiva de um multidirecionamento, como desdobramento de feixes que se entrelaçam e multiplicam ao infinito, e não de uma perspectiva unilateral, cujo eixo estaria situado na chamada “origem única”. Em outras palavras, a “identidade rizoma” não provém de uma raiz fixa e una, mas de dimensões e direções várias (LIMA, 2016, p.6 - grifos do autor).

A partir da análise de nosso *corpus*, percebemos que os romances propõem um movimento de cartografia de alteridades que foram abafadas durante muito tempo. Os narradores presentes nos romances trazem ao centro narrativo o que se encontra perdido, à margem da narrativa e o fazem com o intuito de compor o deslocamento como um elemento de agregação - e não como fonte de separação -, de interligação dessas experiências constituídas desde seu processo de criação.

As construções das memórias, nas narrativas ficcionais, são evidenciadas a partir das falas dos personagens, conforme observado, que representam a gente que trabalha nessas regiões, bem como na descrição minuciosa dos costumes e tradições locais, em *Hatoum* e da política e vida social anunciadas em *Bastos*. Os traços distintivos que irão tecer as duas narrativas, escritas em épocas diferentes, servem de apoio complementar à construção do passado nortista. A luta por melhores condições de vida, a diversidade cultural, a variedade linguística e religiosa são algumas percepções que encontramos nos romances.

A leitura dos dois romances nos apresenta a importância do retrato histórico - político - social realizado pelos escritores que moldam suas obras, a partir de memórias - como vemos em **Relato de um certo Oriente** - ou a partir da apresentação de personagens marcados pelo desejo de mudanças sociais - como observamos em **Terra de Icamiaba**. Dessa observação, voltamos - nos à memória evidenciada em ambas as obras e que funcionam como uma exposição da vida local, no contexto histórico do Norte no século XIX e XX, daqueles que viveram ou experimentaram e que se distanciam dos discursos dos que não o fizeram. A infância descrita em **Relato de um certo Oriente** nos enlaça na diversidade cultural manauara e **Terra de Icamiaba** nos oferece a visão heterogênea das lutas das camadas inferiores, de grupos marginalizados, contra as camadas que oprimem o homem e o tornam mais miserável, não deixando - essas camadas superiores - de também sofrer preconceitos.

Esses grupos, postos à margem, compõem as vozes que irão moldar as narrativas, a partir do relato da xenofobia ou pelo discurso heroico de luta do homem pobre, em **Terra de**

Icamiaba, ou pelas complexas relações familiares, em **Relato**. Adentrando esse território, Regina Dalcastagnè, em seu livro **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado** (2012) destaca que, no romance contemporâneo, setores marginalizados foram subalternizados pelos narradores que não estavam acostumados em pôr na cena narrativa personagens que eram considerados um expurgo da sociedade e, dessa forma, não precisavam ser apresentados:

Essas cidades são domínio de poucos, afinal, barreiras simbólicas determinam o lugar de cada um. Algumas áreas são vedadas aos pobres e aos malvestidos, exceto quando se encontram na posição de serviçais, ao passo que outras, as mais degradadas, são seu domínio. As ruas são dos homens e as mulheres, até bem pouco tempo atrás, permaneciam confinadas na esfera doméstica. As cidades, então, são território de aglutinação, de encontro de pessoas de diferentes procedências e de segregação. [...] o romance contemporâneo privilegia a representação de um espaço social restrito. Suas personagens são, em sua maioria, brancas, do sexo masculino das classes médias. Sobre outros grupos, imperam os estereótipos. As mulheres brancas aparecem como donas de casa; as negras como empregadas domésticas ou prostitutas; os homens negros, como bandidos. Assim, o campo literário, embora permaneça imune às críticas que outros meios de opressão simbólica costumam receber, reproduz os padrões de exclusão da sociedade brasileira (DALGASTAGNÈ, 2012, p. 14).

Conforme observado, Regina Dalcastagnè (2012) coloca na estética dos vestígios⁴, aquelas pessoas que não foram reconhecidas na construção de uma narrativa. As vozes narrativas presentes em ambas as obras nos oferecem, a partir da perspectiva do homem marginalizado, uma nova abordagem literária apontando que tais tessituras abrangem as camadas inferiores, grupos estes, sub representados em romances contemporâneos, conforme leitura do texto de Dalcastagnè.

Esses relatos oferecidos pelos escritores, contribui para uma nova visão dos acontecimentos históricos, como o Ciclo da borracha, que conta a vida e luta dos trabalhadores, da resistência destes à uma vida de fome, da política corrupta, do judeu que endivida o (i) migrante ignorante - mas que também sofre preconceito -, da mulher violentada, enfim, de grupos postos à margem da sociedade. Esses registros são o foco central de **Terra de Icamiaba**, cujo protagonista vivencia no presente todos os dilemas morais, políticos, econômicos e sociais que desaguam em várias tragédias pessoais. A narrativa de Hatoum traz,

⁴ A obra da escritora Zilá Bernd, **Por uma estética de vestígios memoriais**, publicada em 2013, serve como alicerce para nossos estudos acerca da memória. Em sua tessitura, a autora busca refletir as várias tentativas de teorização da memória dissertando sobre estudos que vão de Platão a Foucault e Todorov. Ao tecer sobre a memória através de vários mecanismos de teorização, a autora delinea uma *estética de vestígios*, ou seja, ela apresenta um mosaico memorial construído através dos estudos das marcas, sinais apanhados daquele momento em questão.

a partir da voz de seus personagens - a exemplo da narradora de **Relato de um certo Oriente** - uma (re) visitação do passado e sua ligação com o desenvolvimento da cidade de Manaus e da própria região Norte. Tal desenvolvimento é impulsionado por fatos históricos que são conectados à composição de culturas, cores, raças e religiões.

Iniciamos nossa pesquisa, caminhando pela compleição histórica, a partir da evolução do trabalho e da presença vital dos direitos humanos, cuja iluminação se faz importante para a compreensão da formação amazônica e a presença dos migrantes e imigrantes - nordestinos ou estrangeiros. Não obstante, o trabalhador amazônida é construído a partir da perspectiva do exílio, da errância e da construção de sua identidade revestida de sentido *negativo*, seja pela cultura dominante, seja pela orientação social coletiva. O contexto histórico dos direitos humanos contribui para elucidar de que forma o homem foi moldado no trabalho e sua evolução em trabalhador ou, ainda, em condição análoga à escravidão - fato observado na migração nordestina.

Acostado à perspectiva que o trabalho, na evolução do homem, sempre foi tema de discussão de pensadores modernos e um trauma evidente à sociedade hodierna, objetivamos elucidar esta temática tendo como alicerces escritores que visualizaram o trabalho desde o surgimento do homem enquanto ser social e com habilidades desenvolvidas até sua evolução no trabalho e utilização de sua mão de obra como escravo. Metodologicamente, o projeto evoluiu através das leituras de livros de F. Engels, na obra **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem** (1876), Durkheim, em **Da divisão do trabalho social** (1893), H. Arendt, com **Condição humana** (1958) e P. Bourdieu, **Poder simbólico** (1992). Muitas dessas obras descrevem o vínculo existente entre o homem, sua evolução e o trabalho desenvolvido por este. Para tanto, tecemos a análise da obra **A era dos direitos**, de Norberto Bobbio (1990) e **Da Revolução Industrial Inglesa** (1962), de Eric Hobsbawn. Diante da pesquisa realizada, observamos que, complementando cronologicamente as obras anteriores, Bobbio evidencia o surgimento dos direitos do homem e como eles são protegidos hoje em dia. Esses direitos, nascidos na criação do homem na sociedade, serão apenas protegidos e positivados com a luta, através dos séculos. Em uma fase conclusiva do primeiro capítulo, nos pautamos na concepção do trabalho escravo, além de destacar de que forma é configurado o trabalho em **Terra de Icamiba** e **Relato de um certo Oriente**.

Em um segundo momento, ao analisarmos as obras recortadas para análise, observamos registros de acontecimentos políticos, sociais e históricos reais ou ficcionais. Essas narrativas são eivadas de violências observadas a partir da memória dos personagens

que trazem, através de seus testemunhos, uma literatura mais móvel/aberta/transversal aos fatos locais que descreve as cores, a cultura e a violência social.

Cientes que ambas as obras foram elaboradas a partir de um discurso cujo processo sócio - histórico permanece conectado a elas, seja na memória e deslocamento dos personagens - expostos em suas falas -, seja nas transformações geográficas e econômicas reveladas no decorrer das narrativas, buscamos apresentar, no segundo capítulo, a base histórica da formação da Amazônia e de seu imaginário, a partir da breve exposição do Ciclo da borracha e da presença *incontestemente* dos migrantes nordestinos e imigrantes - e seus revestimentos de *eu local* pelo *eu global*, a partir do seu deslocamento - pelo país.

Em um terceiro momento, abrangido pelos capítulos III e IV, as memórias e deslocamentos, com base na representação dos sujeitos em **Terra de Icamiaba** e **Relato de um certo Oriente**, forjadas a partir dos traços e vestígios culturais do imigrante e do nativo complementam nossa pesquisa. Mais especificamente no capítulo III, por se apresentar como uma sequência, o romance **Represa** (1942), do acreano Océlio de Medeiros é posto em paralelo com **Terra de Icamiaba**. Publicada em 1942, a tessitura de Medeiros funciona como uma ligação direta entre **Terra de Icamiaba** e **Relato de um certo Oriente**, uma vez que em seu enredo observamos a decadência da borracha e a vida miserável do seringalista, tendo sua condição imposta pelo meio. Diante desse amparo cronológico debruçamo - nos na escrita apresentada.

CAPÍTULO I

Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência (MARX; ENGELS, 1848, n.p.).

BREVE ESBOÇO SOBRE O TRABALHO

1. O trabalho, o homem e sua evolução

O trabalho, na evolução do homem, sempre foi tema de discussão de pensadores modernos. Muitas dessas obras descrevem o vínculo existente entre o homem, sua evolução e o trabalho desenvolvido por este. Alguns escritores visualizaram o trabalho desde o surgimento do homem enquanto ser social e com habilidades desenvolvidas.

A **transformação do macaco em homem** (2004), publicada em 1876, por Friedrich Engels traz à tona a discussão acerca da transformação do macaco em homem a partir da sua evolução no trabalho. À medida que as necessidades humanas foram surgindo, o homem evoluía e essa evolução era ligada ao progresso do seu trabalho como forma de atender e suprir o que necessitava. Em sua obra, Engels descreve o trabalho como “a primeira condição básica para toda a existência humana, e isto em tal grau que, em certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem” (ENGELS, 2004, p.1). A partir dessa ideia, Engels descreve como se deu a evolução do trabalho, a partir da mudança da postura e do uso da mão, passando pelas transformações no cérebro humano e finaliza destacando novas atividades desenvolvidas e a própria interação do homem com a natureza; além da alimentação, pois para ele, a transformação que houve do macaco ao homem também derivou de uma “alimentação cada vez mais variada, *proporcionando* ao organismo, novas transformações e novas substâncias” (ENGELS, 2004, pp. 6-7 - grifos do autor).

A necessidade, causa maior de desenvolvimento do homem, fez com que este se adaptasse às novas cobranças que precisavam ser supridas no cotidiano. Com a presença de novas exigências em sua vida, o homem acompanhava este processo e se transformava também. À medida que o homem se *transformava*, a natureza também atendia à sua *transformação*, pois há sempre um vínculo entre o homem animal e a própria natureza, de acordo com Engels. Esse vínculo, entre o homem e a natureza, vem desde o próprio surgimento do homem. A natureza é fornecedora, para o autor, de matéria prima para o trabalho do homem, além de contribuir para o enriquecimento deste, seja na propriedade das terras, animais ou ainda flora e espécies exóticas.

Engels (2004) inicia sua obra descrevendo o período terciário do planeta Terra e destaca que, em uma determinada zona dos trópicos, vivia um grupo de macacos que já apresentavam sinais de desenvolvimento. Apesar de serem mais próximos ao homem, ainda

se deslocavam em árvores trepando e pulando em galhos. Com o movimento das mãos posicionadas para treparem nas árvores e com os pés recolhidos para amortecer a descida, esses primatas passaram a diferenciar o uso de cada membro, pois essas mãos já não possuíam o mesmo uso dos pés. Nesse contexto, “foram - se acostumando a prescindir das suas mãos ao caminhar pelo chão e começaram a adotar cada vez mais uma posição ereta” (ENGLES, 2004, p.2).

Ao utilizar uma postura mais ereta e distanciar as funções das mãos e dos pés, o macaco, com essas novas características, apresenta qualidades mais próximas aos humanos. Entretanto, segundo ele, há uma grande distância entre a mão do macaco e a mão do homem. A mão do macaco não é utilizada na construção de utensílios, de instrumentos de trabalho, mas sim, a mão humana. Disso, Engels afirma que a mão não é apenas um instrumento usado no trabalho, mas também o produto derivado deste. Para ele, a mão não era *algo* “com existência própria e independente [...] e o que beneficiava à mão beneficiava também a todo o corpo servido por ela” (ENGELS, 2004, p.3). A postura mais ereta começou a ser necessária ao macaco e conseqüentemente as mãos foram se aperfeiçoando. Com base na lei de Darwin, Engels (2004) ainda afirma que, ao desenvolver habilidades com as mãos, o macaco também desenvolveu outras partes do próprio corpo. Logo, ao desenvolver as mãos, o trabalho passou a fazer parte da vida do primata. Para Engels (2004), esse contexto ia

Ampliando os horizontes do homem, levando - o a descobrir constantemente nos objetos novas propriedades até então desconhecidas. Por outro lado, o desenvolvimento do trabalho ao multiplicar casos de ajuda mútua e de atividade conjunta, e ao mostrar assim as vantagens dessa atividade conjunta para cada indivíduo, tinha que contribuir forçosamente para agrupar ainda mais os membros da sociedade (ENGELS, 2004, p.4).

Com o desenvolvimento das mãos, com a utilização de uma postura mais ereta e com o próprio desenvolvimento de outras partes do corpo, a exemplo do cérebro, o desenvolvimento do trabalho também contribuiu para o próprio desenvolvimento da linguagem. Com o aperfeiçoamento da linguagem, o cérebro desenvolveu-se de forma melhor e mais qualificada. Esse grande passo, para o pensador, a transformação do macaco no homem, no que concerne ao desenvolvimento do cérebro, é “o trabalho, e depois dele e com ele, a palavra articulada” (ENGLES, 2004, p. 5).

Nesse contexto de desenvolvimento, o homem já dispunha de novas atividades para garantir sua sobrevivência, como a pesca e a caça. A caça trouxe ao organismo do homem o valor nutritivo da carne, para uma alimentação que era, *a priori*, rica de vegetais. A

introdução da carne no corpo do homem acelerou o seu metabolismo e, à medida que ele consumia mais carne e se afastava dos vegetais, ele evoluía em relação aos demais animais. O cérebro “recebeu assim em quantidade muito maior do que antes, as substâncias necessárias à sua alimentação e desenvolvimento, com o que se foi tornando maior e mais rápido o seu aperfeiçoamento de geração em geração”. (ENGELS, 2004, p.8). Com o consumo de carnes, o homem evoluiu para a domesticação de animais e uso do fogo, garantindo “novos meios de emancipação” (ENGELS, 2004, p.9). Com o desenvolvimento da mão, da linguagem, do cérebro e agora, do próprio sujeito em sociedade, o homem foi desenvolvendo habilidades maiores e mais complexas, permitindo a criação de novas atividades como a tecelagem, olaria, agricultura, comércio, navegação, ciência, artes, fiação, política e religião. Logo,

O rápido processo de civilização foi atribuído exclusivamente à cabeça, ao desenvolvimento e à atividade do cérebro. Os homens acostumam - se a explicar os seus atos pelos seus pensamentos, em lugar de procurar essa explicação nas suas necessidades (ENGELS, 2004, p.10).

O desenvolvimento do cérebro e a vida em sociedade permitiram ao homem compreender mecanismos sociais e naturais, a exemplo do uso da própria natureza. Os animais que não evoluíram usam a natureza destruindo sua vegetação sem um propósito maior, ao contrário do homem que a destrói com objetivos. Para Engels, os animais passam a “utilizar a natureza e modifica - la pelo mero fato da sua presença nela. O homem, ao contrário, modifica a natureza e obriga - a a servir-lhe, domina - a” (ENGELS, 2004, p.11). De acordo com ele, o trabalho foi a base primordial para o desenvolvimento do próprio homem. Quando o homem evolui, ele se transforma e transforma todo o contexto ao seu redor. Essa transformação do homem é realizada pela evolução deste no trabalho. À medida que as necessidades cresciam, o trabalho também evoluía para suprir o próprio homem. Essas transformações trazem consequências diversas ao homem, seja em sociedade, seja na natureza. Engels (2004) ainda afirma que o desenvolvimento de determinados objetos feitos para suprir uma necessidade imediata e mais complexa, acabou abrindo espaço ao desenvolvimento de máquinas maiores e melhores no futuro do homem do século XIX. Segundo ele,

Os homens que, nos séculos XVII e XVIII haviam trabalhado para criar a máquina a vapor, não suspeitavam que estavam a criar um instrumento que, mais do que nenhum outro, haveria de subverter as condições sociais em todo o mundo e que sobretudo na Europa, ao concentrar a riqueza nas mãos de uma minoria e ao privar de toda a propriedade a imensa maioria da população (ENGELS, 2004, p.12).

A leitura da obra **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem** evidencia a transformação do primata no homem pensador moderno. A busca pela melhoria de vida, a adaptação do corpo, a produção de conhecimento e matéria em qualquer condição social, política ou econômica, deu ao novo homem a possibilidade de evoluir, a partir do trabalho.

Consoante a transformação do homem no espaço do trabalho e seu desenvolvimento visando a melhoria destes e o posicionamento do indivíduo na sociedade, encontra-se outro pensador moderno, Émile Durkheim (2010), autor da obra **Da divisão do trabalho social**, publicada em 1893, quase duas décadas após a publicação de **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**, em 1876.

Em sua obra, Durkheim (2010) estabelece um modelo de sociedade funcional, orgânica, a qual trabalha a partir de elementos indispensáveis que vivem entre si. Publicada no final do século XIX, Durkheim (2010) acompanhou as modificações que a sociedade contemporânea estava passando e apresenta um texto mais aprofundado acerca da sociedade, complementando a obra de Engels. Segundo Durkheim (2010), em todas as sociedades há conflitos inerentes a essa formação coletiva. Dentre várias, a que mais se destaca é aquela estruturada na querela do indivíduo *versus* a própria sociedade. Em um determinado momento, o sujeito pretende atender a suas vontades, desejos, ambições e, ao mesmo tempo, em um outro lado, está a comunidade que vai de encontro a esta satisfação do indivíduo, podendo e limitando suas condutas. As solidariedades moral e social unem a sociedade e evitam a sua ruptura. Essas solidariedades seriam mantidas caso os indivíduos se unissem em grupos sociais e seguissem determinados padrões comuns. Esses padrões, costumes, regras, direitos e deveres cumpridos por um determinado grupo de indivíduos caracterizam a concepção de sociedade para o autor.

Consoante Durkheim (2010), há dois tipos de sociedade que variam dependendo da solidariedade que rege nas comunidades: mecânica ou orgânica. A sociedade considerada mecânica não possui divisão de trabalho e tem como características a valorização dos interesses da sociedade que é superior ao próprio indivíduo. Essa sociedade tem um número limitado de membros, não possui desenvolvimento tecnológico e sobrevive com pouco. Tais comunidades são caracterizadas como violentas por não possuírem condutas moral e material, além de sanções punitivas como forma de castigo. A sociedade orgânica é caracterizada como o oposto da sociedade mecânica: há uma divisão de trabalho, os indivíduos são diferenciados entre si e valorizados como sujeitos separados. Tem como características a valorização do interesse individual, a igualdade social e de oportunidades. Há valores morais materiais além

de um número maior de habitantes. As sanções são usadas para estabelecer a ordem e não apenas para punir. Quando há um aumento demográfico, desenvolvimento tecnológico, conhecimento científico, maior possibilidade de mão de obra e interação entre os membros da sociedade, a comunidade poderá sair de um grupo mecânico para um grupo orgânico.

Em sua obra, Durkheim (2010) afirma que a divisão do trabalho social não está relacionada apenas aos atos econômicos, mas a toda uma reunião de atos sociais, uma vez ser a função social o objetivo principal. A divisão desse trabalho social traz à tona efeitos negativos e positivos. Positivamente, o trabalhador contribui para o progresso da humanidade, pois permite uma maior especialização e qualificação dos sujeitos no trabalho, condicionando estes a uma melhoria pessoal e, conseqüentemente a uma melhoria no âmbito trabalhista. Com tais condições, há uma coesão e uma maior organização da comunidade permitindo um desenvolvimento mais célere intelectual e material. Entretanto, à medida que a divisão do trabalho amplia e melhora as condições sociais, ela também conduz a sociedade a uma redução da consciência coletiva, diminuindo laços sociais. Ainda que escrita em 1893, a obra **Da divisão do trabalho social**, de Durkheim, é atual e pode ser aplicada em nossa sociedade, uma vez a comunidade hodiernas apresentar uma solidariedade orgânica. Atualmente, a consciência coletiva tem sido reduzida como consequência da divisão do trabalho social. O homem contemporâneo pode ser representado pela escrita de Durkheim, a partir da representação da sociedade organicista.

Saindo desse viés social, mas enraizando a questão do homem e sua relação com a sociedade no que concerne à sua condição estruturada por esta, encontramos a obra de Hannah Arendt, **A condição humana** (2007). Dentre várias de suas obras, **A condição humana**, publicada em 1958, é considerada uma das principais escritas sobre a condição do homem. Escrita quase cem anos após a publicação da obra de Engels, em 1876, essas obras se comunicam entre si funcionando como um encadeamento que explana a criação e o desenvolvimento do homem e seu vínculo com o trabalho.

Em sua obra, Arendt (2007) faz uma reflexão acerca da conceituação de pluralidade que é definida como uma síntese da igualdade e da diferença no ser humano: “a pluralidade⁵ é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a

⁵Ainda que analisada sob óticas diferentes, essa *diversidade* linguística, cultural, política ou ideológica é intrínseca à própria existência humana, sendo objeto de suma importância para a compreensão da dinâmica social atual. Arendt, Glissant e Bernd são alguns dos vários pensadores, inseridos em nossa tese, que trazem, em seu escopo de pesquisa, a *pluralidade* como objeto de estudo. Essa observação nos servirá para estudos posteriores.

existir” (ARENDR, 2007 apud NASCIMENTO, 2011, p. 79). Arendt (2007) afirma que os “homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna - se imediatamente uma condição de sua existência (ARENDR 2007 apud NASCIMENTO, 2011, p. 79). Para Arendt (2007), o ser humano é singular, mas esta singularidade só ocorre quando há um encadeamento de relações entre seres humanos também iguais. Para tanto, ela conceitua o *pluralismo* dentro da política e defende a ideia de um sistema de democracia direta ou a criação de Conselhos, substituindo o sistema de democracia representativa.

A pluralidade é a condição essencial para que haja ação e discurso. A pluralidade humana é baseada na igualdade e na diferença a partir dessa condição. Para ela, se os homens divergissem entre si em suas características não haveria a compreensão dos sujeitos entre si, nem de seus antepassados, havendo a incapacidade de projetar planos para o futuro ou prever necessidades que fossem surgir. Caso os seres humanos também não possuíssem uma diferenciação entre si, os próprios homens não precisariam de novas ações, sendo necessária apenas a comunicação por sinais ou sons como forma de garantir a comunicação e suprir as necessidades imediatas e iguais, afastando a possibilidade do discurso.

Para ela, o *ser diferente* não significa que não será igual ao outro e não possuirá a qualidade da *alteridade*. Essa alteridade⁶, para ela, é comum a tudo existente e faz parte das características básicas do homem que se sobrepõe às características individuais. A alteridade é uma característica importante da pluralidade, sendo o motivo que estabelece a distinção entre coisas que, a partir do momento que são taxadas, são também diferenciadas ao serem comparadas com outras. Apenas o homem é capaz de exprimir essa diferença e se distinguir dos demais. A capacidade da comunicação mais complexa e não apenas direcionada a suprir necessidades imediatas, como a sede, fome, dor, hostilidade, afeto ou ainda medo, também é inerente ao próprio homem. Na vida humana, a diferenciação do homem com os demais sujeitos e essa alteridade que ele possui em comum com tudo ao seu redor se transformam em singularidades. Por sua vez, essas singularidades fazem parte de uma complexa teia de pluralidade.

Seguindo em sua obra, a autora identifica na Modernidade (1453 a 1789) um contexto histórico que pôs essa pluralidade do ser humano em risco, uma vez ser um período temporal marcado pelo desenvolvimento do consumo em que a qualidade de vida do homem não é

⁶ *Alteridade* deriva do latim *alteritas* e tem como conceito o entendimento que todo ser humano tem a capacidade social de se colocar no lugar do outro, gerando uma relação interdependente, interpessoal. Esse conceito, ainda que não aprofundado, também faz parte de nossa análise, junto ao *pluralismo*.

resguardada, sendo considerado um ser descartável e, por isso, a Modernidade não se interessar pela sua singularidade.

No decorrer de sua análise, a autora evidencia quatro campos dentro desse período, quais sejam: o político, o social, o privado e o público. Para a utilização de tais definições, Arendt percorre um caminho detalhado da Grécia até a Modernidade, estudando a condição humana e como esta, em consonância com os sistemas, transformou o homem em um ser mais alienado e apolítico, a partir de sua degradação e banalização. Prosseguindo em sua obra, Arendt (2007) traça três atividades principais no mundo moderno: o labor, o trabalho e a ação. Essas atividades são relevantes e correspondentes a cada uma das condições essenciais recebidas pelo homem no decorrer de sua existência nas comunidades e sistemas criados pelo homem.

O labor, para a escritora, é a atividade inerente à biologia humana, tendo crescimento e metabolismo naturais e, conforme as necessidades diárias de idade e trabalho, uma possível queda, declínio. Para ela, o labor é a atividade intrínseca ao homem que permite que este não somente sobreviva, mas que dê continuidade à espécie. Seguindo seu pensamento, o trabalho é a atividade artificial que faz parte do ser humano como condição de sua existência e não como parte biológica. Para Arendt (2007), o trabalho constroi um espaço artificial diferente do espaço natural, o que caracteriza o trabalho do ser humano como algo mundano, em seus aspectos convencionais e superficiais.

Essa atividade corresponde à produção de objetos e demais artefatos e elementos. Esses objetos construídos advêm das habilidades humanas desenvolvidas ao longo da necessidade da coletividade. Daí, para ela, ser o ofício a evolução do trabalho do homem, pois permite que este produza e desenvolva a sociedade. Ao realizar uma contextualização histórica em sua obra, a escritora retrata e destaca que na Grécia e em Roma, o trabalho era considerado algo desgastante e um fardo para muitos. Entretanto, com a criação da Igreja e seu domínio sobre vários setores da sociedade, no decorrer dos séculos, o trabalho passou a ser visto como uma atividade mais relevante e imprescindível ao desenvolvimento individual e coletivo.

Continuando nesse pensamento, Arendt (2007) menciona, dentro do trabalho, a presença de dois segmentos: o *homo faber* e o *animal laborans*. Segundo ela, aquele que fabrica objetos impulsionando a sociedade, os meios e os fins tem como indiscutível a importância de sua atividade. O *homo faber* se enquadra nesse pensamento e acredita que os objetos que são construídos são essenciais para amenizar o trabalho de outros, a exemplo do

animal laborans. Ao se utilizar de ferramentas e instrumentos em seu cotidiano, o *animal laborans* se torna sujeito representativo desse próprio coletivo proletariado:

A própria natureza do trabalho é alterada e o processo de produção, embora não produza absolutamente objetos para o consumo, assume caráter de labor. Embora as máquinas tenham levado a um ritmo infinitamente mais rápido de repetição que aquele prescrito pelo Ciclo dos processos naturais - e é bem possível que esta aceleração especificamente moderna faça ignorar o caráter repetitivo de todo labor -, a repetição e a interminabilidade do próprio processo imprimem - lhe a marca inconfundível do labor. Isto se torna ainda mais claro nos objetos de uso produzidos por essas técnicas de trabalho. Os ideais do *homo faber*, fabricante do mundo, que são a permanência, a estabilidade e a durabilidade, foram sacrificados em benefício da abundância, que é o ideal do *animal laborans* [...] Ferramentas e instrumentos diminuem o esforço e a dor, e com isso mudam o modo pelo qual a urgente necessidade inerente ao labor era, antes, percebida por todos. Não mudam a necessidade em si; servem apenas para escondê-la de nossos sentidos. Algo semelhante se aplica aos produtos do labor, que não se tornam mais duráveis por serem abundantes (ARENDDT, 2007). O caso é diferente na transformação moderna do processo do trabalho pela introdução do princípio da divisão do trabalho. Vive-se em uma sociedade de operários, porque somente o labor, com sua inerente fertilidade, tem possibilidade de produzir a abundância; e transforma-se o trabalho em labor, separando-o em partículas minúsculas até que ele se prestou à divisão, na qual o denominador comum da execução mais simples é atingido para eliminar do caminho do 'labor power' humano - que é parte da natureza e talvez a mais poderosa de todas as forças naturais - o obstáculo da estabilidade 'inatural' e puramente do artifício humano (ARENDDT apud NASCIMENTO, 2011, 89 - grifos da autora)

Ao resgatar a memória do operariado e classificar o homem conforme sua participação no meio trabalhista, Hannah Arendt define a extensa diferença entre ambos. Segundo ela, o *animal laborans* não se utiliza das mãos, instrumentos principais do *homo faber*. Esse rito, presente na vida do *animal laborans* limita sua liberdade e o torna sujeito à sua necessidade. De acordo com Arendt (2007), a ação é uma condição humana, responsável pela inserção do homem no meio público permitindo que este seja notado e que tenha a possibilidade de criar novos processos potencialmente importantes. A ação não priva o homem de sua liberdade, mas o insere no meio político e social a partir dessa conduta. Em contrapartida, ao limitar a sua condição sem se projetar além do que tem ao seu redor e do que necessita, o homem permanece escravo, pois não atinge nem o labor nem o trabalho, perdendo, dessa forma, sua liberdade. À medida que o homem se projeta ao âmbito público saindo do local privado, ele deixa de lado as necessidades e a sua escravidão, possibilitando que a ação funcione como uma interferência das regras comportamentais.

Seguindo o condicionamento do ser humano nas estruturas moldadas em sociedade, encontramos a obra **Poder simbólico** (2002), de Pierre Bourdieu, publicado em 1989. Nesse livro há um leque de objetos analisados, sendo o poder simbólico e seu conceito presentes em uma delas. Segundo Bourdieu (2002), o poder simbólico é o poder invisível desempenhado por

sujeitos que o exercem e respeitado por aqueles que o cumprem. No capítulo homônimo ao livro, Bourdieu (2002) destaca *estruturas estruturantes*, a exemplo da língua, da religião, das artes que, de acordo com ele, são exercidas seguindo os mesmos parâmetros e procedimentos ou, como ele chama, *modus operandi*: “As ideologias devem a sua estrutura e as funções mais específicas às condições sociais da sua produção e da sua circulação, quer dizer, às funções que elas cumprem” (BOURDIE, 2002, p.13).

Em contrapartida a esse processo, temos as *estruturas estruturadas*, a exemplo dos sistemas simbólicos ou *opus operatum*. Para ele, a dominação do homem pelo homem vem através de instrumentos com este intuito, a partir de produções simbólicas. Para Bourdieu (2002), o senso é igual ao consenso, pois para que haja uma objetividade do sentido do que é estruturado no mundo deve antes haver uma cumplicidade nas estruturas subjetivas. Logo, ao consentir com a estrutura, o homem passa a aceitar como ela é elaborada e entregue. Contudo, na presença de sistemas simbólicos, que acontecem como estruturas estruturadas, Bourdieu (2002) afirma que há a necessidade de uma análise estrutural. Ao mencionar as produções simbólicas como aparelhos para dominação, Bourdieu destaca a tradição marxista e as classes dominantes. Para Bourdieu (2002), a dominação exercida pela classe dominante é integrada à própria cultura dominante permitindo uma comunicação entre esses indivíduos e a separação de outras classes. É nesse contexto que é suscitada a distinção de classes, pois a mesma cultura que integra pela comunicação, divide as classes pela distinção, destacando as diferenças sociais entre as classes. Essas relações de comunicação serão as relações de poder que são acumulados pelos indivíduos e dependem do capital simbólico ou material.

Esses sistemas simbólicos, como estruturas estruturadas ou estruturantes, de divulgação de conhecimento e de comunicação, exercem seu poder de legitimação do domínio de uma classe sobre outra, contribuindo, até mesmo, para uma violência simbólica, sendo ele, “um poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força física ou econômica e só se exerce se for reconhecido [...] é uma forma irreconhecível e legitimada” (DIAS, 2015, n.p.).

Conforme observado, o trabalho tem sido a atividade presente no desenvolvimento do ser humano, desde sua transformação de primata ao homem moderno. A busca por melhorias de vida, alimentação, utensílios e instrumentos que facilitem seu trabalho tem sido um grande fator de desenvolvimento do homem. Ao aperfeiçoar essas atividades, o homem também evoluiu em pensamento e na sua inserção na sociedade e até mesmo seu condicionamento nela e para ela. Diante disso, entendemos o trabalho como fonte primordial da evolução do próprio homem não podendo ser desvinculado desse progresso.

2. O trabalho e o homem: Direitos Humanos e a Revolução Industrial

A única revolução realmente digna de tal nome seria a revolução da paz, aquela que transformaria o homem treinado para a guerra em homem educado para a paz porque pela paz haveria sido educado. Essa, sim, seria a grande revolução mental, e portanto, cultural, da Humanidade. Esse seria, finalmente, o tão falado homem novo (SARAMAGO, 2009, n.p.).

A Revolução Industrial é um dos momentos históricos mais importantes da história do homem. O trabalho, a vida em sociedade, a economia e o pensamento político sofreram modificações nesse período. Tendo iniciado na Inglaterra, a Revolução Industrial se espalhou para a Europa Ocidental e também pelos Estados Unidos. Esse período histórico representou a passagem de novos processos de manufatura no século XVIII e perdurou pelo próximo século. As máquinas se posicionaram no lugar das produções manuais, entre elas, o artesanato. Produtos químicos e novas formas de produção surgiram, com a utilização de metais, como o ferro, além de novos usos para a energia - aqui, à vapor -, e a própria água, além da substituição da madeira pelo carvão.

Para Eric Hobsbawn (1986), a “Revolução Industrial assinala a mais radical transformação da vida humana já registrada em documentos escritos. Durante um breve período, ela coincidiu com a história de um único país, a Grã - Bretanha” (HOBSBAWN, 1986, p.86). Em **A era das revoluções**, publicado em 1962, Hobsbawn afirma, no segundo capítulo de seu livro, intitulado **A Revolução Industrial Inglesa**, que a Revolução Industrial eclodiu na Grã - Bretanha, já no ano de 1780, apesar de somente ser percebida nos meados de 1830 a 1840. Para ele, o fato em si já existia há anos antes do próprio reconhecimento de marco histórico. Disso, entende - se que o ano de 1780 significa o ponto de partida para a Revolução Industrial.

De acordo com Hobsbawn (1986), o progresso inglês não ocorreu devido à nova e melhor tecnologia, uma vez que tal avanço científico já existia na França. Entretanto, um leque de situações facilitou a eclosão no Estado inglês: há mais de um século havia acontecido o julgamento e a condenação de um rei, o desenvolvimento da economia e o lucro eram os principais objetivos da política à época, a própria agricultura já não se direcionava à subsistência, mas ao mercado, além de outras condições favoráveis para se lançar à expansão colonial. Nesse período, também era utilizado o ferro, na metalurgia. A mineração também teve seu crescimento atingindo seu auge em 1800, com a produção de 10 milhões de toneladas

de carvão atingindo 90% da produção do mundo à época. Essa indústria contribuiu para a melhoria das ferrovias.

Seguindo em sua obra, Hobsbawn (1986) fala do comércio colonial que criou a indústria algodoeira. O grosso oriundo das Índias era enviado para a indústria britânica que vendia os tecidos aos plantadores. Esse linear comércio teve um aumento gradativo nas últimas décadas do século XVIII, proporcionando investimentos privados e estrangeiros e expandindo a própria economia britânica. Entretanto, nas décadas do século XIX houve uma acentuada desaceleração no crescimento comercial e conseqüentemente uma queda da renda gerando descontentamentos sociais e reclamações nas ruas, pois a população estava cansada dos cortes de empregos nas fábricas.

Com o *boom* das novas indústrias no século XVIII e XIX, houve um aumento no crescimento da população urbana em detrimento da população rural⁷. Com a chegada diária de novos homens e mulheres em busca de emprego, a mão de obra passou a ser vasta. Ainda que vinda em grandes quantidades, ela não dispunha de conhecimentos e qualificações para o uso nas indústrias. Cada operário precisou, já no século XX, aprender seu serviço específico. A título de complemento, o filme **Tempos modernos** (1936), protagonizado pelo ator Charles Chaplin retrata esse período da história. Essa obra fílmica, tem como tema a apresentação das condições de vida dos operários nas fábricas, expondo a produção em linha de montagem, criada por Henry Ford, no século XX.

Em relação ao operário, Hobsbawn (1986) destaca que as condições trabalhistas passaram a ser absurdas com turnos ininterruptos, ausência de descansos semanais, mão de obra infantil, além da péssima alimentação e ambiente de trabalho que ia de encontro às recomendações atuais da ONU e OIT. O uso da mão de obra infantil e das mulheres foi extenso, uma vez receberem menos que os homens, apesar de trabalharem pela mesma quantidade de horas. O trabalho infantil era utilizado em muitas fábricas, levando crianças a perderem suas infâncias para ajudarem nos gastos da casa. Muitas crianças trabalhavam com materiais perigosos, carvoaria, máquinas pesadas, entre outros empregos proibidos hoje em dia.

Em sua obra, **A era dos direitos**, publicada em 1990, Norberto Bobbio traça um caminho histórico dos Direitos Humanos desde seu início aos dias atuais. O livro, dividido em quatro extensas partes, alude à necessidade imperiosa do direito exercido pelo homem, pois,

⁷ Importante ressaltar que uma grande parcela da população rural migrou para a cidade por ocasião do *cercamento*. Esse sistema expulsou os trabalhadores de terras produtivas, chamadas comunais, que eles retiravam seu alimento ou criavam animais, tendo, esse processo, transformado as terras desses trabalhadores em propriedades privadas.

sem este, não haverá a democracia e, conseqüentemente na ausência desta, não existirá uma solução pacífica para os problemas do próprio homem. Os direitos do homem nascem em determinados momentos históricos por necessidade e como garantia deles mesmos. Esses direitos crescem e se multiplicam a partir do momento em que a troca do trabalho pelo valor monetário passa a existir e a ser comum na sociedade. Para Norberto Bobbio (1992), os direitos do homem são “aqueles cujo reconhecimento é condição necessária para o aperfeiçoamento da pessoa humana, ou para o desenvolvimento das civilizações etc.” (BOBBIO, p.17, 1992).

Convém destacar que a primeira geração de direitos corresponde aos direitos individuais, relativos à liberdade, igualdade; a segunda geração corresponde aos direitos coletivos, educação e saúde; já a terceira geração, busca a igualdade e fraternidade. Conforme doutrinadores há ainda direitos de quarta e quinta gerações.

Retomando o pensamento da **Era dos direitos**, Norberto Bobbio afirma, na primeira parte da obra, que os direitos jamais poderão ser considerados absolutos ou imutáveis, pois devem se condicionar e se adaptar aos anseios da sociedade no momento que vão surgindo. Daí os direitos do homem serem considerados heterogêneos, pois se amoldam a cada lugar que surgem. Diante da consideração que os direitos se condicionam, se ajustam à sua sociedade, Bobbio (1992) destaca que surge, com esse entendimento, a dificuldade de resguardá-los, uma vez que cada sociedade se mostra diferente de outra, pois “não existem direitos fundamentais por natureza. O que parece fundamental numa época histórica e numa determinada civilização não é fundamental em outras épocas e em outras culturas” (BOBBIO, 1992, pp.18 - 19).

Com a primeira Assembleia Universal sobre os Direitos Humanos, em 1948, observou-se uma comunhão e necessidade mútua na proteção de direitos coletivos comuns ao mundo. Tal evento consagrou o pensamento que a busca pelos direitos coletivos e relativos a cada sociedade não se depara mais tão somente com sua busca filosófica, mas sim, com seu amparo jurídico. Os direitos do homem se tornam direitos positivos universais, deixando de ser positivados de forma individual ou simplesmente natural. Ao relativizarmos nossa liberdade, permitindo que o Estado decida por nós, observamos rumos tomados por juízes, senhores das leis, uma vez que “quanto mais aumentam os poderes dos indivíduos tanto mais diminuem as liberdades dos mesmos indivíduos” (BOBBIO, p.21, 1992). No entendimento positivista, a lei cria, restringe e julga condutas consideradas negativas à sociedade. Daí, percebemos que a função primeira da lei não é defender a liberdade, mas restringir atos. Em contrapartida, no

conhecimento natural deve - se resguardar os direitos do cidadão para, em seguida, exigir seus direitos perante o coletivo.

Ambos os pensamentos demonstram que a teoria e a prática na defesa e na busca dos direitos dos homens estão galgando caminhos quase que opostos, no momento que se busca ampliar direitos para cobrir ausências legais de proteção de condutas que há tempos existem na prática. Nesse caso, vemos a necessidade da proteção positivada desses direitos e, como consequência, a apresentação de deveres para suprir a proteção de cada direito. Como exemplo desse pensamento, temos a lei dos Idosos, nº 8842/2004 que, diante de uma necessidade moral do coletivo, na proteção das pessoas idosas, foi escrita e, dessa maneira positivada, como forma de garantir os direitos surgidos. Diante disso, passou - se também, a exigir deveres do cidadão na garantia desse direito.

Em um segundo momento, Norberto Bobbio trabalha com a **Declaração dos direitos do homem e do cidadão**, ratificada pela Assembleia, em 26 de agosto de 1789. Segundo ele, a “Declaração Universal de Direitos do Homem representa a manifestação da única prova através do qual um sistema de valores pode ser considerado humanamente fundado e, portanto, reconhecido: [...] é o consenso geral acerca da sua validade” (BOBBIO, p.26, 1992). Nesse mesmo ano, eclodia a Revolução Francesa (1789), momento histórico que, juntamente com a Revolução Industrial, mais marcou a Europa no século XVIII. Com a Revolução Francesa, direitos e garantias surgiram e deram mais abertura para a defesa e nascimento de direitos posteriores. Desse contexto, Bobbio destaca a discussão acerca da pena de morte, defendida por renomados pensadores, como Platão e considerada inaceitável, para Beccaria. Para Bobbio (1992), a pena de morte deve ser utilizada quando há estado de necessidade e legítima defesa permitindo que haja uma quebra justa da defesa do direito fundamental da vida. Segundo ele, a pena de morte impedirá novos delitos e é considerada um *privilégio* do Estado para aplicá - la: “A finalidade não é senão impedir o réu de causar novos danos aos seus concidadãos e demover os demais de fazerem o mesmo [...] O Estado tem o privilégio e o benefício do monopólio da força (BOBBIO, 1992, pp. 162 - 163;176 - grifos do autor).

Com o surgimento da Organização das Nações Unidas, em 24 de outubro de 1945, em São Francisco, Califórnia, os direitos têm sido defendidos e ampliados de forma a atingir toda a população mundial. As Cartas da ONU são, para o autor, grandes invenções no mundo moderno, pois elas protegem dos direitos da sociedade, correspondendo ao anseio do povo e não aos anseios da parcela de dominadores. Hodiernamente, percebemos o nascimento de vários direitos considerados importantes ao homem que surgem com a sociedade e necessidade de cada época. A proteção desses direitos tem sido mais assídua, após vários

momentos históricos. Conforme o artigo primeiro da Declaração Universal dos Direitos Humanos, “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e, dotados que são de razão e consciência, devem comportar - se fraternalmente uns com os outros” (DECLARAÇÃO. Disponível em http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf . Acesso em: 23 de ago. 2017, s.p.).

Dentro dos estudos do Direito, constatamos que a liberdade considerada ideal é aquela representada pela não limitação e não coação do Estado - o que não ocorreu com os migrantes nordestinos -, sendo aquele presente na realização da justiça social e proteção ao indivíduo que age de forma lícita perante os princípios legais. A liberdade também é associada a um poder não absoluto, já que o homem se desprende de seu direito de agir como bem quisesse para oferecer o poder ao Estado para que este puna e aplique as leis.

O poder dado ao Estado e a limitação do próprio poder faz parte da teoria do contrato social. Segundo essa, o homem se desprende de sua manifestação de julgamento e escolhas e permite que o Estado, a partir da positivação de leis, exerça o poder de justiça mantendo uma ordem social. Dessa forma, o contrato social funciona como um acordo realizado entre os indivíduos de uma sociedade que reconhecem a igualdade entre eles, além da existência de normas e da autoridade local. Na terceira parte de sua obra, **O contrato social**, publicada em 1762, Jean - Jacques Rousseau (1973), apresenta as mais variadas formas de governo e os poderes, já distinguindo o poder legislativo, poder do soberano e os poderes executivo e administrativo que pertencem ao governo. Para ele, o próprio governo está a serviço do poder do soberano, pois este dá ordens ao seu povo “para que o estado permaneça em bom equilíbrio” (ROUSSEAU, 1973, p.108).

Retomando o pensamento, temos que em séculos de lutas e busca por direitos, o indivíduo atingiu preceitos fundamentais de liberdade. Dentre vários, temos a liberdade civil, a de consciência, a de ensino, pensamento, religião, reunião e individuais, além da liberdade de imprensa. O direito do homem ao trabalho e a garantia deste direito, tem sido partes de constantes pautas de discussões da ONU e da OIT. O homem tem sido escravizado e tem seus direitos usurpados pelo próprio homem. Com a eclosão da Revolução Industrial e suas repercussões na vida do trabalhador, a ONU buscou estabelecer um paliativo para a proteção deste. Dessa reflexão surgiu a OIT, em 1919, que nasceu com a necessidade de adequar o trabalhador a melhores condições de vida, diferentes daquelas vivenciadas pela Revolução Industrial e séculos passados.

Findando tais entendimentos acerca do trabalho e da transformação do homem no decorrer da ordem mundial, nos projetamos nos estudos das obras **Terra de Icamiba** e **Relato de um certo Oriente**, cujas narrativas são incorporadas por sujeitos que sofrem a discriminação por motivo de cor, credo, origem étnica, posição sócio - econômica e nos meios de produção. Essa discriminação contribui para a presença de diversas formas de trabalhos, cujas condições miseráveis, muitas vezes, são equiparadas ao trabalho escravizado, conforme percebemos em **Relato de um certo Oriente**. No romance, notamos uma configuração negativa do nativo pelo olhar do estrangeiro que acaba por perpetuar costumes que marginalizam setores pobres, credos e origem do trabalhador. Especificamente, observamos as condições de trabalho do nativo brasileiro na casa de Emilie, matriarca do romance. Não somente a troca de “favores” entre o empregador e o empregado era comum, mas também, o costume de “presentear” estes trabalhadores com alguma caridade, além da normalidade de constantes agressões morais e físicas. A faixa etária também não era respeitada, pois a presença de crianças era comum nos afazeres domésticos. As empregadas também eram proibidas de consumir o mesmo alimento que os donos da casa:

Muito antes de eu viajar (e dizem que antes da morte de Emir) ela já distribuía alimentos aos filhos da lavadeira Anastácia Socorro. Eu procurava ver nesse gesto uma atitude generosa e espontânea da parte de Emilie; talvez existisse alguma espontaneidade, mas quanto à generosidade... devo dizer que as lavadeiras e empregadas da casa não recebiam um tostão para trabalhar, procedimento corriqueiro aqui no norte. Mas a generosidade revela - se ou se esconde no trato com o Outro, na aceitação ou recusa do Outro. Emilie sempre resmungava porque Anastácia comia “como uma anta” e abusava da paciência dela nos fins de semana em que a lavadeira chegava acompanhada por um séquito de afilhados e sobrinhos. Aos mais encorpados, com mais de seis anos, Emilie arranjava uma ocupação qualquer: limpar as janelas, os lustres e espelhos venezianos, dar de comer aos animais, tosquear e escovar o pelo dos carneiros e catar as folhas que cobriam o quintal. Eu presenciava tudo calado, moído de dor na consciência, ao perceber que os fâmulos não comiam a mesma comida da família, e escondiam - se nas edículas ao lado do galinheiro, nas horas da refeição. A humilhação os transtornava até quando levavam a colher de latão à boca. Além disso, meus irmãos abusavam como podiam das empregadas, que às vezes entravam num dia e saíam no outro, marcadas pela violência física e moral. A única que durou foi Anastácia Socorro, porque suportava tudo e fisicamente era pouco atraente. Quantas vezes ela ouvia, resignada, as agressões de uns e de outros, só pelo fato de reclamar, entre murmúrios, que não tinha paciência para preparar o café da manhã cada vez que alguém acordava, já no meio do dia. Vozes ríspidas, injúrias e bofetadas também participavam deste teatro cruel no interior do sobrado (HATOUM, 2008, p. 76 - grifos do autor).

As frutas e guloseimas eram proibidas às empregadas, e, cada vez que na minha presença Emilie flagrava Anastácia engolindo às pressas uma tâmara com caroço, ou mastigando um bombom de goma, eu me interpunha entre ambas e mentia à minha mãe, dizendo - lhe: fui eu que lhe ofereci o que sobrou da caixa de tâmaras que comi; assim, evitava um escândalo, uma punição ou uma advertência (HATOUM, 2008, p. 79).

Hoje, ao pensar naquele turbilhão de palavras que povoavam tardes inteiras, constato que Anastácia, através da voz que evocava vivência e imaginação, procurava um repouso, uma trégua ao árduo trabalho a que se dedicava. Ao contar histórias, sua vida parava para respirar; e aquela voz trazia para dentro do sobrado, para dentro de mim e de Emilie, visões de um mundo misterioso: não exatamente o da floresta, mas o do imaginário de uma mulher que falava para se poupar, que inventava para tentar escapar ao esforço físico, como se a fala permitisse a suspensão momentânea do martírio (HATOUM, 2008, pp. 81 - 82).

A revelação do parentesco, para nossa surpresa, alterou a relação de Emilie com a lavadeira. Anastácia ficou mais íntima dos frequentadores da casa, e logrou a proteção de Emilie; as tardes de ócio multiplicaram - se e as tarefas domésticas passaram a ser mais amenas. A lavadeira começou a viver como uma serviçal que impõe respeito, e não mais como escrava. Mas essa regalia súbita foi efêmera. Meus irmãos, nos frequentes deslizes que adulteravam este novo relacionamento, eram dardejados pelo olhar severo de Emilie; eles nunca suportaram de bom grado que uma índia passasse a comer na mesa da sala, usando os mesmos talheres e pratos, e comprimindo com os lábios o mesmo cristal dos copos e a mesma porcelana das xícaras de café. Uma espécie de asco e repulsa tingia - lhes o rosto [...] Aquela mulher, sentada e muda, com o rosto rastreado de rugas, era capaz de tirar o sabor e o odor dos alimentos e de suprimir a voz e o gesto como se o seu silêncio ou a sua presença que era só silêncio impedisse o outro de viver. Sem que alguém lhe dissesse algo, Anastácia se esquivou dessa intimidade que causava repugnância nos meus irmãos, aflição em Emilie e uma discórdia generalizada na hora das refeições, um dos raros momentos em que a família hasteava a bandeira da paz [...] Passamos a conviver com a lavadeira de uma maneira meio indefinida, amorfa; longe da mesa ela se revelava menos intrusa, menos íntima. Ressurgiram o apetite, as vozes, os elogios às mãos divinas de Emilie, e os comentários do dia foram reavivados (HATOUM, 2008, pp. 86-87).

A representação da mulher nativa, em especial, das índias que trabalhavam no sobrado da família da narradora, em **Relato de um certo Oriente**, é notada com base em um discurso depreciativo que acentua sua marginalização. Muitas delas não suportavam o ambiente de trabalho, de agressões morais e físicas, e, pela leitura do romance, de abusos sexuais, durando, muitas delas, apenas um dia na casa. Algumas delas retornavam posteriormente para pedir auxílio, em vão, aos filhos da matriarca, para crianças nascidas dessas violências. Após receber as notícias das gestações oriundas dos abusos, Emilie, simplesmente negava que havia responsabilidade de seus filhos nesta situação, acobertando sua prole, permitindo uma constante violência no interior de sua casa. O discurso negativo da senhora da casa, sobre a mulher nativa, remete a um pensamento formado sobre as pessoas da região, a partir de um olhar exógeno, mais acentuadamente da mulher nortista, que já carrega culturalmente, um estigma negativo por questões de gênero. Assim, observamos a cultura de proteção e justificativa às agressões masculinas, em detrimento da mulher, vítima, mas culpada pela violência sofrida por elas. A passagem abaixo reitera a observação acima:

Lembro de uma cena que me deixou constrangido e apressou a minha decisão de partir, e assim venerar Emilie de longe. Estava lendo no quarto quando escutei um

alvoroço na escada: gritos, choro, convulsões. Corri para ver o que acontecia, e vi um dos meus irmãos arrastando uma das nossas ex - empregadas com um bebê entre os braços. Emilie surgiu de não sei onde, apartando um do outro, e tentando acalmá-los. Ela acompanhou a mulher até o portão e, ao despedir-se dela, cochichou algo no seu ouvido. A mulher levou a criança à Parisiense e contou coisas a meu pai [...] escutei com temor o corre-corre, o salve-se-quem-puder, e escutei também, pela primeira vez nos seus acessos de fúria, uma frase em português; gritou, entre pontapés e murros na porta, que um filho seu não pode escarrar como um animal dentro do corpo de uma mulher [...] O bate - boca com Emilie foi tempestuoso e breve: que não era a primeira mulher que aparecia na Parisiense com um filho no colo, dizendo - lhe “esta criança é seu neto, filho do seu filho”; que não atravessara oceanos para nutrir os frutos de prazeres fortuitos de seres parasitas; que naquela casa os homens confundiam sexo com instinto e, o que era gravíssimo, haviam esquecido o nome de Deus. — Deus? - contra-atacou Emilie. — Tu achas que as caboclas olham para o céu e pensam em Deus? São umas sirigaitas, umas espevitadas que se esfregam no mato com qualquer um e correm aqui para mendigar leite e uns trocados. O velho interrompeu subitamente a discussão e saiu sisudo, decepcionado antes com Emilie que com meus irmãos. Era inútil censurá-los ou repreendê-los [...] No meu íntimo, creio que deixei a família e a cidade também por não suportar a convivência estúpida com os serviçais. Lembro Dorner dizer que o privilégio aqui no norte não decorre apenas da posse de riquezas. — Aqui reina uma forma estranha de escravidão - opinava Dorner. — A humilhação e a ameaça são o açoite; a comida e a integração ilusória à família do senhor são as correntes e golilhas (HATOUM 2008, pp. 77-78 - grifos do autor).

Em **Terra de Icamiaba**, os personagens expostos na narrativa, nos apresentam outra configuração do trabalhador brasileiro, a exemplo de Julião Cosme - “sem um parente experto, sentindo a moléstia progredir, precipitadamente deixara o judeu à testa do seu negócio” (BASTOS, 1934, p. 55) - e Lucas, “Quando findou o tempo convencional de vencimento, Amar, cnicamente, mandou executar as letras [...] Lucas, avisado, não acreditou. Porque três anos antes salvara Amar da cadeia” (BASTOS, 1934, p. 62) -, amigo e pai de Bepe, respectivamente. Esses atores sofrem com a ignorância acerca das leis brasileiras, que são utilizadas, no decorrer do romance, pelos estrangeiros, para justificar a usurpação das terras produtivas desses personagens: “Mas o seu título provisório já caducou. O sr. não requereu a demarcação no prazo [...] não pode impedir que se cumpra uma determinação protegida pelo Regulamento das Terras” (BASTOS, 1934, pp. 108 - 109). Assim, notamos que esse contexto de exploração contribuiu para que muitos desses estrangeiros, a exemplo dos citados no romance (Amar, Calazar e Lazaril), enriquecessem à custa do sofrimento do trabalhador brasileiro ignorante: “Julião, angustiado, não compreende. No seu intelecto de analfabeto a lição do amigo é arenga d´outro mundo” (BASTOS, 1934, p. 55).

Importante ressaltar que, dentro da narrativa de Bastos, a valoração negativa que marca o trabalho do estrangeiro está intrinsecamente ligada à sua origem, sendo estes constantemente relacionados à um conceito depreciativo: “No bojo destacam - se os ciganos impávidos [...] Pirataria civilizada, com machadinhas de astúcia [...] Percorrendo os povoados,

os regatões são velhos répteis [...] em barcos errantes” (BASTOS, 1934, pp. 40 - 41). Dentro do romance **Terra**, os trabalhadores brasileiros são ligados ao esforço e à honestidade - como observaremos na leitura dos nativos, no capítulo III -, recebendo, dessa forma, um olhar positivo acerca de sua origem, sendo o estrangeiro responsabilizado por qualquer alteração em sua integridade moral: “o caboclo aprendeu a ser fraudulento e armou - se, daí por diante, com as astúcias que o estrangeiro lhe ensinou” (BASTOS, 1934, p. 41). Em **Terra**, Bastos destaca ao leitor, de forma resumida e enfática, as mazelas causadas por cada estrangeiro no romance: “A ganância de Amar mata um Assunção [...] e escorraça o sossego de Mauro. A cobiça de Calazar estraga a honra de Julião [...] A lascívia cínica de um Mussa ferve uma nódoa de agonia no ridículo dos Cosmes” (BASTOS, 1934, p. 88). Dessa forma, notamos que as relações trabalhistas - ora na descrição do empregado, ora na configuração do empregador - dentro da narrativa de Bastos, exaltam o brasileiro honesto, em detrimento do estrangeiro usurpador. O estrangeiro será responsável, em **Terra**, pelos problemas que ocorrem na narrativa, seja através da usurpação de terras, pelo uso da força e dinheiro, seja na corrupção acobertada por políticos brasileiros desonestos.

Seguindo outro caminho, mas não nos distanciando da análise do trabalho em **Terra**, em sua narrativa, Bastos também destaca a origem de muitos personagens, a exemplo de Bepe, oriunda de trabalhadores migrantes nordestinos que partiram ao Norte do país, em busca de enriquecimento e melhores condições de vida para sua família. Muitos deles permaneceram na região amazônica, formando as famílias que vemos no romance de Bastos, a exemplo do pai de Bepe: “Acreditou no preço mais ou menos fixo da borracha e jogou no pano verde das searas o dinheiro do seu suor, que era, também, o dinheiro do seu sangue, porque era o pão do próprio filho” (BASTOS, 1934, p. 61).

CAPÍTULO II

I

Descobrimento (1927)

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De sopetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.
Não vê que me lembrei que lá no Norte, meu Deus!
muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos
olhos
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.
Esse homem é brasileiro que nem eu...
(ANDRADE, 1987, n.p.).

NARRANDO A AMAZÔNIA: A BORRACHA, O TRABALHO E O HOMEM

E daí em diante nunca a Amazônia conseguiu sair de sua economia de colheita de produtos de floresta, dessa enganosa sedução da riqueza do verde. Riqueza que fez a miséria do Amazonas, como o verde da cana a do Nordeste, e como o amarelo do ouro das minas, a do país inteiro (CASTRO, 1984, p. 55).

1. Formação amazônica: o imaginário e a invenção da Amazônia

São muitos os que percorrem a Amazônia, tanto literal como metaforicamente. Em diferentes épocas, sob perspectivas diversas e em distintas linguagens, percorrem a floresta e o rio, a realidade e o mito, em busca do desconhecido, do inextricável. Em suas narrações, científicas, filosóficas e literárias, empenham - se em classificar o que é, o que teria sido e o que poderá ser essa região, uma espécie de reserva ecológica de todo o mundo, uma invenção poética de todo o mundo (LOUREIRO, 2015, p. 21).

A Amazônia é uma região cujo traço mais geral é o de ter sido construída por um pensamento externo a ela (PIZARRO, 2012, p. 31).

Em sua obra **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**, publicada em 2009, Ana Pizarro realiza uma compilação de materiais e vozes que compõe o imaginário da região Norte. Relatos de viajantes e crônicas sobre a região amazônica, que formam o discurso do homem europeu, entre os séculos XV e XVIII fazem parte da pesquisa, assim como as vozes dos *soldados da borracha* e demais residentes no Norte que ora denunciavam as injustiças sofridas, ora expunham a terra nortista com suas belezas e exotismo naturais. Nessas mais variadas linhas, também observamos os choques de cultura, credo e formação social, apresentando ao leitor, dessa forma, um processo complexo de compleição social amazônico cuja construção é híbrida e múltipla.

À medida que folheamos a narrativa de Ana Pizarro, notamos a presença de vários atores na Amazônia - inclusive árabes, sujeitos das tessituras de nossa pesquisa -, cujas vozes diversas nos fazem inferir que, ainda que haja uma divisão cultural na América Latina é na região amazônica que iremos ver confluir essas diferentes vozes, uma vez que a Amazônia não é um organismo homogêneo, mas uma região heterogênea cuja multiplicidade sociocultural é evidente.

É nesse processo que iremos entender - ou tentar entender - o mosaico de uma região complexa, cujo imaginário foi e é construído por uma olhar exógeno, além daquele composto

pelo desconhecimento do nativo criado no Brasil. Ao se deparar com as mais variadas narrativas sobre as descrições da natureza e da sociedade nortista, junto a elementos de encantamento e temor perante a selva, Ana Pizarro buscou unificar essas múltiplas vozes de sujeitos distintos para formar uma composição discursiva sobre a representação da Amazônia. Acerca dessa representação e construção identitária, destaca Gilson Penalva (2012):

Desde os primeiros contatos dos europeus (portugueses, espanhóis, holandeses, ingleses e franceses) com a Amazônia, a partir do século XVI, vemos a construção de discursos sobre a identidade cultural da “nova” terra, a partir de parâmetros homogêneos do colonizador. Estes discursos, construídos na interação do novo ocupante com o meio deram origem a textos que produziram preconceitos que sustentam pontos de vista excludentes, responsáveis pela produção de processos de hierarquia cultural na região, ao longo dos séculos. Convém ressaltar que a Amazônia enquanto espaço físico e cultural tinha elementos que atuaram como dispositivos simbólicos nos colonizadores, produzindo conexões semióticas, o que foi arregimentando todo um universo mítico. Sendo assim, podemos dizer que a ocupação europeia na Amazônia se deu sobretudo no imaginário local (PENALVA, 2012, p. 24 - grifos do autor).

Em seu texto **Em busca de outra história: imaginando o imaginário** (1995), Sandra Pesavento afirma que o “imaginário é sistema produtor de ideias e imagens” (PESAVENTO, 1995, p. 24). Dessa forma, o *imaginário* é uma manifestação através de imagens que buscam definir a realidade, ainda que não consiga reproduzir fielmente esta; é um sistema que tenta se inserir dentro do que é considerado real, mas que não se confunde com a realidade. “O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelho onde o ‘verdadeiro’ e o aparente se mesclam” (PESAVENTO, 1995, p. 24 - grifos da autora).

O imaginário da Amazônia foi construído através de um discurso dicotômico entre *paraíso/inferno* ou ainda *civilização/barbárie*, sendo sua compleição social configurada a partir de povos considerados *pitorescos, exóticos*. Esse processo de formação social permitiu que houvesse uma estereotipação da população local anterior e posterior à “descoberta”⁸. Desse entendimento, compreendemos que, sendo o *imaginário* uma tentativa de reprodução da realidade ou um “espelho onde o verdadeiro e o aparente se mesclam”, como observa Pesavento, as imagens, sons, cores e sujeitos descritos pelo colonizador e demais pesquisadores estrangeiros irão buscar uma descrição *quase real* daquilo de que participaram. Ademais, essa descrição estará sempre ajustada a partir da lente do observador, do estrangeiro.

⁸ A “descoberta” ou “descobrimento” do Brasil são termos utilizados nesta tese exclusivamente para inserir o leitor no momento histórico brasileiro que ocorreu em 1500. Entendemos que, em nossa terra, já havia povos e sociedades complexas com crenças e estruturas sociais e econômicas.

As descrições narrativas e pinturas dos autóctones eram idealizadas ao gosto de seus autores e apresentavam, muitas vezes, verdadeiros homens monstruosos, deformados: “Essas histórias maravilhosas falam de povos *estranhos, grotescos, monstruosos*. A natureza não menos fantástica era povoada por animais não menos estranhos” (GONDIM, 1994, p. 11 - grifos da autora). Desenhistas, cronistas e pintores retratavam a natureza que convinha à sua idealização. Esses desenhos, narrativas e pinturas eram aceitos como representantes do real. Assim, muitos deles contribuíram para a composição do imaginário amazônico pelo olhar do europeu.

O processo de apropriação da Amazônia, a partir de sua ocupação forçada, é o motor propulsor para a construção do seu imaginário, de um mundo fantástico, de um Mundo Novo, inabitável. De *Eldorado brasileiro a inferno verde*, de terra inóspita a fonte de enriquecimento, de mundo místico a uma região naturalmente rica, a Amazônia brasileira, detentora de uma vasta biodiversidade e imensuráveis recursos naturais tem, desde a “descoberta” do Brasil, sido campo de uma ofensiva exploração, seja de sua fauna e flora, seja de sua terra, em detrimento de povos que aqui viviam. Paralelamente à exploração de suas terras e biodiversidade, essa extensa região geográfica também tem sido fonte de várias pesquisas sobre sua diversidade linguística e étnica que corroboram sua pluralidade cultural, híbrida, multifacetada.

Em sua obra **A invenção da Amazônia**, publicada em 1994 - com uma segunda edição em 2007 -, Neide Gondim nota que a vinda de vários pesquisadores à região Norte do país - geógrafos, botânicos, zoólogos, antropólogos - contribuiu para a formação desse imaginário: “As experiências científicas, a proliferação de academias de Ciências, a mania pelas coleções de insetos, as viagens científicas ou de aventura a países distantes - Orientes ou Américas - dão o tom e o sabor nesse século [XVIII]” (GONDIM, 1994, p. 11 - grifos da autora). Esse imaginário, foi complementado pela busca europeia de novos caminhos às Índias e o já existente imaginário oriental: “De todos os lugares visitados pelos antigos e medievais, houve um que os impressionou mais vivamente: a Índia *misteriosa*, para onde confluíam a síntese dos climas, dos acidentes geográficos, da flora, da fauna e da religião” (GONDIM, 1994, p. 16). Em seus relatos de viagens, esse olhar europeu, envolto em uma aura de misticismo e fantasia, corroborou para a criação de mitos, lendas e o temor de adentrar a floresta.

Entretanto, paralelo a essa formação mística havia também a imagem de um lugar que poderia e deveria ser desbravado, fonte de várias riquezas e possível enriquecimento. Comparado ao Jardim Divino e às suas terras férteis e belezas exóticas, a Amazônia também

seria comparada ao *Eldorado*. De acordo com Márcio Souza, em sua obra **História da Amazônia** (2009), o imaginário formado em torno do Eldorado configurava esse espaço fantasioso e exuberante em um país localizado na região noroeste amazônica e que dele “se dizia ser tão rico e cheio de tesouros que, segundo a lenda, o chefe da tribo recebia em todo o corpo uma camada de ouro em pó e a seguir se banhava num lago vulcânico” (SOUZA, 2009, p.69).

Esse imaginário, formado por esses discursos, despertou em vários aventureiros o imperativo de se deslocarem à floresta amazônica, o que permitiu um maior processo de expansão do território e a “descoberta” de novas espécies da fauna e flora. As dificuldades enfrentadas pelos colonizadores e aventureiros colaboraram para a formação de um imaginário sobre a Amazônia, acolhendo a criação de uma imagem idealizada dessa região: “Além disso, o invisível não pode ser transcrito e sim inventado” (HATOUM, 2008, p. 113). Por muitos anos, lendas sobre animais perigosos, contos sobre monstros aterrorizantes, bruxas malignas, mulheres guerreiras e caminhos inóspitos e terrenos que não permitiam nenhum acesso - pela terra e pelo rio - têm fornecido a esses homens, o mote ideal para a construção discursiva - oral e escrita - que foi continuamente (re) atualizada a seus conterrâneos e descendentes. “Na foz do Amazonas, as bodas da Terra e do Oceano confundem nossos pontos de referência e tornam o terreno quase impenetrável” (GRUZINSKI, 2001, p. 29).

Convém destacar nesse contexto, que o processo de conhecimento da Amazônia, especificamente à vinda ao Brasil, ocorreu à medida que os grandes reinos europeus - Portugal e Espanha - se empenhavam em desbravar o além - mar. A necessidade do conhecimento, a busca por respostas às novas indagações iluministas e a sede de conquista por novos territórios fez com que o homem europeu investisse em viagens por mar. Desde o início das grandes navegações, as terras além - mar eram vistas como continentes a serem descobertos sob olhares europeus. Ainda que as navegações tivessem dado início em 1404, foi a partir dos séculos XVI ao XVI que o europeu passou a navegar de forma expressiva, sempre levando consigo a necessidade da “salvação de pagãos” e da conquista de terras para sua respectiva Coroa.

Ao “descobrir” o Brasil em 1500, Cabral aportou no litoral baiano e ali fincou o novo nome da terra inabitada: Ilha de Vera Cruz, posteriormente Terra Nova (1501), Terra dos Papagaios (1501), Terra de Vera Cruz (1503), Terra de Santa Cruz (1503), Terra Santa Cruz do Brasil (1505), Terra do Brasil (1505) e, finalmente, Brasil (1527). O nome Brasil adveio de uma resina de cor vermelha - cor de brasa - que era extraída de uma árvore chamada popularmente de *pau - brasil*. Observa - se que os nomes dados ao nosso país anteriormente

não derivam de nenhuma civilização que aqui residia antes da chegada dos europeus, pois, para o homem branco, aqui existiam povos e sociedades “inferiores” - ainda que a história tenha, com o passar dos anos, sido revisitada e reatualizada.

À respeito das sociedades existentes no Brasil, o homem europeu acreditava que essas comunidades precisavam ser *salvas* e que à elas fosse oferecida uma educação europeia, além de imporem a reverência a um único monarca e a um único Deus. O modo de vida dos índios, em especial os que viviam na região amazônica, foi uma das justificativas utilizadas para a dificuldade em *desenvolver* a Amazônia, uma vez que os “selvagens”⁹ e “preguiçosos” não cooperavam com tal empreitada.

Em sua obra, **Contos amazônicos** (2004), publicada em 1893, o escritor Inglês de Sousa, oriundo do estado do Pará, descreve sua percepção das comunidades que residiam à beira do rio. Para ele, as expressões nas feições dos tapuios ribeirinhos - mestiços - denotavam tristeza e melancolia por estarem longe do que era considerado, aos olhos do introdutor do naturalismo, o lugar privilegiado, agitado e com ausência de solidão: a cidade civilizada. Em **Relato de um certo Oriente**, observamos, também, a configuração do nativo, mas pelo olhar do estrangeiro. No quarto capítulo desse romance, o personagem Hakim relata à sua irmã um encontro com Dorner, estrangeiro que acaba expondo sua opinião do nativo. Semelhante ao seu discurso, encontramos Abgvar Bastos, em **Terra**, que delineia a “gente de sua raça”. Complementando os discursos acima, notamos Gondim (2007) que analisa a literatura produzida na década de 40, sobre a Amazônia e o homem:

É naturalmente melancólica a gente da beira do rio. Face a face toda a vida com a natureza grandiosa e solene, mas monótona e triste do Amazonas, isolada e distante da agitação social, concentra - se a alma num apático recolhimento, que se traduz externamente pela tristeza do semblante e pela gravidade do gesto... os seus pensamentos não se manifestam em palavras por lhes faltar, a esses pobres tapuios, a expressão comunicativa, atrofiada pelo silêncio forçado da solidão (SOUSA, 2004, p.6).

Numa das cartas que me enviou de Colônia escreveu algumas páginas intituladas “O olhar e o tempo no Amazonas”. Afirmava que o gesto lento e o olhar perdido e descentrado das pessoas buscam o silêncio, e são formas de resistir ao tempo, ou melhor, de ser fora do tempo. Ele procurava contestar um senso comum bastante difundido aqui no Norte: o de que as pessoas são alheias a tudo, e que já nascem lerdas e tristes e passivas; seus argumentos apoiavam - se na sua vivência intensa na região, na “peregrinação cósmica de Humboldt”, e também na leitura de filósofos que tateiam o que ele nomeava “o delicado território do álder” (HATOUM, 2008, p. 74 - grifos do autor).

⁹ Convém destacar que muitos termos utilizados nesta tese, como *selvagem*, *preguiçoso*, *pitoresco*, *pagãos* e demais adjetivações fazem parte do vocábulo europeu e são citados em nossa pesquisa unicamente para mostrar de que forma eram vistos esses povos pelo olhar exógeno.

Tininbú morrera. Mano guardara o muiraquitã, mas a Miranha, tempo depois, o abandonara. Mano sofreu, porém como sofria a gente de sua raça: calado (BASTOS, 1934, p. 171).

A floresta é responsabilizada pela transformação do homem; os caboclos e os índios são preguiçosos, indolentes e tidos como crianças grandes e ingênuas ou intrusos, desajustadores da harmonia natural. É em cima desses temas que se desenvolveu a grande maioria dos romances sobre a Amazônia (GONDIM, 2007, p. 287).

O modo de vida pacato, nômade, com economia de subsistência e “despreocupação” com demais meios considerados importantes aos olhos do europeu - conquista de terras, política e hierarquização sob o domínio de um rei - foram elementos que contribuíram para criar esse processo de *área de difícil acesso* e *domínio* sobre as comunidades indígenas e suas terras. Não é à toa que os jesuítas que vieram ao Brasil se utilizaram dessas “tabulas rasas” para repassar todo o conhecimento cristão e “salvar” aquelas “almas pagãs”, além de promoverem o intermédio linguístico entre aqueles povos, como observa Penalva, em sua tese sobre a Amazônia (2012):

Geralmente os povos que já habitavam a Amazônia foram definidos e nomeados por esses colonizadores como rudes, toscos e esquisitos, aparentemente necessitando, que alguém falasse por eles ou em defesa deles, mas nunca diretamente com eles, o que resultou na representação dos mesmos como sujeitos sem enunciação e sem nenhuma noção de civilidade [...] Consequentemente, a literatura produzida a partir desses contatos, como as crônicas e relatos de viagem, assim como outras narrativas, tanto de escritores de outras regiões do Brasil que vieram a serviço para Amazônia [...] marca bem a relação com a alteridade e dá conta do olhar preconceituoso que produziu discursos e representações eivadas do olhar do colonizador, o sujeito que passou a ser autorizado a falar em nome daqueles (PENALVA, 2012, p. 25).

Vale ressaltar que a teoria do determinismo geográfico se alimenta dessa justificativa: o índio é visto como preguiçoso, covarde, não apto ao trabalho pesado, pois tem como meio transformador o ambiente que em nasceu e se desenvolveu; é um “nômade, sem vontade própria, sem sociedade, o nativo não é anão, é um híbrido, algo intermediário entre o réptil e o vegetal que o camufla, apesar de ter sido produzido por obra divina” (GONDIM, 2007, p.91). Continuando em sua observação sobre o determinismo geográfico - climático, Neide Gondim destaca a configuração negativa do nativo, causada, segundo pesquisadores, pela sua confluência com o ambiente que vive:

La Condamine encerra [os nativos da Amazônia] na infância de um mundo mental apático e de ideias limitadas, sem a luminosidade da reflexão, mergulhados nas trevas do embotamento, pusilanimidade e falta de perspectiva. A água era o seu elemento natural e, juntamente com o ar, engrossava a pele daqueles quase *animais anfíbios*, que vão ser os preguiçosos e aparentemente bondosos e também anfíbios de Bates. Os estúpidos e indolentes povos do *mais baixo grau de civilização* de Martius, *ramo atrofiado, no tronco da humanidade*, cuja apatia e falta de curiosidade inibe - os de contatar com a civilização [...] Buffon atribui a robustez menor do nativo do Amazonas e da Guiana, em relação ao europeu, a *causas locais e particulares*, que vêm a ser os seis meses de verão e a forte e contínua transpiração

dele decorrente. A lividez da pele, a lassidão no falar são motivados pelo calor que afrouxa as fibras (GONDIM, 1994, p. 135 - grifos da autora).

O pensamento comum europeu, pautado na supremacia intelectual do colonizador perante comunidades indígenas, sofreu uma significativa mudança na década de 50: as teorias de Claude Lévi - Strauss. Para ele, a dicotomia entre *civilização/selvageria* que justificava o domínio do homem branco sobre sociedades consideradas *bárbaras* não possuía mais sustentação. Entre os anos de 1935 e 1939, Lévi - Strauss participou *in loco* das comunidades indígenas e vivenciou os costumes dos índios, seu processo de acolhimento do homem branco e as mais variadas línguas e estruturas sociais, oferecendo - nos “um estudo sem precedentes de um Brasil que é distante e invisível até mesmo para os próprios brasileiros” (BECATTINI, 2018, p. 02). Integrante da missão francesa no Brasil, Lévi - Strauss lecionou na Universidade de São Paulo e organizou uma expedição até a tribo dos nambiquaras, no estado do Mato Grosso. Esse contato com a tribo e outras ao longo dos anos que esteve no Brasil despertou no antropólogo sua vocação aos estudos etnológicos. Em 1955, Lévi - Strauss publica uma de suas maiores obras: **Tristes trópicos**.

Considerada uma das mais importantes obras introdutórias à Antropologia, além de referência dos estudos dos índios brasileiros, **Tristes trópicos** é exaltada por todos os pesquisadores que estudam a formação social, etnologia e antropologia sociais. A pesquisa de Lévi - Strauss, ora é considerada uma narrativa de viagens, ora um texto filosófico, dada sua pluralidade de interpretações e variados campos estudados. Acerca da formação e estrutura da sociedade, Lévi-Strauss observa que:

O conjunto dos costumes de um povo é sempre marcado por um estilo; eles formam sistemas. Estou convencido de que esses sistemas não existem em número ilimitado, e que as sociedades humanas, assim como os indivíduos - em seus jogos, seus sonhos ou seus delírios -, jamais criam de modo absoluto, mas se limitam a escolher certas combinações num repertório ideal que seria possível reconstituir. Fazendo o inventário de todos os costumes observados, de todos os imaginados nos mitos, destes também evocados nos jogos das crianças e dos adultos, nos sonhos dos indivíduos saudáveis ou doentes e nos comportamentos psicopatológicos, chegaríamos a elaborar uma espécie de quadro periódico como o dos elementos químicos, no qual todos os costumes reais ou simplesmente possíveis apareceriam reunidos em famílias, e no qual só nos restaria identificar aqueles que as sociedades de fato adotaram (LÉVI - STRAUSS, 1996, p. 167).

Em seu artigo intitulado “Tristes Trópicos: viagem a um Brasil esquecido” (2018), Natalia Becattini observa que, a partir do título da obra, pode ser estabelecido um entendimento sobre a situação das sociedades indígenas no período em que Lévi - Strauss esteve no Brasil e conviveu com essas comunidades. De acordo com ela,

A tristeza dos trópicos, indicada no título do livro, parece ser a constatação da vulnerabilidade das sociedades que um dia foram seu objeto de estudo. Com uma população que chegava aos milhares há poucos séculos, os grupos indígenas estavam reduzidos a apenas algumas dezenas de indivíduos no momento da visita do autor, desolados pela fome, doenças levadas pelos brancos e pela destruição de seu modo de vida, cada vez mais ameaçados pela modernidade e pelos interesses econômicos disfarçados de progresso que não tardariam a chegar (BECATTINI, 2018, p. 01).

A construção histórico - social da Amazônia de outrora era comumente forjada através do discurso, do olhar do homem europeu, detentor da força física e bruta que trouxe ao Brasil em seu processo colonizatório. À medida que desbravava o litoral em direção à fronteira brasileira, o colonizador europeu descobriu novas terras, novos animais, novas fontes naturais e as tomou para si como único dono daquela porção, deixando vestígios de destruição em massa na vegetação e na variada etnia indígena que ali vivia há muitos séculos antes da chegada do homem branco. Ademais, a “Amazônia foi inventada para estar ligada ao mercado internacional, foi esta a principal diretriz do processo de colonização” (SOUSA, 1944, p. 166).

Ao desbravarem o imenso Brasil, os colonizadores perceberam que aquela porção de terra possuía mais léguas do que imaginavam. Diante disso, muitos grupos saíram em busca de reconhecimento da real expansão e recente conquista portuguesa. Ademais, o conhecimento do território era importante para que a Coroa efetivasse sua proteção contra a Espanha e demais aventureiros que aportavam na recente “descoberta”: o Novo Mundo. O processo de formação social da Amazônia, ligado a um vasto território, tem como base as mais divergentes e complexas composições étnicas e culturais. Desde o início da colonização e, posteriormente da Independência (1822) e República (1889), o território nortista é marcado por mudanças sociais e políticas e infrutíferas tentativas de explicações sobre a representação da Amazônia. Esse *Novo Mundo* é um espaço de difícil descrição, dada sua dimensão natural, exótica, diversa, plural: “A Amazônia traz a marca da pluralidade e heterogeneidade de suas formas culturais, que foram se constituindo [...] a partir do contato entre vários povos e etnias, como indígenas e africanos de etnias e culturas diversas e europeus de vários países” (PENALVA, 2012, p. 45).

O olhar do estrangeiro - e, de certa maneira, do autóctone -, é instituído a partir de uma repetição de estereótipos que formam (pré) conceitos sobre a região Norte. O deslumbramento e temor do homem europeu que buscou *interpretar* a Amazônia tomando - a para si e descrevendo - a tal qual sua exaltação foi (re) atualizado sendo transformados em um discurso histórico. Esse discurso, junto aos conceitos previamente concebidos, foi absorvido e

construído a partir do imaginário europeu sendo transferido ao Novo Mundo. Esses apontamentos fazem parte não somente de cronistas e seus relatos fantasiosos, mas também dos discursos ficcionais nos primeiros textos literários. É através da narrativa escrita que os discursos construídos sob a lente do dominador irão perpetuar e se popularizar. O cenário amazônico será mote no ambiente literário brasileiro¹⁰, em especial na literatura realista e naturalista brasileiras: a “Amazônia é ocupada, primeiramente, pela imaginação fantasiosa do conquistador e, posteriormente, pelo imaginário moderno dos naturalistas” (PIZARRO, 2012, p. 38).

O imaginário que envolve a Amazônia foi criado com base na construção de um discurso que representa o *outro* de forma estereotipada. As comunidades autóctones e os seringueiros formam essa parcela estereotipada, cujo *locus* encontra-se inserido na marginalidade. Complementando esses grupos, temos as populações híbridas que formam a estrutura social da região Norte do país. O espaço amazônico é descrito através de relatos que reafirmam a região categorizada de homogênea, única, com elementos que contrastam com a realidade local, o que ocorre porque na Amazônia a “história ainda não conseguiu fixar marcas simbolicamente eficazes, os cenários são descritos como de geografias selvagens, natureza bruta, populações errantes e dispersas” (HARDMAN, 2001, p. 297), logo, esses sujeitos históricos ainda sofrem com o (pré) conceito configurado a partir de um único olhar: o externo.

O Tratado de Tordesilhas, assinado em 07 de junho de 1494, entre a Coroa Portuguesa e a Coroa de Castela, versava sobre a divisão de terras já descobertas e futuros descobrimentos. Nesse acordo, o espaço correspondente ao Amazonas pertencia ao reino espanhol, o que contribuiu para sua “descoberta” pelo reino espanhol. No ano de 1541, a expedição do conquistador Francisco de Orellana descobriu o rio Amazonas, durante sua busca pelo Eldorado. Ao descer os Andes peruanos, o explorador se deparou com a foz do rio, em 1542. Em seu retorno à Europa, o conquistador narrou um possível encontro com mulheres guerreiras, muito parecidas com as Amazonas da mitologia greco-romana. Esse

¹⁰ A terra amazônica sempre foi motivo de exaltação por escritores brasileiros e estrangeiros, a exemplo de grandes romancistas e poetas brasileiros, como Henrique João Wilkens, que publica **A Muhuraída** (1785), apontado como o primeiro poema sobre a Amazônia, e **Simá**, de Lourenço da Silva Araújo Amazonas, considerado o primeiro romance indianista amazônico (1857); Inglês de Souza, que publicou as obras **O Cacauleta**, **História de um pescador** (1876), **O Coronel Sangrado** (1877), **O Missionário** (1888) e **Contos amazônicos** (1893), publicados sob o pseudônimo de Luís Dolzani; **A selva** (1930), do português Ferreira de Castro, além de outros renomados, como nossos romancistas pesquisados nesta tese.

episódio reforça a construção do espaço amazônico, por um olhar exógeno, externo, que ressignifica elementos já pertencentes a um meio, que será alterado pelo *outro*.

A representação da Amazônia foi construída com um conhecimento escasso e restrito ao Ocidente que criou seu imaginário da terra amazônica semelhante à idealização exótica do Oriente. Dessa forma, a partir da “descoberta”, a nova região torna - se estereotipada, desconfigurada. Além das dificuldades geográficas que impediam uma maior entrada, a região Norte ainda será representada através de lendas e mitos. Essa confluência de problemas de colonização nesse espaço fará com que a Amazônia passe por longas décadas por um processo de esquecimento em contraste ao desenvolvimento do resto do país. Esse atraso e esse imaginário direcionados à região Norte podem ser comparados com o processo de hostilidade do Ocidente com o Oriente.

A invenção da Amazônia, configurada pelo olhar do Ocidente, marca a representação do considerado *outro*¹¹ que o crítico Edward Said elucida em sua obra **O Orientalismo** (1978). A relação de poder existente entre ambos - Oriente e Ocidente - irá admitir a composição de uma narrativa de que o *outro*, o *bárbaro* não pertençam à cultura do dominador, uma vez que o discurso do colonizador já marca de forma negativa e estereotipada aquela comunidade, não permitindo, dessa forma, a inserção daquele povo na cultura da Europa. A Amazônia ou o *outro* é estereotipada a partir da percepção que o europeu tem e sua híbrida formação será objeto deformado que não se iguala aos costumes do colonizador superior e central. Em sua análise sobre o Oriente e sua relação com o Ocidente, Edward Said anota que:

(O Oriente) era um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas, de experiências notáveis [...] A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder de dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia [...] O conhecimento do Oriente, posto que gerado da força, em um certo sentido, cria o Oriente, o oriental e seu mundo. O Orientalismo é um conhecimento que se baseia na distinção entre Leste e Oeste [...] Como aparato cultural, o orientalismo é todo agressão, atividade, julgamento, vontade de verdade e conhecimento (SAID, 1990, p. 13;17;50;211).

Desse pensamento, compreendemos que o Oriente, de Edward Said, tem uma configuração aproximada do imaginário que a Amazônia tem para o estrangeiro colonizador, tendo esses contornos acerca desta região, sido criados a partir de um conceito organizado com base em heranças centenárias de um discurso sobre o Oriente Médio, que já é enclausurador, permitindo, assim, a difusão de um discurso preconceituoso de uma região

¹¹ Para este termo, utilizaremos o mesmo na forma itálica para identificar aquele que pertence a um lugar que não o seu.

homogênea. Ademais, em nosso atual século ainda há casos de brasileiros que desconhecem o Norte do país possuindo a memória de seus antepassados de um discurso que promove a Amazônia como um lugar remoto, foco de doenças tropicais letais, animais desconhecidos e uma terra impossível de ser habitada. Seu imaginário, construído desde a “descoberta” oficial do Brasil - ainda que saibamos que muitos viajantes estiveram *in loco* antes da chegada de Cabral - tem sido alvo de uma mistura de credos e cores, de uma reatualização em sua memória e de uma ressignificação dos seus elementos culturais.

Efeito cascata recorrente no Norte do país e, em especial de comunidades estereotipadas, é a absorção negativa do pensamento direcionado ao homem amazônida, que é, por sua vez, marginalizado. Nesse sentido, o amazônida e demais populações locais acabam por efetivar o discurso do *dominador* que preza por propagar o imaginário sob sua ótica formando, dessa forma, a compleição social da Amazônia. Essa formação social é construída por uma configuração identitária de um olhar externo. Para Pizarro, “esta região do imaginário é a história dos discursos que a foram erigindo, em diferentes momentos históricos, dos quais recebemos apenas uma versão parcial, a do dominador” (PIZARRO, 2012, p. 33).

Diante dessas breves observações compreendemos que o imaginário construído ao redor da Amazônia permite que a representação desta se dê a partir de um juízo de um espaço complexo, plural, móvel e de múltiplas vozes. Desse contexto, abraçamos a anotação de Penalva (2012) acerca do conceito de *amazonidade* e *amazônico*. Para o pesquisador,

A amazonidade tem sido reivindicada, como conceito, em contraposição ao termo amazônico, que se constitui a partir de essencialismos consensuais que eliminam as diferenças. A ideia de cultura amazônica tem sido construída a partir de processos que elegem e hipervalorizam alguns elementos e excluem outros. Os elementos “eleitos” como constituidores da identidade cultural amazônica, geralmente são aqueles apontados pelo olhar do colonizador. Observa - se na literatura produzida na e sobre a Amazônia, a exemplo dos relatos de viagens e outros discursos, que este espaço aparece normalmente associado à barbárie e selvageria, muitas vezes adjetivado como não - civilizado [...] É a partir do atravessamento das fronteiras que a amazonidade se constitui na resistência e na abertura para a diferença. Esse conceito vem sendo construído numa perspectiva histórico - cultural e política, uma vez que apresenta uma abertura para a alteridade, e se dá numa relação espaço - temporal. Sendo assim pode - se afirmar que o conceito de amazonidade possui um propósito de resistência cultural, tendo em vista que surge do desejo autóctone de releitura dos parâmetros culturais impostos pelo colonizador (PENALVA, 2012, p. 43;45 - grifos do autor).

Assim, observamos que o espaço amazônico, configurado com base em narrativas do olhar exógeno, é apresentado como uma região composta de “elementos eleitos como constituidores da identidade cultural amazônica”. Esses elementos, por sua vez, são

reutilizados nas narrativas e acabam se tornando parte do discurso do próprio homem e do ambiente, ou seja, o olhar sobre a Amazônia é um olhar de um espaço caracterizado como atrasado, selvagem e letal; conceitos esses, que caracterizam o *termo amazônico*, assim como a *amazonidade*, termo que nos apresenta a busca por uma representação de toda a diversidade cultural e biológica, de sujeitos polifônicos e de um ambiente heterogêneo que *transgride* as fronteiras geográficas do espaço amazônico.

Essas características podem ser encontradas nas tessituras apresentadas no decorrer desta pesquisa, como **Terra de Icamiaba** e **Relato de um certo Oriente** que se apresentam como cartografias plurais, narrativas híbridas e que proporcionam a exposição do meio natural a partir de uma miscigenação. Em **Relato de um certo Oriente**, Milton Hatoum não evidenciou como objetivo de sua escrita a recomposição da “identidade árabe ou amazônica, mas pretendeu antes decompô - las, desconstruí - las (PENALVA, 2012, p. 105). Dessa feita, o leitor pode observar a busca por mostrar as origens e as tradições do povo árabe que se entrelaçam com as culturas que lhe são apresentadas no decorrer da narrativa, sem perderem suas marcas identitárias.

Assim, a comunhão desses múltiplos elementos faz dessas duas obras sujeitos de diálogos entre as várias culturas, credos, cores, *imbricação* e delineiam a leitura de forma não - linear, mas transversal, modo único de (re) conhecer a Amazônia, seu espaço, seu pluralismo, sua polifonia, seu mosaico étnico.

2. O Ciclo da borracha e a migração nordestina

O Nordeste durante as secas e a Amazônia durante as inundações constituem desgraçadamente modelos incontrastáveis no catálogo das grandes tragédias coletivas (MOOG, 1936 apud CASTRO, 1984, p. 60).

Produzido em 1944, o quadro **Retirantes**, do paulista Candido Portinari, faz parte do conjunto de quadros da série **Retirantes**, que é composto de quatro pinturas. Inserida no modernismo brasileiro, essa obra retrata o flagelo, a morte e a barbárie emocional que ocorre com todos aqueles que se retiram - ou são forçados a se retirarem - de seu espaço e se movem a outro desconhecido. A grande seca de 1915 e a infância do pintor serviram de pano de fundo para a produção de sua obra.

Figura 1. **Retirantes**.



Fonte: PORTINARI, 1944. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/retirantes>. Acesso em: 27 de abr. 2018.

Na tela, pintada à óleo, Portinari apresenta nove personagens esboçados em sua forma cadavérica, com cinco crianças, duas mulheres e dois homens que representam o sagrado - família, - e o profano - a morte iminente. A situação precária das pessoas é exposta nesse cenário de sofrimento, cujo ciclo da vida também é observado, uma vez que se inicia na criança pequena e se encerra na figura cadavérica do idoso. As expressões de sofrimento transmitem a miséria que norteava a vida desses personagens, os quais representavam pessoas reais, que se deslocaram a um outro lugar em busca de melhores condições de vida ou apenas de sua sobrevivência. Esqueletos de animais, a vegetação da Caatinga, a secura do sertão e o sofrimento retratado nos olhos dos personagens são elementos encontrados em muitos romances que também retrataram a vida miserável do nordestino.

A narrativa **Os sertões** (1998), de Euclides da Cunha, publicada em 1908 é dividida em três partes: a Terra, o Homem e a Luta. Essa obra, tem como tema, a realidade histórica à época, ressaltando, para nossa pesquisa, a menção aos flagelos da seca nordestina e à migração de homens, mulheres e crianças. Seguindo, o romance **A bagaceira** (1997), do paraibano José Américo de Almeida, publicado em 1928 - que também retrata a seca, mais precisamente o êxodo ocorrido em 1898 -, expõe a miséria e toda a questão social inerente ao ambiente que o autor buscou denunciar. No romance, os retirantes que surgem em meio ao ambiente dos engenhos - das bagaceiras - foram representados de forma realista. Publicada em 1930, **O quinze** (2013), romance da cearense Rachel de Queiroz, também tem como pano de fundo a seca de 1915, que serviu de inspiração a Portinari. Nessa obra, o homem é pintado em sua miséria e busca por melhores condições de vida. Também pertencente à escola modernista, **Vidas secas** (2013), do alagoano Graciliano Ramos, foi publicada em 1938, seis anos antes da pintura de Portinari. Os treze capítulos dessa obra narram a caminhada de uma família de retirantes que foge da seca e da fome que assolava o nordestino à época.

Essas obras representam, nas artes - pintura e literatura -, o olhar crítico de seus autores sobre os problemas que estavam acontecendo no Brasil. As grandes secas que assolaram o Nordeste brasileiro contribuíram para o deslocamento de vários homens, mulheres e crianças ao Norte do país, ao Eldorado brasileiro que buscava novas famílias para seu desenvolvimento e posse de verdes terras e frutos infundáveis. A presença do nordestino na Amazônia pode ser observada na crise da produção do látex nas terras nortistas e também como seu deslocamento se fez de suma importância ao restabelecimento econômico da produção gumífera. Para Josué de Castro (1984), a ausência de políticas públicas contribuiu que não houvesse e nem haja uma boa distribuição de riquezas e concentração de favoráveis

variáveis no Nordeste brasileiro. O Nordeste é rico em produtos, mas não tem participação governamental forte que distribua de forma igualitária sua riqueza:

O Nordeste não está condenado irremediavelmente à pobreza e o seu povo à fome, por qualquer forma de determinismo inexorável, mas, porque no jogo das variáveis econômicas, a política colonial que se afrouxou mais no Sul ainda se mantém bem arroxada na região nordestina, simples produtora de matérias - primas e produtos de base. Chego às vezes a pensar que o que mais tem faltado ultimamente ao Nordeste é um pouco mais de força política - liderança - para reivindicar em termos dialéticos, e não de súplica, os seus direitos humanos (CASTRO, 1984, p. 254).

No norte amazônico, os processos migratórios ocorreram de forma expressiva modificando as estruturas sociais e econômicas desta região. De acordo com Flávio Pimentel (2012), as migrações de diversas partes do território brasileiro contribuíram para essa formação socioeconômica da região amazônica, em especial o deslocamento nordestino. Para Pimentel (2012), a presença do nordestino influenciou a estrutura da região: “O nordestino é o mais significativo grupo de migrantes que se dispuseram a vir para região amazônica” (PIMENTEL, 2012, p. 58).

Desde a chegada dos portugueses e a oficialização do Brasil como terras coloniais pertencentes à Coroa, o Brasil produziu - em pequena ou grande escala - uma grande variante de produtos que eram cultivados ou deixados de lado para que outros ganhassem maior notoriedade. À título de exemplo, citamos a produção do ouro branco - açúcar -, do ouro amarelo e, posteriormente, do café, não nos esquivando de mencionar a produção de algodão, no Nordeste e leite, no eixo Rio - São Paulo. No decorrer do processo colonizatório, o Brasil sofreu intensas modificações geográficas, derivadas, em sua grande maioria, do contexto econômico e social que possibilitou às regiões se desenvolverem de forma célere ou tornarem - se grandes centros. Desse contexto econômico, podemos destacar a produção e exploração do látex, na região amazônica, que teve sua fase de ascensão e declínio, comumente chamada de Ciclo da borracha. O Ciclo da borracha é um dos mais importantes e conhecidos momentos histórico - econômico - social do Brasil. Esse momento histórico é dividido em duas fases: a primeira, de 1879 a 1912; e a segunda fase, de 1942 a 1945, quando houve seu declínio. Nessa fase, a região Norte teve grande desenvolvimento cultural, expansão territorial e transformação de pequenas cidades em grandes centros culturais: “E foi com o espírito econômico [...] que o empreendimento do plantio da borracha surgiu como uma via para o desenvolvimento da região. O mundo se interessava pela borracha (MARQUÊA, 2007, p. 104).

Com a borracha, o Norte do país ganhou maior visibilidade e passou a expandir-se, garantindo grandes transformações culturais e sociais, resultando no crescimento de grandes

capitais como Manaus e Belém: “O Amazonas teria de esperar a descoberta da seringa para sonhar com a entrada no mercado internacional e quando esse tempo chegou, Manaus, sua capital, chegou a ter o prestígio da cidade do Rio de Janeiro” (MAQUÊA, 2007, p. 102).

Em relação às mudanças urbanísticas ocorridas no auge da supremacia da borracha e, como consequência com a transformação da região amazônica no maior polo de extração e distribuição do látex, as cidades dessa região tiveram uma mudança significativa em sua arquitetura e desenvolvimento, passando a se adequar à nova era moderna. A capital Belém (Pará) foi uma das que mais se desenvolveu com o processo da extração do látex. Nela, um grande projeto arquitetônico foi realizado e teve como inspiração as cidades europeias - modelos de modernidade e progresso. Seguindo o desenvolvimento, Manaus, capital do Amazonas, também se destacou durante o progresso, marcando, inclusive, a *Belle Époque amazônica*.

Pertencente ao quadro de regiões brasileiras, a região Norte é composta por sete estados: o Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. Sua formação social não se diferencia muito do resto do país: seus primeiros habitantes pertenciam aos povos indígenas que, com a chegada do homem europeu e dos demais exploradores nessa região, sofreram com a dizimação ou total extinção de suas comunidades. Na história das terras nortistas, não somente o homem branco europeu foi responsabilizado como genocida, mas também a população miscigenada que ali passou a existir. Segundo Eduardo Carneiro (2017), o Acre - um dos territórios de destaque na obra de Abgvar Bastos -, teve em seu processo de formação social o genocídio de vários povos indígenas cometido por migrantes nordestinos: “A genealogia do Acre começa quando a história de inúmeros povos nativos termina. O contato entre nativos e nordestinos não foi harmônico” (CARNEIRO, 2017, p. 11 - grifos do autor).

Com a necessidade de um maior contingente de pessoas para a extração do látex, os nordestinos que migraram para o norte do país passaram a viver em terras antes indígenas e precisaram se estabelecer nelas para a própria sobrevivência, não poupando esforços para tanto. Complementando Carneiro, Otávio Ianni, em sua obra, **A luta pela terra** (1981), também destaca esse processo de ocupação, a partir da derrocada da borracha no norte do país:

Depois, com a crise e decadência do monoextrativismo da borracha, houve modificações na estrutura fundiária subjacente a essa economia. Houve seringueiros, seringalistas e comerciantes que se converteram a outros extrativismos ou à pecuária e agricultura, para viver e manter a família e agregados. Reduziu - se o segmento mercantil e cresceu o segmento de

subsistência das unidades agrícolas, pecuárias e extrativistas que se constituíram após a crise e a decadência da borracha. Daí a formação de sítios, fazendas e latifúndios; ou puro e simples abandono de lugares, com a reconversão das terras de cauchais e seringais em terras devolutas (IANNI, 1981, p.86)

Para Ianni, as terras antes pertencentes aos nativos foram tomadas pelos que se fizeram presentes na busca da extração do látex. Após o auge da borracha, as terras amazônicas passaram a servir para demais produções, a exemplo do cultivo da castanha, produto que servirá de pano de fundo de outro romance abguardiano, **Safra** (1937). Em **Terra de Icamiba** observamos a menção à novos empreendimentos após o declínio da borracha: “Empregou homens. Comprou materiais. Iniciou derrubadas. Alimentou incêndios. Destocou. Abriu planuras e valas” (BASTOS, 1934, p. 61).

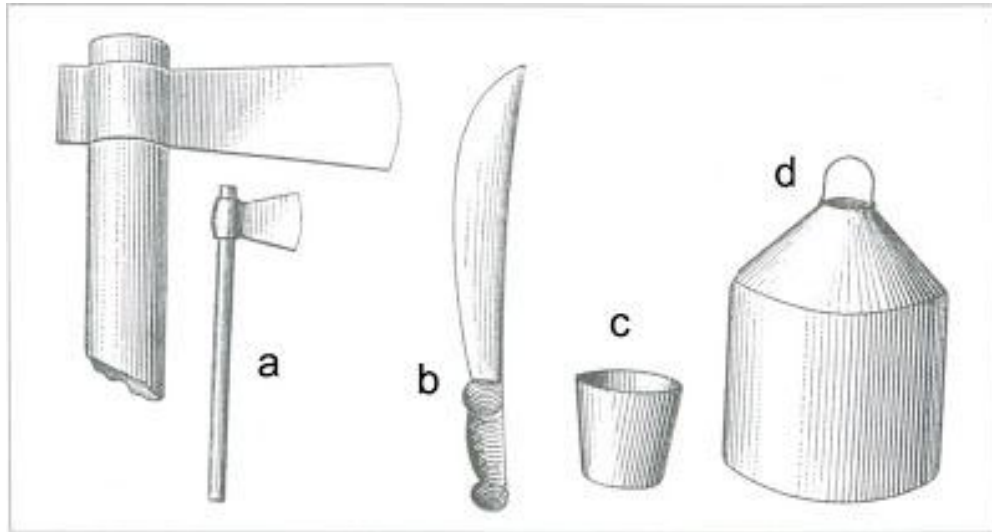
O dia de trabalho dos seringueiros iniciava bem cedo, pois este horário era o melhor para a coleta da matéria - prima da borracha. Para conseguirem a incisão no tronco da árvore, entravam mata adentro e coletavam o líquido em uma pequena tigela. Quando terminavam de recolher a seiva passavam o material a uma cabana para ser coagulado, colocando bastões neste líquido para que secasse sobre o calor de uma fogueira e, dessa forma, permitir a formação de bolas de borracha. Todo esse processo de retirada e coagulação foi ensinado pelos nativos da região. Para uma melhor visualização do processo de extração do látex, sua transformação em “bolas” de borracha e demais procedimentos na economia gumífera, apresentamos algumas imagens que proporcionam a identificação das fases e facilitam vislumbrar esse contexto histórico–econômico, na região norte.

Figura 2. Barracão de um aviador a beira do rio no Pará.



Fonte: CHAVES, 2014. Disponível em: <https://frankchaves-ita.blogspot.com/2014/09/a-economia-da-borracha-no-para.html>. Acesso em 06 de nov. 2018.

Figura 3. Ferramentas do seringueiro – a) facão ou machadinha, b) terçado, c) tigelinha, d) balde.



Fonte: CHAVES, 2014. Disponível em: <https://frankchaves-ita.blogspot.com/2014/09/a-economia-da-borracha-no-para.html>. Acesso em 06 de nov. 2018.

Figura 4: A árvore seringueira ou *Hevea brasiliensis*



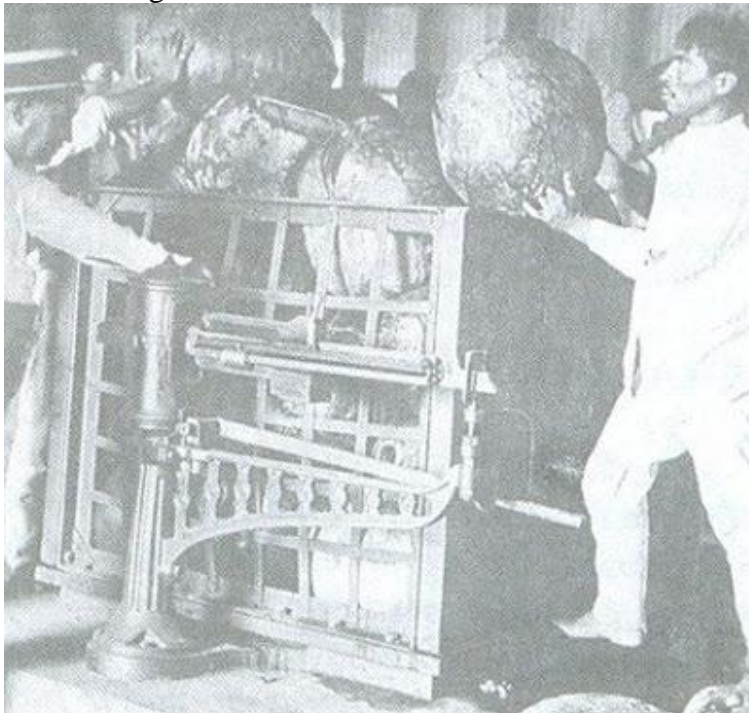
Fonte: CHAVES, 2014. Disponível em: <https://frankchaves-ita.blogspot.com/2014/09/a-economia-da-borracha-no-para.html>. Acesso em 06 de nov. 2018.

Figura 5. Seringueiro da Amazônia extrai o látex da *Hevea brasiliensis*, a mais explorada das 10 espécies de seringueira.



Fonte: CHAVES, 2014. Disponível em: <https://frankchaves-ita.blogspot.com/2014/09/a-economia-da-borracha-no-para.html>. Acesso em 06 de nov. 2018.

Figura 6. Seringueiro no barracão com bolas de borracha.



Fonte: CHAVES, 2014. Disponível em: <https://frankchaves-ita.blogspot.com/2014/09/a-economia-da-borracha-no-para.html> – Acesso em 06 de novembro de 2018.

Em um primeiro momento, o látex, produto extraído das seringueiras, era matéria utilizada na fabricação das borrachas de apagar, em galochas e em seringas. No século XIX, em 1839, o cientista Charles Goodyear descobriu o processo de vulcanização, aperfeiçoando a resistência e a elasticidade da borracha. Esse processo permitiu uma maior utilização da borracha, sendo utilizada, posteriormente, em mangueiras, sapatos e até correias. A região amazônica, diante desse progresso, se tornou uma das maiores produtoras de látex, o que a transformou no polo de maior extração e exportação de látex do mundo, reflexo da necessidade da matéria - prima para a produção de pneus. Entretanto, embora tenha se mantido desde 1879 como grande produtora de látex, a região entra em declínio, no início do século XX, quando a Ásia passa, também, a explorar a matéria - prima da borracha, depois que houve o *furto*¹² de sementes da seringueira, no Norte, para serem plantadas neste continente. Em **Terra de Icamiba**, notamos a menção a esse momento histórico que marcou a economia gumífera: “E lembra aquele sujeito do Pará que vendia para o Ceilão sementes fervidas de seringueira. Inglês convencido plantava a semente e exasperava - se porque a semente não brotava” (BASTOS, 1934, p. 41).

A queda de seu preço e de valor de mercado trouxe grande prejuízo aos produtores, uma vez que muitos necessitaram realizar a venda do produto por um valor muito abaixo daquele comumente repassado, inclusive, daquele investido na larga produção. Ocorre que a concorrência com o estrangeiro e a ausência de apoio governamental contribuíram para a perda de *status* do produto. Entre 1910 e 1920, muitos seringueiros foram à falência; o próprio governo teve baixa em seus cofres públicos, já que se estocava a borracha para que esta tivesse seu preço elevado. Convém destacar que a omissão do governo em relação à borracha prejudicou e contribuiu para sua perda plena, tornando - se o café, então, o grande produto de destaque nesse tempo. Não houve programas de recuperação ou de ajuda aos seringueiros para sua proteção, nem sequer tentativa de reerguer a produção. Em determinado momento, o governo aceitou um pedido de proibição de protecionismo paraense em prol dos industriais estadunidenses para que o Pará não cobrasse taxas maiores aos estrangeiros.

Em 1941, período da Segunda Grande Guerra, os países Aliados passaram a necessitar de um maior consumo das principais matérias - primas, a exemplo da borracha. Com o ingresso do Japão na guerra houve o bloqueio da produção em solo asiático, provocando a

¹² O inglês Henry Wichkam, que viveu em Santarém, no Pará, durante o Ciclo da borracha, contrabandeou uma carga, em 1876, com 70 mil sementes de seringueira, envoltas em cestos trançados, sob folhas vegetais. Os cestos foram levados ao diretor do Jardim Botânico de Kew, em Londres. Das 70 mil sementes, apenas 2 mil germinaram. As mudas levadas ao sudoeste asiático produziram após mais de 30 anos a nova fonte de látex da Ásia. Esse feito contribuiu para o declínio da borracha e fez de Henry Wichkam o pioneiro em biopirataria no mundo.

quase indisponibilidade do produto aos demais países, fazendo com que os olhos estrangeiros mirassem a produção amazônica: “Em nível internacional, a partir de 1942, novamente houve uma demanda por borracha [...] A goma elástica era uma indispensável matéria - prima para a indústria bélica” (CARNEIRO, 2017, p. 33).

A Amazônia era um grande depósito natural de látex e possuía, à época, mais de 100 milhões de seringueiras prontas para o uso, que produziam o equivalente a 500 mil toneladas de borracha ao ano. Desse quadro, o governo americano viu a necessidade da expansão da produção e, junto às autoridades brasileiras, assinou o Acordo de Washington, em 1942: “Retoma - se então o negócio de trinta anos antes. Getúlio Vargas e Franklin Delano Roosevelt [...] assinam um acordo em 1942, o chamado Acordo de Washington, pela volta da produção em larga escala de borracha no Brasil, mais precisamente na Amazônia” (WANZELER, 2009, p. 49). No ano de 1942, o Estado brasileiro, com o Acordo de Washington, permitiu uma extensa operação de extração de látex nos seringais nortistas possibilitando o retorno da grande produção. Consoante tal arranjo, o Estado americano financiaria de forma intensa a produção da borracha enquanto o Brasil se encarregaria de coordenar a imensa massa de trabalhadores na região Norte do país. “Recomeça, então, o processo de recrutamento de mão - de - obra para a produção, e, mais uma vez, uma enorme leva de nordestinos migra para a região amazônica com o intuito de trabalhar nos seringais” (WANZELER, 2009, p. 49). Desse contexto, o Brasil se viu obrigado a acelerar a ida de trabalhadores para a região para que houvesse um significativo aumento da extração do látex e da produção da borracha. Para tanto, o governo brasileiro, juntamente com o americano criaram diversos órgãos para a coordenação da extensa produção. Convém destacar que à época havia apenas 35 mil trabalhadores e a produção se dava até 10 mil toneladas no ano da Segunda Guerra sendo necessários mais de 100 mil trabalhadores para que a produção pretendida fosse consumada.

De fato, o Brasil, além de estabelecer relações na Grande Guerra, auxiliou o grande contingente de brasileiros que sofriam com um dos mais graves problemas sociais da nação: a seca nordestina. Em 1941- 42, estima - se que mais de 20 mil brasileiros, em sua grande maioria, nordestinos, passavam fome e que o deslocamento à região Norte seria uma opção à miséria que estavam vivendo. Fome e falta de perspectiva somaram - se aos flagelados da seca que viam na ida ao extremo do país uma nova oportunidade de vida. Interessante ressaltar o esforço brasileiro em divulgar o Eldorado amazônico, o lugar verde e úmido que se oporia ao amarelo e seco do sertão nordestino. Vários cartazes foram distribuídos tentando convencer os trabalhadores a sua ida gratuita ao Amazonas e seu enriquecimento com a

borracha. “Como o Nordeste sofria de uma grande seca, não foi difícil convencer os cearenses a migrarem para o “inferno verde”. Mentia - se dizendo que eles ficariam ricos com a extração da borracha e rapidamente voltariam para as suas respectivas cidades natais (CARNEIRO, 2017, p. 15 - grifos do autor). A famosa frase *Borracha para a vitória* convenceu muitos trabalhadores e se tornou emblema da migração.

Figura 7: Trabalhadores se alistando como *Soldados da borracha*



Fonte: GUIGUER, 2018. Disponível em: <http://almanaquemilitar.com/site/1942/03/01/1-de-marco-de-1942-brasil-na-ii-guerra-mundial-os-soldados-da-borracha/>. Acesso em: 06 de nov. 2018.

O aliciamento de nordestinos para que lutassem ao lado dos Aliados, que se alistassem e participassem desse “ato de coragem” fez parte da mobilização chefiada pelo Brasil. Professores, profissionais da saúde, sacerdotes, entre outras profissões, esses homens também foram coagidos a se empreitar para a selva. À parcela nordestina que não era ludibriada com as promessas do Eldorado amazônico, o Estado dava apenas duas opções: ou os homens alistados serviriam trabalhando como seringueiros - soldados da borracha - ou seriam convocados a lutarem na Europa, contra alemães. Aqueles soldados, enviados ao extremos do país, receberam tratamento de combatentes e, dos mais de 50 mil *soldados da borracha*, apenas metade conseguiu sobreviver à selva.

Figura 8: Ida de nordestino ao Norte do país



GUIGUER, 2018. Disponível em: <http://almanaquemilitar.com/site/1942/03/01/1-de-marco-de-1942-brasil-na-ii-guerra-mundial-os-soldados-da-borracha/> – Acesso em: 06 de nov.2018.

Com o passar dos anos, para o Governo americano, a migração e a exploração da borracha apresentavam progresso, além de enviarem várias embarcações, suprimentos e caminhões de mercadorias, não esquecendo da grande quantia em dinheiro para o investimento. Diante de toda essa quantia, o Governo brasileiro buscou gastar em propaganda, ao invés de melhorar as condições de trabalho do nordestino. Toneladas desperdiçadas de café, algodão, animais enviados ao Norte que *desapareciam* no meio do caminho eram situações que ocorriam e nunca eram justificadas pelo Estado brasileiro.

A primeira leva de nordestinos - ou *soldados da borracha* - chegou à Amazônia de forma pouco organizada e apenas metade dos mais de 10 mil homens estavam aptos ao trabalho nas seringueiras. Esse grupo foi considerado como a primeira parcela dos soldados da borracha e nada mais eram que retirantes que fugiam da fome e miséria de uma seca que não se encerrava no Nordeste. Infelizmente, o grupo inicial não supria a necessidade de pessoal para que houvesse uma extensa produção da borracha. Para tanto, houve um forte

investimento americano- junto a uma atuante coordenação americano - brasileira - possibilitando uma maior e mais significativa transferência de trabalhadores aos locais.

Ocorre que todo o percurso entre o Nordeste e Sudeste brasileiros até o Norte era de pior acesso e eram nulas as embarcações. Medo de submarinos alemães, aviões de guerra e assaltos generalizados era muito do que ocorria no caminho até a borracha. O itinerário do nordestino até chegar aos seringais se dava da seguinte forma: o trabalhador recebia um combo de utensílios pessoais: uma caneca, um talher, um prato, uma rede, uma calça, uma blusa de morim, um par de sandálias, um chapéu e um salário de meio dólar por dia. Após receber essas mercadorias aguardava a promessa da ida à Amazônia. Homens, mulheres e crianças se abarrotavam em locais pequenos e partiam ao Maranhão para posteriormente serem enviados aos grandes centros como Belém, Manaus, Rio Branco e demais cidades; lá, aguardavam a recepção de seus patrões para exercerem a cidadania durante a Guerra.

Quando os migrantes chegavam ao Maranhão, por exemplo, permaneciam por semanas até que fossem direcionados aos seringais. Ao chegarem nesse local, os migrantes já passavam por privações e péssimas condições de vida em alojamentos sem higiene e precária alimentação - já que a quantidade de comida à disposição dos trabalhadores não era bem preparada, pois não havia higiene e zelo com águas contaminadas. A febre amarela, a malária e a icterícia foram alguns dos surtos que os trabalhadores acabaram sofrendo dentro dos alojamentos. Manaus e Belém, capitais desenvolvidas, além de outros portos, também comprometiam a vida do trabalhador. Diferente do que expunha o Governo em sua propaganda sobre o Eldorado Brasileiro, não havia médicos e a saúde do migrante piorava com sua permanência nos portos. Muitos migrantes passaram a abandonar os alojamentos para evitar as más condições, sobreviver longe dos surtos ou simplesmente tentar o retorno à terra natal.

Não somente dentro dos alojamentos que os *soldados da borracha* começaram a buscar melhores condições de vida. Durante algumas viagens muitas revoltas ocorreram nas *gaiolas*, barcos que levavam os migrantes. As notícias das péssimas condições de vida nos seringais e a possibilidade de nunca mais retornarem à sua terra alarmaram vários trabalhadores oriundos do Nordeste. No momento de sua chegada aos seringais, após mais de meses nas embarcações, os trabalhadores já chegavam recebendo tratamento indigno: os recém - chegados eram chamados de *brabos*, uma vez que não conheciam o sistema, teriam um rendimento baixo naquele ano e ainda desconheciam o tratamento dado ao corte da seringa. No segundo ano, já adaptado ao meio, o trabalhador era chamado de *manso*. Desse contexto, percebemos que havia uma *animalização* ou *coisificação* do homem migrante.

Os que chegavam aos seringais já estavam devendo aos patrões pelas mercadorias recebidas em viagem e pelas ferramentas para a extração do látex. Nos seringais havia o chamado *sistema de aviamento* que consistia em anotar em um caderninho tudo que o trabalhador consumia e que deveria ser quitado com seu patrão, em seu suposto retorno à terra natal. “O aviamento enquanto prática de adiantamento de mercadorias a crédito com pagamento em produtos já fazia parte da cultura amazônica desde o período colonial” (CARNEIRO, 2017, p. 30). Ferramentas, roupas, armas, munições, remédios, tudo era cobrado e anotado como dívida pelo patrão. As mercadorias eram cinco ou seis vezes mais caras que seu valor real e a produção do trabalhador nunca conseguia suprir essa dívida por completo fazendo com que o seringueiro permanecesse de forma contínua nos seringais até sua morte, sem poder sair ou retomar à sua família. “É quando tudo isto não basta para reter o empregado endividado, existe o recurso da força. Embora à margem da lei, ninguém contesta ao proprietário o direito de empregá - la” (PRADO Jr, 1969, p. 244). Conforme entendimento jurídico brasileiro atual, a condição de trabalho desses seringueiros é considerada análoga à escravidão¹³.

Essa condição, de dependência econômica e cerceamento do deslocamento do trabalhador, persistiu até o segundo Ciclo da borracha, apesar de novos contratos de trabalho assinados entre o trabalhador e os financiadores norte - americanos. Esses contratos buscavam proteger os trabalhadores e melhorar o ambiente de trabalho. Novos regimes de trabalho e mercadorias fornecidas diretamente ao trabalhador pelos empresários foram algumas das tentativas frustradas de implantação para a melhoria de vida do seringueiro. Entretanto, não havia proteção ao trabalhador, tampouco melhoria nas condições de trabalho ou redução das jornadas exaustivas. Na prática, o seringueiro só poderia deixar o seringal após a quitação das dívidas com seu patrão. Essa cláusula afrontava os direitos trabalhistas atuais, incorrendo, dessa forma, os empregadores, no crime de redução às condições análogas à escravidão. Todavia, não havia fiscalização ou lei que impedisse o abuso cometido pelo patrão. As

¹³ De acordo com o Código Penal brasileiro, em seu atual artigo 149, a partir da redação dada pela Lei nº 10.803, de 11 de dezembro de 2003, é definido como crime a redução à condição análoga à de escravo:

Art. 149. Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando - o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto

Pena - reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência.

§ 1º Nas mesmas penas incorre quem:

I – cerceia o uso de qualquer meio de transporte por parte do trabalhador, com o fim de retê-lo no local de trabalho

II – mantém vigilância ostensiva no local de trabalho ou se apodera de documentos ou objetos pessoais do trabalhador, com o fim de retê-lo no local de trabalho.

colocações de seringa ou regiões de extração do látex faziam com que os migrantes se tornassem verdadeiros homens livres escravizados.

Entre os anos de 1942 e 1945, fim da Segunda Guerra Mundial, estima-se que mais de 60 mil pessoas se deslocaram aos seringais. Desse número, a metade veio à óbito pelas péssimas condições de vida, transporte, alojamento e pela precária comida servida durante o itinerário. Apesar do número de trabalhadores que se deslocou, a produção da borracha não alcançou o esperado, fazendo com que o governo americano descentralizasse suas atribuições aos órgãos brasileiros; e, com o fim da guerra, os norte-americanos cancelaram os acordos realizados com o Brasil. Ocorre que, com a vitória dos Aliados, o caminho do sudeste asiático estava liberado para o mercado internacional, tornando a Amazônia desnecessária ao consumo e compra mundiais. Ademais, após a Segunda Grande Guerra, a borracha ganhou uma forma mais sintética, produzida em menos tempo, minucando a exploração dos seringais, o que levou ao fim a supremacia da extração do látex na região amazônica.

O descaso do Governo brasileiro com essa gente foi tão grande que apenas com a Constituição de 1988, os *soldados* adquiriram o direito a uma pensão vitalícia de dois salários - mínimos. O pagamento da pensão adquirida foi regularizada pela lei n.º 7.986 de 1989 que regulamenta a concessão do benefício previsto no artigo 54 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias - ADCT. Tal direito veio com a Emenda Constitucional de número 78, do ano de 2014, após 25 anos, que indica o recebimento da pensão mensal, regulamentada pela lei acima, mais a indenização de R\$ 25 mil reais, em parcela única, conforme observado no Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Com o fim da Guerra, os *soldados da borracha* foram esquecidos pelo Governo brasileiro. As informações demoravam tanto a chegar àquelas regiões que muitos não souberam do fim da Guerra, tomando conhecimento anos depois. Diante disso, uma grande maioria tentou retorno à sua terra, da mesma forma que chegou: sem dinheiro, com a saúde debilitada e sem perspectiva de vida. Alguns buscaram criar raízes na região e formaram família, além de tentarem tirar algum lucro da extração. A batalha que muitos foram lutar, não teve retorno financeiro em suas vidas. Uma batalha sem tanques, sem munição e sem generais, mas que conseguiu dizimar grande parcela da gente que foi em busca de sonhos.

Complementando esse contexto, a partir de um panorama geral do que foi a extração de látex no Norte do país, a migração nordestina e a presença do governo no desenvolvimento - ou não - das cidades, Marquêa tece observações acerca do contexto histórico à época de **Relato de um certo Oriente**, destacando o espaço amazônico após o auge da economia gumífera:

No início dos anos 60 Manaus era ao mesmo tempo uma cidade provinciana e cosmopolita. A *Belle Époque* cabocla não tinha mudado muito, na fisionomia da cidade era possível ver os sobrados de estilo neoclássico dos anos prósperos da borracha e ao mesmo tempo a arquitetura popular das palafitas [...] Encerrada a guerra, reorganizadas as economias de vencedores e derrotados na Europa e Ásia, cessaram as atividades nos velhos e ineficientes seringais da Amazônia. Mas ali ficou um Estado - e mesmo uma região que não é apenas território brasileiro -, mestiço e híbrido na forma e no conteúdo (MARQUÊA, 2007, pp. 105-106 - grifos da autora).

A região Norte do país tem em sua formação social a luta travada entre homens contra situações precárias, doenças e solidão por todos aqueles que partiram em busca de melhores condições de vida. A fome, a miséria, o medo da guerra contribuíram para que o Norte brasileiro fosse formado por gente de todo o Brasil. Não somente brasileiros, mas imigrantes também fizeram parte da compleição social da gente amazônica, como observamos nas análises da literatura amazônica, em especial, as obras recortadas para nossa pesquisa, **Terra de Icamiaba** e **Relato de um certo Oriente**.

Para tal entendimento, voltamo - nos ao estudo do imigrante no Brasil, em especial aquele que se destacou em terras nortistas e que foi representado, entre outros, nos romances analisados neste trabalho, elucidando que, para um posterior momento, na análise da narrativa **Relato de um certo Oriente**, daremos um olhar mais denso à presença árabe no Norte.

3. O imigrante na Amazônia

Simbolicamente, o imigrante é o homem cosmopolita por excelência, sem laços, ao qual o regime de direitos humanos deveria se aplicar. Ele indica o paradoxo do homem ideal do cosmopolitismo, aquele que tem direitos pela sua humanidade e não por seus laços políticos e sociais. Mas pode haver humanidade sem laços políticos e sociais? Sem eles, o que é um ser humano além de um “corpo biológico e técnico”? (VELASCO, 2014, p. 32 - grifos da autora).

No Marajó o arдил dos vaqueiros defende as manadas contra os botes das sucunijús. A sucunijú do Alto Amazonas é o imigrante (BASTOS, 1934, p. 91).

Publicado em 2014, o livro **Imigração na União europeia**, de Suzana Velasco traz, como escopo, a temática da imigração. Tema recorrente nos estudos das Relações Internacionais, a imigração tem ganhado os noticiários em todo o mundo dado o grande êxodo de vários estrangeiros a países vizinhos ou a outros continentes, como temos observado recentemente o caso de venezuelanos, no Brasil, sírios, na Europa, e mexicanos e hondurenhos, nos Estados Unidos. Em seu texto, Velasco destaca a fala de Abdelmalek Sayad (2004 apud VELASCO, 2014) que conceitua a imigração como um “sistema social, que se mantém por uma relação de dominação - ainda que simbólica - entre o país de imigração e o país de emigração” (SAYAD, 2004, pp. 162-163 apud VELASCO, 2014, p. 26). Para ela,

Sem essa hierarquização político - social, não existe um imigrante de fato, apenas de direito [...] A emigração é importante na medida em que nela está a origem de um deslocamento não apenas territorial, mas também político, que o fato econômico é primordial: um cidadão se torna emigrante porque busca fora condições de sobrevivência que não encontra dentro de seu Estado de origem. O imigrante é de fato um imigrante quando é despido - e se despe - da atribuição de cidadão - com voz política - e passa a ser apenas uma força de trabalho, razão do seu deslocamento. E é somente como força de trabalho que a sociedade de imigração aceita sua permanência supostamente temporária. Não se trata, entretanto, de qualquer trabalho. Não se trata, entretanto, de qualquer tipo de trabalho. O emigrante - imigrante é um trabalhador não - qualificado que, para sobreviver, não tem outra saída a não ser se submeter a condição de dominação nas relações de trabalho - esteja ele irregular ou não no país (SAYAD, 2004, pp. 162-176) [...] Por carregar a marca desse não pertencimento, o imigrante é tolerado desde que sirva, com seu trabalho, à sociedade que o recebeu. Numa situação extrema, o trabalhador especializado (alienado) é símbolo do *animal laborans* de que fala Arendt (2000, p. 31): um ser que, sem atribuições sociopolíticas, trabalha totalmente isolado do resto do mundo, concentrado em sua função produtiva específica (VELASCO, 2014, pp. 26-27).

Em sua fala, Suzana Velasco conceitua a condição dos *imigrantes* e *emigrantes* como aqueles trabalhadores que exercem sua função social e que estão localizados na camada baixa

da sociedade, ou seja, possuem uma posição na hierarquia da sociedade que convivem. Apoiando o pensamento de Velasco, acerca do imigrante e sua relação com a força de trabalho, Claudete Basaglia, também assinala a definição do imigrante. Em sua Dissertação, **Nuvem de mascates**, defendida em 2002, Basaglia - que também tem como referência de seus estudos, o sociólogo Abdelmalek Sayad -, tece a seguinte observação:

Abordar a questão do trabalho é aproximar - se da definição do modelo ideal do imigrante e da imigração: “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho”. É o trabalho que dá existência aos imigrantes e decreta sua não - existência se terminar. Não se trata, no entanto, de qualquer trabalho, disponível em qualquer lugar, trata - se do trabalho disponível para imigrantes (BASAGLIA, 2002, p. 103).

A entrada de imigrantes no Brasil com o objetivo específico de procura por melhores condições de vida através do trabalho, a partir da fuga de uma nação natal miserável corrobora o pensamento de Velasco que tem, como complementação, o apontamento de Basaglia (2002). Ademais, não somente os imigrantes que ingressam (ram) em nosso país, mas, também, os migrantes que se deslocam de sua terra e passam a pertencer ao lugar que fixam raízes, absorvendo as marcas daquele lugar, a exemplo dos nordestinos que rumaram em busca de melhores condições, ao Norte do país:

[...] nestas circunstâncias a emigração só tem início no momento em que as pessoas descobrem que não conseguirão sobreviver com os recursos tradicionais das comunidades de origem. Há ainda aqueles que são motivados, de um lado, pelas contradições com as quais convivem e, de outro, por chamados ou acordos que são verdadeiras luzes no final de um túnel que se abre para novas esperanças. Assim motivados, chegam ou partem os migrantes (BASAGLIA, 2002, p.16).

Continuando em sua pesquisa e complementando as observações *supra*, Carneiro (2017, p. 65) afirma que a formação da sociedade nortista, em especial a acreana, “está ligada a migrações de nordestinos para a região [...] e em proporções bem menores, à emigração de europeus e asiáticos (turcos, sírios, libaneses) que viveram na Amazônia como imigrantes”. Em sua obra sobre a região acreana, **História do Acre** (2017), Carneiro diferencia termos comumente tidos como sinônimos. Para ele, o termo *migração* “se refere ao deslocamento de uma região para outra dentro do próprio país. Imigração é a entrada de estrangeiros em um dado país. Emigração é a saída do país de origem para outro” (CARNEIRO, 2017, p. 65). Não obstante, a formação do Brasil foi construída a partir da presença de vários sujeitos, fossem eles nativos ou estrangeiros, migrantes ou imigrantes.

A formação social da Amazônia não deve ser única e exclusivamente creditada à gente nordestina. Desde o final do século XIX, o Brasil tem recebido uma leva de imigrantes das

mais variadas regiões do mundo. Muitos fixaram residências em grandes centros no Sudeste brasileiro, enquanto outros se direcionaram ao norte do país, em busca do Eldorado brasileiro. Conforme Maria Ferreira Emmi, em seu trabalho intitulado **A Amazônia como destino das migrações internacionais do final do século XIX ao início do século XX: o caso dos portugueses** (2010):

Informações estatísticas sobre o movimento imigratório no porto de Belém, no início do século XX, registrados no Anuário Estatístico do Brasil de 1912, produzem um retrato aproximado da imigração internacional na Amazônia. Segundo essa fonte, entre 1908 e 1910, entraram no porto de Belém cerca de 13.500 estrangeiros de várias nacionalidades [...] O crescimento econômico da Amazônia, decorrente da elevação dos preços da borracha nesse período pode ter constituído fator motivador dessa expressiva imigração. Esses imigrantes vincularam - se a diversas atividades dando, portanto, importante contribuição tanto no domínio econômico, quanto no técnico, profissional e cultural [...] A participação de judeus espanhóis e árabes foi principalmente nas atividades de escritório e contabilidade comercial [...] Observa - se, entretanto, que mesmo após o colapso da borracha, imigrantes continuaram chegando. É o que se pode deduzir do número significativo da população não nacional que residia na Amazônia por ocasião do censo de 1920, quando a economia da borracha amazônica já estava decadente em consequência do avanço da produção asiática que se tornara crescente desde 1913 (EMMI, 2010, p. 02).

Conforme observado na leitura anterior, a extração do látex e a sua comercialização elevou a região Norte a um *status de sonho brasileiro* - o famoso *Eldorado* -, e suscitou em vários brasileiros, em especial nordestinos, vontade de partir a esta região em busca de seu crescimento pessoal e profissional. A ida de migrantes e imigrantes - nordestinos ou estrangeiros - permitiu uma grande transformação nessa região e o desenvolvimento dos centros regionais. O Ciclo da borracha auxiliou no enriquecimento e/ou na miséria de muitos trabalhadores locais, nativos, estrangeiros. Ademais, estabeleceu um enorme crescimento urbano e um desenvolvimento econômico na região.

As movências¹⁴, o exílio¹⁵, o deslocamento¹⁶ de massas e o sonho de sobreviver ou enriquecer fazem parte da formação socioeconômica da Amazônia. O Norte do país e suas fronteiras foram delineados pelo exaustivo trabalho e pela miséria de muitos migrantes e imigrantes. **Terra de Icamiba** e **Relato de um certo Oriente** são leituras produzidas por autores que descobriram na escrita a possibilidade de representar seu meio: gente brasileira que trava lutas com a fome e com a dor, e a gente estrangeira - em sua maioria refugiadas -

¹⁴ O termo movência remete àquele que possui mobilidade ou que se move. Para nossa pesquisa, as movências são traduzidas como os movimentos apresentados pelos nacionais e estrangeiros nas literaturas estudadas.

¹⁵ O exílio, termo que representa o estar longe de sua pátria, nação. Em nossa tese, compreendemos o exilado como aquele que se retira de seu país de origem e acaba absorvendo as novas culturas na nova terra.

¹⁶ O deslocamento se apresenta com o sentido denotativo: em nossa pesquisa, muitos estrangeiros e nacionais se retiraram de seu lugar e se moveram a outros, se *deslocando*.

que, embebida pelo sonho de construir vidas diferentes em terras brasileiras, fazem parte da formação desse mesmo território.

Em sua obra, **Geografia da fome** (1984), Josué de Castro também observa que não somente os migrantes nordestinos, mas também estrangeiros miseráveis tentaram sobreviver à desgraça que assolava seus países. Seguindo em sua análise sobre a fome, Josué de Castro expõe a presença de imigrantes em solo brasileiro, sua busca pela riqueza amazônica e sua adaptação ao meio: “Durante essa fase econômica, na qual a borracha chegou em certo período a representar 28% do valor da exportação total de todo o país, foi atraída para a Amazônia uma corrente de imigrantes” (CASTRO, 1984, p. 87).

A maioria dos imigrantes, bem como a maior parte dos brasileiros que se deslocaram à Amazônia, enfrentou não somente as matas fechadas, mas também a ausência de produtos essenciais, condições de vida insalubre e a exploração do patrão. A desnutrição também afetou boa parte da gente que viveu o sonho da Amazônia. A má alimentação - em especial a ausência de vitamina B1 - e o uso abusivo de álcool causaram a chamada doença *beribéri* ou *beri - beri*. Os sintomas mais aparentes incluem câimbras, pernas inchadas, perda de apetite e falta de ar. Os seringueiros, cansados do exaustivo dia de trabalho, creditavam tais sintomas à vida na extração da borracha e não percebiam a gravidade da doença. Com seu comércio a *todo vapor*, a borracha produzida transformava o trabalho extenuante do seringueiro em recompensa mediante valores recebidos - ainda que mínimos - ao final da remessa. Para os trabalhadores, brasileiros ou estrangeiros, qualquer doença ou dor fazia parte da rotina, pois o objetivo de enriquecer e mudar de vida deveria ser o pensamento de maior enfoque ao final do dia. Segundo o autor, com os preços altíssimos da borracha no mercado internacional, “as populações amazônicas - as nativas e as alienígenas ali chegadas - não cuidaram mais de outra coisa, concentrando toda a sua atividade na colheita do látex precioso” (CASTRO, 1984, p. 88).

Desde a chegada dos colonizadores, o Brasil tem servido como um território de busca por riquezas, terras férteis e um bom lugar para se formar uma família. A presença de estrangeiros em nosso país faz parte do extenso processo de nossa formação social. Conforme apontamos, vários foram os motivos da migração e imigração de diversos povos à Amazônia. Europeus, asiáticos e suas diferentes etnias e povos vieram ao Brasil desde o final do século XIX. Para Emmi (2010) assim que chegaram ao Brasil, os estrangeiros “passaram a instalar pequenas fábricas para abastecer o mercado local iniciaram um processo de substituição de importação de produtos que não mais podiam ser importados do mercado europeu”. (EMMI, 2010, p. 03).

Personagens inseridos em **Relato de um certo Oriente**, os sírios e libaneses iniciaram suas vindas ao Brasil em 1872. A maioria chegou ao país em busca da liberdade religiosa, fuga da dominação turca e oportunidades de trabalho crescente. Inicialmente, estabeleceram-se em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Santos. Com a extensa propaganda do Eldorado brasileiro, sua grande maioria migrou ao norte do país. Diferente dos migrantes brasileiros, sírios e libaneses não trabalhavam em grandes plantações e lavouras, tendo como objetivo o trabalho no comércio. Dessa forma, logo que chegavam, esses estrangeiros trabalhavam como mascates¹⁷ (caixeiros - viajantes) ou regatões¹⁸, além de outras tarefas que envolvessem vendas. Após muito trabalho, a maioria passava a comandar o *sistema de barracão*¹⁹, além de sempre estarem presentes na expansão do comércio local. Não obstante, a ascensão profissional dos estrangeiros suscitou nos brasileiros - migrantes ou nativos - a construção de um discurso com sentido negativo contra *o outro*, aquele que vem de fora. Esse discurso, pautado em um olhar pejorativo do estrangeiro, permaneceu no imaginário local e foi repassado de geração a geração, moldando a memória coletiva, transformando esses estrangeiros em grupos marginalizados. Não à toa, muitos mascates árabes eram chamados de *os turcos da prestação* ou todo e qualquer árabe era pejorativamente englobado no termo *turco*.

A representação literária desses grupos, revestida de sentido negativo pela orientação social coletiva, é observada em ambas as obras analisadas. A presença do imigrante em nossa literatura é extensa e pode ser percebida em várias obras nacionais, a exemplo da obra de Jorge Amado. No posfácio da obra, **A descoberta da América pelos turcos** (AMADO, 1994), José Saramago destaca que a formação social brasileira foi retratada com perfeição por Amado, em especial a visão real do povo brasileiro retratada aos estrangeiros: “E para muita gente foi uma surpresa descobrir nos livros de Jorge Amado [...] a complexa heterogeneidade, não só racial, mas cultural, da sociedade brasileira” (SARAMAGO, 2008, p. 113). Seguindo em seu elogio a Jorge Amado, José Saramago observa que o escritor nordestino destaca em suas obras não somente a miscigenação do homem branco com o negro e índio, mas também a

¹⁷ Para explanação sobre o termo *mascate*, tomamos emprestados os apontamentos de Besaglia (2002): “[...] os comerciantes de *Mascate* tornaram-se conhecidos por suas viagens para trocas de mercadorias, sobretudo a Índia. Reconhecidos como mascates, celebrizaram-se ao comporem importante ponto comercial do Golfo Pérsico nas rotas comerciais medievais [...] Os portugueses adotaram o termo *mascate* como sinônimo de comerciante, deslocando-se o acento, com o decorrer (BESAGLIA, 2002, p. 26 – grifos da autora).

¹⁸ Aqueles que compram no atacado para revenda à varejo.

¹⁹ Sistema de barracão ou de cantina é um tipo de pagamento, sem respaldo em nosso ordenamento jurídico, que consiste no pagamento ao trabalhador em valor monetário ou mercadorias. O trabalhador só poderia utilizar seu dinheiro no “barracão” ou na “cantina” que tinha como proprietário o seu empregador. Assim, esse sistema mantinha o seringueiro sempre endividado.

mistura de cores e raças provenientes do estrangeiro com o povo brasileiro, além de frisar as várias regiões e países árabes que aportaram no litoral brasileiro.

A presença do imigrante no Brasil não foi escrita somente por autores brasileiros, mas também por estrangeiros que expuseram seu povo - considerado marginal - a partir do seu olhar. Esse grupo marginalizado faz parte de várias obras renomadas, que trazem ao leitor brasileiro, “a representação dos movimentos migratórios no Brasil em sua face excludente, intolerante, hostil e estereotipada” (PIRES, 2017, p. 204), a exemplo do livro **Contos do imigrante**, do polonês Samuel Rawet, publicado em 1956. Sua obra é dividida em dez contos e, em sua maioria, há a tematização dos judeus no Brasil. Rawet veio ao Brasil quando ainda era criança. De origem judia, sua primeira obra enfoca o exílio dos imigrantes judeus no Brasil e o processo de desterritorialização. Sua coletânea de obras destaca grupos marginalizados - a exemplo de imigrantes judeus, população pobre e homossexuais. À época da publicação de sua grande obra, Rawet não teve destaque, uma vez que a temática do imigrante não era objeto de escrita de renomados escritores brasileiros. Para Maria Isabel Edom Pires (2017):

A obra de Rawet suscita uma reflexão sobre a parca recepção crítica na década de 1950 ou mesmo sobre o apagamento por que passou em décadas subsequentes. Enquanto Lasar Segall, citado mais adiante neste artigo, é bem recebido, encontra aqui um crítico do porte de Mário de Andrade cujos estudos sobre o Expressionismo permitiram a compreensão e o destaque para uma obra como a do pintor; Rawet publica sua obra inaugural em 1956, mesmo ano da publicação da obra de grande sucesso de crítica, o *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. O *outro* para a literatura neste momento é o sertanejo, o homem do interior que já vinha recebendo nomeada atenção na literatura brasileira desde a década de 1930. Rawet era então conhecido como engenheiro partícipe da criação de Brasília (PIRES, 2017, p. 202 - grifos da autora).

Observamos que a representação literária desses grupos marginalizados, é construída com base em sentimentos negativos fomentados e (re) distribuídos pela cultura local ou dominante de forma a estabelecer um discurso constante e vicioso de xenofobia. Tal fato é notado na construção de personagens e de suas caracterizações que refletem esses momentos.

Os processos de deslocamento de grandes massas populacionais (estrangeiros e nativos) serão apresentados no decorrer da análise das obras, a partir do terceiro capítulo desta tese. Para este momento, nos pautamos na análise inicial da presença dos migrantes e imigrantes na Amazônia ressaltando que sua presença será mapeada nas obras recortadas para análise, cujos textos são construídos a partir da representação do exílio, da errância e do deslocamento, figurando memórias locais ou globais dos grupos marginalizados.

CAPÍTULO III

Se bem observadas, as lutas que se travaram nas terras borracheiras foram movidas por interesses mercantis, especialmente, se bem de que, de todas as partes, existissem segmentos patrióticos honrando dezenas de nacionalidades dos argonautas os quais desbravavam a região (ALBUQUERQUE, s.d., n.p.).

LITERATURAS DA BORRACHA: A TERRA E A REPRESA

As memórias não reconstróem o tempo nem tampouco o anulam, derrubam barreiras entre o presente e o passado, criando uma passagem na qual não existe oposição entre a vida e a morte, sentidos que também nos remetem à ideia de literatura como instrumento socializador, que, por meio da linguagem, estabelece uma relação baseada no interesse comum em conservar o que foi narrado para que possa ser reproduzido (BASAGLIA, 2002, p. 138).

Publicada em 1987, a obra **O falador** (1988), de Mário Vargas Llosa, expõe as visões de uma tribo peruana, os Machiguengas, e de que forma o mundo é representando a partir deles. Llosa apresenta uma narrativa que põe em paralelo dois mundos, de valores e vida diferentes: neste romance observamos o embate entre o costume nômade dos índios e a ausência deste nas civilizações alheias. O exotismo e o universo mágico, as superstições, o elo entre a natureza e os locais escolhidos para o desenvolvimento da tribo são destacados na obra de Llosa. Evidenciando o deslocamento na panamazônia, a narrativa ainda expõe o trabalho, as condições deste, as ferramentas utilizadas, a ação predatória do homem na natureza, a religião, a língua e demais choques culturais.

Em seu enredo, os índios escolhem um representante entre eles para que seja a voz da tribo e a perpetuação da história de seu povo divergindo da tradição nas tribos. Nela, é apresentado um orador anônimo, contador ambulante, um *falador* que representa o testemunho de uma memória coletiva indígena da tribo peruana. Essas histórias são marcadas pelo fantástico, pela magia e pela beleza que as histórias da cultura indígenas são apresentadas. Contrariando os costumes, o *falador* escolhido será um judeu, marcado por uma cicatriz. Essa apresentação do judeu por Llosa demonstra a alteração do *eu local* padronizado na cultura americana, cujo *falador* terá uma apresentação destoante dos demais judeus apresentados nas obras posteriores.

A narrativa em destaque é dividida em três momentos e em três espaços específicos: a capital do Peru, Lima, da década de 50/60 e 80; a floresta amazônica, na mesma época que Lima; e Florença, em 1985. Essa divisão facilita a compreensão do leitor na identificação da introdução de alguns aspectos estruturais da narrativa e do próprio narrador, além de suscitar questionamentos acerca da memória e narrativa. Assim como **Relatos de um certo Oriente**, **O falador** detalha os locais, deslocamentos e o contexto de cada época a fim de condicionar o leitor à memória. **Terra de Icamiaba** também reflete a presença do estrangeiro e do nativo

expondo seu lugar, a partir da visão do *outro* formada pela coletividade, seja por um olhar negativo ou positivo.

A leitura dos três romances nos apresenta a importância do retrato histórico - político - social realizado pelos escritores que podem ser comparados aos relatos de cronistas que aqui aportaram em busca de terras e novidades a serem enviadas à Coroa. Nossos autores, assim como os cronistas, buscaram exercer o ofício de escrever àqueles destinados à leitura das descrições. O fascínio, a admiração, o deslumbramento e a necessidade de expor tal contato com o momento histórico descritos pelos escritores nortistas, em nosso estudo, são compreendidos na leitura de suas obras. Ainda em comparação com os cronistas que aqui aportaram, os nossos autores, de forma única e transparente, descrevem em suas obras, a partir de memórias - como vemos em **Relato de um certo Oriente** -, ou a partir da apresentação de personagens contemporâneos, marcados pelo desejo de mudanças sociais -, como observamos em **Terra de Icamiaba**.

De acordo com a pesquisadora Bárbara Caldas, da UFRJ, as narrativas levadas pelos cronistas a Portugal e outras nações funcionaram como verdadeiros documentários acerca da vida e costumes da população e terra nativas. Apesar de sua importância histórica, para a pesquisadora, esses relatos encaminhados a outros que não os nativos, foram alterados em conformidade ao eurocentrismo latente à época, com o uso de uma narrativa *oficial* que destoava da verdadeira “descoberta” e colonização, encobrindo as misérias sociais e a violência no território brasileiro com os grupos inferiores: “Ao longo do período colonial os colonizadores, na sua posição de “vencedores”, contavam uma história onde eles mesmos eram os sujeitos principais, e que desmentia toda a “história oficial” (CALDAS, 2010, online - grifos da autora).

Conforme observamos no segundo capítulo de nossa tese, a região amazônica é rica em cultura, língua e apresenta uma diversidade oriunda de seu vasto território e do peculiar processo de colonização: a presença de diferentes etnias, cores e ideologias. Em seu artigo “Amazônia Babel: literatura, corpos e meio - ambiente”, Simone de Souza Lima, estudiosa da formação da Amazônia e sua cultura, destaca a hibridização e diversidade da região amazônica. A movimentação de nativos e estrangeiros, o trânsito de sujeitos e suas respectivas heterogeneidades culturais são, ainda, destaque em seu artigo. De acordo com ela:

Acreditamos que poucos lugares são tão reveladores dos sentidos suscitados pela imagem *babélica* quanto a Amazônia, ou mais apropriadamente a Panamazônia [...] Em razão da diversidade dessa região poderíamos falar de *Amazônias* - assim mesmo, no plural, lugares de movimentação dos corpos que carregam em sua materialidade e em seu psiquismo suas memórias ancestrais, lugares de viagens e

narradores imaginosos, de trânsitos e fronteiras, de corpos em diáspora, de língua (gens) e culturas em contato - palimpsesto sob o qual se inscrevem e se embaralham grupos étnicos os mais variados [...] Dessa compreensão, descortina - se também a existência de uma Amazônia heterogênea do ponto de vista das zonas híbridas de suas fronteiras territoriais - verdadeiras *cercanias políticas* supranacionais, habitada por povos detentores de patrimônios linguísticos e culturais indispensáveis para sua sobrevivência e a de suas Nações - enquanto *corpo político*. Desde todo o longo (e variado) período de sua colonização, a Amazônia tem sido lugar de encontro e trânsitos dos *sujeitos* e suas culturas, *corpos* sobrecarregados de *bens simbólicos* inerentes às línguas a partir das quais eles negociam os produtos das economias locais - que possibilitaram sua subsistência e que, contudo são desconhecidas de grande parte das regiões brasileiras (LIMA, 2011, online - grifos da autora).

Conforme estudado, o imaginário cunhado sobre as terras amazônicas demonstra que sua criação teve origem nos mais variados discursos sobre as belezas exóticas, sobre a fauna peculiar e o medo do desconhecido. A terra ora prometida, cujo destino daqueles que buscavam trabalho e fartura em sua mesa era certo; ora o *inferno verde*, cuja promessa de vida de muitos se transformou em doenças desconhecidas, exaustão em trabalhos análogos ao de escravo e a perspectiva nula de regresso à sua cidade natal, são alguns dos muitos episódios que transformaram o imaginário amazônico, de forma positiva ou negativa. Desde o período de ocupação da Amazônia, séculos XV ao XVIII e início do XIX, esses discursos proporcionaram às terras amazônicas a invenção de uma Amazônia estereotipada: um espaço protegido por uma *muralha selvagem*, com rios, afluentes e igarapés que possibilitavam até suas margens a presença do homem, mas para dentro da selva, sua passagem era intransponível. Entre essa margem visitada ao interior desconhecido o imaginário imperou nos relatos do homem, como também assinala Bárbara Caldas.

Paralelamente à terra cheia de mistérios e lendas fantásticas, a Amazônia também foi sinônimo de *deserto*, de um local *ermo e não civilizado*, de um *inferno verde* servindo apenas como fonte de exploração de recursos inesgotáveis, como observamos desde o início de nossa colonização. De acordo com Silva (1998), “com uma trajetória histórica acentuadamente marcada pela exploração de recursos naturais, a cultura amazônica foi configurada a partir de dois elementos significativos: o isolamento e a busca da identidade” (SILVA, 1998, p. 17). Complementando a personificação do *inferno verde*, notamos a contribuição - negativa - do escritor carioca Euclides da Cunha que escreve sobre a Amazônia influenciando a (re) atualização do estigma de região misteriosa: “Em certo sentido, Euclides da Cunha é o maior responsável por quanto disparate se tem escrito sobre o nosso vale” (VIEIRA, 1934, III). Em seu texto, Lima (2011) observa a influência de Euclides da Cunha e sua presença importante no meio literário de Abguar Bastos:

Com efeito, no início do século 20, Euclides da Cunha já fazia enorme sucesso no Brasil desde a publicação de **Os Sertões**, em 1902. Ao escrever sobre a Amazônia, influencia grande quantidade de escritores regionais - que acabam por recolocar em cena com incrível força imaginativa os *mitos da Amazônia infernal e das populações monstruosas (os povos indígenas)* - oriundos da tradição judaico - cristã europeia. Atuando no mesmo *tom* que os viajantes europeus - que trouxeram nos *navios* as imagens do *inferno, paraíso e purgatório*, bem como o fabuloso imaginário teratológico que batizou a região “*brasileira*” e as terras adjacentes, no século 16, Euclides da Cunha apadrinha, direta ou indiretamente, escritores como Alberto Rangel, Inglês de Sousa, Carlos de Vasconcelos, Abguar Bastos, dentre outros, que refundem em suas obras literárias as imagens / símbolos da desmedida com que a política colonialista havia estigmatizado a Amazônia (LIMA, 2011, online - grifos da autora).

Entre 1904 e 1906, Euclides da Cunha teve como roteiro o espaço amazônico à época da extração do látex. A miséria social, psicológica e econômica com que os seringueiros eram habituados a conviver, junto aos atrasos sofridos pela região e pelo homem - econômico, político, social - foram descritos nas narrativas de Euclides da Cunha, a exemplo de sua obra **À margem da história** (2006), finalizada em 1908, mas publicada postumamente em 1909. Essa obra é dividida em quatro partes e reúne as pesquisas de Cunha referentes à Amazônia. Na primeira parte dessa narrativa, nominada de “Na Amazônia, terra sem história”, dividida em sete capítulos, encontramos o tópico **Judas Ahsverus**, que apresenta ao leitor o homem amazônida, o seringueiro miserável, o nordestino sofrido. Na narrativa nos deparamos com a comparação entre o homem amazônida e o imigrante judeu - ser errante, diaspórico, sofrido. O olhar externo de Euclides da Cunha corrobora a visão exógena do homem branco - determinista - que vai à Amazônia e constroi seu imaginário a partir de sua experiência no espaço exótico: o amazônida é, aos olhos do escritor, um sujeito errante, deprimido, por vezes alheio ao que o norteia e ingênuo para aceitar o que lhe permitem ter, tal qual identificamos em **Terra de Icamiba**, no primeiro capítulo, e em **Contos amazônicos** (2004), de Inglês de Souza no segundo capítulo.

Em seu artigo “Amazônia: um inferno inventado” (2014), José Queiroz observa a construção da literatura ficcional brasileira tendo como foco o imaginário amazônico, a partir da leitura da obra **Inferno verde** (1914), de Alfredo Rangel, publicado em 1908. Ao comparar o romance acima com o prefácio de Euclides da Cunha, ele observa que “Euclides da Cunha, o prefaciador de **Inferno Verde**, e o autor, Alberto Rangel, pensaram o território amazônico de tal maneira que novamente o transformaram por meio do discurso” (QUEIROZ, 2014, p. 02). De acordo com Queiroz (2014), a obra de Alberto Rangel transfere a visão do autor da Amazônia à sua narrativa, a partir de um discurso literário forjando um livro que funciona “como alegoria de um território e metáfora de sua periculosidade” (QUEIROZ, 2014, p. 02).

Assim, não somente a leitura de **Terra de Icamiaba** nos fornece estudos da representação da Amazônia, mas também a análise de demais obras ficcionais que tentaram estabelecer essa representação. Ainda que divergindo do objetivo de Abguar Bastos, quando este escreveu **Terra**, Alberto Rangel acaba delineando, como Bastos, os traços que desenharam o norte amazônico. Importante ressaltar, ainda, a presença de Euclides da Cunha, cuja observação crítica realça os divergentes olhares sobre o imaginário da Amazônia.

A Amazônia, região plural, é o território escolhido por ambos os escritores, Abguar Bastos e Milton Hatoum e, inclusive, Mário Vargas Llosa e tantos outros que falaram da cor local (personagens, dialeto, costumes), das lendas e do desconhecido fantástico amazônico. Ainda que apresentadas em diferentes contextos históricos, as obras de Abguar Bastos, Llosa e Hatoum narram o deslocamento de outras culturas pelo território brasileiro e são mergulhadas na textura das movências, ampliando os olhares do contato para a presença de outros atores culturais. As obras se voltam, igualmente, ao universo da construção do espaço e da narrativa ficcional, numa perspectiva identitária, relacionadas aos costumes, tradições e contextualização das transformações sociais e políticas no espaço em destaque.

Retirando - nos da breve análise do romance de Llosa e Rangel, destacamos a presença de processos de deslocamento de grandes massas populacionais (sírios, judeus, marroquinos, libaneses) nas obras **Terra de Icamiaba**, de Abguar Bastos e **Relato de um certo Oriente**, de Milton Hatoum. Na análise das tessituras, observamos de que forma esses deslocamentos criam memórias traumatizadas e constroem o *eu local* produzindo - ou não - narrativas de cunho memorial. Como mencionado na Introdução e no segundo capítulo, o contexto histórico de enriquecimento e declínio do Ciclo da borracha se faz presente em ambas as obras recortadas para análise. A luta por melhores condições de vida, a diversidade cultural, a variedade linguística e religiosa são algumas percepções que encontramos nos romances.

1. O escritor e o romance da Amazônia

Todos os homens andam curvados, procurando na terra alimento. Na verdade, os que pensam estar em liberdade também são prisioneiros, sejam da mata, do rio, da lama ou do barro (BASTOS, 1937, n.p.).²⁰

Nascido em 22 de novembro de 1902, na capital do Pará, vindo a falecer em março de 1995, Abeguar Bastos Damasceno, nome de batismo, é considerado um dos maiores escritores de sua geração, com grandes obras publicadas no âmbito literário e político, destacando escritas de cunho jurídico, antropológico e narrativas ficcionais²¹. Com o conjunto de suas obras, Bastos se tornou um dos primeiros escritores a destacar a terra amazônica, sua cultura, suas lendas, seu contexto econômico ligado à extração do látex e sua formação social, tendo recebido críticas positivas acerca de sua escrita: “A profunda tragédia do vale imenso e profundo, tem sido quase totalmente esquecida - a luta do homem civilizado com a ambiência selvagem [...] o livro de Abguar Bastos é o primeiro que se escreve, e bem” (VIEIRA, 1934, III-IV). Em 1987, Bastos ganhou o prêmio de intelectual do ano - Prêmio Juca Pato.

O escritor paraense dedicou sua vida à política e ao jornalismo, apesar de sua formação em Direito. Tamanha sua dedicação, foi eleito deputado federal. Integrante da ANL (Aliança Nacional Libertadora) participou da Insurreição de 1935 e terminou preso durante seu mandato. Tendo deixado sua cidade natal, na década de 30, por questões de cunho político, o ideário político que Bastos pregava pode ser percebido na leitura de suas obras, em especial **Terra de Icamiba**, publicada com esse título, em 1934, e **Safra**, romance de 1937.

²⁰ Destacamos que, nesta tese, utilizaremos excertos do romance **Terra de Icamiba** “traduzidos” para a mais recente ortografia, e não o texto original de 1930. Demais romances que se encontrem na tese e tenham sido publicados anteriormente com uma ortografia diferente da adotada atualmente, também serão apresentados com a ortografia atual.

²¹ **Romances:** A Amazônia que ninguém sabe, 1930/Belém – 2ª edição, 1934/Rio, com o título Terra de Icamiba, romance da floresta; Certos caminhos do mundo, romance do Acre, 1936/Rio; Safra, romance da Vila, 1937/Rio, e 2ª edição, em 1958; publicado na Argentina, em 1939, com o título Zafra. **Novela:** Somanlu – O viajante da estrela (1953/Rio). **Estudos e ensaios:** Prestes e a revolução social, 1946/Rio e 1986/São Paulo; A conquista acreana, 1940/SP; As tribos em guerra na África e seus antepassados no Brasil, 1970/SP; História da política revolucionária no Brasil: 1900/1932, 1969/Rio, e 2ª edição em 1973; Os cultos mágico-religiosos no Brasil, 1970/SP. **Trabalhos folclóricos:** Introdução à litofábula, 1967/Rio; El simpático Saci Pererê, 1980, Buenos Aires; A África em nossa linguagem, costumes e cultos, 1982/SP; “Natal com gosto de Brasil”, 1987/SP; Abaporu – Movimento Antropofágico, Tarsila, 1984/SP. **Poesia:** Nurandalu-guaburabara, herói indígena, balada épica sobre a viagem de Orellana ao Rio Amazonas, 1968/SP; Memorial da liberdade, 1984/SP. **Outros livros:** A visão histórica-sociológica de Euclides da Cunha, 1986/SP e Pantofagia ou as estranhas práticas alimentares na selva, 1987/SP; Vozes do acontecido, crônicas, 1992 (**Jornal da UBE**, 2002, p. 9).

Com os ideais de esquerda liderados por Prestes, Abguar Bastos uniu estes ao desejo de expor o descaso político com o Norte do país, que se deu com a terra amazônica explorada por aventureiros nacionais ou estrangeiros, que enriqueciam à medida que o nativo se tornava mais miserável, durante o Ciclo da borracha. Os caminhos do protagonista de **Terra de Icamiaba**, Bepe - herói considerado pelo autor como autenticamente nacional -, são descritos através de um paralelo das experiências políticas do seu narrador que defendia a revolução do povo em defesa da Amazônia. Conforme destaca Eurídice Figueiredo (2008):

Suas posições políticas, ideológicas e suas peregrinações, as quais foram geralmente impostas por circunstâncias políticas, de alguma forma estão representadas na sua literatura. Bastos, como escritor, poeta e um dos líderes do movimento intelectual modernista amazônico, contribuiu para que esse movimento, que visou a firmar uma nova interpretação da Amazônia na história do Brasil, tomasse os contornos políticos (FIGUEIREDO, 2008, p. 167).

Em sua pesquisa sobre o panorama da literatura brasileira, o crítico Afrânio Coutinho, em sua obra **A literatura no Brasil** (1986), destaca a produção de Abguar Bastos que, segundo ele, contribuiu de forma significativa à literatura nacional, dado seu conjunto de obras romanescas, como vemos a seguir:

Almas, costumes, tipos e panoramas, são as contribuições que, sem trair a verdade, seus romances se oferecem em tom simbólico, na síntese de um estilo alegórico. Mas, estas são, nos seus romances, como ele mesmo confessa, apenas uma síntese de duas realidades. No seu primeiro livro coloca - nos ele diante de um drama simbólico: o do homem perdido na selva com os olhos num ideal. O segundo romance de Abguar Bastos é a história do homem da castanha, o terceiro é a história do homem no Acre; no quarto transcreve a vida da selva, dolorosa e triste. Apesar do seu estilo danunziano, palpita - lhe na obra um sopro comovido de humanidade, diante do drama social do homem da Amazônia, cujas soluções ele soube escutar (COUTINHO, 1986, p. 231).

Ao final de **Terra de Icamiaba** temos a fala do protagonista, que figura como porta-voz do autor Bastos, exibindo a perspectiva política deste dentro da obra. A terra do norte não poderia ser mais alvo de exploração econômica, principalmente pelo estrangeiro que via na Amazônia seu deleite financeiro. Por ocasião do recebimento do Prêmio Juca Pato, Abguar Bastos se pronunciou, em seu discurso, acerca da situação política nacional, além de destacar de que forma o escritor poderia utilizar sua obra para denunciar as mazelas do seu país ou destacar as belezas deste. Para ele, o escritor não deveria ser um comerciante de fantasias, mas um verdadeiro “anunciador das boas novas [...] o que tem a coragem de protestar contra as tiranias, de denunciar explorações e usurpações, e o que tem o compromisso social de marchar na vanguarda das transformações” (BASTOS apud SENA, 2002, p. 09).

A obra **Terra de Icamiaba** faz parte de um conjunto de três romances escritos pelo autor paraense: **Terra de Icamiaba** (1934), **Certos caminhos do mundo** (1936) e **Safra** (1937). O contexto amazônico exposto em cada romance de Bastos apresenta a missão do autor em mostrar a realidade da Amazônia: no romance **Terra de Icamiaba** observamos o nacionalismo que surgia com suas peculiaridades, destacando o homem e sua relação com a floresta; em **Certos caminhos do mundo**, Bastos remonta a vida da população local e seus trânsitos nos rios amazônicos, destacando a relação entre o homem e o rio. Nas viagens de Sólon, personagem, o leitor conhece os costumes e a vida no interior da Amazônia; e, não menos importante, **Safra**, romance que, junto a **Terra de Icamiaba** e **Certos caminhos do mundo**, denuncia as mazelas de uma população que sofre com a miséria, trabalho análogo ao de escravos e a força político - econômica dos mais fortes sobre os menos favorecidos. Ademais, é nesse romance que encontramos inserido o contexto econômico amazônico do extrativismo da castanha e não o do látex. Assim, esse conjunto de obras que destacam a relação do homem com a floresta, os rios e o meio econômico têm ganhado destaque e foram organizados de forma serial nominados, por Bastos, de *o romance da floresta*, *o romance do rio* e *o romance da Vila*, respectivamente.

A Revolução de 30 e toda a efervescência cultural e política no Brasil incitava vários escritores em busca de obras com a temática da revolução social, a exemplo do próprio Mário de Andrade, em seu romance / rapsódia **Macunaíma**. Para Wilson Martins (1978), em sua obra **História da inteligência brasileira** (1978), o romance **Terra de Icamiaba**,

[...] no qual Bepe figura como porta - voz do autor, é o **Macunaíma** que poderia ter sido ou o que **Macunaíma** desejaria ter sido, se imaginarmos que o projeto de Mário de Andrade era tomar o material folclórico como metáfora de uma situação social. Romance modernista exemplar, o livro de Abguar Bastos responde com extraordinário automatismo ao que a sua geração obscuramente se havia proposto como "programa de romance", cujo primeiro modelo tinha sido **O estrangeiro**, logo modificado pela **Bagaceira** (MARTINS, 1978, pp. 466 - 467 - grifos do autor).

Em 1927, Abguar Bastos escreve o **Manifesto Flaminaçu** em resposta ao **Manifesto Antropófago** (1927), do escritor Oswald de Andrade, publicado em 1927. Em seu **Manifesto**, Oswald de Andrade promove a busca de um resgate cultural de nossas raízes (indígena e africana), a partir de uma análise da dependência cultural que o Brasil vivia. Após a publicação desse texto, Bastos reage à escrita de Andrade, enfocando, em seu **Manifesto**, a valorização da região Norte, destacando um resgate cultural a partir das raízes nortistas, uma vez que, segundo Bastos, o Brasil precisava se voltar, também, para esta região. Previamente ao **Manifesto Antropófago**, Gilberto Freyre já havia publicado o **Manifesto Regionalista**,

em 1921, cujo teor primava pelo ênfase às belezas naturais e gente nordestinas, chamando os escritores regionais, semelhante a Bastos posteriormente, a escreverem sobre sua região, sua cor local, suas peculiaridades, como vemos a seguir, em **Terra**: “Faça - se o ritmo da necessidade movimentar a grandeza da Amazônia. Consinta - se que o aluvião ofereça o seu ouro sem vexames ambiciosos [...]. Tudo nasce de emergências: o trabalho e a coragem” (BASTOS, 1934, p. 92).

A *necessidade* estampada na obra **Terra de Icamiaba** representa a voz do autor que busca uma forma de concretizar a promoção da *brasilidade*, modernidade e nacionalidade dentro da obra. É imperativa a *necessidade* de se mostrar o *Brasil brasileiro*. A presença constante do autor que se estabelece nas passagens como narrador dá força a esse apelo brasileiro modernista. Conforme a citação, o narrador pede ao brasileiro que busque o trabalho e a força na terra nortista, mas sem perder seu caráter nem cometer injustiças, a exemplo de estrangeiros que cometiam tais atos desde o tempo do “descobrimento” do Brasil. Conforme leitura de **Terra de Icamiaba**, observamos essa brasilidade destacada na descrição do espaço e da gente:

As mulatas fazem o comércio de cheiro, cuja nomenclatura é farta: priprioca, paticholi, casca preciosa, pau - d'Angola, macaca - puranga. Em junho, mês do santo João, é a japana, a manjerona, o mucuracaá, o cipó catinga, o trevo, o manjeriço, a pataqueira, o cumarú, a oriza, a baunilha. Passam a mulher do mingau de milho, açai da Ilha das Onças, do tacacá fervido com mandioca da Pedreira; o pequeno que apregôa a canjica, o beijú e o arroz - doce ; ranchos de raparigas com santos, de massa ou de páu, nas salvas, pedindo esmolos para as ladainhas ; pastores batistas trocando bíblias ; profiláticos, de farda azul, matando a febre amarela; ciganas, com saias ramalhudas e coloridas, lendo a sorte nas mãos dos transeuntes; contrabandistas passando chapéus do Chile, perfumes das Guianas e baralhos de Iquitos. Passam, no dia comprido, soldados, marinheiros, beatas, capelães, escoteiros. Passa o amolador, com a gaita rangendo entre os beijos e o carro típico, de uma roda. Belém, para Bepe, que se afunda na Interlândia miraculosa e tenebrosa, é a Cidade - Grande. As mangueiras, nas avenidas, entroncam- se, com as ramadas festivas. As mangueiras são o estilo da Cidade (BASTOS, 1934, p. 24 - 25).

Terra de Icamiaba, juntamente com o **Manifesto Flaminaçu**²² (1927) são obras que representam um autor engajado com sua identidade regionalista e sua afirmação como renomado escritor regional. Em **Flaminaçu**, Bastos incorpora a estética do modernismo em seus anos iniciais, junto ao ideal nacionalista, assumindo uma postura mais combativa ao externo. Já como romancista, Bastos busca introduzir em sua escrita o amazônida e sua realidade, destacando, como no início de suas publicações, uma combatividade eufórica: “Entrego aos meus irmãos de arte o êxito desta iniciativa, lembrando que o Norte precisa

²² O **Manifesto Flaminaçu** também pode ser encontrado escrito na forma **Flamin'assú** ou ainda **Flamin`Açu**.

eufonizar n'ampidão a sua voz poderosa!” (BASTOS, 1927 apud **Jornal da UBE**, 2002, p. 9).

As obras de Abguar Bastos encontram - se inseridas na 2ª fase do modernismo, que teve como foco o destaque às preocupações políticas, econômicas e sociais, tais como a desigualdade social, as mazelas da seca, a pobreza do migrante, a mão de obra ignorante escravizada, além da utilização de uma linguagem regional. Alinhado ao movimento modernista, Bastos demonstra como esta escola literária tomou formas em outras regiões do país, a exemplo, em seu caso, da escrita no norte do Brasil. Caracterizada, ainda, pelo sentimento de *brasilidade* - característica peculiar daquilo ou de quem é brasileiro, observando a pluralidade e as particularidades regionais -, **Terra de Icamiaba** representa a valorização da terra, do homem amazônida, da cultura e, também, da Amazônia projetada para o futuro. Nas três obras publicadas, Bastos revela seu intuito em representar a realidade da Amazônia, com sua gente, fauna e flora. Em seus romances, Bastos cumpre aquilo que ressaltou em seu **Manifesto Flaminaçu**, que tem como fundamentos, a configuração da região amazônica, a valorização do nativo e a defesa da terra nortista. Em entrevista concedida ao **Jornal Cultura**, Bastos conta sobre a elaboração dos seus três romances:

Quanto a mim, eu escrevi três romances sobre Amazônia, um, o primeiro não foi bem um romance. Era um complemento de uma série de coisas que eu fazia para defender uma literatura mais nossa e, se nós tínhamos uma imensa área de pesquisa que era a Amazônia, então que nós nos servíssemos da Amazônia para nacionalizar os nossos trabalhos dentro do que ela fornecia de importante e de novidade e manifestos e conferências que eu fiz, eu completei com **Terra de Icamiaba** como se quisesse oferecer o modelo de como a gente poderia se servir da Amazônia para mandar uma mensagem para fora da Amazônia. Eu queria mostrar, com esse romance, a exploração do homem pelo homem, alegoricamente, a Amazônia do futuro. Uma Amazônia solidária, uma Amazônia sem exploração, uma Amazônia cujo aproveitamento de toda aquela pujança e riqueza pudesse ser bem repartida entre os homens, sem que houvesse aquelas tremendas lutas que nós chamamos as lutas da selva e, afinal, a Amazônia do futuro, uma Amazônia de paz, e de confraternização, porém típica respeitando as dádivas que Deus ofereceu àquela região. E **Certos Caminhos do Mundo** já foi um romance em que eu dei um aproveitamento às minhas viagens ao Acre. Aquela vida nos rios, nos navios, aquelas cidades ribeirinhas, aquilo me chamou muito a atenção e eu escrevi **Certos Caminhos do Mundo**, descrevendo as vidas daquela região e alguns episódios pitorescos que ocorriam. A vida nos navios, a terceira classe nos navios, não é? E o **Safra** é um romance mais meditado, porque já tem um caráter eminentemente social. Ele vai buscar as contradições e as lutas entre os latifundiários e os trabalhadores da selva, a dificuldade que tinha o trabalhador de conseguir um pedaço de terra, em contraste com aquela vastidão de terra, porque o dono, não havia donos de fazendas, nem donos de sítios, nem donos de castanhais. Havia donos de rios, que iam da foz às cabeceiras. Eu sou dono de tal rio e aí ninguém entra sem minha ordem. Era nessa base. Eram os donos da geografia. É esse tipo de luta que o fixo em **Safra**. Teve três edições. Uma segunda edição no Brasil e uma edição argentina. Então não é mais aquele homem humilde que se entrega. Eu já coloco o homem humilde reagindo, não se deixando levar, não se

entregando. Então já é um tipo de homem diferente, em que o castigo do prepotente não é o castigo de Deus, como muitos romances fazem. O castigo dele é a rebelião. Não querer mais se sujeitar aos seus patrões. Esse é seu castigo. Ele sofre um impacto na sua tradição anterior de vida prepotente de coronel do interior. (**Jornal Cultura**, dezembro de 1981, n.p.).

A literatura de expressão amazônica é composta por narrativas que apresentam a exploração do homem dentro do ambiente do trabalho no seringal e demais locais durante a formação do Norte. Essa formação do espaço urbano mobilizou grande parte da população brasileira, uma vez que muitos deles se deslocaram de suas cidades natais para fazer uma nova vida no Norte do país. Fosse a seringueira, com a extração do látex, fosse a construção da grande ferrovia Madeira - Mamoré²³, fosse apenas a busca por melhores condições de vida.

Para Abguar Bastos, a partir da leitura de suas obras, em especial nosso escopo de pesquisa, **Terra de Icamiaba**, a brasilidade - previamente exposta no tópico anterior - é exaltada nas raízes da cultura amazônica, nas variedades de crenças, na tradição individual regional, enfim, em uma nação formada por vários rostos, como já abordamos no início. “Em termos práticos de produção literária, brasilidade tem o sentido de regionalismo como expressão da cultura popular amazônica” (SOUSA, 2016, p. 35). Em outra passagem da narrativa - que é permeada de brasilidade -, Bastos destaca na voz do narrador:

Terra Boa! Terra dos simples e dos abnegados! Terra que não tem trinta milhões de Bepes espalhados na cidade e nos planaltos! Puxa, planície, puxa do peito esta etnologia bastarda. Mostra as tribos soterradas nos aluviões. Mostra as feiticeiras sarapintadas, que guardam as boiunas. Mostra os monstros ancestrais, que defendem a terra. E faz uma Arte, também tua, para que, ao menos, se salve a lenda misteriosa da Gleba. Levanta os teus exércitos de Sacis e leva - os para que devorem os ninhos dos pássaros mandingueiros. Levanta as tuas colunas de amazonas elásticas; alça-lhes da cinta os arcos polidos e os machados luminosos; enrola - lhes, no corpo, as vestimentas de penas chamejantes; larga - as nos rios, reúne - as nos montes, sacode - as nas cordilheiras, finca-as nas vertentes, pespega - lhes as sombras sobre os ombros das cachoeiras; depois, arremata o teu golpe: faz a brasilidade do sentimento[...] Procuremos a verdade das coisas e não a verdade dos homens (BASTOS, 1934, p. 95).

Durante toda a narrativa observamos a descrição da natureza que molda o espaço amazônico, junto à sua fauna, e presenteia a população local com belezas naturais. A brasilidade é elemento recorrente no romance **Terra de Icamiaba**, permitindo ao leitor adentrar no meio amazônico e perceber todo o cenário vivenciado pelos personagens da tessitura romanesca. Em várias passagens de valorização da terra e exaltação dos costumes, Abguar Bastos retoma seu discurso de crítico literário e defensor de uma literatura regional e

²³ A estrada de ferro Madeira - Mamoré é uma ferrovia localizada no estado de Rondônia e possui 366 quilômetros, ligando a cidade de Porto Velho, capital a Guajará-Mirim. Suas obras foram realizadas entre 1907 e 1912.

de defesa dos costumes brasileiros. No romance **Terra de Icamiba**, encontramos falas permeadas de polissemia e ambiguidades, que descrevem a região em um tom poético, como vemos em alguns trechos nesta tese. Utilizando recursos sintáticos, estilísticos e uma retórica farta, essencialmente metaforizada - “A metáfora sempre foi a melhor forma de explicar as coisas” (SARAMAGO, 1997, p. 267) -, Bastos anuncia a imperatividade de voltar olhares ao Brasil e destacar sua terra, como já mencionamos previamente. A brasilidade é encontrada no nativo, nas cores locais, na região com suas peculiaridades e em sua representatividade nacional, como anuncia Bastos, na Apresentação da obra e em um trecho da narrativa:

Fiz um livro n’Amazônia. Ajustei os símbolos à realidade. Procurei o homem na paisagem da vida, mas fixei a vida no panorama da terra. [...] As histórias estão tatuadas nas gentes, talhadas nas pedras, calcadas nas árvores, delineadas na terra, submersas nas águas. Todos podem lê-las convenientemente. É questão de querer descer ao chão e escutar, com amor, os corações subterrâneos. Aí estão as lendas remotas, os mitos sagrados, os hieróglifos eternos, os totens propiciatórios. Aí estão os homens e os bichos, a música e as figuras, os hábitos e as cerimônias. Tudo é relevo quando conscientemente analisado (BASTOS, 1934, p.5).

Observemos: A verdade artística moderna, sob o ponto de vista brasileiro, é agitar os personagens na sua exata determinação geográfica. Dentro do ambiente nacional há outros ambientes regionais. É preciso ajusta - los, sensatamente. Só assim se fará objetivismo previdente. A transposição mesológica modifica os caracteres. Portanto, todo agente central de brasilidade não sai de seu lugar. Move - se nele, cresce, multiplica - se, produz e vende. Não sai do seu raio, de êxito. Se sair, sai de si mesmo. E se sair de si mesmo, está errado (BASTOS, 1934, p. 97 - 98).

Além da brasilidade explícita em sua obra, Bastos não se esquivou de estampar a problemática social. Além de **Terra de Icamiba**, Bastos - como já destacado anteriormente - reproduz sua crítica social em seus outros dois romances, **Certos caminhos do mundo** e **Safra**. Os recursos estéticos e elementos reveladores de brasilidade utilizados pelo autor refletem a realidade regional emprestada à ficção. Em outro momento da narrativa observamos a utilização de elementos regionais para a concepção do sentimento de brasilidade:

A Felicidade não comove. Felicidade no Solimões, nunca se deu a respeito. Uma vez Curupira abraçou - se com ela, julgando - a dele. Falou em pacto. Felicidade ganhou rumo e disse para Curupira que só estava ali porque perdera o dono. Agora, quando Felicidade chega, seringueiro pensa que ela perdeu o dono. E não se levanta para recebê-la. Decepção, no Badajós, é uma palavra sem sentido. Decepção - se o que sonha, fora do sono. Caboclo não sonha fora do sono. Se o ideal vem, é conforto. Se não vem, ainda pode vir. A boiúna do lago, sabe o que pode acontecer. A fatalidade do caboclo é grande como a alma da boiúna. (BASTOS, 1934, p. 10-11).

Destaque a essa fala é a presença do autor dentro desse discurso, uma vez que em uma de suas publicações, **À geração que surge**, de 1923, Bastos já sinaliza a necessidade da união entre a região Norte e Nordeste do país. Para o autor, essas regiões deveriam aderir à exaltação de sua terra e gente e, dessa forma, “somarem os seus valores ao grito de liberdade nortista e, assim, mostrarem ao Brasil a riqueza cultural por meio dos grandes nomes da intelectualidade e da literatura desta região” (BASTOS, 1923, n.p. apud SOUSA, 2016, p. 40).

Terra de Icamiba, a exemplo do romance nordestino **Senhora de engenho** (1921), do pernambucano Mário Sette, possui uma linguagem de fácil acesso, exposição da diversidade local e falas marcadas por discursos de enaltecimento da região e de um mundo totalmente diferente da conhecida São Paulo, como primava e requeria o **Manifesto Regionalista**, de Freyre. Em sua dissertação, **Discursos sobre o mundo dos engenhos: uma leitura das obras de Antonil e Mário Sette** (2009), Nathassia Guedes reavalia o pioneirismo literário de Sette e sua contribuição para o modernismo no Brasil, em especial ao Romance de Trinta. Segundo ela, a obra de Sette,

Se constitui como a escritura inaugural do modernismo no Nordeste, embora não tenha conquistado, oficialmente, essa primazia. Esse *status* caberia à narrativa, do romancista paraibano, José Américo de Almeida, **A bagaceira**, escrita em 1928, também voltada para o universo do engenho nordestino [...] Contemporâneo de Gilberto Freyre e de José Lins do Rego, o escritor Mário Sette seria aclamado pelo seu pioneirismo literário ao tematizar o mundo açucareiro. Entretanto, *qualitativamente* estaria *sujeito a restrições*. Todavia, ao se preocupar em defender a tradição e focalizar o regionalismo, o pioneirismo do pernambucano Sette se sobreporia à qualidade de sua obra (GUEDES, 2009, pp. 69 - 70 - grifos da autora).

Assim como o pernambucano Mário Sette, o paraense Abguar Bastos trouxe à literatura nortista, em sua obra, as peculiaridades de sua região. A narrativa de Bastos, junto a diversas outras obras regionais, contribui ao chamado Romance de Trinta assim como **Senhora de engenho**. Para Antonio Candido (1993), o Romance de Trinta apresenta um conjunto de obras de destaque:

[...] o caso do Brasil é talvez peculiar, pois aqui o regionalismo inicial, que principia com o Romantismo, antes dos outros países, nunca produziu obras consideradas de primeiro plano [...]. De tal modo que só a partir mais ou menos de 1930, numa segunda fase que estamos tentando caracterizar, as tendências regionalistas, já sublimadas e como transfiguradas pelo realismo social, atingiram o nível das obras significativas, quando em outros países, sobretudo na Argentina, Uruguai, Chile, já estavam sendo postas de lado (CANDIDO, 1993, p.161).

O modernismo no Brasil, iniciado com a Semana de Arte Moderna, no ano de 1922 trouxe à literatura novos ideais estéticos. De São Paulo, a escola literária expandiu a outras

regiões brasileiras sendo (re) construído com as cores e formas de cada lugar, a exemplo do poeta Bruno de Menezes, que já destacava o Norte do país nos círculos literários de São Paulo. A legítima definição da Amazônia e sua realidade regional foram motivos de diversas disputas no meio intelectual. Paulo Nunes, em seu artigo “Os brasis contidos no Brasil: A modernidade da Amazônia”, publicado em 2002, sugere que o poeta Bruno de Menezes tenha sido o autor que inaugura o modernismo no Norte, em 1924:

Na Amazônia brasileira tínhamos degustado as contradições do Ciclo da borracha, o que provocou um enriquecimento artificial das metrópoles do Oriente e do Ocidente amazônida: Belém, capital do Pará, e Manaus, capital do Amazonas, respectivamente. Mas na Amazônia sempre tivemos, salvo algumas exceções, uma classe dominante cruel e egoísta. E o lado social desse enriquecimento não se manifestou para a maioria da população. De qualquer modo, tínhamos uma vanguarda cultural (em parte distinta da elite política) que pensava e criava com alguma inquietação, sem, no entanto, expressar ainda a identificação com os ideais que futuramente seriam conhecidos como modernismo brasileiro. A grande discussão que se põe cá por estas bandas, hoje, é se o modernismo em terras paraenses se dá em 1924, com a publicação de **Bailado Lunar**, de Bruno de Menezes; ou em 27, com a viagem de Mário de Andrade à Amazônia. Trata - se de um tema rico à espera de conclusões mais profundas e bem sedimentadas. Para a maioria dos estudiosos, entretanto, está claro: as inquietações artístico - culturais inauguram - se oficialmente entre nós com Bruno de Menezes e o seu **Bailado Lunar** (NUNES, 2002, pp.69 - 70).

Embora ambos defensores do regionalismo nortista, os escritores Abguar Bastos e Bruno de Menezes - figura já conhecida no contexto literário paulista - tinham visões diferentes da forma que a Amazônia deveria ser representada. Em seu artigo, “Um outro herói modernista”, Marco Paiva (2008) destaca que:

O regionalismo apregoado por Bruno de Menezes, por exemplo, contrastava com o de Abguar Bastos. Embora estivessem juntos no combate ao passadismo e ambos, de maneira engajada, fossem filiados aos movimentos vanguardistas da época, a ideia do regional ganhava conotação diversa em um e em outro. Se para Bruno de Menezes, o regionalismo amazônico deveria ser pensado em conformidade com o que vinha ocorrendo nas demais regiões do país, especialmente no Sul, para Abguar Bastos um "regionalismo amazônico" deveria ganhar contornos próprios e específicos, completamente dissociados, portanto, de possíveis outras influências regionais e nacionais. Esse desacordo entre Bruno de Menezes e Abguar Bastos demonstra o que estava de fato em disputa, isto é, o modo de representar literariamente a Amazônia e, como decorrência, alçar a criação artística regional a um novo patamar e, ao mesmo tempo, investir de legitimidade novos agentes sociais (PAIVA, 2008, online - grifos do autor).

O Norte do país fazia parte do meio literário paulistano, a exemplo do Nordeste, que também tinha destaque nos círculos literários, com escritores de renome, como José Lins do Rêgo e José Américo de Almeida, além do precursor do regionalismo e tradicionalismo do Nordeste, o pernambucano Mário Sette. **Terra de Icamiaba** tem como pano de fundo a terra amazônica e seu autor, com a leitura da obra, demonstra a busca incessante pela defesa da sua

terra e enaltecimento de sua gente. Como escritor engajado, em suas obras, Bastos destaca a Amazônia alicerçada no modernismo:

Sobre a nova realidade literária, novamente o escritor é eficientemente sintético e sentencioso quando afirmou: “Bem, achei, em seguida, que deveria voltar - me decididamente para a Amazônia. Modernismo como forma. Amazônia como conteúdo”. (BASTOS apud ILDONE, 1990, p. 243). Com isso, declara textualmente seu propósito literário na forma, a estética modernista, e no conteúdo, a vasta Amazônia, com suas contradições sociais e culturais, sua população, sua pobreza e riqueza, seu conhecimento tradicional, sua educação (SOUSA, 2016, pp. 17-18).

Em sua pesquisa, Paiva (2008) põe em relação as obras **Terra de Icamiaba**, de Bastos e **Macunaíma** (1928), de Mário de Andrade. Nessa análise, Paiva busca examinar as peculiaridades do modernismo em cada obra e de que forma este é apresentado por seus autores na voz de seus protagonistas. Para ele, a configuração do *heroi regional* de Bastos se distancia do *heroi nacional* criado por Andrade, uma vez que em **Terra**, Bastos destaca o caráter do seu heroi que “é fixo e rígido” (PAIVA, 2008, online), enquanto em **Macunaíma**, o heroi de Andrade “tinha como principal característica a ausência completa de "caráter", entendido esse termo não no sentido estritamente moral, mas no sentido de não possuir uma "forma definitiva" e estável (PAIVA, 2008, online - grifos do autor). Seguindo, Paiva afirma que Bastos traz um *regionalismo renovado*, ao expor a Amazônia em sua forma íntima, destacando sua diversidade. A forma pela qual o movimento modernista se instaurou na literatura da Amazônia e seu significado “foram reconstruídos por Abguar Bastos como um desdobramento necessário de outras correntes intelectuais e literárias presentes no período de sua formação intelectual” (PAIVA, 2008, online). No romance **Terra de Icamiaba**, o nacionalismo de Bastos é exaltado no discurso do protagonista, que expõe a luta entre o estrato social mais baixo, representado pelos personagens índios, negros caboclos, nordestino e demais locais, e o estrato social alto, representado pelos estrangeiros e políticos da região. Essa luta é observada em **Macunaíma** (2000) que se diferencia de **Terra de Icamiaba** pela *filtragem* que a terra nortista lança ao que é de fora.

Diante dessas ressalvas, observamos a importância da publicação de **Terra de Icamiaba**, à época do Romance de Trinta. A tradicional Amazônia envolta de lendas, mistérios e do desconhecido, é encontrada em Bastos, não nos obstando de ressaltar a importância de demais escritores nortistas que detêm, também, a chancela da exaltação do Norte, como mencionado anteriormente.

2. Traços e vestígios culturais no *romance da Amazônia: os caminhos do nativo e estrangeiro*

Do barracão, rápidos cantares caminham pelo ar e as vozes irmanadas formam bandas de música no vento. Deslumbramento sonoro, ruge a formidável orquestração do Brasil anônimo; Brasil de seringueiros e lavradores; Brasil de seres forçados, que enfiam o sol na cintura - cabelos e músculos dentro das auras - e, confiados, vão desafiar os infortúnios, sem ao menos pensar na proteção duma história (BASTOS, 1937, n.p.).

Publicada em 1942, no Rio de Janeiro, **A represa**, de Océlio de Medeiros (1917-2008), é uma obra estruturada com base em acontecimentos reais com personagens fictícios que refletem a formação histórica e cultural do Norte do país, no período do auge e declínio do Ciclo da borracha. Atrelado a eventos históricos, esse texto elucida a situação dos trabalhadores à época do Ciclo da borracha, a partir da voz daqueles que enriqueceram com o látex e daqueles que sofreram com a miséria. A estrutura da narrativa é pautada em diálogos de crítica e lucidez, acerca dos rumos do Norte do país e acabam refletindo os descompassos de uma população que muitas vezes destoa da vida urbana moderna da cidade. Como exemplo, temos personagens que permanecem atrelados ao interior do estado, como a cidade de Xapuri, no Acre, base da narrativa. Em contrapartida, observamos a presença de personagens que se deslocam entre um estado e outro absorvendo a cultura de outro lugar em um processo de interação e recepção de novas identidades.

Esse deslocamento, é fruto das novas relações sociais e busca de aprimoramento da vida amazônica, a partir da modificação da vida daqueles que residem na região. Como nos apoia a pesquisadora Luciana Nascimento (2011), em seu artigo “Cidade de papel e floresta: uma leitura de **A represa**: romance da Amazônia, de Océlio Medeiros”, nos séculos XIX e XX as cidades brasileiras passaram por uma modificação significativa em seus projetos urbanos, com o objetivo de se adequarem à chamada modernidade europeia - ou *Belle Époque Amazônica* -, como visto anteriormente. Rio de Janeiro e São Paulo são as duas cidades que se projetaram a fim de alcançar as novidades da nova era, a exemplo do mundo “civilizado” europeu. Esse novo ideal absorvido pelo Brasil representava o surgimento de novidades no campo do lazer e da vida social. Diante disso, a literatura tem como missão abranger essas novidades traduzindo da melhor forma a representação da sociedade.

Essa abrangência literária pode ser observada na escrita nortista do século XX, quando a Amazônia também se projeta à nova realidade social e econômica, garantindo uma nova

configuração em sua população, nativa ou estrangeira, vivenciando a nova dimensão urbanística das capitais do Norte (Belém, Manaus, Rio Branco e Porto Velho). Conforme acentua Nascimento (2011):

É justamente no século XX que se consagra a *cidade* como síntese e projeção da modernidade. A cidade passa a expressar, em grande medida, os anseios de uma nova ordem econômica e política com vistas ao progresso. Tal processo pôde ser observado também, quando se trata da formação do espaço urbano na Amazônia, cujas cidades se formam a partir dos primeiros núcleos de povoamento, na esteira da economia extrativista da borracha, tornando o campo e a floresta, lócus que trazem um significado relativo ao atraso. Assim, se vivencia na Amazônia uma experiência de *Belle Époque*, como aquela ocorrida em Belém, em Manaus (NASCIMENTO, 2011, p. 76 - grifos da autora).

Diante do crescimento da cidade, o campo, interior do estado, passa a se isolar e permanecer em um atraso, seja por questões políticas, seja ainda pelas questões históricas. **A represa**, romance oceliano nos traz a cidade de Xapurí, interior do Acre. Océlio de Medeiros transforma sua cidade natal no pano de fundo para a narrativa inovando ao não estereotipar o trabalhador - seringueiro ou agricultor - e demais personagens. A selva não será mais o espaço intocado, configurada por / com atributos oníricos, ou idílicos, cultuado pelos estrangeiros colonizadores que aqui aportaram, como nos textos do século XVIII e XIX. A literatura do norte, hodierna, se apresenta como aquela que traz a floresta à cena, dando voz a esta, atribuindo personalidade e permitindo sua participação nos romances. Exemplos dessa configuração são os romances **Terra de Icamiaba** e **A represa**.

Já em **Terra de Icamiaba**, a exaltação ao espaço nortista é evidente e constantemente se encontra em paralelo com a *cidade - grande*. Nessa tessitura, o paraense Abguar Bastos sublima a terra do Norte, inserindo como âmbito estimado da narrativa aquele que o protagonista se sente confortável: o interior, o sítio, o lugar longe da cidade. Para Bepe, sua força, sua paz e toda a gente de bem estão sempre localizados na região digna de valorização dentro da obra: o interior. É esse espaço que será evidenciado como o *eldorado*. A partir desse destaque à terra, ao espaço de luta e cores regionais, observamos a proposta do escritor acerca do projeto de resgate de raízes regionais. Ainda que sejam dedicadas três laudas à descrição minuciosa da geografia e belezas de Belém, capital do Pará (páginas 23 à 26), o protagonista sempre tem como pano de fundo natural e origem de sua força e coragem, o interior:

- Um relógio de sol está pendurado na parede da casa. Uma palma de coco, delgada, é o ponteiro que não se mexe. Porque as horas do sítio são diferentes das horas da cidade. Não correm, vertiginosas em roda de ponteiro. Na cidade o ponteiro não se vexa. É o tempo que corre atrás das criaturas. No sítio o ponteiro é operário: quer acabar depressa. As criaturas correm atrás do tempo. Na cidade a desventra atrasa os

relógios, a sorte adianta - os, as decepções entravam todo o maquinismo. No sítio o dedo invisível do Destino não alcança o ponteiro do sol. Já está tudo certo. A desgraça não assista. Porque lá a retórica do matuto, o homem só é desgraçado três vezes: quando esmorece, quando perde a mulher, quando morre de febre. Todo o mundo sabe (BASTOS, 1934, p. 10).

Publicada, inicialmente em 1930, sob o título **Amazônia que ninguém sabe** e, posteriormente com o título atual, em 1934, **Terra de Icamiaba** é considerado um romance regionalista, pois serve de exemplo como obra de enaltecimento da terra, da gente, da cultura, das crenças e dos valores do Norte do país, em especial do espaço:

As suas laranjeiras rebentam e os barcos arquejam, com as laranjas vermelhas, que são as mais doces dos Solimões [...] As palmeiras, com leques trunfados, abanam os arbustos aflitos: as borboletas caem dos flabelos e anunciam doidamente o verão (BASTOS, 1934, pp. 07 - 08).

Nas chanfraduras do Badajós, as piabinhas brincam de piracema. Brincam, também, com a esperteza do pescador. Quando este vê o anzol regressar à superfície sem isca e sem peixe, não tem dúvida: foi piaba [...] Os guardas dos rios são os botos e os candirus. Ambos: os terror das mulheres [...] Bepe, silencioso, escuta a voz misteriosa da selva que ensina, lentamente, os segredos terríveis da gênese (BASTOS, 1934, pp. 37-39).

Dividida em onze capítulos, **Terra de Icamiaba** conta a história de Bepe, protagonista da narrativa. Após seus estudos no seminário de Belém, capital, o personagem retorna ao Lago do Badajós, para cuidar das terras herdadas de seus pais. Ao chegar às terras, o protagonista percebe que a vida local é caracterizada através da exploração dos mais pobres por políticos locais, como o Coronel Epifânio, e por aqueles que detinham o capital estrangeiro, como os regatões Calazar (judeu) e Amar (marroquino), e o agiota Lazaril (holandês). Demais atores corruptos também participam do processo de marginalização e usurpação da parcela mais pobre: o juiz local, que faz vista grossa para os crimes de Epifânio e o engenheiro Roberto Pila, que visita as terras herdadas por Bepe para demarcação das terras, em prol de Lazaril.

Ao ter suas terras trabalhadas há anos pelo seu pai, o cearense Lucas, tomadas e entregues ao agiota Lazaril, Bepe inicia uma cruzada em busca de justiça comprometida com os menos favorecidos e escrupulosa com as punições. Sua trajetória de luta é moldada na tessitura a partir da apresentação de um personagem pertencente à maioria marginalizada. Bepe entra em confronto com os poderosos que comandavam a Vila incitando uma revolta contra estes. Com a união dos habitantes da região, o protagonista vence a *batalha* e, junto aos mais pobres, condena os estrangeiros a ficarem abandonados em um castanhal - já uma

referência à tessitura romanesca **Safra**, terceiro romance do escritor. De olhos vendados, os três prisioneiros morrem com as pancadas dos ouriços em suas cabeças.

O local foi escolhido pela questão geográfica e climática: no mês de janeiro, tempestades surgem na região e provocam a queda dos ouriços das castanheiras. Assim, a morte se torna lenta e cruel, concernente aos abusos cometidos pelos estrangeiros ao longo da narrativa. Durante a revolta, após ganharem a primeira batalha contra os poderosos - estrangeiros e políticos brasileiros corruptos -, o personagem Columbú menciona a Bepe um lugar perfeito, cuja fauna e flora são as mais belas de qualquer lugar, além da paz que existe lá: as terras das icamiabas, título do romance. Ao final do romance, após a condenação, Bepe e toda a população injustiçada iniciam uma peregrinação ao *eldorado*, à *terra das icamiabas*, ao *paraíso*:

Columbú sabe onde fica a terra misteriosa - a que guarda os tesouros dos homens que vinham do mar. Sabe das suas colinas de ouro, das suas florestas que cantam, das suas formigas guerreiras. Sabe dos rios que tem águas verdes, amarelas e pretas; dos que tem águas azuis e o fundo prata, sabe, também, das suas cobras, que só bebem leite. Columbú tem os olhos como duas glórias soterradas. E conta, ainda, que seus avós tinham guiado as icamiabas, até as barreiras de Tefé, junto a Camaraquarí. - Columbú! Você vai levar - me a esse lugar (BASTOS, 1934, p. 155).

Então Bepe olhou a multidão e falou para ela:

- Eu nada quero para mim. A felicidade alheia faço - a minha e só ela é um conforto. Vamos vencer milhares de léguas; as rosas - dos - ventos girarão nos seus pontos cardeais, tantas vezes os nossos olhos as interroguem com aflição [...] Onde há um buraco você faz uma cidade. Onde há uma barreira de mato puro, amanhã é picada, depois é chão limpo, por onde a civilização vai passar. Você, homem, faz tudo isto. Contudo ninguém o conhece, você morre na miséria, sem teto e sem consolo. Você desanima, some - se e o seu nome fica perdido por aí, como os ventos. A terra é cada vez maior e mais bonita. O estrangeiro cada vez mais vai caçoando de você. Ora! Um dia, quando estas paragens mudarem de panorama e tudo for um alucinado esplendor, palavra, ninguém falará nos obscuros pioneiros que fizeram a obra gigantesca da exploração. Acordemos. Vamos para mais longe e façamos, nós mesmos, a nossa história (BASTOS, 1934, pp. 173-174).

A apresentação da futura República - terra das Icamiabas - é realizada por Bepe em mais três folhas que se seguem à citação acima. Nessa apresentação, o governo, o sistema, a religião, a sociedade e o trabalho são descritos da forma que o protagonista visiona como perfeitos, sendo toda uma configuração de uma cidade utópica oposta às que foram exibidas no romance: “Deus é tudo [...] Aqui não se adoram ídolos nem obra [...] Aqui, tudo é reintegração [...] Não há dinheiro a troco de funções [...] a propriedade é ilimitada” (BASTOS, 1934, pp. 156 - 158). Nesse itinerário, que dura doze dias, observamos a confluência da natureza com Bepe e demais atores, sejam da fauna e flora, sejam das lendas regionais:

Os Sacis levam luzes na boca para mostrar os barrancos, que estão para cair [...] Quero - quero vai na frente. É o que anuncia, dentro da noite, a aproximação do inimigo [...] Urutaí marca as horas. Nos galhos altos o seu bico é um ponteiro, que acompanha os caminhos do sol. Quando este descamba, a cabeça do pássaro, caída sobre o peito, já está na posição de dormir. Cojubim marca as madrugadas (BASTOS, 1934, pp. 178 - 179).

A nomeação da nova terra, na narrativa, é dada pelo protagonista. No final do romance, o personagem conta a lenda das Icamiabas e da pedra da proteção, muiraquitã, estando, elas, conectadas “[...] a Amazônia será eterna, como o fado dos muiraquitãs. Portanto, isto se chamará Terra de Icamiaba. Porque para colher o fruto ou guardar a pedra, é preciso rasgar o corpo e deixar cair o nosso sangue no chão ou nas águas” (BASTOS, 1934, p. 185):

Então, uma voz abrolhou no meio do povo:

- Bepe, que nome daremos a esta terra?

Bepe baixou a cabeça e fitou demoradamente o muiraquitã, que lhe dera Mano Solia. Depois levantou os olhos, sorriu e falou:

- Houve um tempo em que as icamiabas, jovens guerreiras da tribo das Amazonas, se reuniam, ao clarão dos fogos, no lago do Espelho da Lua. Isto se dava quando a lua enchia, em certos dias do ano. Para a tribo, o astro era a bela Jaci e o lago era de Jaciuaruá. De modo que Jaci, através das chamas altas das fogueiras, fazia descer um manto vermelho, até a base da serra do Copo, onde o lago oscilava docemente. Havia estrelas no fundo das águas. Havia escamas cor de fósforo, que passeavam, largando na superfície pequeninas centelhas. Tudo parecia um grande incêndio de prata. Mas as icamiabas, com os ouvidos na terra, escutavam todos os rumores e procuravam distinguir a marcha dos homens, que vinham do norte para fecundá-las. Logo que a percebiam, de olhos perdidos n’ampidão, já de pé, as icamiabas davam retumbantes brados, como sinal de alegria coletiva. Então as flechas voavam para o céu, as fogueiras ardiam com mais força e as flechas, caindo no lago, batiam nas estrelas e nas escamas, quem, como as icamiabas, também dançavam doidamente. O amor, quando é prodigioso, sempre traz o milagre. Era o que acontecia. No lago havia peixes sortilégos, cor de ouro fosco e outros que eram cinzentos, brancos, azulados, verdes, escuros, verde - esmeralda. Por isto as icamiabas se golpeavam com o sílex, lançavam n’água o sangue ainda quente e os peixes se encantavam e afundavam, mudados em pedra. Esses peixes se chamavam muiraquitãs, tomavam forma diferente, mas não perdiam a cor primitiva. As icamiabas mergulhavam, traziam os muiraquitãs, aqueciam - nos junto ao fogo da paz e, durante alguns minutos, deixavam que eles se enchessem também com a luz imortal dos seus olhos selvagens. Depois do pacto amoroso com os homens que chegavam para possuí-la, cada icamiaba presenteava aos amante com um muiraquitã. Nesta passagem, o muiraquitã se considerava a pedra sagrada amor, da paz, da alegria e da felicidade [...] O muiraquitã simbolizava o amor porque era parte do próprio sangue da guerreira; a paz porque marcava naquelas alturas o pacto de amizade, que durava uma lua; a alegria porque recebia o encanto diante das flamas ardentes; a felicidade porque lembrava, daquela insólita aventura, o gozo indizível que, por ser passageiro, se perpetuava em pedra por todos os séculos do mundo [...] As icamiabas morreram, os pais da tribo sumiram nas guerras, o lago ainda está no mesmo lugar e os muiraquitãs ainda estão esperando a hora fatal que os faça mexer e voltar ao corpo vivo (BASTOS, 1934, pp. 182-185).

As Icamiabas eram guerreiras que viviam em tribos sem a presença masculina, em uma sociedade essencialmente matriarcal. A lenda das Icamiabas serviu ao estrangeiro colonizador,

que, em sua associação, equiparou as Icamiabas às amazonas guerreiras, da mitologia grega. Essa releitura, ressignificação, resultou na composição do nome do atual estado brasileiro e de seu imenso rio, mostrando que o espaço nortista foi formado por um pensamento externo a ele, não pertencente ao mesmo. Convém destacar, ainda, a escolha do autor em alterar seu nome de **Amazônia que ninguém sabe** para **Terra de Icamiaba**, corroborando o destaque ao regionalismo nortista, ressaltando o imaginário amazônico, a partir de uma lenda local.

Ao narrar as belezas amazônicas, o escritor Abguar Bastos destaca o muiraquitã, pedra que tem poderes mágicos na cultura da Amazônia, e é responsável pela força e cura de uma grande variedade de personagens na narrativa. Em **Terra de Icamiaba**, o narrador sempre faz menção à beleza e importância da pedra:

Miranha metera - lhe na mão uma rãzinha verde, feita de pedra. Coisa que na redondeza se chamava muiraquitã e dava muita sorte. Ninguém sabia que deus alegre jogara essa virtude no seio dadivoso da terra. Nem houvera quem anunciasse ter deitado com Icamiaba para aprender o segredo daqueles ídolos. Agora, que culpa tinha Mano Solia de lhe alumiar o peito com a pedra maravilhosa? [...] Tinimbú lhe arrebatara o muiraquitã porque representava a felicidade da família (BASTOS, 1934, pp. 163 - 164).

Então uma fagulha da fogueira ardeu no peito de Tinimbú. E Mano pôde ver, palpitando como um astro e feitiço da vida, que se chama muiraquitã. E cerrou as pupilas diante a pedra sagrada que “fechava a carne dos seres” [...] O muiraquitã imobilizara - os (BASTOS, 1934, p. 170 - grifos do autor).

Antes de Bepe levantar - se e anunciar a marcha do dia seguinte, Mano foi até ele, pediu licença, invocou Jurupari e ofereceu - lhe o muiraquitã. Os rebelados de Badajós podiam seguir, pois a felicidade e a força estavam com eles. E muiraquitã ardeu no peito do outro herói, como um olho fulgurante (BASTOS, 1934, p. 171).

O romance **Terra de Icamiaba** tem como pano de fundo a Amazônia de seu autor: bela e repleta de mistérios. Nessa obra observamos a cumplicidade entre personagens e a natureza. Ainda que o contexto econômico da exploração da borracha se faça presente, a narrativa abguardiana reflete a busca de Bepe em resgatar a pureza do homem, fundando uma nova terra. Em seu discurso ao povo, Bepe busca convencer os locais que o sigam em busca de uma sociedade pautada na honestidade e igualdade entre todos. Para o protagonista, não há problema na implantação da nova civilização dentro da selva; a grande problemática apontada por Bepe, no decorrer, inclusive, da própria narrativa, é o enriquecimento à custa do flagelo da gente regional.

Não somente os personagens da narrativa são construídos a partir da visão da luta, da defesa de suas terras, de sua brasilidade, mas também a região ambientada por eles dentro da tessitura romanesca. O espaço amazônico retratado na narrativa também toma de

entretimento e empréstimo o espaço nordestino. Esse é exaltado na fala do narrador quando destaca a origem de sua família:

Um Assunção, alto e empertigado, vai na frente: Lucas. Dizem que a Morte é cearense. Deve ser. Porque o filho do fogo abre, com as mãos, as labaredas e, quando chega no mar, as águas envolvem - no, como na volúpia dos incêndios. No sertão, os dramas têm atores espontâneos. E há fantasmas de mulheres, com os olhos mais bonitos deste mundo. De dia, desconfiados, todos olham para o sol. Ninguém se alegra. As violas estão amordaçadas nos sacos. Só um ódio curioso sobe dos olhos, até a luz. Um ódio, sim: porque o sol bebeu toda a saúde deles. De noite, aqui e acolá, homens curvados embrulham os cadáveres com a cauda dos astros. Em cada sítio se levanta um cinema hediondo. Alguns querem pagar para ver o cinema. Mas a Desgraça é empresária que inventou a seca, para o anúncio das suas peças. A multidão comprime - se no improvisado palco, onde a condição social do indivíduo não é o dinheiro: é a coragem. Cada gemido é um aplauso. [...] Quando o cearense chora é a saudade que rompe os açudes: - são os parentes queridos que, para matar a sede do amor, vêm puxar água dos olhos do amigo (BASTOS, 1934, p. 13 - 15).

A linguagem presente na narrativa é composta por um vocabulário erudito, com a presença constante de metáforas, hipérboles e comparações. Importante ressaltar, ainda, o destaque do autor aos substantivos comuns, na narrativa, que são grafados com letra maiúscula, recebendo, dessa forma, atribuições de um substantivo próprio. Essas palavras, a exemplo de Destino, Felicidade, Desgraça, Tempo, Unidade, Forma, Pátria e Natureza, ganham notoriedade e força em sua inicial maiúscula, sendo personificadas pelo escritor que utiliza, no texto, a Prosopopeia, acolhendo a participação dessas palavras, como verdadeiros personagens do romance, refletindo, assim ressonâncias da escola simbolista (1893 - 1920). Essa figura de linguagem - prosopopeia ou personificação - atribui a objetos inanimados ou seres irracionais as qualidades acima, conforme observamos em trechos do romance:

No sítio o dedo invisível do Destino não alcança o ponteiro do sol. [...] A Felicidade não comove. Felicidade no Solimões, nunca se deu respeito (BASTOS, 1934, p. 10).

Dizem que a Morte é cearense. Deve ser (BASTOS, 1934, p. 13).

Mas a Desgraça é empresária que inventou a seca, para o anúncio e suas peças (BASTOS, 1934, p. 14).

O resto é apenas memorável. Vem do Tempo. Não vai à Unidade. A Forma só impressiona, de fato, uma vez. [...] Bepe só tem uma família: sua Pátria. Só tem uma religião: a sua Natureza (BASTOS, 1934, p. 22).

As mangueiras são o estilo da Cidade [...] A Cidade - Grande gira no retrospecto do Ausente: o Museu, o Bosque, o Teatro da Paz (BASTOS, 1934, p. 25).

Bepe é o representante tardio da Raça que tomou o Brasil dos holandeses, dos espanhóis, dos franceses, dos lusitanos [...] Monstros nacionais são todos os que fecham os olhos para não ver a mudança da Pátria (BASTOS, 1934, pp. 60-61).

[...] através do rio, o vulto ingênuo daquela cabocla da “Saudade” (BASTOS, 1934, p. 69 - grifos do autor).

O homem é um centro: de ódio, de amor, de inveja, de esperança, de qualquer circunferência abstrata onde o círculo é a Vida (BASTOS, 1934, p. 84).

A Sensibilidade preleciona. Não se inventam as atitudes. Atitude é estilo. Não se torce o estilo, sem a contorção do Eu [...] Bepe não pode fugir para a cidade. Mato é mato! É um Purgatório. Mas é um Purgatório melhor que o Inferno. A Sensibilidade retira - se vitoriosa [...] Onde é que está a justiça da Providência? (BASTOS, 1934, p. 91).

Subjetivar-se é injuriar a Paisagem [...] É sair com a cor, com o ritmo, com o aroma, com a música da Realidade (BASTOS, 1934, p. 96).

Badajós adormece ao acalanto das águas eternas (BASTOS, 1934, p. 133).

A Vila dorme [...] A Vila vai descolcheteando os contornos (BASTOS, 1934, p. 134).

Aos gritos da família desesperada, a Vila vai acordando (BASTOS, 1934, p. 136).

As máquinas, a tecnologia e toda a contextualização política e econômica presentes no romance não barram o eficiente toque do autor em pungir o amor à terra, à natureza, ao que não pode ser destruído pelo homem. A natureza, a fauna e a flora são constantemente expostas na tessitura **Terra de Icamiaba**, em confluência com a modernidade, nunca estando menosprezadas pela tecnologia, conforme vemos na apresentação do protagonista:

Bepe não mora sozinho. Tem um amigo: o cão. Tem um bobo: o macaco sabido, que monta no cão. Tem um adador: o papagaio, que canta para o cão, porque o cão é forte e dorme embaixo da gaiola. O papagaio fica mudo para o macaco, porque o macaco sabido pode aprender a falar. Na sala de Bepe o gramofone, também, como os bichos, mostra as suas habilidades. Papagaio se fizesse papel de gente seria duas coisas: político e professor de lógica. O homem, deus dos bichos, aparou o prestígio do papagaio: inventou o fonógrafo. Papagaio pensou: se ensinasse o macaco a falar matava o fonógrafo. Pensou de novo: se a voz do macaco acabasse com o fonógrafo quem ia para a sala era o macaco. Ora, antes ficar assim. Macaco não vai à sala. Por isto não pode aprender com o fonógrafo e fica, sempre, no quintal. Papagaio não morre de desgosto. Acredita que tem uma vantagem sobre o seu concorrente: não precisa de corda, nem disco. Tem, para isto, a chuva e a voz do dono (BASTOS, 1934, pp. 11-12).

A modernidade presente na residência do protagonista - fonógrafo - pode ser compreendido como uma busca do autor em valorizar a própria natureza: a máquina não é melhor que o bicho papagaio, ainda que o mesmo dependa do homem para reproduzir sua fala. “O papagaio canta para os companheiros: é o interprete dos bichos, entre os homens” (BASTOS, 1934, p. 179). O papagaio demonstra inteligência ao perceber sua importância dentro daquele cubículo e, não cedendo uma maior inteligência ao homem *seria professor de lógica*. A natureza pode caminhar em conjunto com a modernidade, no romance. Bastos busca sempre incorporar a tecnologia com a vida natural. Para o autor de **Terra de Icamiaba**, o

homem não depende da modernização para ter felicidade, mas destaca a presença desta como uma forma de expor a realidade da Amazônia do seu tempo.

No meio da narrativa, Abguar Bastos, ao direcionar o leitor à problemática criada por um marroquino, sobrinho de Amar, foca no folclore amazônico e nas crenças em poções mágicas. Entre as páginas 84 e 88, da obra estudada, temos toda a inserção do leitor dentro da Amazônia, a partir das cores, lendas e credices populares, a exemplo do Boto, responsabilizado pela gravidez, inicialmente, da personagem Sonsa, filha de Julião Cosmes. Nesses extensos excertos, o pai da moça *desonrada* intenta clamar por justiça pelo *defloramento* da personagem acima antes do casamento, mas *Mãe-Perêra*, famosa mandingueira resolve a situação de Sonsa e *trabalha* para que Mussa, sobrinho de Amar, volte para Sonsa e se case com ela. Em um primeiro momento, ele retorna, mas não quer se casar e, dessa forma, *Mãe-Perêra prepara* algo mais forte: Mussa fica impotente. Aqui, vemos toda a descrição do conhecimento da terra, da fauna e flora e sua utilização por *Mãe-Perêra*.

Abguar Bastos, na composição dos personagens, não se esquivou de destacar a origem de seu herói, Bepe, envolto em uma mesma aura de magia, mistério e coragem que permeia toda a narrativa. “A volúpia de Bepe é sua sesta, sobre uma pele de onça, que ele mesmo imolara e arrancara. Volúpia de dormir sobre o grito mais poderoso da floresta” (BASTOS, 1934, p. 12). O nome do protagonista e herói da tessitura tem sua origem na mitologia dos índios tarianos. Na obra, a origem do protagonista é detalhada e destaca o deslocamento de estrangeiros ao Brasil - no caso, do português -, a miscigenação e a valorização dessa mistura de crenças:

O seu nome foi presente do padrinho que vivera no Içana. De lá, descera um famoso chefe tariano, que parara no Uapés para fundar um império. A glória do índio rasgara nas pedras o hieróglifo do seu batismo. O padrinho, português dos Açores, que furara o Brasil pelo lado da Venezuela, gostava do eco das conquistas. Passou pelo Içana. Leu nas pedras o nome do tariano famoso: Bepe. Guardou o nome do herói. E ainda que os compadres hesitassem com a extravagância, diante da narração novelesca do lusitano fizeram a vontade do padrinho. O afilhado, portanto, na pia romana, recebe a sua aclamação: Bepe. E o nome dele riscou no templo, rápido como uma flecha e vivo como um golpe: Bepe! Assim devia ser (BASTOS, 1934, pp. 09 - 10).

Em **Terra de Içamiaba**, Bastos destaca a ascendência miscigenada do protagonista: sua mãe, Carolina, é descendente de Florência, paraguaia, e de um brasileiro chamado José Basto. Além de mostrar a origem do herói, oriundo da força e coragem brasileiras, o escritor também acaba destacando o deslocamento desses estrangeiros na ficção romanesca:

O pai dela [Carolina] fora oficial do exército no tempo da “campanha”. Atravessara Lomas, Augustura, Curupaiti, Cerro Corá. Entrara em “Asunción” ao lado de Caxias. Encontrara, no meio deles, uma Florência tímida, de corpo inquietante. Uma Florência pálida e esquisita. Uma Florência que apalpara as dragonas de ouro e em vez de fugir do inimigo, amara - o mais do que a terra do berço. - Queres ir comigo? O Brasil é rico e bonito. Tem mulheres que te invejarão e o teu orgulho passeará, impertinente, pelo meio das cidades alegres. Antes de pensar no símbolo da sua obediência ela riu, como uma criança que vai possuir uma porção de brinquedos - És bueño. Yo te seguiré (BASTOS, 1934, p. 17 - grifos do autor).

José Basto quando viera da “campanha” trouxera Florência. Como José Bastos, outros brasileiros conduziam paraguaias formosas que os adoravam, por que eram fortes e valentes. Um dia, o Imperador, para contemporizar com a disciplina, aconselhara o casamento entre os soldados do Império e as mulheres raptadas do país inimigo. Casado, José Basto misturara na hereditariedade da prole o sangue ativo dos guaranis (BASTOS, 1934, p. 18 - grifos do autor).

Carolina, então, olhou bem pra Lucas [...] Carolina, então, batendo palmas, admirou a coragem do imigrante. E casou com ele [...] E o primogênito, que, após nove meses de solidão, vem, finalmente visitar o mundo. O primogênito: Bepe. (BASTOS, 1934, p. 16).

Ao terminar sua formação, no seminário em Belém, o protagonista Bepe passa a perceber que seus ideais se contrapõem às de seus colegas e superiores. Para o protagonista, os pensamentos e ideias de seus colegas e professores não passam de futilidades. “As suas atitudes de revolta contra os dogmas poluídos isolam - no do prestígio teológico. Os padres temem - no. Afastam - no. [...] Bepe não se intimida. Discute, condena, reforma” (BASTOS, 1934, p. 03). Em **Terra de Icamiaba**, observamos a caracterização do herói: Bepe é um homem desiludido com a política, literatura - escolas literárias²⁴ - e um *jogo social* que guiava a sociedade de Belém, considerada pelo protagonista como hipócrita e materialista, além de sua indignação, já no início da narrativa, com a usurpação desmedida contra os pobres da região. Em **Terra de Icamiaba** observamos, também, a satirização às escolas literárias:

Logicamente Bepe teria que escolher entre um lirismo estúpido e um romantismo decadente. Culpa dos panoramas (BASTOS, 1934, p. 35).

Pois bem, Manoel Dias, desta vez, vai recitar um soneto da sua lavra. Decassílabo. Parnasiano incomparável. Puro mármore [...] - Puro mármore, uma droga. Puro Luiz Delfino. Puríssimo *Algas e Musgos* (BASTOS, 1934, p. 114).

A caracterização do protagonista Bepe diverge de romances anteriores: o protagonista é guiado sempre a um caminho que busca a justiça. Não há um amor romântico, nem uma

²⁴ No período de 1877 vigorava, no Brasil, o final do movimento romântico (1836 a 1881) e início das escolas realista/naturalista (1881 a 1893) e simbolista (1893 a 1922). Convém destacar que o autor Abguar Bastos, quando lançou **Terra de Icamiaba** estava inserido no período moderno (1922 a 1945).

mocinha em perigo ou tampouco as mazelas da seca como foco narrativo. Nos excertos abaixo, observamos como o narrador guia os olhos do leitor ao objetivo do protagonista, apresentado em passagens do romance, ao longo da narrativa, como um homem com sede de vingança pela maldade cometida pelos poderosos da região. Ainda que o narrador faça menção à presença de alguma mulher, Bepe não a vê como uma possível paixão:

Bepe só tem uma família: a sua Pátria. Só tem uma religião: a sua Natureza (BASTOS, 1934, pp. 22).

Entrou confiadamente n'alma de muitas mulheres. Trouxe a sua parte no que lhe convinha do aparato do corpo. Só! Disse loucuras com juízo. Não desejou nem uma das almas exposta. Para quê? Depois do Reginaldo e do Jeremias teve medo do amor, na Cidade Grande. Teve medo do ambiente. As cigarras ainda estavam cantando, os sinos ainda estavam dobrando. E Bepe não quis o amor (BASTOS, 1934, p. 35).

Nunca mais cavaqueara com os amigos. Principalmente com os Cosmes, donos daquela pescaria milagrosa em ele também competira. Um ano antes. A filha do casal devia estar moça crescida, transição de flor a fruta madura. - Boa gente. (BASTOS, 1934, p. 47).

Em **Terra de Icamiba**, o autor destaca a personalidade forte, altruísta e corajosa de seu herói. “Bepe é o representante tardio da Raça que tomou o Brasil dos holandeses, dos espanhóis, dos franceses, dos lusitanos” (BASTOS, 1934, p. 60). Após ouvir os problemas amorosos de seus companheiros - Jeremias, o Jê e Reginaldo, Bepe direciona seus esforços e pensamentos à justiça contra os estrangeiros e políticos brasileiros corruptos da região:

Em todas as regiões há um indivíduo que se destaca. É o gênio do lugar. O de Badajós é altaneiro, compacto, brônzeo. Novo e possante Aniaóba, desafia, com o peito ferido e nu, a valentia das raças. Chama - se Bepe [...] Nas frentes difíceis o gênio de Badajós não muda. Quando diz: eu vou e volto, volta mesmo. O trabalho é a disciplina da sua força e esperança disciplina - lhe o coração. Ensina aos que não sabem ler e consola os que não têm remédio. Entre os infelizes prepara o unguento da paz, a tisana da fé, a ligadura da piedade (BASTOS, 1934, pp. 08-09).

Importante destacar na narrativa a questão da educação como apoio fundamental ao conhecimento contra os estrangeiros exploradores. Em toda a leitura do romance **Terra de Icamiba**, notamos que Bepe e o narrador sempre relevam a oportunidade de estudos como fundamental à não aceitação das condições impostas pelos corruptos da região, em especial, os estrangeiros que se aproveitam da gente ignorante. Em alguns momentos, o desconhecimento da retórica não permite que Bepe, culto, converse com seus colegas ou funcionários, realizando, o autor, dessa forma, o destaque ao protagonista, ao *reberto genial*:

Julião, angustiado, não compreende. No seu intelecto de analfabeto a lição do amigo é uma arenga de outro mundo [...] Julião suspira (BASTOS, 1934, pp. 57-58).

Queria que o filho fosse homem da cidade e ele voltava a ser o homem do campo. O rebento genial não devia puxar a terra. Infelizmente, o velho desmanchou - se em pós, antes da sua esperança (BASTOS, 1934, p. 61).

- Isto só é possível com aqueles que chamam força para o orgulho e confiança para o egoísmo (A retórica diz a Bepe que Mauro, inculto e rústico, sobra da equidistância do seu ponto moral. E Bepe tem saudades do Seminário) (BASTOS, 1934, p. 79).

O protegido não compreende. Ri e acha na franqueza do patrão um eco de novidade (BASTOS, 1934, p. 81).

Elementos recorrentes em **Terra de Icamiaba**, expressões e termos regionais fazem parte da brasilidade e do contexto amazônico. Em seu romance, Abguar Bastos retrata o norte do país através das palavras ricas em significados regionais, a exemplo do termo *caboclo*, referido em **Terra**. Em seu texto, “A construção histórica do termo caboclo”, Deborah Lima (1999) apresenta os vários significados do vocábulo *caboclo*. Para ela, o termo caboclo

Evoca vários significados, sendo os principais relacionados a noções de geografia (Amazônia, interior, rural), de descendência e ‘raça’ (indígena, mestiça), das hierarquias e relações sociais (conquistas ibéricas, submissão, a relação de dívida e de crédito no aviamento, o par patrão & freguês) todas ligadas à história da ocupação europeia da Amazônia (LIMA, 1999, p. 26 - grifos da autora).

No decorrer do romance **Terra**, notamos que Abguar Bastos sinaliza ao leitor a representatividade do caboclo, sendo este ligado intimamente à natureza, além de ser visto como aquele que se adapta a qualquer alteração socioeconômica e até geográfica. É o caboclo que sobrevive às mazelas sociais, que luta ao lado do protagonista para defender sua terra e sua gente e que resiste à qualquer adversidade encontrada:

O caboclo de 1900 é o indígena de 1500. No entanto, o nhegaíba de 1500 quanto à realidade moderna não é o brasileiro de 1900. O conjunto, neste caso, é um conjunto étnico. Ele aperfeiçoou - se. No entanto, nos abismo do caldeamento não desapareceu a sua identificação física e moral: habilidade, agilidade, desconfiança, coragem, precocidade, indiferença, espontaneidade, afinação exagerada do amor próprio, alegria hospitaleira (BASTOS, 1934, pp. 96-97).

Para Bastos, o caboclo possui o sentido positivo, de luta e da própria terra. Em outra passagem da narrativa, já ao final da obra, Bepe volta a exaltar o caboclo e elenca sua trajetória de lutas e participação em fatos históricos, a exemplo das mais conhecidas revoltas

brasileiras²⁵, do Nordeste ao Norte do país. Aqui, Bastos enfatiza e desconstrói o estereótipo de um homem covarde ou que não gosta do trabalho; aqui, o caboclo é corajoso, perspicaz e leal ao seu país:

Deslumbramento sonoro, ruge a formidável orquestração do Brasil anônimo; Brasil de seringueiros e lavradores; Brasil de seres forçados, que enfiam o sol na cintura - cabelos e músculos dentro das auras - e, confiados, vão desafiar os infortúnios, sem ao menos pensar na proteção duma história (BASTOS, 1934, p. 77).

Caboclo! Embalo de rede faz - te dormir. Dorme! O teu sono, caboclo, põe cócegas na ironia dos outros. Não tem graça, não! Tu tens o peito enfeitado com dentes de maracajá. Pronto! Tu acabastes com a guerra de Canudos. Tu rompestes a ponte de Itororó. Tu ganhaste a guerra das Goianas. Tu fizeste o heroísmo da Cabanagem. Só? (BASTOS, 1934, p. 151).

Dizem que não tens coragem para confiar na vida. Ri bem alto, brasileiro! Conta, só para que eles não durmam direito, que os teus antepassados bebiam os ossos dos guerreiros diluídos no cachiri. E bebiam - no para não perderem o heroísmo da raça. Ri, bem alto brasileiro; e conta, sem pejo, a tua história (BASTOS, 1934, p. 153).

Em **Terra de Icamiba**, a bravura do caboclo é destaque ao longo da narrativa, assim como sua feição característica. Na leitura do romance, o leitor é apresentado sempre a moças formosas e delicadas, e aos caboclos, negros e índios, homens fortes e trabalhadores, sendo bastante comum a apresentação de cada um a partir de suas características físicas:

Esse homem se chama Mano Solia, é circunspecto, veio do Rio Negro, trabalha nas roças e tem, na vida, uma história formidável (BASTOS, 1934, p. 162)

Era a voz da Miranha. A Miranha! Cabocla de rosto redondo, como cuia. Mas, bonito e alegre - luar dos lagos dos Uaupês, luar de todos os heróis manibas, que sonhavam com a guerra depois do putirum (BASTOS, 1934, p. 163)

Mas a cara hedionda de Tinimbú, apareceu - lhe, de repente. Era o pai de Miranha, relâmpago perigoso, que, em vez de derrubar uma árvore para que os homens a glorificassem, derrubava os homens para que as árvores lhe tivessem pena (BASTOS, 1934, p. 164).

O nordestino que sai de sua terra e se desloca ao Norte em busca de melhores condições de vida também é retratado em **Terra de Icamiba**. Semelhante ao caboclo, o homem do Nordeste do país não vê problemas em se adaptar ao espaço geográfico de que dispõe nem às necessidades que, por ventura, surgirão. O deslocamento e as memórias (re) criadas por migrantes nordestinos são destaques em **Terra de Icamiba**. O pai do

²⁵ A Guerra do Contestado (1912 a 1916), especificamente, foi um conflito que envolveu a União e os caboclos que brigaram por faixas de terra, entre outras revoltas, que tiveram como partícipes, os caboclos.

protagonista é cearense e leva em sua personalidade - repassada ao herói - sua coragem e força para viver as dificuldades da vida: “O cearense é predestinado. Briga no Ceará com o fogo. Briga no Pará com as águas grandes. Chega ao Amazonas, briga com o mato [...] Briga com a perfídia dos aviadores e mascates. E sofre tanto quanto o caboclo” (BASTOS, 1934, p. 42).

No romance, Bastos revela a *incontestemente* economia gumífera, na região Norte e sua decadência - assim como outros produtos - o que levou vários seringueiros a modificarem seu meio de vida, cultivando e explorando outras matérias primas, ou a abandonarem suas casas, deslocando-se geograficamente: “Nas casas sem dono ressoam histórias de fantasmas. Nos ninhos abandonados, também. A visagem é o gavião [...] No mato visível, novelos de algodão desabam dos ramos. Crescem. Desabrocham: são garças tímidas que voam” (BASTOS, 1934, p.46).

Ainda no início do romance, o narrador mostra a forma pela qual a borracha alterou a postura dos trabalhadores e o meio que eles viviam. No trecho a ser destacado, observamos, ainda, a saudade do pai do protagonista e seu desejo de retornar à terra nordestina. Entretanto, a partir de uma visão de luta de dois animais, percebe que a terra nortista já era parte de sua vida e tenta, mais uma vez, ganhar seu sustento trabalhando em outras atividades que não a extração do látex:

Terminados os serviços da estrada de Ferro, Lucas perdeu o emprego. Então comprou uma canoa e foi fazer comércio no Mojú. Porém, a sorte não o ajudou bastante e Lucas, quase esmorecido, aventurava, agora, percorrendo o Acará. De regresso, já sem fé nos seus sucessos da vida nova, cismava em voltar ao ninho das jandaias do seu Ceará despovoado. Porém, numa faixa de terra úmida, sob árvores secas, a canoinha parou. E o cearense, assistiu, espantado, o glorioso mistério do pracaxi. Duas sombras juntavam - se e repeliam - se instantaneamente, enquanto uma cauda verde rodava e caía violentamente, sobre um dorso sarapintado. Era a briga da cascavel e do camaleão. Mediam - se, arremetiam, porfiavam. Golpes fulos arrematavam botes elásticos. Mas o que impressionava era a resistência do camaleão, que, de vez em quando, saltava, buscava, adiante a sombra do pracaxi e voltava mais indomável e forte. Cascavel amoleceu, camaleão montou. E sacudiu a cabeça vitoriosa. Então o imigrante compreendeu. Camaleão só lutava perto do pracaxizeiro. Porque a casca da árvore, mastigada pelos bichos, é o milagre que enxuga as feridas, remonta a força, immortaliza a destreza e sopra no animal a invulnerabilidade barbara, que vence sempre. O homem reanima - se. A terra fabulosa tenta - o mais uma vez. Um companheiro conta que no Badajós, muito acima da Boca do Rio Negro, a terra dava dinheiro. Quando Lucas vai para Badajós leva dois intuitos: alimentar as fontes agrícolas e abastecer a modéstia da família (BASTOS, 1934, pp. 18-19).

Os sacrifícios do nordestino e do caboclo, contados de forma a destacar suas bravuras e forças, são somados aos elementos de brasilidade da narrativa e apresentam um autor engajado com o ideal modernista e interlocutor da realidade social amazônica. O

espaço amazônico selvagem também é descrito na narrativa por Bastos. É nesse lugar que o nordestino, o caboclo e os estrangeiros irão construir suas vidas, se adaptando e enfrentando a terra, a natureza e seus fenômenos naturais. Em **Terra de Icamiaba**, Bastos também apresenta o espaço amazônico que norteia a vida e morte, permitindo, dessa forma, o surgimento de crenças que, ao longo do tempo, vão sendo inseridas no senso comum e fazem parte da cultura do homem amazônida, sendo este espaço configurado a partir das dificuldades que permeiam a vida na selva. O solo amazônico, sua fauna e flora fazem parte dessa configuração e predominam o desconhecido, incutindo o medo no homem que ali vive cercado por lendas e um rico folclore:

-Como vai tua vida?

-Mal. Uma porção de atrasos. Caiporismo entrou. Nem pediu licença (BASTOS, 1934, p. 54).

- Põe o pano preto no espelho grande e vira o pequeno pra parede. - Corre, mano; bota o machado pra dentro. Corre mano que o pé - d'água é bonito. Agora é que é. O cemitério do Alto já está cavando. Com esse tempão, amanhã é trabalho. Os defuntos vão ficar de fora [...] Ouvem - se rancos estranhos, como pororocas em marcha. Caiçara finta chuvisco, rebola e bate nos bichos, com a japecanga no punho. Um mundão de bípedes e quadrupedes recruzam pernas e escalavram pedras. Amazônia selvagem! Amazônia que ninguém sabe! Tu podes, sem cérebro nem braços de homem, vingar os desesperados (BASTOS, 1934, p. 143-145).

O outro sorri, sem gosto.

-Minha mão? Esp'rito cortou ela.

- Esp'rito?

-Sim. As almas rapaz...

-Vôte.

[...] Castigo de Esp'rito, disse logo, de mim, pra mim. Credo! Cala - se o assombrado (BASTOS, 1934, p. 74 - grifos do autor).

- Aquele que levaram amarrado pra cidade. Coitado! Queria, por força, torar a língua da velha Constança, depois de morta. Fez berreiro, na hora do enterro.

-Que mania!

-Ora ... *Disque* assim a velha deixaria de falar dos outros, no outro mundo (BASTOS, 1934, p. 78 - grifos do autor).

O baú conduzia, além do umbigo do dono, um bentinho de pau, um Santo Onofre xipófago, um corninho para rapé, um vintém de São João, duas dúzias de medalhas e um olho de boto, seco, para pegar mulher [...] Onde não há padre o "tirado" é um pastor *ad hoc*, nomeado pela graça de Deus (BASTOS, 1934, pp. 115 - 116 - grifos do autor).

Além do nordestino e do caboclo, Abguar Bastos também insere em sua narrativa a presença do índio. Em **Terra de Icamiaba**, temos o personagem Columbú, índio que, assim como muitos nativos da região, passou por um processo de miscigenação. Na obra, observamos que o nativo mora *em cima d'água* - característica de uma residência de ribeirinhos - e possui capacidades como jogar capoeira - elemento este que é tradicionalmente atribuído, como pertencente à cultura negra:

Aparecem alguns voluntários, doutros sítios. No meio desses sobressai Columbú. É excessivamente alto e excessivamente magro. Tem os beijos rachados. Recusa o punhal e o rifle. Quer apenas a massa, um pedaço de acapurana, com quatro quinas, singularmente eriçado. A sua pancada é mortal. É celebre na capoeiragem. Filho de muras domesticados, foi deportado do Javari [...] Columbú, quando tem saudades dos parentes, faz uma jangada, arma - lhe paliçada e fica morando em cima d'água. (BASTOS, 1934, p. 127- 128).

De acordo com a leitura do romance, em diálogos com os demais personagens e o protagonista, notamos uma caracterização preconceituosa, do autor, na configuração do negro e do índio. Na narrativa, lemos que o índio *precisa de um chefe* e o negro supostamente sabe *do seu lugar* dentro da hierarquia. Ainda que Bepe seja miscigenado e não um homem branco, no romance é ele quem se destaca pela bravura e intelecto e, acima de tudo, posição na hierarquia. Dessa forma, não somente observamos a construção de uma memória coletiva contra os estrangeiros na narrativa, mas também a configuração de um preconceito de raças acobertado pelo “elogio” e “bondade” dos considerados superiores, características comuns e recorrentes, no contexto histórico e social de Bastos:

Fala muito pouco e só tem olhos para o chefe. Não pode estar sem um chefe. Gosta de sangue porque é vermelho [...] Sem medi - la do alto a baixo sabe quantos palmos tem uma arvore em pé, que se pretende derrubar. Marca - a, com um golpe, acima da raiz [...] Volta - se e mede o caminho percorrido. Derrubada a arvore, a metragem assegura a honestidade do método. Matemática de índio [...] Columbú quer bem a Bepe, porque este, uma vez, dera - lhe uma tarrafa nova (BASTOS, 1934, pp. 128 - 129).

O homem da confiança de Telesforo chama - se Catulé. O avô de Telesforo, senhor de engenhos no Maranhão, legara Catulé aos filhos [...] Quando Bepe oferece a Catulé o cigarro, Catulé recusa - o. Patrão estava dando confiança ao criado. Cigarro de patrão, criado não fuma. Tabaco de branco, negro não pita.
 - Todos os homens, entre si, são irmãos, com direitos iguais. Não há mais diferença de raça, Catulé.
 - Sim, nhô Bepe. Mas preto não deve sair do seu lugar. Branco é filho do dia, preto é filho da noite. Branco fala, preto fica silencioso; mas quando branco quer fugir da justiça, procura esconderijo dentro da noite. A luz do pai dele é traiçoeira. O silêncio da noite, *mãí* do negro, salva o filho do outro.
 - Catulé, muitas vezes, o branco bom salva o preto ruim da justiça.
 Livra, sim. Porque uma coisa branquinha fica mais bonita em cima do escuro (BASTOS, 1934, pp. 130 - 131).

No decorrer do romance, Bepe une homens leais a sua causa e o narrador os apresenta a cada citação. Ao apresentar o índio Columbú, configurado a partir de sua coragem, força e lealdade, o narrador acaba destacando, mais uma vez, um preconceito escondido pelo elogio do homem colonizador. Assim como o índio Columbú, há o personagem negro Catulé. Não somente o negro recebe um estigma, uma marca, uma caracterização preconceituosa, como o próprio índio que luta ao lado de Bepe, em **Terra de Icamiaba**, cujo pensamento, reiterando, faz parte de um discurso à época. Essas

representações estereotipadas do negro e do índio, no decorrer da obra, acabam perpetuando o racismo, sendo este comum nas representações literárias à época do autor.

Seguindo a narrativa, Bastos insere na voz de seu protagonista o discurso sobre a formação nacional. Esse diálogo ocorre após o negro Catulé questionar Bepe sobre a presença do negro em nossa historiografia. Para o negro, ao contar mentiras ao branco sobre sua suposta bravura, o negro contribuiu para a construção do pensamento de superioridade do homem branco sobre o negro, já que aquele nunca foi, de fato, corajoso. Nessa conversa, Bepe não concorda com Catulé que preconiza que o Brasil precisa recomeçar. “Brasil precisa começar de novo. Se não começar de novo, negro é capaz de inventar outro. Índio também” (BASTOS, 1934, p. 132):

“O Brasil precisa começar de novo”. Bepe medita: não precisa. O homem atual não é mais a ilusão do europeu, a mentira do africano, o ódio do tupi despejado. Não é mais a vitória sem orgulho, o ardil sem salvação, a resistência sem domínio. É o conjunto superior que se destaca da combustão etnológica e plasma a unidade, quer sejam partes um mulato, um mameluco, um curiboca ou um cafuz. O caldeamento vai chegando à sua consistência orgânica e intelectual. Da culminância percebida, já os tipos estabelecem, voluntariosos, a linha harmônica, inviolável. É a diretriz que separa a memória e o sonho, o passado subserviente e o futuro definitivo. Vamos dos desvirginamentos iniciais à complexidade da evolução antropológica. [...] O sangue ferve, ativam - se os neurônios, o olhar fura os ventres, as pernas possuem as terras e as águas. É o homem novo palpitando, pesquisando e movendo - se. [...] Não somos mais a mocidade combalida pela vertigem da grandeza. A grandeza é que se oprime pela vertigem dos moços (BASTOS, 1934, p.132- 133).

Da leitura de **Terra de Icamiaba**, encontramos, ainda, o negro Cabo Jesuíno, personagem que seguirá ao lado de Bepe na luta contra os poderosos da região. Esse personagem apresenta características de personalidade, a exemplo da habilidade na capoeira, que são tradicionalmente atribuídas, conforme observado anteriormente, ao longo de séculos, na literatura, como representações estereotipadas do negro, no país, além da força, da coragem e da obediência que são vinculadas como sendo marcas, ainda, desse personagem. Em **Terra de Icamiaba** fica evidente a menção à essa marca cultural na fala do negro e do próprio narrador que descreve a desenvoltura de Jesuíno ao lidar em embates físicos:

Cabo Jesuíno era o homem de confiança do chefe Zeca. Valente. Macho. Cabra bom. Com os patrões era humilde, serviçal e cumpridor de ordens. Com os outros, não; contava prosa, espalhava o pé, virava o diabo nas tascas [...] O negro, então, sacudiu o punhal para o lado da canoa, deu uma risada cavernosa, seca, assim como tosse: - *Êta, mininos, nós premêro vamo brincá*. As pernas bambearam, o corpo se torceu como arco, os pés giraram depressa e, como golpes de machado, bateram nos dois, derrubando-os, de chofre. -Levantem, *mininos* ! Os “meninos” levantaram. De

novo os pés arrancaram e como duas atas gigantescas de caranguejo, tortos, pesados, ricochetaram nas pernas trôpegas dos fugitivos e os atiraram de bruços, fungando. O brio dos homens começou a despertar e eles procuraram posição para reagir ao achincalhe. Mas o cabo mudou de tática. As mão ajudavam os pés; os braços, rodopiando como cacetes rijos, atingiam os olhos e os queixos, de um e de outro, com rapidez furiosa. As pancadas doíam e os pés oscilantes, dançando, jogava - os ao chão, enquanto o capoeira, de quando em quando, como tragos de gozo, tossia, enfaticamente, o seu rizo escarninho (BASTOS, 1934, p. 118 - 121 - grifos do autor).

Abrindo parênteses à presença dos demais negros na narrativa notamos que Abguar Bastos deixa claro que a presença do estrangeiro usurpador não é bem vinda em seu país. Não somente os forasteiros são negativados em seu discurso, como também a gente da terra que agisse em consonância com aqueles, também era motivo de escárnio pela própria população, a exemplo de um *preto* local que se vestia igualmente a um poderoso da região. A rejeição é observada no diálogo a seguir:

Os partidos temem - no. A sua ironia, às vezes, tem doses literárias. Está na Vila um preto, dentista, que só veste roupas brancas. Martinho enxerga - os, à tardinha, ao lusco - fusco:

-Que é aquilo?

-É o dr. Dozinho, dentista.

-Ah! ... Pensei que fosse o luar... (BASTOS, 1934, p. 115).

No início da narrativa, Abguar Bastos destaca o espaço urbano onde a presença estrangeira se faz imprescindível à composição do romance moderno: o Brasil vivia a chegada de vários estrangeiros e o deslocamento de brasileiros ao norte do país. Ao descrever a Belém do século XX, Bastos delinea as atividades econômicas desses estrangeiros, junto a suas diferentes culturas, etnias, cores e a pacífica convivência com a diversidade:

Desde a madrugada começa o trânsito dos trabalhadores. Turcos ambulantes, tèque - tèque no punho, caixa às costas, conduzem fazendas e quinquilharias. Peixeiros lusitanos, com tabuleiros, e peixeiros nacionais, com carrinhos - de - mão, oferecem à freguesia o produto das pescas marítimas e lacustres. Italianos sapateiros trazem páus, sobre os ombros; nas extremidades crivam - se cabides curtos, onde oscilam sapatos, botas, chinelos, alpercatas, tamancos. Engraxates, também italianos, nas esquinas, alçam, a tiracolo, as caixas de serviço. Espanhois agricultores empurram carros com verduras e frutas. Funileiros obesos sacodem os telécos. Japoneses itinerantes percorrem as habitações e mostram brinquedos, cortinas, ventarolas com faisões estampados, cintos com inscrições, bengalas dos colégios de Tóquio. Russos soturnos compram ouro, prata e pedras preciosas. Francos belgas oferecem roupas feitas, de linho ou seda, tapetes, colchas, toalhas. Chinos abrem as portas das tascas e engomam para os homens. Barbadianos britadores trabalham nas linhas dos bondes e barbadianas desnalgadas servem de amas ou vão aos Mercados com as cestas nos braços e os chapelões na cabeça pixaim (BASTOS, 1934, p. 23-24).

O senso de justiça, a inteligência e o apelo moral fazem parte da composição do personagem Bepe, que foi inserido na trama para enfrentar personagens corruptos e lutar contra as mazelas sociais dos grupos marginalizados na narrativa. Esses grupos fazem parte da parcela considerada *boa* da narrativa: homens pobres (Bepe, índio Columbu, caboclo Mauro, negro Catulé); em contrapartida aos considerados *maus*: homens ricos (o judeu Calazar, o marroquino Amar, o holandês Lazaril e demais políticos nortistas que aceitaram propinas). Ocorre, ainda, que Bepe também luta ao lado daqueles considerados mais *fracos*, dada sua origem e condição financeira dentro do romance, que se diferenciam dos mais *fortes*, aqueles que detêm o capital da narrativa: os estrangeiros.

Não somente relacionada ao menino pobre herói que retoma suas terras, em **Terra de Icamiaba**, também observamos a marginalização dos estrangeiros ricos. Nessa obra, notamos que o trauma está ligado a uma ideia de deslocamento, o qual é forçado, em sua grande maioria, e acaba produzindo nos presentes uma memória reatualizada constantemente pelo preconceito aos povos que chegaram às terras amazônicas: “[...] todos os dias, os navios despejam nos portos [...] matilhas de forasteiros. Não trazem vintém. Vêm fiados nos patrícios cosmopolita [...] Após alguns meses empurram fueiros na bondade paquidérmica do nacional (BASTOS, 1934, p. 95). A diversidade de culturas, etnias, cores, tudo, no romance, deve confluír para a construção do perfil brasileiro, tido como ideal. Não somente o negro e o índio participam desse processo, como alguns *bons estrangeiros*. Para Bepe, há uma minoria estrangeira que deve ser respeitada pela índole e trabalho, sendo considerados bons por quase não se diferenciarem dos brasileiros natos, expondo, dessa forma, um preconceito em relação ao *outro, ao de fora*: “Estrangeiro! Alguns são bons e têm franquezas sinceras. Os bons são poucos e arranjam família no Brasil. Confundem - se com os nacionais e quase não se distinguem” (BASTOS, 1934, p. 42).

Ainda em **Terra de Icamiaba**, o narrador e o protagonista apresentam uma visão negativa do *outro de fora*, do não nacional. A presença do estrangeiro na tessitura **Terra de Icamiaba** também é representada a partir da visão do nacional que vê, nos estrangeiros, um inimigo natural: “Percorrendo os povoados, os regatões são velhos répteis [...] em barcos errantes. Bepe odeia - os. Despreza, igualmente, os que desviam sementes, frutos, fibras e óleos, para o vazio das sacolas cosmopolitas” (BASTOS, 1934, p. 41).

A forma pela qual o autor descreve a presença dos estrangeiros dentro da narrativa já interfere na leitura e no deslumbramento do leitor com os personagens já considerados *honestos* e apresentados como *bons*. Os elementos discursivos que são ligados à descrição dos estrangeiros trazem à tona a separação entre o *bem* e o *mal* que Abguar Bastos intenta

representar. Permeados por descrições negativas, os estrangeiros sempre são descritos com ojeriza o que nos permite constatar que há uma reorganização, em termos de cultura, que ocorre por conta dos deslocamentos, mostrando como a memória coletiva é capaz de gerar pré-conceitos aos sujeitos do romance, sendo tais conceitos relacionados aos sujeitos do deslocamento. Em **Terra de Icamiba**, Bastos se utiliza dos personagens Lucas, pai de Bepe e Julião Cosmes, amigo do protagonista, para efetivar esse pré-conceito. No romance, Lucas é vítima do agiota Lazaril e Julião, do judeu Calazar. Ademais, Sonsa, filha de Julião, tem sua *pureza deflorada* pelo sobrinho de Amar, o Mussa, marroquino. Dessa forma, o narrador insere esses sujeitos na narrativa de forma que estes sempre estejam em relação de intimidação e destruição do grupo considerado, em **Terra**, ingênuo e antes de tudo, brasileiro:

Lucas morre, quase miserável. Há uma praga na Amazônia: a traficância. Moedas malditas encarapitam-se nas contas fantásticas. Tudo pelo dobro e arrocho. Quem compra? Quem vende? Quem fia? Estrangeiro! [...] São gananciosos, traçoeiros, desconfiados. Para iludir, sorriem. Fingem meticulosidades para enganar o próximo. Mas tem privilégios. E, quando cheios de proventos vão para fora, mandam logo um presente: a crítica animosa dos defeitos nacionais (BASTOS, 1934, pp. 41- 42).

Julião desembrolha a vergonha:

- Eu tenho um credor que me aborrece, que me atarracha, que me deixa sem folego. Foguinho que consome os pés e deixa uma fumaça, que arde os nos olhos, até a gente chorar, sabe? É assim.

-Quem é teu credor?

-Calazar.

Um efêmera cristação costura a fisionomia de Bepe.

-O judeu?

-Sim.

-Um judeu? (Explica - se o indefinido: uma topada na fatalidade)

(BASTOS, 1934, p. 55).

Em contrapartida, a exemplo dos estrangeiros apresentados como setores negativados - leitura diferenciada em **Relato** -, no romance **Terra de Icamiba** notamos a descrição positiva do outro lado da trama: os mocinhos. A tessitura é rica em enaltecimento da gente da terra, no elogio e no destaque ao caráter incorruptível do homem bom, não estrangeiro. À medida que destaca a personalidade do homem bom, Bastos descreve de que forma demais personagens negativados *agem* para prejudicar os personagens tidos como *trabalhadores*: “Julião nunca deveu nada a ninguém. O seu caráter é uma nesga de quartzo: duro [...] A mentira é mascara dos erros conscientes. Julião não sabe mentir porque a malícia não lhe azuina o sentimento” (BASTOS, 1934, p. 51).

No decorrer da narrativa tomamos conhecimento do motivo da aversão do protagonista pelos estrangeiros, e de que forma, isso suscita naquele a necessidade da busca por justiça. À medida que realizamos a leitura, observamos, também, a ligação direta entre

esses estrangeiros e o comércio, constantemente causa de problemas com os regionais. No início do romance encontramos a apresentação da maneira que cada estrangeiro fraudava, ameaçava e tomava as terras dos ribeirinhos. Inicialmente, somos apresentados ao judeu Calazar. Em seguida, ao marroquino Amar, e por último ao holandês Lazaril:

Então, o Cosme, lentamente, conta a história da sua desgraça. Fora receber um saldo em Manaus. Adoecera Cinco meses de polinevrite, com um despacho dos médicos: vá viajar. Em Manaus, Calazar, que negociava no Badajós, oferecera - lhe os préstimos. Que o Cosme havia de ver o êxito. Descansasse. Fosse ao Ceará. O Ceará, sim! Que clima! Qualquer sujeito com os pés sobre a sepultura. Tirava o corpo da cova e dançava com a saúde no gozo das serras. Cosme deslumbrara - se. Sem um parente esperto, sentindo a moléstia progredir, precipitadamente, deixar o judeu à testa do seu negócio e fora buscar a saúde, no Ceará. Quando voltara, em vez de êxitos, atrasos. A sua agricultura não bastava para pagar os fornecimentos. Os fregueses, relapsos em calotes, não apareceram; os não relapsos liquidavam as contas pela metade, com assentimento do gerente. E Calazar mostrara contas-correntes, faturas, borradores, cartas de ordem, duplicatas alarmantes. O Cosme estremeceu e não falara. O seu temperamento recusava explodir, catar justificações, desancar a boa - fé. Então a enchente, já de emboscada, levava os roçados, trepara no lombo das seringueiras, proibindo os cortes. Milharal de bubuia. A goma elástica baixar miseravelmente de cotação. Calazar, lastimando a desordem financeira do companheiro, oferecera-lhe dinheiro, a dez por cento, com penhora agrícola. Julião, com aquela ingenuidade que os seus anos não provavam, aceitara tudo. E nada. Fora - se a penhora. Hipotecar as terras. Nada. Caiporismo fizera questão e, juridicamente, nomeara o judeu dono da asa do Cosme.

Bepe:

- Foste roubado, Julião. Foste maneirosamenmte esfolado, como porco em véspera de putirum. E continuas a tratar com ele?
- Continuo. Quem deve, deve.
- Propõe um acordo.
- Ele não quer. Me ameaça com as promissoras. Doze contos, sem data de vencimento.
- Uma esplendida armadilha. Que veado manso foste tu!..
- É o jeito. Assinei os documentos. Reconheci as contas. Depois, me arrependi. Mas o que Julião assim é coisa garantida (BASTOS, 1934, pp. 55 - 56).

Mas as taxas declinaram vertiginosamente. Ainda acreditou na vantagem das fecundações. Mas uma falência fraudulenta arrastou no seu vórtice jurídico o saldo capitalizado para os lucros da empresa [...] Apareceu-lhe Amar, irmão do falecido. Ofereceu-lhe dinheiro e mercadorias, chamando contra o canalhismo do irmão. Repartiram ganhos e prejuízos, ficando Amar no caráter de aviador, isto é, parte do negócio. Lucas assinou promissórias, que seriam abatidas, entre ambos, se houvesse fracasso. A situação embaraçosa do brasileiro defendeu com provas de emergência, a pretensão do marroquino [...] Quando findou o tempo convencional de vencimento, Amar, cinicamente, mandou executar as letra, sem repartir os prejuízos. Lucas, avisado, não acreditou. Porque três as ates salvara Amar da cadeia, emprestando-lhe vultuosa quantia. Quando Lucas pediu três meses de prazo deram-lhe três vezes as costas. E ele entregou terras e rebanhos, como se entregasse os filhos a uma suçuarana faminta. Foi definhando (BASTOS, 1934, pp. 62 - 63).

A desgraça estirara - se ao comprido Caiporismo do Julião. Um sobrinho do Amar, o Mussa, escrevera uma sedução pecaminosa no corpo da filha. E fora embora, na noite do crime, deixando uma preguiça mole nos olhos de Sonsa [...] A Sonsa, então, emendara: - Não foi boto, não, papai. Foi o Mussa (BASTOS, 1934, p. 85).

Mauro aproxima - se do patrão:

- Venâncio quer falar com o sr. Chegou ontem da Vila e trouxe notícias.
- Que é que diz o Venâncio?
- Que os castanhais do patrão vão pras mãos do Lazaril. Disque o sr não tem título definitivo.
- Bepe cruza os braços. A socapa da realidade gravita o inconsciente.
- Só?
- Não. Na lancha vem o engenheiro pra demarcar a posse. O patrão descuidou, os outros espertaram (Toma ares de entendido).
- Bepe chama a reflexão. De fato, somente naquela safra ser - lhe - ia possível mandar demarcar as terras e tirar o título final. Não cogitara na usurpação. Quem descobre, explora e cultiva, a esse pertence o domínio. Entrevia Lazaril, que morava na Vila, anguloso e pérfido. Aviava os comerciantes do Anouri e Mamiá. Era metido a politicoide. Trinta anos de Brasil. Recitava artigos do Código e era sempre o tutor de órfãos que tinham vintém. Venâncio informava que o marroquino é quem dissera a Lazaril da riqueza daquele trecho (BASTOS, 1934, p. 106).

O embate entre o protagonista e os estrangeiros já se segue à apresentação do *crime* cometido por cada um deles. Na sequência à problemática com Calazar, observamos a breve discussão entre o protagonista Bepe e o judeu, notadamente alheio aos insultos do brasileiro. Após sabermos sobre as atitudes do também corrupto marroquino Amar, na narrativa, Bepe toma satisfação com o judeu Calazar e o agride moral e fisicamente. Também percebemos o início da revolta contra os estrangeiros, na sequência da narrativa, após receber a visita de Lazaril, holandês:

- O judeu surge da semi - sombra. Para. Sob os bigodes - dois rabos de caxinguelê - branqueja um sorriso cínico. Abraça Julião:
- Tu esperavas?
- Estende a mão a Bepe. Este não a quer ver, suspensa.
- Apareces, de noite, como os morcegos, não?
- O judeu aperta as pálpebras:
- Morcego, eu? Não é. Não chupo ninguém.
- Engoles o sangue bom desta gente que te tolera. És um morcego de asas bem negras. Um morcego refinado que, mesmo sem olhos, não perde o rumo.
- Não é. Eu não tenho asas...
- Foram cortadas. Os teus pais tiveram medo que as sacudisse -rolariam as moedas que roubas dos incautos.
- O outro sente o ferrão de taxi.
- Por que me insultas?
- Porque és desprezível e sujo como os urubus (BASTOS, 1934, pp. 58-59).

- Quando se reúnem fora, Bepe interroga:
- Calazar: que história foi aquela que passaste ao Julião sobre sessenta barrica de castanha bebidas pelo rio?
- Tens alguma coisa com isto?
- Tenho. Julião é meu amigo.
- Julião já sabe. Ele explica.
- Tu nada provaste. Perto do desaguadouro ninguém comentou o desastre. Sê leal, judeu. Confessa que mentiste e embolsaste os lucros. Anda, confessa. [...] O braço de Bepe cai na cabeça do judeu, como prancha de chumbo [...] Atônito, Julião pondera:
- Por que agrediu o pobre: Vai pensar que houve propósito.
- Tu és bom demais para viveres no Amazonas (BASTOS, 1934, p. 64).

- Bepe volta - se para o empregado:
- Fique sabendo, Mauro, que, aqui, ninguém entra.

- Não entra, não, patrão. Temos quarenta feras pra rachar a cambada [...] O boato já enche a floresta. Os homens olham os terçados. Um rumor começa a sacudir os grupos, que estão curvados sobre as colheitas. Automaticamente, o instinto de defesa une-os. Sob as árvores silenciosas gritam a solidariedade dos núcleos.
- Não entra. Não entra, não (BASTOS, 1934, pp. 106 - 107).

Nesse episódio, após os insultos morais e físicos de Bepe contra o judeu, Calazar se esgueira esperando a saída do protagonista na canoa. “Vestido de ódio, o judeu prega dois olhos de brasa na escuridão” (BASTOS, 1934, p. 65). Ao ver Bepe de saída, Calazar atira no herói como vingança, expondo a violência provocada pelo estrangeiro. Após perceber que Calazar, Amar, Mussa e Lazaril deixaram a população local em condições financeiras semelhantes aos demais personagens citados, Bepe acaba incitando a população a não servir mais de fantoche dos estrangeiros: o protagonista inicia seu discurso aos locais, como líder, e inflama uma revolta. Em sua fala é possível notar a presença de Abgvar na voz do protagonista. O escritor não repele a presença de estrangeiros em nosso país, mas, rechaça todo aquele que se aproveita dos ignorantes e mais pobres:

Bepe, no meio deles, aconselha - os. Depois previne - os. Que meditem na pretensão de Lazaril, holandês expatriado, que figura para o Brasil. Não é mais do que a liberdade excessiva que a Constituição concede aos forasteiros. Um abuso de hospitalidade. A própria nação que eles exploram dá - lhes cúmplices nefandos. Ninguém tem o direito de repeli - los, porque o direito amplo não distingue o fundamento das famílias. O que está acontecendo com ele, Bepe, há de acontecer, fatalmente, com todos os que não se prevenirem com astúcia que desarma, com o ferro que sangra, ou com a pólvora que fulmina. Os homens escutam - lhe a pregação (BASTOS, 1934, p. 107).

Seguindo na narrativa, após a chegada do engenheiro Roberto Pila que intenta demarcar a terra dos locais, Bepe não permite que isso ocorra, quando ele chega à propriedade. Segundo o engenheiro, as terras se tornaram devolutas, pois os atuais donos não teriam requisitado no prazo legal as mesmas que o protagonista herdou dos pais. Mais uma vez o discurso do narrador é lido na fala de Bepe:

O engenheiro deixa de lado a displicência.

- O sr não pode impedir que se cumpra uma determinação protegida pelo Regulamento de Terras.
- Aqui no mato o meu regulamento estabelece a posse natural, doutor. O que descobro é meu. O que eu exploro é meu, desde que não sobre vestígios de antecessores remotos. Aqui existe a liberdade que não tolhe os movimentos humanos. A divisão de propriedade para mim, repousa na prioridade instintiva. Para isso são necessários os códigos. Posso não reformar a sanção dos atos oficialmente estatuídos, porém, posso não aceitá - los, quando insidiosamente proferidas (BASTOS, 1934, pp. 108-109).

Após a saída do engenheiro, expulso por Bepe, o protagonista vai até a Vila para conversar com os juízes, uma vez que respeita a lei dos homens, ainda que as pondere de vez em quando. No romance **Terra de Icamiba**, não somente os partidos locais são permeados de corrupção, como magistrados se utilizam das brechas da lei para despachar sentenças que permitam a continuidade da impunidade. Ao chegar à Vila, o protagonista se depara com a real situação política que envolve todos os políticos e *homens da lei*:

Bepe, na Vila, procura o juiz. Diz - lhe que vai protestar e, na forma da lei, provar o direito de permanência e antiguidade. Feito o protesto e feita a justificação, esta não é tomada em consideração por não serem as testemunhas capazes, nem possuírem valor jurídico [...] O juiz tem os seus inimigos, inclusive o Epifânio. O juiz sabe que o Epifânio é inimigo poderoso e trata de cercar as suas sentenças de severos cuidados. Não quer aborrecimentos. Resolve tudo com a lei impermeável e implacável, que, por isso mesmo, é escandalosamente falsa. Pode estar vendo com os olhos do corpo, a verdade, mas decide com a mentira, desde que esta seja a verdade olhada pelo olho da lei. Consola aos infelizes dizendo - lhes que têm razão, mas a lei é clara. É muita luz, que mesmo incendiando, é benéfica. [...] Bepe compreende a nulidade de seus esforços [...] Nada consegue. Experimenta o próprio Epifânio. Este responde secamente: - O sr. Não é eleitor. Nada posso fazer. Bepe volta a Badajós (BASTOS, 1934, pp. 124-125).

Na Vila, representação da política local, notamos a separação entre dois poderes: o lado do major Telesforo e o do coronel Epifânio. Na narrativa, o narrador nos apresenta ambos os políticos: o primeiro é um local, do povo, enquanto o segundo é corrupto e partícipe das falcatruas dos estrangeiros destacados no romance. A origem dos dois também é apresentada de modo a incutir no leitor a aversão ao estrangeiro e a valorização da gente local:

Epifânio mora na Vila. Telesforo no interior. Um é governista, outro é liberal. Liberalismo quer dizer “povo”. E o povo fica satisfeito com a retórica. Epifânio já foi superintendente. Mete a mão no cofre, segundo testemunho de Telesforo, e tirou de lá quatro casas, duzentas cabeças de gado, seringais e uma loja sortida. Explorou o patrimônio por conta própria. Não deu entrada nas requisições. Epifânio é gordo como um chefe poderosos. A sua barriga é a ironia conversa dos partidos que dominam. É uma barriga proposital, para cobrir de inveja os liberais. O pai de Epifânio era português; a mãe uma dunga mulata do Maranhão. O filho, portanto, é pernóstico, trabalhador e trapaceiro. Trapaceiro quer dizer: bom político. Trunfo nas eleições. Enquanto o fiscal cochila, os votos são politicamente substituídos. Os pais de Telesforo foram nortistas genuínos. O filho tem grandes gestos. É filantropo. Emprasta tudo. Pega a responsabilidade alheia e diz: - é minha. E é capaz de morrer com ela só pelo gosto de ouvir comentar: - aquilo é que é ser amigo. Trabalha. Trabalha e a fortuna não chega. Grandes empresas e grandes fracassos. Está sempre do lado fraco e todo vizinho quer ter um filho para que ele seja o padrinho (BASTOS, 1934, pp. 110 - 111 - grifos do autor).

Continuando a narrativa, o narrador insere o leitor no início da revolta propriamente dita: Bepe recebe uma intimação e precisa se apresentar ao Delegado. Diante dessa situação “o pessoal pinga nos rifles o azeite e limpa a ponta dos punhais” (BASTOS, 1934, p. 125).

Nesse momento, o político Telesforo apoia Bepe e oferece homens para a revolta. “A politicagem, a Vila é uma lama só. Epifânio já se vendeu a Lazaril. Epifânio é um descarado” (BASTOS, 1934, p. 126). Na Vila, Telesforo descobre que o Superintendente e Epifânio apoiaram o engenheiro expulso e pediram reforços de mais soldados e *cabras* para que a ordem fosse cumprida no momento da Diligência. “Calazar é que aconselhava Lazaril. Amar oferecera uma lancha e um motor para a condução dos soldados” (BASTOS, 1934, p. 125). No romance notamos que aqueles que fazem parte do motim e não possuem posses sofrem com a violência cometida pelos poderosos da região. Na narrativa, vemos o personagem Chico Teles sofrer violência física por apoiar o líder da revolta: “Chico Teles, freguês de Bepe, porque dissera algumas palavras em defesa do patrão. Fora surrado, ao meio dia, em frente ao Mercado [...] Mas não deviam ter surrado o pobre do Chico” (BASTOS, 1934, p. 125).

Na sequência, o narrador deixa sua marca em um discurso de aversão aos estrangeiros envolvidos com os demais poderosos da região, principalmente, os estrangeiros citados como causadores dos maiores problemas entre os personagens locais desde o início do romance. Ocorre que, a todo momento, o escritor insere esse discurso de repulsa reiterando a ojeriza e a relação do estrangeiro com a corrupção contra o brasileiro, reatualizando a construção de uma memória coletiva estereotipada: “Está vendo você, *seu* Telesforo? Um estrangeiro! Um zé - ninguém que enriqueceu aqui, viola o que a gente explora à custa de sacrifícios e ainda encontra uma escoria política que lhe dá a mão” (BASTOS, 1934, pp. 126 - 127). Para o brasileiro, aquele que vem de fora busca, a partir da leitura da obra, apenas a escravização do amazônida, o *super* faturamento com nossas riquezas naturais e a desvalorização da gente brasileira. A xenofobia é elemento de constante reiteração na narrativa, que expõe uma visão *do outro* já negativada, cujas memórias são (re) criadas geração após geração, influenciando na criação de grupos marginalizados, compostos pelos próprios estrangeiros, além dos nativos, negros, índios e pobres. O preconceito e a posição social são explícitos como interferência na caracterização do entrançamento dos comportamentos em relação aos nativos, ao considerado *outro*. “O brasileiro é insubstituível. No entanto, todos os dias, os navios despejam nos portos nacionais matilhas de forasteiros. Não trazem vintém. Vêm fiados” (BASTOS, 1934, p. 94).

Convém ressaltar que os personagens estrangeiros, os regatões Calazar (judeu), Amar (marroquino) e Lazaril (holandês) são aqueles que despertam *o ódio* do protagonista, pois estes estão sempre envolvidos em injustiças contra os personagens da narrativa. Conforme visto, outros estrangeiros inseridos na trama não pertencem ao pensamento xenófobo,

destacando, neste momento, que são aclamados por serem “bons”. A exemplo dos estrangeiros no romance de Bastos, esses deslocamentos são históricos e mostram que essas comunidades, ligadas ao comércio, já sofrem um estigma social. Os estrangeiros presentes em **Terra de Icamiaba**, ainda que pertencentes a uma classe alta no romance, também se apresentam como grupos marginalizados, a partir da xenofobia vivenciada por eles.

Desse entendimento, observamos a forma pela qual o autor insere e apresenta os estrangeiros - marroquino, holandês e judeu - e demais grupos marginalizados dentro da narrativa. A trajetória dos personagens considerados à margem da sociedade, a exemplo dos nativos (Bepe, caboclos, índios, filhos dos migrantes nordestinos) e estrangeiros (Calazar, Amar e Lazaril), em **Terra de Icamiaba**, pode ser notada através da voz do próprio narrador que permeia a obra quebrando a ordem cronológica. Diante disso, notamos que a memória traçada na tessitura **Terra de Icamiaba** provoca uma tensão entre sujeitos - estrangeiros e nativos. Essa tensão, (re) criação de memórias, esse retrato da vida local cunhado acerca do estrangeiro e busca da defesa do nacional / regional receberam influência causada pelo deslocamento do próprio autor, moldando, dessa forma, uma narrativa ficcional com elementos da vida do autor. Esse deslocamento do nativo brasileiro, por terras brasileiras, tem sido representado em nossa literatura, em especial nos romances recortados para análise. É de importância retratar a situação desses grupos que saíram de suas origens para mudar de vida com o trabalho subumano e escravo.

O romance **Terra de Icamiaba** possui uma narrativa construída a partir da experiência do exílio, da errância e do deslocamento, figurando memórias locais ou globais nos grupos marginalizados. As grandes massas populacionais descritas na obra de Abguar Bastos são divididas em setores marginalizados ou não. A memória coletiva é muito viva por trás desses sujeitos e o narrador de **Terra de Icamiaba** deixa claro que seus personagens estrangeiros são historicamente construídos pela memória sobre eles, mas nem sempre correspondem à realidade. Diante disso, a memória coletiva - pela força que apreende - acaba movendo as pessoas e inserindo marcas sociais nesses grupos que se deslocaram. Em **Terra de Icamiaba**, o narrador não é cosmopolita, pois não transita por diferentes mundos - diferente dos narradores de Milton Hatoum que se mostram dessa forma. O trânsito de deslocamento em **Terra de Icamiaba** se dá por um deslocamento mais físico, pela presença de estrangeiros no território amazônico. A partir disso, esse narrador captura essas nuances do deslocamento físico, apesar de não deixar de fazer um deslocamento simbólico, pois ele está inserido na memória das personagens, com o intuito de retirar alguma aprendizagem desse movimento do encontro. Nesse sentido, compreendemos a noção de uma (po) ética dos (re) encontros, ao

mesmo tempo que os sujeitos se encontram, de diferentes regiões e culturas e conseguem perceber que são nutridos por uma ética, por um comportamento mais aberto - ou de ojeriza, de medo de interagir com outro.

Permeando esse pensamento, Abguar Bastos abre uma porta para a entrada do estrangeiro, do outro, da alteridade e, a partir desse caminho, ele mapeia alguns deslocamentos físicos - holandeses, marroquinos, libaneses, judeus -, pois não há preocupação em considerar origens únicas. Consoante esse pensamento e traçando um caminho mais além, Milton Hatoum, ao abrir essa porta, expõe o imaginário amazônico e, desse modo, podemos perceber a diversidade de olhares que seus narradores vão nos apresentando. Nesse contexto, encontramos uma Amazônia híbrida, global e internacional, inserida em **Relato de um certo Oriente**, em Milton Hatoum.

CAPÍTULO IV

A presença árabe, em Milton Hatoum, também se transformaria num dos traços estruturantes mais importantes da produção romanesca de Hatoum, frequentando todas as suas narrativas, numa verdadeira multidão. Desses traços, entranhados e transformados no mundo manauara, reavivados pela memória, Hatoum criaria o seu Oriente em Manaus (VILLAR, 2008, p. 76).

LITERATURAS DA AMAZÔNIA: O RELATO

1. O autor, o romance e o relato

Nascido em agosto de 1952, o manauara Milton Hatoum faz parte de um seleto grupo de excelentes escritores brasileiros contemporâneos. Já possui obras respeitadas, como seu romance de estreia **Relato de um certo Oriente** (2008), publicado em 1989, **Dois irmãos** (2013), publicado em 2000, **Cinzas do norte** (2009), publicado em 2005, **Órfãos do Eldorado** (2008) e seu mais recente romance **A noite da espera** (2017). Escritor e tradutor, Hatoum ensinou literatura na Universidade Federal do Amazonas e na Universidade da Califórnia, Berkeley.

Em **Relato de um certo Oriente** encontramos um escritor que transfere à sua escrita as experiências que viveu em sua infância, apresentando personagens que narram suas vidas e destacam cada fio que tecem e que se firmam como importante em cada relato individual. Para Walter Benjamin (1983), o narrador é aquele que “colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história” (BENJAMIN, 1983, p. 60). Cada narrativa emprestada à narradora do romance é apresentada com elementos únicos, singulares do ponto de vista de cada narrador que permite que haja um cruzamento em suas informações, aceitando uma movência peculiar. Diante disso, observamos que na narrativa de Hatoum há “[...] o entrelaçamento das identidades culturais que se definem e se transformam em ressonância uma com as outras” (BENESSAIEH, 2012, p. 85 apud BERND, 2013, p. 220).

Para Milton Hatoum, sua escrita representa sua experiência pessoal, a exemplo da forte presença da língua árabe, da culinária e dos costumes de seus ascendentes. O *outro* sempre esteve presente. Ademais, sua mãe, ainda que brasileira, também é de origem oriental contribuindo, dessa forma, para a presença de um multiculturalismo em sua vida. Em entrevista concedida a Aida Ramezá Hanania, em 05 de novembro de 1993, o escritor destaca a presença da língua árabe, as narrativas e relatos de viajantes vizinhos à casa de seu avô, na Manaus da década de 50, além da cultura híbrida que já se fazia presente, como vemos na entrevista abaixo e na fala do personagem Hakim, em **Relato** “Já estava me habituando àquela fala estranha, mas por algum tempo pensei tratar-se de uma linguagem só falada pelos mais idosos; ou seja, pensava que os adultos não falavam como as crianças” (HATOUM, 2008, p. 44):

Para todos os nascidos na Amazônia, a noção de terra sem fronteiras está muito presente... Porque é um horizonte vastíssimo, em que as línguas portuguesa e espanhola se interpenetram em algumas regiões, onde as nações indígenas também são bilíngues [...] Uma dessas pequenas tribos dispersas é a dos orientais; dos imigrantes que chegaram no início do século e que participaram da vida econômica da região [...] Na minha infância, a convivência com o Outro exterior aconteceu na própria casa paterna. Filho de imigrante oriental com uma brasileira de origem também oriental, eu pude descobrir, quando criança, os outros em mim mesmo [...] A presença e a passagem de estrangeiros na casa da infância contribuíram para ampliar um horizonte multicultural [...] Nos primeiros anos da minha infância, eu escutava os mais velhos conversarem em árabe, a ponto de pensar que esta língua era falada pelos adultos e o português pelas crianças [...] Além da religião, da língua e dos costumes, a cultura do Outro estava delineando - se por um outro caminho, talvez o mais fecundo para mim: o da narração oral [...] Por um lado, alguns parentes mais velhos que pertenciam a essa família de comerciantes - viajantes eram, na verdade, narradores em trânsito. Contavam histórias que diziam respeito à experiência recente de suas viagens aos povoados mais longínquos do Amazonas, lugares sem nome, espalhados no labirinto fluvial. Nas pausas do comércio ambulante, exercitavam a arte narrativa. Esses orientais, rudes ou letrados, narravam também episódios do passado, ocorridos em diversos lugares do Oriente Médio, antes da longa travessia para o hemisfério sul. Por outro lado, os amazonenses que haviam migrado para a capital, traziam no imaginário as lendas e os mitos indígenas. Na Pensão Fenícia, as vozes desses nativos faziam contraponto às dos imigrantes orientais: vozes dissonantes, que narravam histórias muito diferentes, [...] Para o ouvinte, aquelas histórias narradas assumiam um caráter ao mesmo tempo familiar e estranho. Aqueles mundos, reais ou fictícios, passaram a fazer parte da minha vida (HATOUM, 1993, n.p.).

Relato de um certo Oriente recebeu, desde sua publicação, em 1989, críticas positivas e novos olhares surgiram ao recente escritor, excelente romancista. Em **História Concisa da Literatura Brasileira** (2002), o crítico Alfredo Bosi destaca, em seu capítulo “A ficção entre os anos 70 e 90: alguns pontos de referência”, que:

A escrita apurada de um estreante como Milton Hatoum parece indicar [...] que um certo ideal de prosa narrativa, refletida e compassada, que vem de Graciliano e chegou a Osman Lins, não é forçosamente fruto de um passado estético irreversível. Esse padrão resiste em meio aos cacos do mosaico pós - moderno e significa a vitalidade de um gosto literário sóbrio que não renuncia à mediação da sintaxe bem composta e do léxico preciso, sejam quais forem os graus de complexidade da sua mensagem (BOSI, 2002, p. 437).

Maria Aparecida Ribeiro, em seu texto “Os novos filhos da dor. Oriente e origem em Milton Hatoum” (2004), situa um contraponto com a obra de Milton Hatoum e textos de grandes escritores brasileiros, a exemplo do poeta árcade Santa Rita Durão, autor de **Caramuru** (1781), do romancista romântico José de Alencar e do poeta moderno, autor de **Macunaíma** (1928), Mário de Andrade. Para ela,

O Brasil idealizado por Alencar, a partir da fratura de origem, ou por Mário de Andrade, que pode esperar a coerência de um Macunaíma adulto, vira estilhaço na obra de Milton: a inexistência de um ponto de vista único mistura as fronteiras entre eu e ele, Líbano e Amazônia, impossibilitando a narrativa que funda um povo

ou uma nação. Como Drummond, Hatoum volta a afirmar *Nenhum Brasil existe*. Mas vai além, e substitui o que é interrogação no poeta mineiro, pela constatação de uma nova dor: órfãos e sem Oriente, tão pouco existem os brasileiros (RIBEIRO, 2004, p. 425 - grifos da autora).

Descendente de libaneses, Hatoum mescla, em sua escrita, suas lembranças com o contexto histórico - cultural de seu estado e das experiências do Oriente. Esse contexto misturado às lembranças do autor reflete em seus textos, em especial o romance **Relato de um certo Oriente**, o entrelaçamento cultural e linguístico que enfatizam a importante contribuição da presença árabe à compleição social brasileira. Nesse romance, Milton Hatoum apresenta a temática da memória, atravessada por elementos migratórios, exílios e autoexílios, que vão do *local* ao *global*, além dos deslocamentos dos sujeitos que ocorrem de forma constante na obra. Nessa polifonia, Hatoum expõe as múltiplas cores e memórias em um universo introspectivo: “A história que Milton Hatoum conta já não é a memória de uma cidade saqueada pela decadência da economia dos seringais [...] é a memória de uma família que foi se perdendo enquanto a casa foi sendo destruída e sendo transformada em ruínas” (MARQUÊA, 2007, p. 114).

No romance **Relato de um certo Oriente**, Milton Hatoum faz referências à Amazônia que encantou vários viajantes que ali se estabeleceram, ao expor a diversidade local e a visão, a partir dos personagens, de um ambiente diverso das grandes metrópoles. Assim como Abguar Bastos, Hatoum destaca as peculiaridades da região, mas, diferente de seu colega escritor, o romancista manauara expõe o universo urbano, na narrativa, como elemento de destaque à escrita. Nesse contexto, observamos que Milton Hatoum, ainda que exponha as características regionais em seus romances e, em especial, em sua obra de estreia, **Relato de um certo Oriente**, não deixa de apresentar ao leitor linhas gerais da cidade, mesclada, claramente, pelo exótico regional da Amazônia. O regionalismo nortista se une, em **Relato de um certo Oriente**, a temas gerais do universo urbano em Hatoum. Segundo Vera Marquêa, “Milton Hatoum constroi seus cenários na Amazônia, mas não se fecha no regionalismo e no exotismo que eventualmente pudessem inspirar em sua obra” (MARQUÊA, 2007, p.71).

A região Norte do país, em especial a cultura amazônica, tem sido palco das mais variadas escritas. De seu “descobrimento” a sua ocupação, de sua economia que alavancou e trouxe à falência a vida dos residentes em sua região, a Amazônia tem se estabelecido como personagem em vários contos, novelas, dramaturgia e romances, a exemplo de **A selva** (1967), de Ferreira de Castro, publicada em 1930, **Represa** (1942), de Océlio de Medeiros, **Terra Caída** (2007), de José Potyguara, publicada em 1961, **Coronel de Barranco** (1970), de Cláudio de Araújo Lima e **Seringal** (2007), de Miguel Jerônimo Ferrante, publicada em

1972. Seguindo essa mesma linha, temos as tessituras do escritor Márcio Souza, que publica em 1976, **Galvez, imperador do Acre** (1981), **Mad Maria** (1980) e **Lealdade** (1997), as linhas que escrevem e as cores que formam a Amazônia.

Essas escritas ganham destaque pela manutenção do personagem amazônida e do espaço regional em seus enredos: seringalistas e seringueiros, a flora e fauna amazônica e a floresta, objeto de riqueza e temor desses sujeitos. O espaço urbano é representado a partir da leitura da contextualização da história da formação socioeconômica da região Norte: os Ciclos da borracha e o desenvolvimento urbano.

Diferente de seus antecessores, Abguar Bastos, Océlio de Medeiros e Márcio Souza, que buscaram enaltecer a região, com sua fauna, flora, importância cultural e até culinária, Milton Hatoum foca em uma grande instituição social e formadora da sociedade: a família urbana²⁶. As peculiaridades regionais são mescladas aos comportamentos dos personagens que narram suas histórias pondo em destaque seus pontos de vista, e não, a regionalização exacerbada, encontrada em Bastos, por exemplo. “Mas se alguma coisa não há na literatura do escritor manauara é o canto da sereia do exotismo [...] Em Hatoum, a natureza grandiosa funciona como um cenário de fundo num retrato em primeiro plano” (MARQUÊA, 2007, p. 108 - grifos da autora).

Os sujeitos do romance transitam entre mundos que são representados pelas narrativas dos personagens da obra. A construção identitária dos sujeitos em **Relato de um certo Oriente** mostra um mosaico cultural e uma dimensão multifacetada que se reflete nessa construção. Como observado anteriormente acerca da conceituação de *imigração*, inferimos que, à medida que são inseridos na obra, os sujeitos, de forma individual e coletiva (se) permitem (re) construir novas culturas, bem como absorvê-las gradualmente na Manaus da década de 50, no caso de **Relato**, em um processo de desterritorialização e reterritorialização.

As cartas recebidas pelo marido de Emilie e sua vinda ao Brasil, além dos choques culturais de Emilie, Dorner e Hakim são observadas em nossa análise. A cultura trazida pela família que aqui aportou, se funde ou se justapõe à cultura brasileira. **Relato de um certo Oriente** reflete a cultura árabe em confronto com a cultura brasileira, na representação do marido de Emilie e da própria: a pulseira de Emilie, o narguilé do marido, os santos da matriarca, e os objetos de culto do pai, a comemoração do natal, o sacrifício de animais,

²⁶ **Lavoura arcaica**, publicada em 1975, de Raduan Nassar, não é ambientada na região amazônica, mas apresenta, como núcleo familiar, imigrantes árabes oriundos do Líbano.

enfim, as novas gerações encaram com exotismo o que é tradicional, enquanto os mais velhos tentam perpetuar a tradição de seu país. A tradição linguística - e culinária - passada de adultos a crianças, a exemplo da língua árabe que é ensinada pela mãe a Hakim, são alguns exemplos da tentativa de preservação das tradições ou ainda perda da memórias de ancestrais. “Nessa noite, ao me acompanhar até o quarto, minha mãe sussurrou que no próximo sábado começaríamos a estudar junto o “alifebata” (HATOUM, 2008, p; 40). Segundo Yana Adreeva, “pela sua condição única de efetivamente bilíngue entre os filhos do casal de imigrantes [...] Hakim é quem vai veicular, no romance, a reflexão sobre a maneira como a linguagem expressa e constitui a identidade” (ANDREEVA, 2016, p. 65).

A comunidade árabe, em Manaus, absorveu a cultura brasileira, já híbrida. A convivência multicultural permitiu aos sujeitos que se deslocaram, a concentração de novas crenças, línguas e tradições. Em relação ao hibridismo cultural, em **Relato**, observamos que Hatoum já constroi um relação híbrida, previamente à chegada do pai da narradora e Emilie, ao Brasil, quando da percepção de ambos em professar religiões diferentes. Essa hibridez inicial contribui para desmistificar a ilusão de unidade. Para tanto, no decorrer da narrativa, as várias vozes vão pintando o quadro familiar e histórico da sociedade à época, com novas relações familiares mais híbridas e mais globalizadas. Segundo Besaglia (2002), “o Líbano e suas ressonâncias” (BASAGLIA, 2002, p. 138), essa hibridez é um traço cultural que muitos escritores possuem em suas obras, a exemplo, no Brasil, de Milton Hatoum e Raduan Nassar:

Versando sobre a imigração síria e libanesa, há uma série de obras literárias, muitas delas escritas pelas gerações sucessivas, como é o caso de Emil Farhat, Milton Hatoum, Salim Miguel, Raduan Nassar, Elizabeth Azize, filhos e netos de libaneses, autores com traços de cultura comum: o Líbano e suas ressonâncias [...] São narradores com força poética que apresentam traços da cultura do imigrante libanês, tradição comum, ajustada às experiências trazidas do Líbano pelos pais e avós. À procura de um Brasil que esperava braços para trabalhar, chega Mamed Ali Assi ao Amazonas para iniciar um comércio ambulante de teque - teque até poder dividir o balcão da A Parisiense, com sua mulher Emily. A filha Naha e seu esposo Hassan Ibrahim Hatoum vieram a ser pais do escritor Milton Hatoum (BASAGLIA, 2002, pp.138 - 139).

Alguns dos personagens em **Relato** representam uma cultura *estereotipada* que costuma ser representada como homogênea, inicialmente pelos colonizadores e, posteriormente, por aqueles que absorveram esse discurso. Ao destacar os problemas familiares e não a floresta e sua dicotomia de *inferno/céu*, Milton Hatoum ressalta os processos de hibridismo nessa tessitura, expondo seu processo de composição multicultural e multifacetada, a partir de ressonâncias libanesas, presente na vida do autor e dos personagens de sua narrativa, **Relato**.

2. A presença árabe no Brasil: libaneses e sírios na Amazônia de Hatoum

Os turcos descobriram a América, desembarcaram no Brasil e se fizeram brasileiros dos melhores (AMADO, 2008, p.15).

Era comum tratarem - no de árabe, e mesmo de turco, fazendo - se assim necessário de logo deixar completamente livre de qualquer dúvida a condição de brasileiro, nato e não naturalizado, de Nacib. Nascera na Síria, desembarcara em Ilhéus (AMADO, 1979, p. 39).

A presença do estrangeiro, especialmente do árabe - sírios e libaneses -, na história, tem sido construída a partir de um discurso revestido de sentido negativo moldado pela memória, deslocamento, exílio e errância desse povo. Não obstante, esse discurso é encontrado nas narrativas estudadas, **Terra** e **Relato**, e a representação literária dessas comunidades é observada a partir de sua ligação à uma identidade coletiva, também revestida de sentido negativo, ora pela cultura dominante, ora pela orientação social coletiva. Em nossa literatura, a exemplo de **Terra de Icamiba** e **Relato de um certo Oriente** notamos que os personagens são construídos com base em um discurso já negativo dado à (re) visitaçã das memórias (re) construídas pelo nativo e demais estrangeiros que veem no árabe um homem marginal à sociedade.

O discurso europeu que inferioriza o homem oriental e reproduz em sua história um homem e religião com conceitos negativos tem sido modificada por vozes em prol da comunidade árabe. Entretanto, esse discurso nada mais é que uma camada supérflua e tênue da verdadeira face do colonizador europeu que apenas está transmitindo, com outras palavras, seus problemas e conflitos, além do próprio preconceito, como observa Silviano Santiago (1982), em seu ensaio **O teorema de Walnice e a sua recíproca**:

Mas em lugar de esse ampliar do horizonte visual operar um desequilíbrio positivo e fecundo nos alicerces do homem e da sociedade que descobrem, serve ele antes para que o desbravador reproduza - em outro lugar - os conflitos e impasses político - sociais e econômicos da sua sociedade sob a forma básica de ocupação. Exemplo concreto: o Novo Mundo serviu de palco para onde deslocar o beco - sem - saída das guerras santas que se desenrolavam na Europa (SANTIAGO, 1982, p. 13 - 14).

De acordo com Valter Villar (2008), em sua pesquisa **A presença árabe na literatura brasileira**: Jorge Amado e Milton Hatoum, essa visão negativada do árabe vem sendo moldada desde séculos anteriores, a partir de sua posição na história, cujo *discurso de hostilidade* tem sido reatualizado continuamente desde séculos atrás:

É o que ocorre com as configurações e com as representações das gentes árabes que, desde as Cruzadas, especialmente em sua segunda etapa, isto é, após o aniquilamento dos povos pagãos ao redor da Europa, têm enfrentado uma campanha depreciativa, redutora de sua cultura na qual se acentuam o caráter de irracionalidade, de luxúria, de crueldade e de barbárie, notadamente na Europa Ocidental [...] Marcado pela linearidade, pelo tom e pelos velhos interesses que abriga, o discurso de hostilidade e de desclassificação do mundo árabe vem atravessando os séculos da modernidade, chegando aos nossos dias em forma de uma violenta atualidade; seja ela verbal [...] seja ela propriamente bélica [...] essa nova agressão contra os árabes é, ideologicamente, justificada através de um aparato discursivo, pretensamente científico, chamado de Orientalismo (VILLAR, 2008, pp.14 - 16).

O *orientalismo*, conceituado por um dos mais importantes pensadores palestinos, Edward Said, é apresentado como uma crítica à escola de pensamento hegemônico acerca do próprio árabe e do oriental. Os árabes são vistos, atualmente, a partir de um discurso negativo, atrelado a vocábulos depreciativos, tais como *terroristas* e *perigosos* aos povos do Ocidente. O homem que lê o Alcorão, que professa a religião islâmica já possui uma visão negativa conectada a ele. “Em face desse novo contexto que, pela ação, pelos personagens e pelos discursos, reatualiza o passado, insurge - se a voz cáustica, desmistificadora” (VILLAR, 2008, p. 17). Em sua obra mais famosa, **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente** (1990), Said destaca o eurocentrismo ligado ao caráter etnocêntrico e ressalta um *pensamento desumanizado*:

Essas atitudes orientalistas contemporâneas povoam a imprensa e a mente popular. Os árabes, por exemplo, são vistos como libertinos montados em camelos, terroristas, narigudos e venais cuja riqueza não - merecida é uma afronta à verdadeira civilização. Há sempre nisso a presunção de que o consumidor ocidental, embora pertença a uma minoria numérica, tem direito a possuir ou a gastar (ou ambas as coisas) a maioria dos recursos mundiais. Por quê? Porque ele, ao contrário do oriental, é um verdadeiro ser humano. Não existe hoje um melhor exemplo do que Anwar Abdel Malek chamou de ‘hegemonismo das minorias possuidoras’ e de antropocentrismo aliado ao eurocentrismo: uma classe média branca ocidental que acredita ser sua prerrogativa humana não apenas administrar o mundo não - branco, mas também possuí - lo, apenas porque, por definição, ‘ele’ não é tão humano quanto ‘nós’ somos. Não há um exemplo de pensamento desumanizado mais puro que este (SAID, 1990, p. 117 - grifos do autor).

O romance de Hatoum descreve a cidade dispórica²⁷ manauara, berço das mais variadas formas de hibridização. Nesse contexto, inferimos que o *Oriente* presente naquele *Ocidente* não pode ser definido de forma única ou caracterizá - lo de forma fácil; há vários *Orientes* dentro de um intenso *Ocidente*. No romance, a história gira em torno de uma loja -

²⁷ Diáspora é um termo utilizado para definir o deslocamento de grandes comunidades, sendo este forçado ou de forma voluntária. É comumente relacionada às expulsões das comunidades judias a outras regiões no mundo. O Amazonas recebeu uma grande leva de imigrantes que se deslocaram de suas regiões e ali fixaram raízes. Por isso, a utilização do termo.

de nome europeu, estrangeiro - Parisiense - e uma residência. O espaço físico que os personagens transitam também é transformado em espaço psicológico, com as mais variadas vozes, culturas e religiões. É nesse *Oriente* ou *certo Oriente* que as vozes colidem, se acertam e se entrecruzam de forma intermitente, criando esse espaço *Oriente*. De acordo com Edward Said, o “Oriente não é um fato inerte da natureza. Não está meramente lá, assim como o próprio Ocidente não está apenas lá. [...] os lugares, regiões e setores geográficos tais como Oriente e o Ocidente são feitos pelo homem” (SAID, 1990, pp. 16 - 17).

Conforme contextualizado no segundo capítulo desta tese, a chegada de libaneses e sírios teve início no século XIX, sendo o Brasil um dos vários países que recebeu essa leva de estrangeiros, a exemplo da Argentina e dos Estados Unidos. A escassez de comida derivada de terras não férteis, da dificuldade de cultivar em um terreno seco e montanhoso no Oriente ocasionou uma grave crise na agricultura e, por consequência, na economia da região. Ademais, com o avanço da natalidade, não houve alimento para todos aumentando a necessidade de saída desses estrangeiros de seu país de origem a países que exportavam a imagem de progresso, sem deixar de mencionar, é claro, as duras perseguições religiosas. Convém destacar ainda, que a cristianização da região também acarretou rejeição ao Islamismo, o que determinou uma onda migratória. Em **Relato de um certo Oriente** notamos o relato dos deslocamentos dos personagens ao Brasil, a exemplo do fotógrafo alemão Dorner, dos pais adotivos da narradora e dos pais da matriarca Emilie. Abaixo, algumas anotações:

Minha mãe e os irmãos Emílio e Emir tinham ficado em Trípoli sob a tutela de parentes, enquanto Fadel e Samira, os meus avós, aventuravam - se em busca de uma terra que seria o Amazonas. Emilie não suportou a separação dos pais. (HATOUM, 2008, p. 29).

A viagem terminou num lugar que seria exagero chamar de cidade. Por convenção ou comodidade, seus habitantes teimavam em situa - lo no Brasil; ali, nos confins da Amazônia, três ou quatro países ainda insistem em nomear fronteira um horizonte infinito de árvores; naquele lugar nebuloso e desconhecido para quase todos os brasileiros, um tio meu, Hanna, combateu pelo Brasão da República Brasileira; alcançou a patente de coronel das Forças Armadas, embora no Monte Líbano se dedicasse cria o de carneiros e ao comércio de frutas nas cidades litorâneas do sul; nunca soubemos o porquê de sua vinda ao Brasil, mas quando líamos suas cartas, que demoravam meses para chegar às nossas mãos, ficávamos estarrecidos e maravilhados (HATOUM, 2008, p. 64).

A religião contestada por muitos mulçumanos²⁸, agora cristãos por necessidade, tornou impossível a presença desses orientais nas mesmas terras de seus ascendentes. Até mesmos aqueles que continuaram a professar a religião islâmica sofreram choques culturais

²⁸ Ressaltando que a comunidade árabe possui adeptos da religião Islâmica e são chamados de muçulmanos. Nem todo mulçumano é árabe, assim como nem todo árabe é muçulmano.

ao chegar em terras predominantemente católicas. Esse contraste religioso pode ser observado no romance **Relato de um certo Oriente**, no momento das várias falas do marido de Emilie e da matriarca. No romance, o pai segue o Alcorão e Emilie, a Bíblia. Conforme fala do filho Hakim e Dorner:

Até então, a religião não causara graves desavenças entre meus pais. Ele encarava com naturalidade e compreensão o fervor religioso de Emilie. Tolerava as festas cristãs, mas se alheava com um desdém perfeito das preces elaboradas por Emilie, fazia vista grossa às imagens e estátuas de santos, e afastava - se do quartinho de costura onde as duas mulheres cortavam e picotavam retângulos de papel vegetal para confeccionar santinhos coloridos que seriam doados às órfãs internas do colégio Nossa Senhora Auxiliadora durante a primeira comunhão (HATOUM, 2008, p. 40).

Emilie e o marido praticavam a religião com fervor. Antes do casamento haviam feito um pacto para respeitar a religião do outro (HATOUM, 2008, p. 62).

A maioria dos libaneses e sírios que aportaram no Brasil se instalou em São Paulo e Minas Gerais pelas grandes oportunidades de trabalho. Ainda que muitos tenham tentado ganhar a vida no sudeste brasileiro, outros buscaram mudar de vida no norte do país, a partir da propaganda da *Borracha para a vitória* que levou vários desses estrangeiros à região amazônica, como observamos em **Terra de Icamiba**, que apresenta, em sua narrativa, migrantes e imigrantes na região. Em solo amazonense esses estrangeiros tentaram continuar de forma independente como em seus países de origem. Dessa forma, como mencionado no segundo capítulo, libaneses e sírios trabalharam como mascates, comerciantes ambulantes que vendiam de porta em porta suas mercadorias, que iam desde tecido a especiarias orientais. Assim que se organizavam financeiramente, esses mascates abriam lojas ou tentavam a área industrial e passavam a receber parentes que, por sua vez, tentariam a sorte no Brasil. No romance **Relato de um certo Oriente** encontramos essa comunicação entre parentes e de que forma estes vinham tentar sua sorte no novo país em busca de um progresso pessoal. Nessa obra, há ainda a descrição das trajetórias dos imigrantes, buscando sempre um *bom* lugar para se fixar, além de sucessivamente destacarem as belezas e mistérios do Amazonas: “Ao ler o bilhete, meu pai, dirigindo - se a mim, sentenciou chegou a tua vez de enfrentar o oceano e alcançar o desconhecido, no outro lado da terra (HATOUM, 2008, pp. 64 - 65).

O comércio era um investimento familiar para esse povo, assim como costumavam lidar na agricultura, em seu país de origem. Esse contexto é observado no romance **Relato de um certo Oriente**, cuja família é sustentada pelo comércio da loja Parisiense. A compra de uma nova casa com os rendimentos da loja e a mudança da filha Samara Delia após a morte de sua filha para a loja são destaques na narrativa. No romance de estudo, a família de Emilie

se muda da loja para um imóvel melhor e em um local mais privilegiado: “[...] ela fez questão o de trazê-lo ao sobrado logo que este foi inaugurado; os espelhos e a mobília vieram mais tarde, quando a Parisiense se tornou apenas um lugar de trabalho” (HATOUM, 2008, p.25).

A formação da família também merece destaque na narrativa estudada. Até a Primeira Grande Guerra, muitos libaneses e sírios que faziam fortuna ou conseguiam alcançar uma vida mais tranquila buscavam formar sua própria família no Brasil, trazendo esposas do Oriente. Após esse período, começaram a se casar com mulheres que pertenciam à sua comunidade em solo brasileiro e, após algumas décadas a Amazônia é palco de uma grande miscigenação oriunda de casamento entre orientais e ocidentais. Em **Relato de um certo Oriente**, Emilie, libanesa que veio ao Brasil com seus irmãos Emir e Emílio, manteve a tradição e foi desposada pelo patriarca do romance, seu conterrâneo, mas não retornou ao seu país, falecendo, junto a seu marido, em Manaus.

A família e os bens acumulados no decorrer da vida do estrangeiro no Brasil ainda não completavam o *status* que o oriental buscava alcançar. A ascensão profissional desses estrangeiros pode ser observada nos trabalhos de maior prestígio no Brasil à época, a exemplo de médicos, engenheiros e advogados. Com a presença forte estrangeira nessas áreas, muitos tiveram facilidade de ingressar em demais trabalhos, a exemplo do jornalismo, fotografia e política, bastando observar sobrenomes árabes de grandes clãs políticos, no Brasil.

Em relação à educação dos filhos, muitos deles, cujos pais haviam conseguido juntar dinheiro, tentavam atingir essa ascensão profissional. Assim como senhores de engenho que enviavam seus filhos às melhores instituições de ensino regular e superior no Brasil colonial, os imigrantes o faziam com seus descendentes. O prestígio social derivado de um investimento educacional era motivo de grande orgulho para os imigrantes no Brasil. A formação de seus filhos agora transformados em *doutor* contribuía para a completa formação e ascensão social dos imigrantes, como visto acima.

3. Memórias e deslocamentos: representações dos sujeitos em *Relato*

Se algo havia de análogo entre Manaus e Trípoli, não era exatamente a vida portuária, a profusão de feiras e mercados, o grito dos mascates e peixeiros, ou a tez morena das pessoas; na verdade, as diferenças, mais que as semelhanças, saltavam aos olhos dos que aqui desembarcavam, mesmo porque mudar de porto quase sempre pressupõe uma mudança na vida: a paisagem oceânica, as montanhas cobertas de neve, o sal marítimo, outros templos, e sobretudo o nome de Deus evocado em outro idioma (HATOUM, 2008, p.24).

Primeiro de seus vários romances, **Relato de um certo Oriente** é composto de oito capítulos e tematiza dramas familiares diários. A narrativa apresentada possui uma estrutura mesclada de vários relatos individuais, mas que se agregam e se combinam de forma a complementar um ao outro, a partir de passagens (re) visitadas por vários narradores. Essas memórias, permeadas de um subjetivismo forte, são encaixadas e complementadas a partir da reunião de pequenos relatos narrados no romance **Relato de um certo Oriente** e traçam a formação identitária construída desses encontros e deslocamentos.

Nessa obra, Hatoum buscou destacar o indivíduo e seu isolamento perante o coletivo, à medida que aquele se interioriza e se refugia em suas memórias de modo a não se comunicar com outro mundo que não o seu. Esse refúgio, ligado à construção de uma identidade da protagonista revela, a partir das memórias que surgem de todas as formas (cheiro, vozes, lugares), a caracterização do *locus* Manaus e traz à tona costumes, línguas e a diversidade cultural desta cidade intelectual, cosmopolita, que respira novas sensações urbanísticas em paralelo com tradições nortistas; uma cidade provinciana, mas mesclada de culturas e tradições, que vive o fim do Ciclo da borracha. As memórias de brasileiros e estrangeiros são entrelaçadas em uma miscigenação plural, cultural, linguística e de várias cores e sons. A interação dos personagens com a comunidade local é apresentada no romance, à medida que cada personagem solicita sua voz e traduz a sua realidade camuflada ou não pelas incertezas do cotidiano local - ou anterior à sua vinda.

Sendo a memória um elemento que se reconstrói à medida que armazena fatos, imagens, sons, compreendemos que a imagem atrelada ao passado será reconstruída pela nossa experiência atual. É nesse contexto que entendemos o significado de memória para Hatoum. Em relação à escrita do romance **Relato de um certo Oriente**, Milton Hatoum acaba por definir *memória*. De acordo com sua observação,

Com relação ao Relato, percebi que causou, talvez, para alguns leitores, uma certa estranheza, a estrutura de encaixes em que está vazado: vozes narrativas que se alternam... Mas, se a própria memória também é desse modo... O tempo narrativo, no livro, é um tempo fragmentário, que reproduz, de certa forma, a estrutura de funcionamento da memória: essa espécie de vertiginoso vaivém no tempo e no espaço [...] Ainda quanto a aspectos estruturais, devo dizer que pensei muito na estrutura das **Mil e uma noites**; pensei numa narradora, numa personagem feminina que contasse essa história (HATOUM, 1993, s/p).

Relato de um certo Oriente apresenta um narrador homodiegético, uma personagem narradora que possui uma interação com os demais personagens. Essa interatividade evita uma supremacia daquela sobre esses. Dotadas de uma identidade pessoal, esses personagens que se contrapõe à narradora personagem podem ser definidas como *alteridades*. O romance, nada mais é, que uma teia composta de vozes que se cruzam e possuem identidades próprias, com autonomia nos pensamentos e na própria estrutura narrativa. O espaço amazônico absorve um certo Oriente e o molda à sua forma diversificando a cultura, os credos e permitindo aos personagens que se retiram daquele local de unirem essa bagagem ao novo.

Cada relato descrito apresenta as dificuldades vividas e escolhas realizadas por cada personagem, seus segredos, seus comportamentos, a exemplo do marido de Emilie, sempre resistente à presença da cultura brasileira e à religião católica. Em sua descrição, observamos um homem que aceitou posteriormente a gravidez da filha Samara aos quinze anos de idade - e a morte de sua neta Soraya Ângela, surda - muda -, com tenra idade. Emilie, libanesa, era católica e se mostrava aberta às demais religiões. Seguidora dos dogmas católicos, a matriarca Emilie sempre é descrita a partir de ações que tenham como paralelo a religião de sua escolha, fosse pelas festividades ligadas à Igreja, fosse pela “boas ações” com os menos favorecidos. No romance, Emilie mantém relações cordiais com alguns personagens marginalizados, a exemplo do índio Lobato Naturidade, conhecido curandeiro local que encontrou o corpo do irmão de Emilie, Emir, após seu suicídio no rio. Repudiado por boa parte da população, Lobato era respeitado pela matriarca, sendo, inclusive, indicado por ela: “A amizade de Emilie com Lobato foi louvada por uns e tripudiada por outros. Emilie não se conformava com essa terapêutica bárbara, e aconselhou Esmeralda a procurar Lobato” (HATOUM, 2008, p. 84). Ademais, na narrativa, observamos as tentativas frustradas da matriarca de unir os dois irmãos inominados e Samara durante a leitura.

Conforme a narrativa é a personagem Emilie que serve de estrutura à família, sendo mãe de dois filhos adotivos - a narradora e o destinatário de sua narrativa, seu irmão que mora em Barcelona -, além de quatro biológicos: Hakim, Samara Délia e dois inominados. O mundo encontrado pela narradora, quando esta se retira do Amazonas e retorna anos depois, é

apresentado ao leitor a partir de sua visão de uma cidade confusa, desfigurada e absorvida pelas novidades culturais. As diferentes vozes expostas se emaranham em diferentes visões da mesma família. Segredos, dramas particulares e mistérios são pontos expostos na teia narrativa que se conecta com a voz da narradora. As mudanças na residência, no comércio da família, os amigos e filhos adotivos também são apresentados e narrados no romance. Detalhes de dentro da casa de Emilie - a exemplo do relógio negro na parede da casa -, as reuniões de família, as comidas típicas orientais misturadas aos temperos amazônicos e a interação de demais estrangeiros dentro da narrativa - a exemplo do fotógrafo alemão Gustav Dorner -, são alguns dos vários elementos que ajudam a compor a diversidade cultural no romance.

A narrativa é composta de várias vozes que seguem a seguinte sequência: no primeiro capítulo, temos o relato da narradora. No segundo capítulo, Hakim segue compartilhando suas memórias. No terceiro, Dorner solicita o espaço para também, tecer o quarto e o quinto capítulos, no romance. No sexto capítulo, a narradora retorna à narração e cede seu espaço para Hindié Conceição, que completa o sétimo. A narradora finaliza o romance no oitavo capítulo.

Após a fala da narradora e do irmão Hakim, é o alemão Dorner quem complementa a trama com a terceira narração na obra. É nesse texto que sabemos do suicídio do irmão de Emilie, Emir, no rio Negro. A última imagem de Emir foi tirada por Dorner que se lamenta por não ter percebido a expressão depressiva de Emir, uma vez que observava apenas a orquídea que ele, o amigo, acariciava na fotografia.

Em sua coleção de anotações de falas dos demais personagens, Dorner, na narrativa, compartilha um diálogo que teve com o pai da narradora sobre sua chegada ao Brasil. Segundo o alemão, o marido de Emilie tinha receios sobre Manaus, pois escutava sempre histórias de temores e fantasias contadas por seu tio que viera antes à floresta. Essa terra de mistérios desconhecidos havia fascinado e ao mesmo tempo provocado medo no marido de Emilie, que mostra um comportamento análogo aos muitos viajantes que aqui fixaram raízes. No quinto capítulo, Dorner continua a narração para lembrar à narradora que seu pai havia pedido as imagens de Emir. Finalizando o capítulo, a narradora passa a voz a Hakim, além de expor as relações domésticas entre empregados na cidade. O confinamento de sua sobrinha, Soraya Ângela e a mudança da irmã à loja Parisiense, após a morte de sua filha são relatos que fecham o capítulo.

Em uma sexta narração, a narradora solicita a narrativa para nos apresentar a cidade de Manaus e suas mudanças. Ademais, sabemos que é uma amiga de sua mãe, Hindié Conceição

que a notifica da morte de sua mãe adotiva. Essa amiga de Emilie, Hindié, assume a próxima narração e nos apresenta os filhos de Emilie e as preocupações da matriarca que já estava sozinha à época da narração e como ela vivia apreensiva pelos seus filhos já próximo à sua morte.

Encerrando o romance, a narradora retoma o início da narrativa, no velório de Emilie. Sabemos os detalhes de sua permanência em uma clínica e como manteve contato com seu irmão e sua mãe biológica. Ressentida com sua mãe biológica, mas sempre agradecida por Emilie, mãe de criação, a narradora deixa expressas as várias vozes do romance. Essas vozes, independentes entre si e dependentes ao mesmo tempo são reforçadas pela própria narradora que as mescla de forma sutil.

A Amazônia de Milton Hatoum é mostrada a partir dos relatos dos narradores, tendo **Relato de um certo Oriente** apresentando uma variação importante de cenários, ainda que alguns tenham maior destaque na narrativa. Microespaços são apresentados em espaços variados, mesmo que a narrativa tenha cenários principais que funcionam como apresentação dos personagens em movimento. A casa, a loja e a natureza estão em constante movimento ligado aos personagens.

O primeiro ambiente a ser considerado é a própria casa da família apresentada no romance. Festas, culinária, música, embates morais entre os protagonistas e demais personagens são articulados ao redor da residência. Inicialmente, a moradia era a loja Parisiense e, posteriormente, o sobrado, localizado a algumas quadras do comércio. Após a morte de Emilie, a caracterização da casa na narrativa é relacionada a espaços frios e sombrios que demonstram a desertificação do espaço, mostrando a ligação entre o falecimento do sobrado ligado ao da sua matriarca, junto à alegria, à miscigenação cultural e a um abandono do espaço:

Quando cruzei o portão de ferro da casa de Emilie, também estranhei a ausência de sons confusos e estridentes de símios e pássaros, e o berreiro das ovelhas. A porta da entrada estava trancada e, através do muro vazado, vi o corredor deserto que terminava no patiozinho coberto pelas folhas ressecadas da parreira e uma parte do pátio dos fundos. A casa toda parecia dormir (HATOUM, 2008, p. 109).

Juntamente ao sobrado, somos apresentados à loja Parisiense, estrutura que representava a emancipação do marido de Emilie nos negócios e, posteriormente, tocado pela filha do casal, Sâmara Délia que, com a morte do pai, aluga o espaço e se muda da cidade: “Quando Emilie entrou na Parisiense encontrou tudo na mais perfeita ordem, e no quarto onde a filha dormia faltavam apenas as roupas e a moldura com o retrato de Soraya.

A loja foi alugada na mesma semana, e toda a mercadoria vendida ao inquilino” (HATOUM, 2008, p. 134).

Além da casa e da loja, Manaus nos é apresentada a partir da sua cultura, religião, cheiros, sons, somada à flora e fauna manauaras. A natureza interage com as várias vozes da narrativa juntamente às diversas visões dos seus personagens oriundos de várias etnias. Essas visões costumeiramente articuladas à vivência dos personagens e do comportamento da própria natureza e do cotidiano do homem que ali vivia podem ser identificadas, ora como uma representação triste, depressiva, ora como um cenário alegre, encantador.

Em **Relato de um certo Oriente**, observamos o destaque à fotografia que serve como um condutor e um espelho das memórias apresentadas pelos personagens. Esse elemento, recorrente em Hatoum, confirma que o elemento *foto* é um material vivo que se (re) atualiza à medida que é vista. Cada olhar refletido nas fotografias de **Relato de um certo Oriente** é um componente escrito que se modela aos olhos de quem as vê revelando novas linhas e novas experiências, a exemplo de Dona Arminda que foi fotografada por Dorner segurando a própria foto. Importante destacar, também, que na narrativa, Hakim troca cartas com Emilie através de fotografias, sem escrita alguma. No romance, notamos que essa troca de correspondência dura quase vinte e cinco anos.

As memórias nos romances de Milton Hatoum, em especial em **Relato de um certo Oriente** são comumente fragmentadas em fotografias, espelhos, quadros na parede e cartas. A exemplo do romance de nossa pesquisa, notamos que a matriarca Emilie se utilizava desse elemento. Após ter passado um tempo no convento de Ebrin e ter saído de lá, Emilie não perdeu o contato com a Madre Superiora, Virginie Boulad, ou simplesmente VB. A carta, assim como a fotografia é um elemento de importância na estruturação da tessitura romanesca de Hatoum. “O registro da memória pelas cartas, fotografias, objetos, ao juntar os traços do passado, materiais e concretos, com o sentimento de vida das personagens, prepara o cimento para sair do relato do passado para entrar numa memória do devir” (MARQUÊA, 2007, p. 148). As cartas também servem de elo entre os desdobramentos dos fatos no romance, como as cartas guardadas de Emilie que Hakim encontrou em uma caixa escura. As datas variam de 1898 a 1924 e são as memórias da personagem mais complexa da narrativa, Emilie. Em determinado momento da narrativa, Hakim conta à narradora que adentrou o cômodo da mãe e procurou várias coisas, objetos que pudessem esclarecer o seio familiar e a figura misteriosa de sua mãe. Lá, em um armário, Hakim descobre os segredos da mãe, que vão desde a coleção de pulseiras representando os filhos a objetos de lembranças dela:

[...] imaginava cenas esparsas de sua adolescência, como hoje imagino as minhas incursões sucessivas ao interior do armário, à procura de um objeto, de palavras. Esta visita repetiu - se por várias manhãs, porque, ao abrir o baú, detinha - me diante da visão do relógio deitado, a ocupar quase toda a superfície forrada de veludo também negro, tal como um barco cravado e esquecido no fundo do oceano. Enxergava, através da tampa de vidro, as cartas de que me falara Hindié; e violar aquela correspondência guardada dentro do relógio implicava penetrar num tempo longe do presente. Brincava, talvez sem saber, com esse jogo delicado e insensato que consiste em desvendar o passado de alguém, percorrendo zonas desconhecidas do tempo e do espaço: Trípoli, 1898; Ebrin, 1917; Beirute, 1920; Chipre, Trieste, Marselha, Recife e Manaus, 1924. Eram datas e lugares citados esparsamente por Hindié, e eu queria associá-los à vida de Emilie, descobrir os eventos guardados no ventre daquela caixa escura (HATOUM, 2008, pp 48 - 50).

As referências nas datas das cartas encontradas podem fornecer ao leitor possíveis passagens da vida de Emilie. Em 1914, início da Primeira Grande Guerra, possivelmente é ano da vinda do não nomeado marido de Emilie ao Brasil. Em determinado momento da narrativa, o marido de Emilie narra que “passados onze anos, talvez em 1914, Hanna - seu tio - enviou-nos dois retratos seus, colados na frente e no verso de um papel - cartão retangular” (HATOUM, 2008, p. 64). Nesse retrato havia um bilhete que mostra que seu pai havia decidido mandar o marido de Emilie ao Brasil. Convém destacar que Emilie conhece seu marido quando este entrega a ela uma caixinha - que ninguém sabe o que continha - que confirma a morte de Emir, irmão dela. Infelizmente, desconhecemos a data exata do suicídio de Emir. Em 1929, data também citada na obra, pode ser referência a vários momentos históricos, a exemplo da Queda da Bolsa e da construção da primeira Mesquita, em São Paulo. Essa construção permitiu a vinda de vários árabes para se instalarem no Brasil, tendo a possibilidade de professarem sua religião.

O ano de 1954 compreende o ano de suicídio do então presidente Getúlio Vargas que governou o Brasil anteriormente, de 1930 a 1945, em um período ditatorial. É nesse ano que o relacionamento de Emilie e seu marido, que professavam diferentes religiões, se torna conturbado, a partir da celebração natalina entusiasta por parte de Emilie. “A cidade imaginária, fundada “numa manhã de 1954”, era o reverso de um “entardecer em 1929”, mas em ambas era a memória que criava um mundo entre o vivido e o imaginado” (MARQUÊA, 2007, pp. 150 - 151 - grifos da autora).

A primeira personagem apresentada na obra é a própria narradora do romance que permite ao leitor, juntar o quebra - cabeça de sua vida: no decorrer da narrativa, notamos sua busca em se (re) conhecer, através de uma luta identitária incessante que acaba levando a mesma a se afastar da vida social, no momento que é internada à força pela sua mãe biológica, provocando mais um ressentimento da narradora com essa. Uma vez na clínica, a narradora se

refugia na escrita endereçada ao seu irmão, de forma a se retirar, também, das *quatro muralhas do inferno*: “De tanto me enfronhar na realidade, fui parar onde tu sabes: entre as quatro muralhas do inferno” (HATOUM, 2008, p. 121). Ocorre que com essa busca em (re) conhecer a si mesma, a narradora acaba percebendo que precisa retornar a Manaus para (re) encontrar fragmentos de sua vida, para compor sua identidade, seja através de sua memória, seja pela apreensão das lembranças alheias. Assim que chega a Manaus, a narradora tem como objetivo reencontrar Emilie, sua mãe adotiva e, ao descobrir sua morte, percebe que precisa recuperar as memórias passadas, não somente suas, mas de todos os personagens, incluindo as lembranças que moldarão a forma de sua mãe adotiva, em um processo de (re) construção de um projeto maior.

Ao chegar à cidade, a narradora nos apresenta sua visão de uma Manaus modificada por quase vinte anos de sua ausência. Em sua chegada, ela percebe que há espaços vazios que precisam ser completados por memórias que ela não possui. A narradora de Hatoum busca cartografar os vestígios de deslocamento reconstruindo suas andanças (Manaus - São Paulo - Manaus) e, ao se perceber incapaz de reconstruir a memória pela experiência do deslocamento de forma completa, ela dá voz aos demais narradores para que, junto a ela, eles afrontem as fronteiras do narrar. Assim, por não conseguir preencher esse espaço desconhecido para ela por causa de sua saída, a narradora chama à narrativa outros personagens, para que preencham essas lacunas, permeando, assim, a narrativa, com memórias. Esse processo de reorganização memorial também servirá para uma grande tentativa da narradora de tentar compreender a si mesma. Nesse emaranhado de histórias, temos os vários relatos que se afastam e se unem entre si, à medida que vamos lendo a obra. A própria narradora observa que um espaço pode apresentar várias visões a partir de quem transita nele; ela não se sente mais pertencente ao espaço que morou:

Menos de quinhentos metros separavam a casa onde nossa mãe morava da de Emilie. Ao longo dessa breve caminhada, impressionou - me encontrar certos espaços ainda intactos, petrificados no tempo, como se nada de novo tivesse sido erigido. Nenhuma parede ou coluna parecia faltar às construções mais antigas; os leões de pedra, o javali e a Diana de bronze permaneciam nos mesmos lugares da praça, entre acácias e os bancos [...] Havia momentos, no entanto, em que me olhavam com insistência sentia um pouco de temor e de estranheza, e embora um abismo me separasse daquele mundo, a estranheza era mútua, assim como a ameaça e o medo. E eu não queria ser uma estranha, tendo nascido e vivido aqui (HATOUM, 2008, pp. 108; 110).

Relato de um certo Oriente apresenta um conjunto de retalhos memoriais, cujo escopo é dirigido a cada narrador que o faz através de seu ponto de vista. Nesse emaranhado inicial, observamos a narradora, que inicia o romance relatando fatos a partir da perspectiva

de seu modo de lembrar que irá repercutir ao longo da estrutura romanesca de Hatoum. A personagem narradora acaba absorvendo as memórias do *outro* que passa a ser a sua vivência familiar cotidiana tendo o micro espaço aludido uma referência e identidade. A construção da identidade dela, por exemplo, é permeada de várias revelações ao longo do romance, a exemplo de uma passagem que o seu pai adotivo, o marido de Emilie lhes explica - a ela e seu irmão mais novo - a origem deles. Nessa mesma passagem, a narradora relata sobre sua mãe biológica:

Foi ele que me ajudou a sair da cidade para ir estudar fora, e além disso nunca se contrariou com a nossa presença na casa, desde o dia em que Emilie nos aconchegou ao colo, até o momento da separação. Desfrutamos os mesmos prazeres e as mesmas regalias dos filhos, e com eles padecemos as tempestades de cólera e mau humor de um pai desesperado e de uma mãe aflita. Nada e ninguém nos excluía da família, mas no momento conveniente ele fez questão de esclarecer quem éramos e de onde vínhamos, contando tudo com poucas palavras que nada tinham de comiseração e de drama [...] Creio que não cheguei a vê-la, nem sequer de longe. Mas certa noite, ao olhar para a porta aberta do quarto, divisei um contorno indefinido, uma forma envolta de sombras, como se um corpo tivesse escapado da claridade da luz para refugiar-se numa região obscura situada entre a soleira da porta e os confins do mundo. Talvez fosse ela, porque escutei a mesma voz que nos abandonou há tanto tempo: uma voz dirigida à Emilie, sondando de um lugar distante, notícias da nossa vida[...] Mas eu, que saí mais cedo de Manaus, só a vi uma única vez durante a infância. Emilie nunca me escondeu nada, como se me dissesse: tua mãe é uma presença impossível, é o desconhecido incrustado no outro lado do espelho (HATOUM, 2008, pp. 17; 142; 144).

A partir do momento que abre seus olhos, no início do romance, a narradora começa seu processo de recuperação dessas lembranças. Esse processo tem como ponto de partida a casa de sua mãe e é nesse espaço que vemos a função da casa: o começo das memórias. A narradora havia adormecido no pátio, sendo despertada por uma das filhas da empregada Anastácia Socorro e afilhada de Emilie. Nesse momento, ela toma conhecimento que sua mãe biológica não se encontrava na casa. Entretanto, a intenção da narradora era rever sua mãe de criação, Emilie. “Deitada na grama, com o corpo encolhido por causa do sereno, sentia na pele a roupa úmida e tinha as mãos repousadas nas páginas também úmidas de um caderno aberto, onde rabiscara, meio sonolenta, algumas impressões do voo noturno” (HATOUM, 2008, p. 07). Nessa passagem que inicia o romance, a narradora reafirma a volta ao passado a partir da lembrança de sua mãe - e, durante a narrativa, de Emilie -, esta, metaforizada pela casa e *despertando* de um sono para se levantar e realizar essa compilação memorial se tornando uma novo *ser*, uma nova forma. Assim, constatamos uma *involução* da narradora como forma de regresso ao útero de sua mãe de criação, sendo este, na casa, um espaço de caos. Importante ressaltar que no decorrer da narrativa, a casa de

Emilie também participa da compilação de memórias, sendo esmiuçada, a ponto de expor a personalidade de sua dona e demais autores do processo narrativo.

Em dado momento de *renascimento, (re)descoberta e revelações*, a narradora fixa seu olhar, na narrativa, em um determinado pedaço de papel, ainda que vários sejam os objetos que são descritos e encontrados na sala. Ao analisarmos podemos compreender que esse pedaço de papel sugere que o mesmo seja a representação da narradora que se encontra, neste momento, em um espaço caótico: *dentro ou fora d'água, duas manchas de cores, nada dava sentido e o continente e horizonte pareciam estar fora do papel*. A identidade é revelada nesse reflexo, nesse espelho que leva a narradora à complementação da construção e sua identidade.

A presença de uma mulher e uma criança, em uma paisagem nublada, já antecipa a personagem narradora que se demonstra confusa igualmente à paisagem nos apresentando seu estado psicológico e físico. Essa confusão nos faz pensar em uma narrativa confiável - ou não - e faz com que o leitor passe, assim como a narradora, a tentar costurar as histórias, a partir dos relatos. O cansaço e o esforço sonolento da narradora antecipam ao leitor esse empreendimento que será o romance: “Quando abri os olhos, vi o vulto de uma mulher e o de uma criança. As duas figuras estavam inertes diante de mim, e a claridade indecisa da manhã nublada devolvia os dois corpos ao sono e ao cansaço de uma noite mal dormida (HATOUM, 2008, p. 07).

A descrição da casa da mãe biológica da narradora pode ser um ponto de partida da estrutura mosaica que se apresenta ao longo do romance considerado visual: o passado é descrito através de cores, formas e imagens que fazem parte viva daquele, existindo como um importante elemento na narrativa. A entrada da narradora, na casa de sua mãe, nos apresenta essa composição. A residência possuía um espelho que *reproduzia* demais objetos trazendo novas cores e, por consequência, um leitor que participava da história. O espelho reflete a condição de quem lê e de quem narra. Esse espelho, ao refletir os objetos, acaba ocupando a parede branca da casa que, conseqüentemente, reflete a memória ali guardada e, agora, revivida. A casa, primeiro ambiente que apresenta as memórias, é o ponto de partida da narradora para desenhar o romance repleto de objetos da memória:

Além de sombrias, estavam entulhadas (as salas) de móveis e poltronas, decoradas com tapetes de Kashmer e de Isfahan, elefantes indianos que emitiam o brilho de porcelana polida, e baús orientais com relevos de dragão nas cinco faces. A única parede onde não havia reproduções de ideogramas chineses e pagodes aquarelados estava coberta por um espelho que reproduzia todos os objetos, criando uma perspectiva caótica de volumes espanados e lustrados

todos os dias, como se aquele ambiente desconhecesse a permanência ou até mesmo a passagem de alguém (HATOUM, 2008, p. 08).

Ao sair às ruas para complementar suas memórias, a narradora nos apresenta a vida no exterior da casa: em um passeio pelas ruas, ela recorda as conversas com seu tio, com Hakim, com Hindié, Dorner... Nesse percurso memorialístico, temos a arquitetura construída pela extração do látex, a sociedade manauara híbrida e os detalhes dessa cidade. Nesse caminho, a narradora nos fala sobre Soraya Ângela e sua morte precoce:

A fachada de janelões de vidro estava vedada por cortinas de veludo vermelho; apenas um feixe de luz brotava de um pequeno retângulo de vidro mal vedado, que permitia a incidência da claridade. Naquele canto da parede, um pedaço de papel me chamou a atenção. Parecia o rabisco de uma criança fixado na parede, a pouco mais de um metro do chão; de longe, o quadrado colorido perdia - se entre vasos de cristal da Bohemia e consolos recapeados de ônix [...] E fiquei pensando no clarão aberto no meio da rua, preocupada contigo, te procurando, mas só havia enxergado Emilie debruçada sobre um volume coberto por um lençol manchado de vermelho [...] Sob a luz intensa do sol, todos pareciam de bronze, apenas destoavam o florido da saia de Emilie e a mancha vermelha que ainda se alastrava ao longo do lençol transformado em casulo, a cabeça tal como um gorro grená, ou um vermelho mais intenso, mais concentrado, como se a cor tivesse explodido ali, numa das extremidades do corpo. Foi uma das imagens mais dolorosas da minha infância (HATOUM, 2008, pp. 08;18)

À narradora de **Relato de um certo Oriente** é dada a incumbência, no romance, de relatar ao irmão, que vive outro Oriente, os acontecimentos e memórias que ali surgem, de forma fragmentada ou não. Dessa incumbência observamos que a narradora central e personagem também, além de se permitir revelar sua identidade, apresenta um tipo de resgate dos fatos que ocorreram de um espaço e tempo que já fazem parte do passado, sendo este passado transmitido à narrativa em forma de mosaico e que, por excelência, acaba por revelar as identidades daqueles que participam dela também. Essa *revelação identitária* mostra como a narradora participa dessa missão:

Levava comigo apenas um alforje com algumas roupas, um pequeno álbum com fotos, todas feitas na casa de Emilie, a esfera da infância. Não esqueci o meu caderno de diário, e, na última hora, decidi trazer o gravador, as fitas e todas as tuas cartas. Na última, ao saber que vinha a Manaus, pedias para que eu anotasse tudo o que fosse possível: “Se algo de inusitado acontecer por lá, disseque todos os dados, como faria um bom repórter, um estudante de anatomia, ou Stubb, o dissecador de cetáceos” (HATOUM, 2008, p. 147).

Em seguida à sua saída, ela relata que a organização das lembranças, das memórias e do agrupamento dessas memórias fragmentadas impunha a ela *moldar e modular uma melodia perdida*. É nesse sentido que **Relato de um certo Oriente** finaliza sua narrativa, com

uma observação que o leitor nota desde seu início: o da tentativa de reorganizar as memórias dos vários personagens e as transformar em memórias compartilhadas. Dessa forma, observamos que dessa narração, extraímos um processo condensado de fatos do passado e que nos ajudam a explicar os acontecimentos do mundo anterior e do espaço atual. O *certo Oriente* da narradora será estruturado a partir de fontes diversas:

Também me deparei com um outro problema: como transcrever a fala engrolada de uns e o sotaque de outros? Tantas confidências de várias pessoas em tão poucos dias ressoavam como um coral de vozes dispersas. Restava então recorrer à minha própria voz, que planaria como um pássaro gigantesco e frágil sobre as outras vozes. Assim, os depoimentos gravados, os incidentes, e tudo o que era audível e visível passou a ser norteado por uma única voz, que se debatia entre a hesitação e os murmúrios do passado (HATOUM, 2008, pp 147-148).

Desse contexto, compreendemos que a narrativa de **Relato de um certo Oriente** exprime uma experiência de exposição de identidades e que ultrapassa as *fronteiras linguísticas*. A narradora busca relatar compilando todos os registros que encontra em forma física e em formato de memórias para poder enviar ao seu irmão. Esse momento inicial - *não - lugar*²⁹ - que se fecha em sua busca identitária, em um círculo, mostra que sua existência e a de seu irmão são organizadas no tempo e no espaço atual. Diante dessa tentativa da narradora em *se encontrar* e sair do *não-lugar*, a narradora se *localiza* ao final do relato ao seu irmão. Ocorre, ainda, que o espaço por ela buscado é aquele escolhido ao levantar as memórias trazendo um *certo Oriente* pessoal, peculiar. Como ela relata sobre sua mãe biológica: “Eu procurava reconhecer o rosto daquela mulher. Talvez em algum lugar da infância tivesse convivido com ela, mas não encontrei nenhum traço familiar, nenhum sinal que acenasse do passado” (HATOUM, 2008, p. 07). Essa busca, em formato de relato, mostra que a narradora percebe a existência desse *não - lugar* e, constantemente reforça sua identidade. No romance, a narradora *se nomeia*, *cria referência de si mesma*, em busca de sua identidade e nessa estrutura narrativa notamos uma perturbação dela em não visualizar o estabelecimento de raízes e uma garantia identitária.

Personagem comumente citado na narrativa, Hakim, filho de Emilie, nascido de pais estrangeiros, no Brasil, tem, em suas falas, visões diferentes da natureza amazônica. Em

²⁹ O conceito do *não-lugar* deriva do antropólogo francês, Marc Augé, que define este como um espaço ausente de qualquer identidade ou relação servindo apenas como um ambiente transitório, impessoal e não histórico: “Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir – se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um *não-lugar* [...] O lugar concretiza – se através da palavra, da troca alusiva de certas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores” (AUGÉ, 2005, p. 67).

algumas passagens notamos um personagem que busca compreender a cidade e sua natureza, apesar de tender um pouco às origens de sua família. A cor local, a floresta, a culinária são algumas ponderações do personagem, na narrativa:

Lembro também de suas exaustivas incursões à floresta, onde ele permanecia semanas e meses, e ao retornar afirmava ser Manaus uma perversão urbana. “A cidade e a floresta são dois cenários, duas mentiras separadas pelo rio”, dizia. Para mim, que nasci e cresci aqui, a natureza sempre foi impenetrável e hostil. Tentava compensar essa imponência diante dela contemplando - a horas a fio, esperando que o olhar decifrasse enigmas, ou que, sem transpor a muralha verde, ela se mostrasse mais indulgente, como uma miragem perpétua e inalcançável. Mais do que o rio, uma impossibilidade que vinha de não sei onde detinha - me ao pensar na travessia, na outra margem. Dorner relutava em aceitar meu temor floresta, e observava que o morador de Manaus sem vínculo com o rio e com a floresta é um hóspede de uma prisão singular aberta, mas unicamente para ela mesma (HATOUM, 2008, p. 73).

Cada capítulo traz uma visão de um personagem distinto e é a partir de cada um destes diferentes personagens que temos novos pontos de vista sobre o espaço que os cerca. A descrição do local, da gente e das montagens de cada estória são expostas e construídas por cada um dos personagens, a exemplo do fotógrafo alemão, Gustav Dorner. Em determinado momento, observamos a presença do estrangeiro Dorner e a apresentação de locais considerados híbridos: o porto, cujo espaço serve de troca cultural e econômica entre os sujeitos em Manaus, além de sua amizade com demais etnias - índios e negros - e os espaços de culinária estrangeira, como o restaurante francês.

Junto aos libaneses e sírios que aportaram no Brasil e se dirigiram ao norte do país, encontramos estrangeiros de outras nacionalidades, a exemplo do romance **Relato de um certo Oriente** em que, além da família libanesa protagonista no enredo, vemos a presença do fotógrafo alemão Gustav Dorner. Milton Hatoum nos apresenta aquele responsável pelo registro da exuberância da natureza que os rondava:

Sua voz era tão grave quanto seu nome, e falava um português rebuscado, quase sem sotaque e que deixava um nativo desconcertado, a ponto de só não o confundir com um amazonense por causa do aspecto físico: era mais alto e mais louro que todos os alemães da cidade, e se vestia de um modo bastante peculiar para a época; trajava uma bermuda que ia até os joelhos, uma camisa branca sem colarinho, e calçava sapatos de croco, sem cadarço e sem meia. Atada num cinturão de couro, pendia de sua cintura uma caixa preta; os que viam de longe pensavam tratar-se de um coldre ou cantil, e ficavam impressionados com sua destreza ao sacar da caixa a Hasselblad e correr atrás de uma cena nas ruas, dentro das casas e igrejas, no porto, nas praças e no meio do rio (HATOUM, 2008, p. 53).

O personagem, oriundo da Alemanha, faz parte do círculo de amizades da família. Sua vinda, assim como a de muitos profissionais à época, intentava resguardar, a partir de fotografias, a beleza exótica e enigmática do Norte do Brasil. À medida que lemos o romance, somos apresentados ao fotógrafo e à sua visão do espaço amazônico, dos costumes e da própria sociedade que a compunha, como observamos abaixo na narração de Dorner e de demais personagens do romance sobre o próprio fotógrafo:

Na manhã em que avistei Emir no coreto da praça, eu me encaminhava para a moradia de uma dessas famílias que no início do século eram capazes de alterar o humor e destino de quase toda a população urbana e interiorana, porque controlavam a navegação fluvial e o comércio de alimentos. Eu devia fazer um álbum de retratos dessa família e, ainda de manhã, revelar e ampliar os filmes que documentavam uma das minhas viagens às cachoeiras do rio Branco, onde coletei amostras de flores preciosas, mas não tão raras quanto a orquídea que Emir ostentava na mão esquerda. (HATOUM, 2008, p. 55).

O comportamento ético de seus habitantes e tudo o que diz respeito à identidade e ao convívio entre brancos, caboclos e índios eram os seus temas prediletos (HATOUM, 2008, p.73).

Dorner é apresentado à família durante a festividade natalina e, desde então, já compreendemos de que forma seu personagem será apresentado na narrativa. Ele é um homem cuja personalidade é aprazível a todos, além de, no decorrer de **Relato de um certo Oriente** possuir uma grande importância no registro de pessoas que morrem, a exemplo de Emir: “Dorner fotografou Emir no centro do coreto da praça da Polícia. Foi a última foto de Emir, um pouco antes de sua caminhada solitária que terminaria no cais do porto e no fundo do rio” (HATOUM, 2008, p. 54). O fotógrafo alemão também foi o responsável pela captura da imagem de Soraya Ângela, neta da matriarca Emilie e demais personagens na narrativa. A fotografia da neta que ela olhava a lembrava também do seu irmão Emir que tanto adorava. Em uma conversa com Emilie, Hakim, que recorda da passagem em seu relato, lembra de Emilie apresentando a trajetória desse personagem e, ao fazer isso, acaba por lembrar também de sua vida passada:

Há uns seis ou sete anos morou em Manaus - disse Emilie. - Depois fez uma longa viagem pela selva e andou pelo sul revendo uns parentes. Naquele tempo eras solteira - observou Esmeralda. Solteira, feliz e infeliz - acrescentou Emilie, procurando com os olhos uma moldura oval na parede branca da sala. - Esse alemão conhecia meu marido e era amigo do Emirzinho (HATOUM, 2008, p. 36).

A Amazônia desconhecida pelos estrangeiros - e brasileiros -, a vida selvagem, a fauna e a flora exuberantes eram comumente descritas e geravam deslumbramento e medo aos que

aqui vinham tentar crescer socioeconomicamente. Muitos retornavam a suas cidades natais, enquanto outros permaneciam no local e construía sua vida, como os personagens do romance. Emilie e o seu marido - que não é nominado na narrativa - sempre expõem suas impressões desde sua chegada ao país, especialmente o pai da narradora. Oriundo do Líbano, o marido de Emilie tem como objetivo vir ao país para juntar dinheiro com o trabalho. Suas impressões - confusas sobre o ambiente desconhecido e, mais tarde, encantadas com o mesmo espaço - sobre a região Norte do país são expostas na obra:

[...] Relatavam epidemias devastadoras, crueldades executadas com requinte por homens que veneravam a lua, homens que degustavam a carne de seus semelhantes como se saboreassem rabo de carneiro ... rios de superfície tão vasta que pareciam um espelho infinito; a pele furta cor de um certo réptil ... e a o de um veneno que os nativos usavam para fins belicosos, mas que ao penetrar na pele de alguém, fazia - lhe adormecer, originando pesadelos terríveis, que eram a soma dos momentos mais infelizes da vida de um homem [...] Morei alguns anos no povoado, conheci os rios mais adustos e logo aprendi que o comércio, além das quatro operações elementares, exige malícia, destemor e o descaso (senão o desrespeito) a certos preceitos do Alcorão. Ter vindo a Manaus foi meu último impulso aventureiro; decidi fixar - me nessa cidade porque, ao ver de longe a c pula do teatro, recordei-me de uma mesquita que jamais tinha visto, mas que contava nas histórias dos livros da infância e na descrição de um hadji da minha terra (HATOUM, 1989, pp. 64; 68).

A presença do pai adotivo da narradora, inominado na narrativa, é importante no relato, à medida que expõe o desenvolvimento do estrangeiro à terra nortista, além de relatar à narradora, memórias de seu passado e presente. No romance, o pai adotivo dela rememora sua chegada às terras brasileiras, a maneira como aportou, sua primeira impressão da terra e fala sobre as mais recente lembranças. Para ele, semanas passadas em um navio e sua chegada em um *Novo Mundo* causaram várias impressões ao perceber a Amazônia como um lugar mítico, misterioso e um espaço significativo. Sua chegada em terras brasileiras mostra uma mente que se formará com novas memórias, que terá moldado um novo espaço a partir do novo lugar encontrando, dessa forma, um também *não - lugar*.

A viagem foi longa: mais de três mil milhas navegadas durante várias semanas; em certas noites, eu e os poucos aventureiros que me acompanhavam parecíamos os únicos sobreviventes de uma catástrofe. Chegamos, enfim, na cidade de Hanna, numa noite de intenso calor. [...] Da proa ou de qualquer ponto do barco, nenhuma luz artificial era visível para alguém que mirasse o horizonte; mas bastava alçar um pouco a cabeça para que o olhar deparasse com uma festa de astros que se projetavam na superfície do rio, alongando - se por uma infindável linha imaginária ao longo do barco; [...] Às cinco e meia tudo ainda era silencioso naquele mundo invisível; em poucos minutos a claridade surgiu como uma súbita revelação, mesclada aos diversos matizes de vermelho, tal um tapete estendido no horizonte, de onde brotavam miríades de asas faiscantes: lâminas de pérolas e rubis; durante esse breve intervalo de ténue luminosidade, vi uma árvore imensa expandir suas raízes e

copa na direção das nuvens e das águas, e me senti reconfortado ao imaginar ser aquela a árvore do sétimo céu (HATOUM, 2008, pp. 65 - 66).

Com sua chegada e com o enlace matrimonial com Emilie, o pai, ainda que de forma sutil e silenciosa, terá seu lugar de patriarca da família. Como pai e marido observamos sua presença no seio familiar: ele aceita os filhos adotivos, ele ajuda seu filho Hakim a estudar fora, ele tolera as práticas religiosas de Emilie, além, é claro de participar na construção das memórias do romance. Essas memórias serão preenchidas por um outro narrador: o fotógrafo Dorner que, com um caderninho de anotações disponibiliza um relato de informações sobre o pai da narradora. Na narrativa, Dorner nota que o pai da narradora misturava fantasias com a realidade, ao contar histórias ao fotógrafo. Essa tradição de contação de histórias funciona como ecos da tradição oral libanesa:

Num dos nossos últimos encontros, Dorner [...] me mostrou alguns cadernos com anotações que transcreviam conversas com meu pai [...] A mania que cultivei aqui, de anotar o que ouvia, me permitiu encher alguns cadernos com transcrições da fala dos outros. Um desses cadernos encerra, com poucas distorções, o que foi dito por teu pai no entardecer de um dia de 1929 (HATOUM, 2008, pp. 54;63).

A saída do Líbano, do pai da narradora rumo à Amazônia se dá por uma ordem de seu pai que o enviou para o Brasil, após a família receber a carta de seu tio, Hanna. Entretanto, não há uma menção a sua vinda como imigrante. Haveria ganhos de dinheiro para um retorno triunfal à sua terra natal? Haveria a possibilidade de uma mulher a ser desposada e levada de volta ao Líbano? Haveria a possibilidade de uma fuga de seu país por escassez ou guerras? O pai da narradora viria ao país apenas por um *impulso aventureiro*? Na narrativa, temos apenas memórias fragmentadas que se unem e formam uma memória organizada pela narradora. Algumas passagens do romance nos apresentam algumas pistas de sua vinda:

Passados onze anos, talvez em 1914, Hanna enviou - nos dois retratos seus, colados na frente e no verso de um papel - cartão retangular; dentro do envelope havia apenas um bilhete em que se lia: “entre as duas folhas de cartão há um outro retrato; mas este só deverá ser visto quando o próximo parente desembarcar aqui”. Ao ler o bilhete, meu pai, dirigindo - se a mim, sentenciou: chegou a tua vez de enfrentar o oceano e alcançar o desconhecido, no outro lado da terra (HATOUM, 2008, p. 65 - grifos do autor).

A viagem que o marido de Emilie realiza à Amazônia pode ser comparada ao retorno da narradora à cidade nortista: ambos viajam para uma nova busca de identidade, para traçar novas memórias. O *lugar conhecido* do pai da narradora é mesclado com um *novo lugar desconhecido*, enquanto que o *lugar conhecido* da narradora se torna

desconhecido com sua chegada. Com a vinda do marido de Emilie e sua chegada ao Brasil, ele constroi um novo espaço físico, enquanto a narradora constroi um novo espaço psicológico que tem como base o espaço criado por seu pai. Ocorre, ainda, que o modo de olhar de ambos os narradores se diferencia no *encantamento* do Amazonas, enquanto a narradora observa este por um viés de espectadora, de analista:

[...] Após ter cruzado o bairro, seguindo uma trajetória tortuosa, decidi retornar ao centro da cidade por outro caminho: queria atravessar o igarapé dentro de uma canoa, ver de longe Manaus emergir do Negro, lentamente a cidade desprender-se do sol, dilatar-se a cada remada, revelando os primeiros contornos de uma massa de pedra ainda flácida, embaçada. Essa passagem de uma paisagem difusa a um horizonte ondulante de ardósia, interrompido por esparsas torres de vidro, pareceu-me tão lenta quanto a travessia, como se eu tivesse ficado muito tempo na canoa. Tive a impressão de que remar era um gesto inútil: era permanecer indefinidamente no meio do rio. Durante a travessia estes dois verbos no infinitivo anulavam a oposição entre movimento e imobilidade (HATOUM, 2008, pp. 110 - 111).

Ao meu redor todos ainda dormiam, de modo que presenciei sozinho aquele amanhecer, que nunca mais se repetiria com a mesma intensidade. Compreendi, com o passar do tempo, que a visão de uma paisagem singular pode alterar o destino de um homem e torna - lo menos estranho à terra em que ele pisa pela primeira vez (HATOUM, 2008, pp .65 - 66).

Personagem silenciosa tal qual Soraya Ângela é o irmão de Emilie, Emir. Sua presença é percebida pelos vários relatos que encontramos na narrativa, como um homem de uma personalidade única e importante na passagem de vida de Emilie. Todos os narradores declaram sentimentos de pesar frente ao suicídio de Emir, que continua um mistério desde sua citação até o fim da narrativa, a exemplo de Dorner que convive com Emir. Após o suicídio de Emir, Dorner visualiza novamente a fotografia de Emir e percebe que havia um mistério no olhar do amigo e que ele não pôde antever o seu suicídio. O *outro* não pôde ser compreendido, portanto. Nos excertos abaixo, notamos a configuração deste personagem solitário:

[...] mas não tão raras quanto a orquídea que Emir ostentava na mão esquerda. Me impressionou a cor da orquídea, de um vermelho excessivo, roxeado, quase violáceo. Observava a flor entre os dedos de Emir, e talvez por isso tenha me escapado sua expressão estranha, o olhar de quem não reconhece mais ninguém. Lembro que o convidei para almoçar no restaurante francês; ele apenas emitiu um som apagado, palavras enigmáticas que eu interpretei como uma recusa ao convite; mas percebi que ele queria se desvencilhar de mim e do mundo todo, que a orquídea a brotar de sua mão era o motivo maior de sua existência [...] Enquanto fazia as fotos da família Ahler, eu pensava nas conversas que tivera com Emir, ele falava uma algaravia, era difícil compreendê - lo [...] Também não entendia o passeante solitário que de manhãzinha deixava o hotel Fenícia, acordava um catraieiro na beira do mercado, e na canoa os dois remavam até a outra margem do igarapé dos Educandos; e depois ele continuava a pé (HATOUM, 2008, pp. 55 - 56).

Divergindo do pai da narradora, Emir, irmão da matriarca Emilie e tio da narradora do romance, é apresentado como um imigrante diferente dos demais, que não se *entregava* à cidade e sua efervescência, sempre estando alheio ao espaço amazônico, aos costumes e à sociedade nortista que o cercava. Emir pode ser visto como um personagem estrangeiro que não incorpora a cultura local e a afasta, a repele para longe de si, mantendo uma visão mais fechada e um perfil mais circunspeto na narrativa, cujas lembranças da cidade natal são sempre re (visitadas):

Não, Emir não era como os outros imigrantes, não se embrenhava no interior enfrentando as feras e padecendo as febres, não se entregava ao vaivém incessante entre Manaus e as teias de rios, não havia nele a sanha e a determina o dos que desembarcavam jovens e pobres para no fim de uma vida atormentada ostentarem um império. Emir se esquivava de tudo, ele tinha um olhar meio perdido, de alguém que conversa contigo, te olha no rosto, mas é o olhar de uma pessoa ausente (HATOUM, 2008, p. 56).

No romance e no decorrer das passagens notamos a apresentação de Soraya Ângela, filha da personagem Samara Délia e irmã da narradora. Samara Délia era filha de Emilie e teve Soraya ainda adolescente, mantendo, em silêncio o nome do pai de sua filha. A menina nasceu surda - muda e não era querida pelos tios que não possuem nome na narrativa: “outros dois, inomináveis, filhos ferozes de Emilie que tinham o demônio tatuado no corpo e uma língua feroz de fogo” (HATOUM, 2008, p. 09) que a desprezavam, assim como as crianças da vizinhança: “Lembro que era rejeitada pelas crianças da vizinhança e ela mesma percebia isso” (HATOUM, 2008, p. 11). A personagem Soraya é marcada pela presença do silêncio na narrativa e tal qual não conseguia falar, sua presença física também não se fazia notar. O silêncio de Soraya se assemelhava à sua presença não sentida. Notamos na leitura de **Relato de um certo Oriente** que, assim como sua filha, Samara Délia também foi rejeitada no momento que foi “descoberta” sua gravidez. Ela e a filha conviveram com o silêncio daqueles que residiam na mesma casa:

Muitos anos depois da morte da filha, numa conversa que tivemos antes de eu deixar Manaus, tia Samara me disse que se arrependeu de ter sido feliz naquele instante. — Ainda era ingênua — desabafou ela. — Pensava que meus irmãos haviam me perdoado por ter tido uma filha, mas tudo não passou de uma encenação para conquistar a simpatia de minha mãe; Emilie pensou que eles tivessem quebrado o gelo comigo, mas só me cumprimentavam na frente dela; bajulavam a coitada e fingiam respeitar meu pai porque precisavam da chave da casa e de uns trocados para farrear [...] Nunca me senti tão humilhada. Passaram seis anos sem falar comigo, sem fazer um mimo na menina, e de repente enfeitam sua cabeça sem vida com flores que valem uma fortuna! (HATOUM, 2008, p. 12).

Emilie descobriu o relevo no ventre da filha, antes que Samara Delia o descobrisse. Negou durante três ou quatro meses, sem acreditar no outro corpo expandindo-se no seu corpo, até o dia em que não pôde mais sair de casa, até a manhã em que acordou sem poder sair do quarto. Viveu cinco meses confinada, solitária, próxima

demais àquele alguém invisível, à outra vida ainda flácida, duplamente escondida [...] Demorou quase um ano para que os irmãos aceitassem a companhia velada de ambas, e às vezes esquecíamos por completo a existência dos dois seres alheios ao nosso convívio. Essa distância, essa invisibilidade acabaram por tornar - se um hábito (HATOUM, 2008, p. 95).

Dessa exposição, compreendemos a importância dos estudos dos romances **Terra de Icamiaba** e **Relato de um certo Oriente**. Ambas as tessituras representam a região Norte do país e suas peculiaridades, além da formação social e processo de imigração de vários estrangeiros. As cores que pintam a Amazônia brasileira são as mesmas delineadas nas tintas dos escritores Abguar Bastos e Milton Hatoum que almejaram, de forma assimétrica, a exposição dessa região, tendo ao final de cada capítulo, os autores, oferecido aos leitores uma apresentação simétrica da Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas, acima de tudo e independentemente de se estar sob esta ou àquela bandeira, temos uma só identidade - a identidade Amazônica. Os que não nasceram na região a adquirem por meio da efetiva vivência (ALBUQUERQUE, s.d., n.p.).

Dorner relutava em aceitar meu temor à floresta, e observava que o morador de Manaus sem vínculo com o rio e com a floresta é um hospede de uma prisão singular: aberta, mas unicamente para ela mesma. Sair dessa cidade”, dizia Dorner, “significa sair de um espaço, mas sobretudo de um tempo. Já imaginaste o privilégio de alguém que ao deixar o porto de sua cidade pode conviver com outro tempo?” (HATOUM, 2008, p. 73).

Este trabalho teve como objetivo o estudo dos traços memorialísticos, testemunhais e culturais, a partir do mapeamento dos processos de deslocamentos de grandes grupos populacionais, a exemplo de libaneses, judeus, marroquinos e sírios, entre outros, e de que forma se deu a representação dos traumas, nas narrativas literárias recortadas para nossa pesquisa, **Terra de Icamiaba** e **Relato de um certo Oriente**, a partir da criação do *eus locais*, já revestidos de *eus globais*, dado seus deslocamentos, físicos ou psicológicos. Esses grupos, que foram analisados a partir de sua posição na narrativa, são considerados marginalizados, uma vez pertencerem a comunidades que já possuem uma identidade coletiva negativa, previamente definida tanto pela cultura dominante, quanto pela orientação social coletiva, conforme observado nas várias vozes multifacetadas e multiculturais, que compõem os romances.

Esse relato oferecido pelos escritores contribui para uma nova visão dos acontecimentos históricos como o Ciclo da borracha, que ocasionou a vinda de uma imensa mão - de - obra, oriunda de várias regiões e países. O cotidiano desses trabalhadores na produção gumífera representa uma história de luta e resistência à uma vida de fome, de miséria, de uma política corrupta e de um constante e interminável endividamento com seu patrão, não sendo permitida sua saída do seringal até a quitação de suas dívidas. As condições de trabalho, a ausência de políticas públicas e a não promoção ou não efetivação de direitos humanos e leis que protegessem o trabalhador, contribuiu, juntamente às condições de dependência econômica em relação ao patrão, para a construção de um pensamento negativo, de ojeriza do *outro*. Essa valoração negativa se torna intrinsecamente ligada à cultura dominante, dadas suas relações de produção e posição no discurso do trabalhador amazônida.

Nesse contexto, essas memórias vão sendo (re) criadas diariamente, sendo motivo de uma contínua externalização da ojeriza e desprezo que estigmatiza qualquer grupo que se posiciona em uma determinada camada econômica ou política. Em **Terra**, a luta por igualdades e por um ambiente considerado justo, leva a população a seguir o protagonista que a lidera à uma terra utópica. Nesse romance, as condições de trabalho e a usurpação dos imigrantes, de terras de brasileiros considerados honestos e trabalhadores, levam à revolta na narrativa, que é finalizada com a morte dos três principais estrangeiros, dos considerados *outros*, *alheios* ao Brasil: o judeu Calazar, o marroquino Amar e o holandês Lazaril. Em **Terra**, a valoração negativa do estrangeiro é criada e (re) passada pelo olhar do nativo, que despreza e rejeita este *outro*. Em **Relato**, os nativos já são conceituados como *lerdos* e *preguiçosos*, e as mulheres nortistas, como *promíscuas*. Essa visão exógena faz parte de uma valoração negativa atribuída à população nativa brasileira; uma visão estrangeira que já

percebe, desde sua chegada, a composição da sociedade brasileira, formada por homens e mulheres previamente estigmatizados.

A leitura dos dois romances nos apresenta a importância do retrato sócio - histórico e político realizado pelos escritores que moldam suas obras, a partir de memórias - como vemos em **Relato de um certo Oriente** -, ou a partir da apresentação de personagens marcados pelo desejo de mudanças sociais -, como observamos em **Terra de Icamiaba**. Dessa observação, nos voltamos à memória evidenciada em ambas as obras que funcionam como uma exposição da vida local, no contexto histórico do Norte no século XIX e XX, daqueles que viveram ou experimentaram e que se distanciam dos discursos dos que não estiveram.

Esses registros são o foco central de ambas as narrativas e trazem, a partir da voz de seus personagens, a exemplo da narradora de **Relato de um certo Oriente**, que rememora seu passado e sua ligação com o desenvolvimento da cidade de Manaus. Esse desenvolvimento é impulsionado por fatos históricos que são conectados à composição de culturas, cores, raças e religiões. Já em **Terra de Icamiaba**, o protagonista vivencia no presente todos os dilemas morais, políticos, econômicos e sociais que desaguam em várias tragédias pessoais. Em **Terra de Icamiaba e Relato de um certo Oriente** os narradores estão em constante processo de viagem, seja pela questão linguística ou comportamento das personagens e, ao descrever esse comportamento, eles viajam dentro da língua do outro, dentro do imaginário. A língua, elemento de suma importância presente nas narrativas, em especial, em Milton Hatoum, é apresentada a partir de diferentes estratégias discursivas, a exemplo da personagem Emilie que ensina sua língua materna ao seu filho, Hakim.

Em **Relato de um certo Oriente**, a narradora organiza discursivamente as vozes encontradas no romance, não permitindo que uma voz se sobreponha à outra, construindo, dessa forma, um romance polifônico e, por consequência, uma Amazônia heterogênea. São vozes equipolentes, equiparadas nesse universo. A partir disso, as memórias vão se tornando voláteis à medida que os narradores se percebem estrangeiros em seus próprios processos de narração. Os narradores não conseguem mais se perceber únicos, mas diversos; e essa diversidade cultural é encontrada na construção da memória, com vestígios e traumas das personagens. Nesse sentido, a memória construída desses povos está ligada à tradição dessas comunidades estarem inseridas no comércio, criando, assim, um preconceito ao judeu (antisemitismo), ao sírio, ao libanês e demais estrangeiros. Há constantes travessias, trânsitos desses sujeitos. Partindo desse princípio, pode - se entender que os narradores de Bastos e Hatoum estão imersos no contexto de ler, traduzir e ressignificar os vestígios dos contatos culturais. Logo, as estratégias narrativas articuladas para testemunhar o outro passam pela

leitura do imaginário transfronteiriço. Desse imaginário, entendemos haver um movimento de transculturação que é o exercício de ultrapassar, de afrontar essas fronteiras, de ir e vir de lugar.

Em **Terra de Icamiaba** e **Relato de um certo Oriente**, os narradores assumem essa cultura da transculturação. Mais precisamente na obra de Milton Hatoum, os narradores ultrapassam as barreiras do exótico, do isolacionismo e começam a reconhecer que o seu lar pode ser uma alteridade. Desse pressuposto, compreendemos que os escritores perpassam a transculturação, quando traduzem, leem, compreendem o território, a língua, a cultura contida em si e no outro, representados por suas personagens estabelecendo diálogo tangível de uma poética do encontro, de tradição. Se, a priori, a adição de traços culturais de outros povos, por muito tempo, foi vista como um sentido negativo - como observamos em nosso Romantismo e Realismo brasileiros que buscavam trabalhar nossos romances com cores e costumes locais -, hoje, essa adição aos traços comportamentais, faz com que o *eu* seja (re) inserido no mundo globalizado, nas trocas culturais, no (re) conhecimento do outro. Faz - se necessário a construção de uma estética transcultural, intercultural, que ultrapasse a fronteira, reconhecendo e divulgando a fronteira do outro. Nesse entendimento, os traumas, as memórias, os vestígios observados nos romances são evidenciados no deslocamento de um sujeito para outro país ou *locus*. Esses vestígios, traços, vão permanecendo na memória do sujeito e são lembrados na narração proposta pelos escritores.

A partir da análise dos romances que compõe nosso corpus percebemos que ambos propõem um movimento de cartografia de alteridades que foram abafadas durante muito tempo. Os narradores presentes nos romances trazem ao centro narrativo o que se encontra perdido à margem da narrativa e o fazem com o intuito de compor o deslocamento como um elemento de agregação - e não como fonte de separação -, de interligação dessas experiências constituídas desde seu processo de criação. A construção das memórias e das narrativas ficcionais são evidenciadas a partir da narração dos personagens, conforme observado, da gente que trabalha nessas regiões, bem como na descrição minuciosa dos costumes e tradições locais, em Hatoum, e da política e vida social anunciadas em Bastos. Os traços distintivos que irão tecer as duas narrativas, escritas em épocas diferentes, servem de apoio complementar à construção do passado nortista.

O estado palco da história de **Relato de um certo Oriente**, o Amazonas, é caracterizado por ser um amálgama de tantas outras histórias cruzadas trazidas e inseridas no contexto cultural desta cidade. Migrantes brasileiros, imigrantes de outros países e demais sonhadores formaram a peculiar Amazônia que encontramos na obra de Milton Hatoum. Após

o último Ciclo da borracha, logo após o fim da Segunda Grande Guerra, as atividades econômicas do norte do país foram encerradas e deixaram sucatas, pessoas esquecidas, memórias de lutas e glórias e um território mestiço, híbrido.

Inicialmente postos em paralelos, os romances possuem mais distâncias que proximidades, ainda que haja, em comum, a vontade de especificar características da Amazônia. Em **Terra de Icamiaba** e **Relato de um certo Oriente** observamos diferentes descrições e objetivos entre os autores, na elaboração de suas tessituras romanescas. Entretanto, ainda que seus narradores tenham diferentes modos de retratar sua realidade, é por meio da memória - situação mais acentuada em **Relato** -, que os autores iniciam o entrelaçamento de suas narrativas. Desse contexto, seguindo esse pensamento, notamos que esse imbricamento literário entre **Terra** e **Relato**, se dá justamente na composição da Amazônia, permitindo que eles interajam entre si, em um processo de complementação, a partir do discurso que os conecta: a memória e o deslocamento de personagens marginalizados refletem as mudanças econômicas, políticas e geográficas de uma região palco da construção de um forte imaginário sobre ela, sendo essa memória, construída pelo deslocamentos físicos e psicológicos dos atores romanescos, marcando a trajetória do sujeito *eu local* revestido pelo *eu global*. As obras de Bastos e Hatoum são escritas a partir da combinação entre memórias individuais e coletivas, cujas relações familiares são levadas a penetrar em determinado mundo de relações sociais.

O exílio, o nomadismo, as errâncias, a gastronomia, a fonética e a fonologia são dicções construídas pelos narradores quando estes ultrapassam as fronteiras alheias: **Terra de Icamiaba** e **Relato de um certo Oriente** são romances que propõem uma dicção do espaço amazônico. Assim, notamos que ambos buscam cartografar as marcas do deslocamento, a partir da (re) construção desse espaço em um processo polifônico e multicultural, ultrapassando as fronteiras da narrativa, com vozes nativas ou estrangeiras que se complementam, cuja prática narrativa é uma estética do vestígio, uma poética do (re) encontro.

REFERÊNCIAS

1. Literárias

ALMEIDA, José Américo. **A bagaceira**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.

AMADO, Jorge. **A descoberta da América pelos turcos**: romancinho. Posfácio de José Saramago. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 59. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1979.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. São Paulo: Agir, 2000.

_____. **Poesias completas**. São Paulo: Edusp, 1987.

ANDRADE, Oswald de. **O manifesto antropófago**. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: Petrópolis: Vozes, 1987.

BASTOS, Abguar. **Safra**. 2.ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1958.

_____. **Certos Caminhos do Mundo**. (romance do Acre). 1. edição. Rio de Janeiro: Hersen Editor, 1936.

_____. **Terra de Icamiaba** (romance da Amazônia). 2.ed. São Paulo: Andersen - Editores, 1934.

CASTRO, Ferreira de. **A selva**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido**: ensaios amazônicos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1038> - acesso em 10 de janeiro de 2017.

_____. **À margem da história**. São Paulo: Martim Claret, 2006.

_____. **Amazônia**: um paraíso perdido. Coleção Poranduba. São Paulo: EDUA, 2003.

_____. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FERRANTE, Miguel Jerônimo. **Seringal**. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

HATOUM, Milton. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LIMA, Cláudio de Araújo. **Coronel de barranco**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

LLOSA, Mário Vargas. **O falador**. Tradução de Remy Gorga. São Paulo: Francisco Alves, 1998.

MEDEIROS, Océlio de. **A represa**: romance da Amazônia. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1942.

- NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- PESSOA, Fernando. **Odes de Ricardo Reis**. Notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Lisboa: Ática, 1946.
- POTYGUARA, José. **Terra caída**. Rio de Janeiro: Globo, 2007.
- QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. São Paulo: José Olympio, 2013.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 43. ed. São Paulo: Record, 2013.
- RANGEL, Alberto. **Inferno verde**. (Scenas e cenários da Amazônia). 2. ed. Rio de Janeiro: Typographia Minerva, 1914.
- RAWET, Samuel. **Contos e novelas reunidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- _____. **Ensaio reunidos**. (Orgs. Rosana Kohl Bines e José Leonardo Tonus). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- SARAMAGO, José. **Todos os Nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SETTE, Mário. **Senhora de engenho**. Recife: ASA Pernambuco, 1986
- SOUSA, Inglês de. **Contos amazônicos**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. São Paulo: Record, 2002.
- _____. **Lealdade**. São Paulo: Marco Zero, 1997.
- _____. **Galvez, imperador do Acre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

2. Crítico-teórico

- ALBUQUERQUE, Cesar Romero Cavalcanti de. **História do Acre**: uma sucinta introdução. Rio de Janeiro: Pentagrama, s.d.
- ANDREEVA, Yana. A Manaus dos imigrantes na ficção de Milton Hatoum. **Études Romanes**. Vol. 1. 2016 / 1.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARON, Raymond. **O marxismo de Marx**. São Paulo: Arx, 2003.
- Assembleia Geral da ONU. [1948]. Declaração universal dos direitos do homem. Disponível em http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf. Acesso em: 23 de ago. 2017.

BASTOS, Abguar. Perfil de Abguar Bastos. [Entrevista cedida a] Luis de Lima Barreiros. **Revista da Associação Paraense de Escritores**, Belém, ano 3, nº 2, jun. 1989.

_____. Abguar Bastos: 60 anos de Literatura. [Entrevista cedida a] E. Renan de Freitas Pinto **Jornal Cultura**, Manaus, dez. 1981.

BASAGLIA, Claudete Camargo Pereira. **Nuvem de mascates**: raízes que se rompem. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. 2002.

BECATTINI, Natália. **Tristes Trópicos**: viagem a um Brasil esquecido. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/tristes-tropicos-viagem-um-brasil-esquecido>. Acesso em: 19 de out. 2018.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BERND, Zilá. Ler as literaturas da migração a partir de vestígios memoriais. In: _____. **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo horizonte: Fino Traço, 2013. pp. 145-160.

_____. **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas**: DFMLA. Rio Grande do Sul: Tomo Editorial, 2007.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 40ª ed., S. Paulo, Editora Cultrix, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 5. Ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc78.htm. Acesso em: 16 de ago. 2017.

BRASIL. Lei nº 7.986, de 28 de dezembro de 1989. Lei que regulamenta a concessão do benefício previsto no artigo 54 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Leis/L7986.htm. Acesso em: 23 de abr. 2018.

CALDAS, Bárbara. A voz do outro em evidência: a literatura testemunho na América Latina. **Litteris - Literatura**. Julho de 2010. Número 5. Disponível em: http://revistaliter.dominio-temporario.com/doc/vozdooutro_barbara.pdf. Acesso em: 26 de jul. 2017.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 7. ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993, v. 1-2.

CARNEIRO, Eduardo de Araújo. **História do Acre**: resumo para concurso. Rio Branco: EAC Editor, 2017.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

CHAVES, Frank. **A economia da borracha no Pará**. Disponível em: <https://frankchaves-ita.blogspot.com/2014/09/a-economia-da-borracha-no-para.html>. Acesso em: 06 de nov.2018.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympo, 1986.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. 1. ed. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012. v. 1.

_____. Diante de uma poética de tralhas. Pernambuco. Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco. Jan. 2016. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/edicao-imprensa/71-ensaio/1520-diante-de-uma-po%C3%A9tica-de-tralhas.html>. Acesso em: 09 de ago. 2016.

_____. A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, v. 42, pp. 18-31, 2007.

DIAS, Rodrigo. **Bourdieu: um clássico ainda não reconhecido como tal**. Disponível em: <http://sociologiaeantropologia.blogspot.com.br/p/palavras-do-autor.html> . Acesso em: 23 de ago. 2017.

DURKHEIM, Emille. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

EMMI, Maria Ferreira. **A Amazônia como destino das migrações internacionais do final do século XIX ao início do século XX: o caso dos portugueses**. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG-Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.

ENGELS, F. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. São Paulo: Global, 2004.

Ferreira Lima, A. O diverso como fundamento da(s) poética(s) de Édouard Glissant. **Revista Non Plus**. pp 04-13. 2016.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Os novos e o centenário: arte, literatura e efeméride no Pará dos anos 20. In: **Revista de Estudos Amazônicos**. v. III, nº 2, 2008.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. 2ª Ed. Manaus: Valer, 2007.

_____. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUEDES, Nathassia Maria de Farias. **Discursos sobre o mundo dos engenhos: uma leitura das obra de Antonil e Mário Sette**. 2009. Dissertação. (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Eunice do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora, UFJF, 2005.

GÜIGUER, Bruno. 1 de Março de 1942 - Brasil na II Guerra Mundial: Os Soldados da Borracha. Jan. 2018. In: _____; BUFFÉ, Gustavo. **Almanaque militar**. Disponível em: <http://almanaquemilitar.com/site/1942/03/01/1-de-marco-de-1942-brasil-na-ii-guerra-mundial-os-soldados-da-borracha/> Acesso em: 21 maio de 2018.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. In: **A brasilidade modernista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HATOUM, Milton. Escrever à margem da história. [Entrevista cedida a] Aida Ramezá Hanania em 05/11/1993. Transcrita e editada por ARH. Disponível em: <http://www.hottopos.com/collat6/milton1.htm> . Acesso em: 12 de out. 2018.

HOBBSAWM, Eric J. **Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

HOLANDA, Sérgio B. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

IANNI, Otávio. **A luta pela terra**: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1981

LEVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Deborah de Magalhães. A construção histórica do termo caboclo. Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. In: **CADERNOS NAEA**. Publicação do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da UFPA. v. 2, n. 2, dez. 1999.

LIMA, Luís Corrêa. **Teologia de mercado**: uma visão da economia mundial no tempo em que os economistas eram teólogos. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

LIMA, Simone de Souza. Amazônia Babel - literatura, corpos e meio ambiente. Encontro e desencontros na/da América latina no século XX. Org. Lígia Chiappini. **Revista eletrônica Celpcyro**. v.02/2011. Disponível em: http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=87&id=909. Acesso em: 23 de mai 2018.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LENZA, Pedro. **Direito constitucional esquematizado**. São Paulo: Método, 2007.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo civil**. São Paulo: Saraiva, 2014.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Valer: Manaus, 2015.

MAQUÊA, Vera Lúcia da Rocha. **Memórias inventadas**: Um estudo comparado entre **Relato de um certo Oriente**, de Milton Hatoum e **Um rio chamado Tempo, uma casa**

chamada Terra, de Mia Couto. 2007. Tese. (Doutorado em estudos comparados). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARTINS, Wilson. **A literatura brasileira**. O modernismo (1916-1945). São Paulo: Cultrix, 1978.

MENDONÇA, Wilma Martins de. Memórias de nós: da nossa ancestralidade indígena. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Org.) **Mulheres no Brasil**: resistência, lutas e conquistas. João Pessoa: UFPB, 2006, p.101-120.

NASCIMENTO, Luciana. Cidade de papel e floresta: uma leitura de **A represa**: romance da Amazônia, de Océlio Medeiros. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 33, n. 1, p. 75-86, jan./jun. 2011.

NASCIMENTO, Luciano. **O trabalho e condição humana em Hannah Arendt**. In: Revista Húmus - ISSN: 2236-4358 Set/Out/Nov/Dez. 2011. N° 3. Disponível em <http://humus.pro.br/201137796.pdf>. Acesso em: 15 de ago. 2017.

NUNES, Paulo. **Os brasis contidos no Brasil**: A modernidade da Amazônia. **Revista Princípios**. nº 65, mai/jun/jul, 2002, pp 68 -72. 01/05/2002. Disponível em: <http://revistaprincipios.com.br/artigos/65/cat/1251/os-brasis-contidos-no-brasil-a-modernidade-da-amazônia-.html> . Acesso em: 17 de out. de 2018.

OIT. Organização internacional do trabalho. Disponível em <http://www.ilo.org/brasil/lang-pt/index.htm> . Acesso em: 25 de ago. 2017.

ORLANDI, Eni P. **Discurso fundador** (Org.). Campinas, São Paulo: Pontes, 3.ed, 2003.

PAIVA, Marco Aurélio Coelho de. Um outro herói modernista. **Tempo Social**. v. 20, n. 2, pp. 175-196. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/09.pdf> . Acesso em: 26 de jul. 2017.

PENALVA, Gilson. **Identidade e hibridismo cultural na Amazônia brasileira**: um estudo comparativo de Dois Irmãos e Cinzas do Norte, de Milton Hatoum, e A Selva, de Ferreira de Castro. João Pessoa, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de outra história**: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.15, nº 29, 1995.

PIMENTEL, Flávio R. **Memória e migração presentes em narrativas orais de migrantes nordestinos na Amazônia paraense**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do paraná, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, Pará. 2012.

PIRES, Maria Isabel Edom. Olhar fracionado e face expressionista: a construção da personagem em Samuel Rawet. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 52, n. 02, pp. 200-205, abr-jun. 2017.

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio: imaginário e modernização. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

QUEIROZ, José Francisco da Silva. **Amazônia**: um inferno inventado. Anais eletrônicos da Abralín. 2014. Universidade Federal do Pará. Belém, Pará.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro, Ano 2, n. 17, fev. 2007.

REVISTA PRESENÇA LITERÁRIA. Ano II, n. 6, dezembro/84 a março/85. João Pessoa/Paraíba.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Maria Aparecida, Os novos filhos da dor. Oriente e origem em Milton Hatoum, **Biblos** - Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra, 2004, pp. 09-26.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **O contrato social**. Trad. Lourdes Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTIAGO, Silviano. Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre. In: **Falando com estranhos**: o estrangeiro e a literatura brasileira / organização Godofredo de Oliveira Neto, Stefania Chiarelli. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.pp. 15-32.

_____. O teorema de Walnice e a sua recíproca. In: **Vale quanto pesa**: ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 69-88.

_____. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SARAMAGO, José. A única revolução digna de tal nome seria a revolução da paz. O Caderno, 7 de maio de 2009. Disponível em: <https://www.pensarcontemporaneo.com/unica-revolucao-digna-de-tal-nome-seria-da-paz-por-jose-saramago/> . Acesso em: 06 de novembro de 2018.

SOUSA, Odenildo Queiroz de. **Abgvar Bastos e terra de Icamiaba, romance da Amazônia**: uma educação para a brasilidade. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2016.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. São Paulo: Valer, 2009.

VELASCO, Suzana de Souza Lima. **Imigração na União Europeia**: uma leitura crítica a partir do nexa entre securitização, cidadania e identidade transnacional. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

VIEIRA, Nuno. Posfácio ao romance **Terra de Icamiaba**, de Abguar Bastos. 2.ed. Rio de Janeiro: Andersen -Editores, 1934.

VILLAR, Valter Luciano Gonçalves. **Os árabes e nós**: a presença árabe na literatura brasileira. 2008. Tese. (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2008.

WANZELER, Rodrigo de Souza. **Candunga**: fissuras do presente ressignificando uma certa Amazônia e um certo nordeste no romance de Bruno de Menezes. 2009. Dissertação. (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2009.

3. Audiovisuais

BELCHIOR. **Alucinação**. São Paulo: Polygram, 1976. 1 disco sonoro (45min).

4. Pinturas

PORTINARI, Candido. **Retirantes**. 1944. Pintura à óleo. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/retirantes> . Acesso em: 27 de abr. 2018.

5. Filmes

Tempos Modernos: Produção de Charles Chaplin. Estados Unidos, 1936.1 fita de vídeo (1h 30 min), VHS, son., color.